



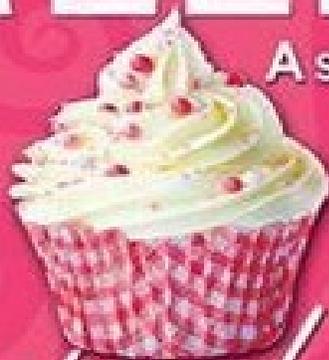
Autora Best Seller do The New York Times

# SUSAN MALLERY

LIVRO 1

AS IRMÃS KEYES

*Um  
gosto de vida*



 Harlequin

"Os leitores insaciáveis das sagas de Nora Roberts ficarão ligados nas séries de Susan Mallery, um sucesso garantido."  
Booklist

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Autora Best Seller do The New York Times

# SUSAN MALLERY

LIVRO 1

AS IRMÃS KEYES

## *Um gosto de vida*

Tradução de  
Ana Rodrigues



2011

Para minha agente, Annelise Robey. Agradeço, de todo o coração, o apoio e a dedicação. Você é surpreendente e adoro trabalhar com você. Desejo todo o sucesso do mundo... para nós duas.

# Beijos de Coco da Claire

1 xícara de açúcar mascavo

Claras de dois ovos batidas bem firmes

2 xícaras de flocos de milho

1 xícara de coco ralado — fresco ou hidratado

1/2 xícara de nozes picadas

1/2 colher de chá de baunilha

Bata o açúcar junto com as claras. Adicione com cuidado os flocos de milho, o coco e as nozes. Acrescente a baunilha. Vá colocando colheres de chá da mistura em um tabuleiro de biscoitos bem untado. Asse em forno moderado a 190°C, por 15 ou vinte minutos. Apoie o tabuleiro em um pano de prato úmido e retire os biscoitos imediatamente com uma espátula. Se os biscoitos grudarem no tabuleiro, volte ao forno com eles para amaciá-los. Rende uma dúzia e meia de beijos.

# Capítulo Um

CLAIRE KEYES correu para atender o telefone que tocava — até um telefonema furioso de sua agente seria mais agradável do que organizar a pilha de roupas sujas espalhadas no meio da sala.

— Alô?

— Olá. Humm.. Claire? É Jesse.

Não era sua agente, pensou Claire, aliviada.

— Que Jesse?

— Sua irmã.

Claire afastou uma blusa para o lado e afundou no sofá.

— Jesse? — sussurrou ela. — É você mesma?

— Ahã. Surpresa!

Surpresa nem começava a descrever o que Claire estava sentindo. Não via a irmã caçula há anos. Desde o enterro do pai delas, quando tentara retomar o contato com a família que lhe restara, mas fora avisada de que não era bem-vinda, jamais seria, e que se fosse atropelada por um ônibus, nem Jesse nem Nicole — que era gêmea de Claire — se importariam em pedir socorro.

Claire ainda se lembrava de que ficara tão estupefata pelo ataque verbal que realmente perdera o ar. Sentira como se a houvessem espancado e abandonado na beira de uma estrada. Jesse e Nicole eram sua *família*. Como podiam rejeitá-la daquele jeito?

Sem saber o que fazer, ela deixara a cidade e nunca mais voltara. Isso acontecera sete anos antes.

— Bem — disse Jesse com uma animação forçada na voz. — Como você está?

Claire balançou a cabeça, tentando clarear as ideias, então olhou ao redor, para o apartamento desarrumado. Havia uma pilha de roupas sujas que quase chegava à altura de sua cintura, bem no meio da sala, malas abertas perto do piano, uma montanha de correspondência que ainda não tivera coragem de

encarar e uma agente pronta para lhe arrancar a pele se Claire não fizesse o que ela queria.

— Estou ótima — mentiu. — E você?

— Melhor do que as palavras poderiam exprimir. Mas a questão é que Nicole não está bem.

Claire apertou o fone com mais força.

— O que há de errado com ela?

— Nada... Ainda. Mas Nicole vai precisar fazer uma cirurgia. Sua vesícula. Há um problema qualquer com sua posição ou coisa parecida. Não me lembro direito. De qualquer modo, não vai poder ser uma dessas cirurgias fáceis, com um cortezinho minúsculo. A tal da “lapara alguma coisa”.

— Laparoscopia — murmurou Claire, distraída, olhando o relógio. Tinha uma aula marcada para dali a trinta minutos.

— Isso mesmo. Pois bem, em vez disso, vão ter que abri-la como uma melancia, o que significa um tempo mais longo de convalescença. O problema é que há a confeitaria e tudo o mais. Normalmente eu me disporia a ajudá-la, mas nesse momento não posso. As coisas estão... complicadas. Então conversamos e Nicole imaginou se você não gostaria de voltar para casa e tomar conta das coisas. Ela ficaria mesmo muito grata.

*Casa*, pensou Claire, com saudades. Ela poderia ir para casa. Voltar para o lugar de onde nem se lembrava direito, mas que sempre estivera presente na maior parte dos seus sonhos.

— Achei que você e Nicole me odiassem — sussurrou Claire, desejando ter esperança, mas ao mesmo tempo com medo de se permitir tê-la.

— Estávamos aborrecidas, antes. Foi uma época em que estávamos todas muito sensíveis. De verdade, vínhamos mesmo conversando, já há algum tempo, sobre entrar em contato com você. Nicole teria, ahn, ligado ela mesma, mas não está se sentindo bem e tinha medo de que você dissesse não. Ela não está em condições de lidar com isso nesse momento.

Claire se levantou.

— Eu jamais diria que não. É claro que voltarei para casa. Quero mesmo voltar. Vocês são minha família. As duas.

— Ótimo. Quando pode estar aqui?

Claire voltou a olhar ao redor, para o desastre que era sua vida naquele momento, e pensou sobre os telefonemas furiosos de Lisa, sua agente. Ainda havia a aula magna a que deveria comparecer e as outras, poucas, que tinha agendadas até o final da semana.

— Amanhã — respondeu, com a voz firme. — Posso estar aí amanhã.

— AGORA ME dê um tiro — disse Nicole Keyes enquanto secava a bancada da cozinha. — Estou falando sério, Wyatt. Você deve ter um revólver. Faça isso. Eu deixarei um bilhete dizendo que não foi sua culpa.

— Sinto muito, mas não tenho revólveres em casa.

Também não havia na casa dela, pensou Nicole, mal-humorada, e jogou o pano de prato de volta na pia.

— O momento não poderia ser pior para essa minha cirurgia idiota — resmungou ela. — Estão me

dizendo que tenho que ficar seis semanas longe do trabalho. *Seis!* A confeitaria não vai funcionar sozinha. E não ouse me dizer para pedir a Jesse. Estou falando sério, Wyatt.

Seu “ex-quase cunhado” ergueu ambas as mãos.

— Não ouvirá uma palavra de minha boca. Juro.

Nicole acreditava nele. Não porque achasse realmente que o intimidara, mas porque sabia que Wyatt compreendia que, naquele momento, a traição de Jesse lhe doía mais do que a vesícula inflamada.

— Odeio isso. Odeio que meu corpo esteja se virando contra mim desse jeito. O que eu fiz para merecer isso?

Wyatt afastou uma cadeira para trás da mesa.

— Sente-se. Ficar irritada não vai ajudá-la em nada.

— Você não tem certeza disso.

— Mas posso imaginar.

Ela se jogou na cadeira, porque era mais fácil fazer isso do que discutir. Em certos momentos, como agora, Nicole se perguntava se ainda lhe restava algum ânimo para discutir sobre qualquer coisa.

— O que estou esquecendo? — perguntou ela. — Acho que está tudo pronto. Você se lembrou de que não vou poder tomar conta de Amy por um tempo, não é?

Amy era a filha de 8 anos de Wyatt. Nicole tomava conta dela algumas tardes por semana.

Wyatt inclinou-se para frente e tocou o braço de Nicole.

— Relaxe — disse ele. — Você não se esqueceu de nada. Vou dar uma checada na confeitaria a cada dois dias. Seus funcionários são ótimos. Amam você e são leais. Tudo vai dar certo. Em poucos dias você estará em casa e começará a se recuperar.

Nicole sabia que Wyatt não se referia apenas à cirurgia. Havia também a questão do “em breve ex-marido” dela. Em vez de deixar seus pensamentos voltarem para o desgraçado do Drew, Nicole preferiu encarar a mão de Wyatt em seu braço. Ele tinha mãos grandes, marcadas e calosas. Era um homem que sabia como trabalhar para ganhar a vida. Também era honesto, bem-apegoado e divertido.

Nicole ergueu os olhos para encontrar os dele, muito escuros.

— Por que não me apaixonei por você? — perguntou.

Ele sorriu.

— Eu digo o mesmo, garota.

Os dois teriam sido tão perfeitos juntos... Se ao menos houvesse um mínimo de química entre eles.

— Deveríamos ter tentado mais — resmungou ela. — Deveríamos ter dormido juntos.

— Pense um pouco a respeito — falou Wyatt. — E me diga se a ideia a acende.

— Não posso. — Para falar a verdade, pensar em fazer sexo com Wyatt lhe dava uma certa agonia... E não de uma maneira excitante. Ele era como um irmão. Se ao menos o meio-irmão dele, Drew, lhe tivesse causado a mesma reação... Mas, infelizmente, com Drew, houvera fogos de artifício explodindo para todo lado. E do tipo que queimava.

Nicole recostou na cadeira e examinou Wyatt.

— Chega de falar de mim. Você deveria se casar de novo.

Ele pegou a xícara de café.

— Não, obrigado.

— Amy precisa de uma mãe.

— Não tanto assim.

— Há ótimas mulheres por aí.

— Me dê o nome de uma que não seja você.

Nicole pensou por um instante, então suspirou.

— Posso passar a vez para você?

CLAIRE ATERRISSOU no aeroporto de Sea-Tac no início da tarde, sentindo-se muito orgulhosa de si por ter cuidado ela mesma dos preparativos para a viagem. Até mesmo alugara um carro, sozinha! Normalmente teria contratado um carro com motorista, mas teria que se deslocar o tempo inteiro para cima e para baixo, entre a casa e o hospital, e também até a confeitaria. E Nicole provavelmente precisaria que ela resolvesse coisas pela cidade. Ter seu próprio carro fazia sentido.

Depois de lutar para tirar suas duas malas enormes da esteira de bagagens do aeroporto, Claire pegou uma em cada mão e arrastou-as na direção da escada rolante. O caminho até o estacionamento na garagem era longo e as malas estavam pesadas. Ela já respirava com dificuldade quando alcançou os elevadores. Quando finalmente entrou no escritório da Hertz, a empresa da qual alugara o carro, já se arrependera de estar usando seu longo casaco de lã. O suor descia por suas costas, fazendo o suéter de cashmere que usava por baixo colar em seu corpo.

Claire esperou na fila, animada por estar ali, nervosa também, e decidida a fazer o que fosse preciso para reatar os laços com suas irmãs. Estavam tendo uma segunda chance. *Ela* não pretendia desperdiçá-la.

A mulher no balcão acenou para que se aproximasse. Claire arrastou mais uma vez as duas malas e chegou até ela.

— Olá. Fiz uma reserva.

— Seu nome?

— Claire Keyes. — Claire estendeu a carteira de motorista e o cartão de crédito.

A funcionária examinou a carteira de motorista.

— Você tem seguro ou vai querer que façamos aqui um seguro para o carro?

— Vou querer que façam. — Era mais fácil do que explicar que não tinha carro e que, na verdade, nunca tivera. A única razão para ter uma carteira de motorista era porque insistira em tomar aulas de direção quando fez 18 anos, e estudara e praticara até passar no teste.

— Alguma multa ou acidentes? — perguntou a mulher.

Claire sorriu.

— Não, nada. — Para ter recebido alguma multa ou sofrido algum acidente seria preciso ter dirigido. E isso era uma coisa que Claire não fizera mais do que uma ou duas vezes nos últimos dez anos.

Foi preciso preencher mais um ou dois formulários, e então a funcionária lhe devolveu a carteira de

motorista e o cartão de crédito.

— Número 68. É um Chevrolet Malibu. Você pediu um carro de tamanho médio. Mas posso conseguir alguma coisa maior, se quiser.

Claire piscou sem entender.

— Número 68 o quê?

— Seu carro. Está na vaga 68. As chaves estão na ignição.

— Oh, ótimo. Não quero nada maior, não.

— Está certo. Precisa de um mapa?

— Sim, por favor.

Claire enfiou o mapa na bolsa, então arrastou mais uma vez as malas e saiu pelas portas envidraçadas. Ela viu filas e mais filas de carros e números por todo o estacionamento. Seguiu contando até encontrar o número 68 e encarou o Malibu prata.

O carro tinha quatro portas e parecia enorme. Claire engoliu em seco. Ia mesmo guiar pelas ruas? Mas essa era uma pergunta para depois. Primeiro precisava tirar o carro da vaga.

Mas, antes, ainda houve o desafio de colocar a bagagem no porta-malas do carro. Não parecia haver jeito de abri-lo! Não havia botões, nem maçanetas. Ela empurrou, puxou, mas nada adiantou. Por fim, Claire desistiu e acabou colocando as duas malas sobre o assento. Então, posicionou-se atrás do volante.

Ela ainda demorou alguns minutos até conseguir ajustar a distância do assento de modo que seus pés conseguissem alcançar os pedais, mas depois ajustou a chave na ignição e girou-a. O motor pegou imediatamente. Claire ajustou os espelhos com cuidado e respirou fundo. Estava praticamente a caminho.

A próxima coisa a fazer foi ligar o sistema de GPS. Que a cumprimentou em francês...

Claire encarou o aparelho. Que diabos era aquilo?

Ela apertou alguns botões. Sim, o negócio estava mesmo falando em francês! Está certo, ela também falava a língua, mas não tão bem a ponto de conseguir lidar com aquilo enquanto dirigia. A possibilidade de tomar um susto quando estivesse na estrada já parecia grande o bastante mesmo sem acrescentar uma língua estrangeira ao cenário.

Claire continuou apertando botões, até a máquina passar a falar alemão e depois japonês. Finalmente, ouviu a voz feminina agradável se dirigir a ela em inglês.

A vontade de sair gritando de desespero porta afora diminuiu um pouco.

Ela continuou a ler o manual de instruções e digitou cuidadosamente o endereço da confeitaria. Esquecera-se de perguntar a Jesse o nome do hospital onde Nicole faria a cirurgia, por isso a confeitaria parecia o melhor lugar por onde começar. Por fim, preparou-se para sair da vaga.

Sentiu um aperto no peito e tentou ignorá-lo, juntamente com o formigamento que começara a subir por suas costas e ameaçava dominar todo o seu corpo.

Agora não, pensou ela, desesperada. Agora não! Podia ter uma crise de pânico mais tarde, quando não estivesse prestes a colocar um carro na estrada.

Claire fechou os olhos e respirou fundo, enquanto visualizava a irmã deitada na cama do hospital, precisando muito de sua ajuda. Era lá que ela precisava estar, lembrou a si mesma. Com Nicole.

A sensação de pânico diminuiu um pouco. Claire voltou a abrir os olhos e começou sua jornada.

O estacionamento parecia escuro e apertado. Por sorte não havia nenhum carro na fileira em frente à dela, assim Claire teve um espaço extra para manobrar enquanto saía da vaga.

Lentamente, com muito cuidado, ela engrenou o carro, que começou a se mover no mesmo instante. O pé de Claire imediatamente apertou o freio e o carro deu um solavanco. Ela tirou o pé do freio e o carro voltou a andar. Movendo-se cinco ou seis centímetros de cada vez, por fim conseguiu sair da vaga. Quinze minutos depois, ela conseguira encontrar o caminho através do estacionamento e estava na estrada que levava para fora do aeroporto.

“Daqui a quinhentos metros, mantenha-se à direita. A I-5 é à direita.”

A voz que saía do sistema de GPS era muito imperativa, como se soubesse não só que Claire não tinha a menor experiência em dirigir, como também que não tinha a menor ideia de para onde estava indo.

— I-5 o quê? — perguntou Claire a si mesma antes de ver uma placa da rodovia I-5. Então, deu um gritinho. — Não posso pegar a rodovia — disse ao GPS. — Precisamos pegar ruas normais.

Ela ouviu uma campainha e a voz tornou a falar:

— Fique à direita.

— Mas eu não quero!

Claire olhou ao redor, nervosa, mas não parecia haver outra forma de seguir adiante. A faixa em que estava levava diretamente para a rodovia e ela não conseguiria passar para a faixa da esquerda — havia muitos carros em seu caminho. Carros que, de repente, passaram a andar muito, muito rápido.

Claire agarrou o volante com as duas mãos, o corpo muito tenso, a mente cheia de imagens terríveis de acidentes.

— Eu consigo — sussurrou para si mesma. — Eu consigo.

Ela pisou com um pouco mais de força no acelerador até chegar a quase setenta quilômetros por hora. Aquilo era rápido o bastante, não era? Quem precisava ir mais rápido do que aquilo?

Um caminhão enorme aproximou-se por trás dela e o motorista buzinou. Claire sobressaltou-se. Mais carros vinham se aproximando, alguns chegando muito, muito perto. Ela estava tão ocupada em não ficar assustada com os carros zunindo ao seu redor que se esqueceu de que precisava descer para a rodovia, até que o sistema de GPS a lembrou:

— I-5 norte é à direita.

— O quê? Que direita? Eu quero ir para o norte?

E então apareceu uma curva na estrada e Claire se viu dobrando-a. Teve muita vontade de fechar os olhos, mas sabia que seria pior. O medo a fazia suar. Estava com vontade de despir o casaco, mas não conseguiria fazer isso sem provocar um acidente. Suas mãos agarravam o volante com tanta força que seus dedos doíam.

Estava fazendo aquilo por Nicole, lembrou a si mesma. Por sua irmã. Pela família.

A faixa em que estava fundiu-se com a I-5. Mantendo a velocidade, Claire continuou à direita e jurou ficar ali até chegar o momento de sair.

Quando finalmente deixou a rodovia, bem ao norte do bairro universitário, todo o corpo dela tremia.

Odiava dirigir. Odiava. Carros eram coisas terríveis e os motoristas eram grosseiros, pessoas más, que gritavam com ela. Mas o que importava é que conseguira.

Claire seguiu as indicações do GPS e deu um jeito de parar o carro em um estacionamento perto da confeitaria. Ela o desligou, encostou a testa no volante e fez um esforço para respirar.

Quando finalmente seus batimentos cardíacos deixaram de parecer os de um beija-flor e voltaram a ter o ritmo de um mamífero de tamanho médio, Claire endireitou o corpo e encarou o prédio diante dela.

A confeitaria Keyes vinha funcionando no mesmo ponto ao longo dos seus 80 anos de existência. No início, os bisavós delas haviam alugado apenas metade da fachada, mas com o tempo o negócio crescera. Então eles compraram o ponto ao lado e, mais tarde, toda a loja, há cerca de 60 anos.

Doces, bolos e pães enchiam a prateleira mais baixa da vitrine. Na parte de cima, um cardápio manuscrito em letras delicadas listava outras opções. Uma placa grande sobre a porta anunciava: Confeitaria Keyes — O lugar onde se encontra o melhor bolo de chocolate do mundo.

Esse bolo, com várias camadas de chocolate, fora elogiado por reis e presidentes, servido em casamentos importantes e descrito em vários contratos de celebridades como uma das exigências a estarem à disposição em camarins de filmagens ou em bastidores de shows. Era um sucesso de um bilhão de calorias de farinha, açúcar, manteiga, chocolate, além de um ingrediente que era segredo de família. Claire não conhecia esse segredo. Mas iria conhecer. Estava certa de que Nicole iria querer lhe contar imediatamente.

Ela saiu do carro e alisou a frente do suéter. Estava frio o bastante para que mantivesse o casaco, e Claire torceu para que ele não estivesse amarrotado demais por causa da viagem. Pegou a bolsa e trancou o carro. Então, respirou fundo e caminhou para a confeitaria.

Era meio da tarde e o movimento estava relativamente tranquilo. Havia duas jovens mães sentadas a uma mesa de canto com doces e café. Dois carrinhos de bebê estavam estacionados entre as cadeiras. Claire sorriu para elas quando passou em direção ao longo balcão. A adolescente que estava atrás dele olhou para ela.

— Posso ajudá-la?

— Espero que sim. Sou Claire. Claire Keyes.

A garota, uma morena gordinha com imensos olhos castanhos, suspirou:

— Muito bem. E o que posso fazer por você? O pão de alho com alecrim acabou de sair do forno.

Claire sorriu, ainda esperançosa.

— Sou Claire Keyes — repetiu.

— Eu ouvi da primeira vez.

Claire apontou para a placa na parede.

— Keyes. Sou irmã de Nicole.

Os olhos da moça pareceram ficar ainda maiores.

— Oh, meu Deus! Impossível. É você mesma? A pianista?

Claire estremeceu por dentro.

— Tecnicamente sou uma concertista de piano. — Uma solista, na verdade, mas por que se preocupar

com detalhes? — Estou aqui por causa da cirurgia de Nicole. Jesse me ligou e me pediu para...

— Jesse? — A voz da garota saiu muito aguda. — Ela não fez isso. Está brincando? Oh, meu Deus! Não acredito! — A garota recuou enquanto falava. — Nicole vai matar Jesse. Se já não tiver feito isso. Eu só... — Ela ergueu a mão. — Espere aqui, está bem? Voltarei logo.

Antes que Claire pudesse dizer qualquer outra coisa, a moça desapareceu nos fundos da loja.

Claire ajeitou a alça da bolsa no ombro e baixou os olhos para a vitrine de doces. Havia várias tortas, dois bolos e diversos pães. Seu estômago roncou, lembrando-a de que não comera nada o dia todo. Estava nervosa demais durante o voo para comer alguma coisa no avião.

Talvez pudesse levar um pouco daquele pão de alho com alecrim, então parar em uma delicatessen para...

— Que diabos está fazendo aqui?

Claire olhou para o homem que caminhava em sua direção. Era grande e tinha uma aparência rude, com a pele bronzeada e o tipo de corpo que deixava bem claro que ou ele ganhava a vida com trabalho físico duro ou passava muito tempo na academia de ginástica. Ela fez o possível para não torcer o nariz para a camisa xadrez e o jeans surrado.

— Sou Claire Keyes — começou a dizer.

— Sei quem você é. Perguntei por que está aqui.

— Na verdade, você me perguntou por que “diabos” estou aqui. Há uma diferença.

O homem estreitou os olhos.

— E qual é?

— Uma das perguntas demonstra um interesse genuíno na resposta, a outra deixa claro para mim que por algum motivo eu o aborreço. Não se importa de verdade com o porquê de eu estar aqui, só quer que eu saiba que não sou bem-vinda. O que é estranho, considerando que nunca nos encontramos.

— Sou amigo de Nicole. E não é necessário ter-me encontrado com você para saber tudo o que preciso a seu respeito.

Opa! Claire não entendeu. Se Nicole ainda estava furiosa com ela, por que Jesse ligara e deixara outra coisa implícita?

— Quem é você?

— Wyatt Knight. Nicole é casada com meu meio-irmão.

Nicole se casara? Quando? Com quem?

Uma profunda tristeza se seguiu a essas perguntas. Sua própria irmã não se preocupara em avisá-la do seu casamento, ou em convidá-la para a cerimônia. Que tristeza...

As emoções se sucediam no rosto de Claire Keyes. Wyatt não se preocupou em tentar entendê-las. Mulheres e suas emoções eram um mistério sem solução para um mortal qualquer. Tentar descobrir sentido na mente feminina podia levar um homem a se embriagar e, então, à morte.

Em vez disso, ele preferiu examinar a loura alta e esguia à sua frente, procurando semelhanças com Nicole e Jesse.

Os olhos, pensou Wyatt, atraído pelas íris grandes e muito azuis. Talvez o formato da boca. A cor do

cabelo... Só um pouco. Nicole era simplesmente loura, já Claire parecia ter uma dezena de tons e brilhos diferentes em seus cabelos.

Mas não havia nenhuma outra semelhança. Nicole era sua amiga, uma pessoa que ele conhecia há anos. Uma mulher bonita, mas de aparência mais comum. Claire estava toda vestida de marfim — do casaco, muito longo, ao suéter e à calça que usava sob ele. Sua bolsa era bege, assim como suas botas. Ela parecia uma princesa de gelo... Malvada.

— Gostaria de ver minha irmã — falou Claire, determinada. — Sei que está no hospital, mas não sei em qual hospital.

— Não conte comigo para lhe dizer qual. Não sei por que está aqui, madame, mas posso lhe garantir que Nicole não quer vê-la.

— Não foi isso o que ouvi.

— De quem?

— De Jesse. Ela disse que Nicole ia precisar de ajuda depois da cirurgia. Me ligou ontem, e eu voei para cá esta manhã. — Ela ergueu levemente o queixo. — Não vou embora, sr. Knight, e não pode me obrigar a isso. Verei minha irmã. Se resolver não me dar a informação, simplesmente ligarei para todos os hospitais em Seattle até encontrá-la. Nicole é da minha família.

— Desde quando? — resmungou ele, reconhecendo o ângulo obstinado do queixo e a determinação na voz. As gêmeas sem dúvida tinham isso em comum.

Por que Jesse fizera isso? Para criar mais problemas? Ou estava apenas tentando consertar uma situação desesperadora? A verdade era que Nicole *realmente* precisaria de ajuda, mas era uma pessoa difícil demais para pedi-la. Ele faria o que pudesse, mas tinha seu negócio para tocar, e ainda precisava tomar conta de Amy. Nicole não iria querer Drew por perto, isso se o inútil do irmão dele já não houvesse arrumado um bom lugar para se esconder. Jesse era uma escolha ainda pior. E não havia mais ninguém.

Por que teria que ser ele a tomar essa decisão? Wyatt praguejou baixinho.

— Onde vai ficar?

— Em casa. Onde mais?

— Muito bem. Fique lá, então. Nicole estará em casa em uns dois dias. E aí você poderá conversar com ela.

— Não vou esperar mais dois dias para vê-la.

Egoísta, mimada, egocêntrica, narcisista. Wyatt se lembrou da conhecida lista de reclamações que Nicole fazia da irmã. Naquele momento, cada uma delas fazia sentido para ele.

— Escute — falou Wyatt. — Você pode esperar em casa, ou viajar de volta para Paris ou onde quer que more.

— Nova York — falou Claire, tranquilamente. — Eu moro em Nova York.

— Não importa. O que estou dizendo é que você não vai ver Nicole até que ela tenha uns dois dias para se restabelecer da operação, mesmo que eu tenha que montar guarda na porta do quarto no hospital. Entendeu? Ela já está sensível demais nesse momento por causa da cirurgia, e não precisa se ver

obrigada a lidar com uma chata como você.

## Capítulo Dois

CLAIRE MURCHOU como um balão furado, fazendo com que Wyatt se sentisse o maior imbecil daquele lado das Montanhas Rochosas. Ele disse a si mesmo que era apenas encenação, que ela nascera para jogar com as pessoas e só ficara mais talentosa com a idade. Para alguém que alegava tanta preocupação com a irmã, era estranho não ter aparecido por ali em todos esses anos em que ele conhecia Nicole. Nem para os aniversários, nem mesmo no maldito casamento da irmã. Ela perdera até a formatura de Jesse no colegial. Ao que parecia era muito boa em bancar a vítima, isso sim, e ele não entraria no jogo de Claire Keyes.

Mas quando achou que ela iria se virar e partir, Claire endireitou o corpo, colocou os ombros para trás, ergueu o queixo e olhou dentro dos olhos dele.

— Minha irmã me chamou.

— É o que você diz.

— Você não acredita em mim.

— Não me importo o bastante para acreditar ou deixar de acreditar.

Claire inclinou a cabeça para o lado, fazendo com que seus cabelos longos e brilhantes caíssem sobre um dos ombros.

— Você é um bom amigo para Nicole. Espero que ela dê valor a isso.

Então ela resolvera adúlá-lo. Provavelmente era uma tática eficaz para qualquer um que não estivesse prevenido contra seu estilo.

— Jesse me ligou — continuou Claire. — E me contou sobre a cirurgia. Você tem que acreditar que isso é verdade, de outro modo, como eu poderia saber? Jesse também me disse que Nicole queria minha ajuda durante a sua convalescença, e que ficaria feliz se eu viesse. Diante das circunstâncias, estou mais inclinada a acreditar nela do que em você.

— Posso lhe afirmar que, até vinte minutos antes da cirurgia, Nicole não tinha ideia de que você viria. acredite em mim. Ela teria mencionado alguma coisa.

Claire franziu um pouco o cenho.

— Nada em relação a essa história está fazendo o menor sentido. Por que Jesse mentiria? E por que você mentiria?

— Eu não mentiria.

Claire pareceu genuinamente confusa e Wyatt quase acreditou nela. Aquele tipo de confusão tinha bem o estilo de Jesse. A questão era: por que a garota faria isso? Para tornar uma situação ruim ainda pior, ou ela realmente pretendia ajudar Nicole? Quando se tratava de Jesse, era difícil dizer.

— Vou ficar — falou Claire. — Estou lhe deixando bem claro. Vou ficar. Vou até o hospital e...

— Não.

— Mas eu...

— Não.

Ela encarou-o.

— Você é muito determinado.

— Eu protejo o que é meu.

Alguma coisa cintilou nos olhos dela. Uma breve expressão de tristeza que ele não quis tentar decifrar.

— Muito bem. Vou esperar em casa até que Nicole esteja pronta para voltar — respondeu Claire, por fim. — Então, nós duas veremos como vão ficar as coisas.

— Seria mais fácil se você simplesmente voltasse para Nova York.

— Não opto pelo mais fácil. Nunca optei. Acho que são ossos do ofício.

Wyatt não tinha a menor ideia do que ela estava falando. Claire achava mesmo que alguém acreditaria que tocar piano para um bando de ricos, em cidades europeias elegantes, era alguma dificuldade?

Ele deu de ombros. Não podia forçá-la a desaparecer. Desde que ela não tentasse importunar Nicole no hospital, ele ficaria fora daquela história.

— Então Nicole vai voltar para casa em dois dias? — perguntou Claire.

— Por aí.

Ela sorriu para ele.

— Está mesmo determinado a não dar nenhuma informação, sr. Knight, mas como vou viver na mesma casa que Nicole, será difícil esconder de mim a data da chegada dela.

— Me chame de Wyatt. Não sou seu chefe e você não é gerente do meu banco.

— Seus empregados lhe chamam pelo sobrenome?

— Não. Estava apenas dando um exemplo para provar meu ponto de vista.

— O gerente do meu banco me chama de Claire.

— O meu não.

O sorriso dela se apagou.

— Você não gosta muito de mim.

Ele não se incomodou em responder.

— Você nem mesmo me conhece — continuou Claire. — Não me parece muito justo.

— Conheço o bastante.

Ela enrijeceu o corpo, como se ele a houvesse esbofeteado. Egocêntrica e melindrosa, pensou Wyatt, carrancudo. Uma combinação dos diabos.

Claire virou-se e saiu da confeitaria. Wyatt seguiu-a para se certificar de que ela realmente entraria no carro e partiria.

Ele olhou ao redor no estacionamento quase esperando ver uma limusine comprida, ou um Mercedes. Mas o carro alugado de Claire era um quatro portas de tamanho médio, com a bagagem empilhada no assento traseiro.

— Quanta tranqueira você trouxe? — perguntou ele, sem conseguir se controlar. — Nem mesmo coube tudo na mala do carro?

Claire parou de andar e virou-se para encará-lo.

— Isso é tudo o que eu trouxe.

— O que tem contra o porta-malas? Tem medo de quebrar a unha?

— Eu, como você colocou de forma tão elegante, toco piano. Não tenho unhas longas. — Claire endireitou novamente o corpo, como se estivesse se preparando. — E, como já disse antes, moro em Nova York, onde não tenho carro. Não tenho o hábito de dirigir, e não consegui descobrir como abrir o porta-malas.

Wyatt então entendeu para o que ela parecia estar se preparando. Claire estava esperando que ele debochasse novamente dela. Era mesmo muito tentador, e Wyatt podia pensar em uma centena de piadinhas baratas. Quem não sabia abrir um porta-malas? Sua filha de 8 anos de idade conseguiria.

O que o impediu de dizer isso e ainda mais foi perceber que ela estava esperando ser criticada e que, mesmo sabendo que ele não gostava dela, ainda assim expusera um ponto vulnerável. Wyatt não se importava em ser um canalha maldoso, mas jamais a intimidaria.

Ele se aproximou, pegou as chaves da mão dela e apontou para o chaveiro.

— Nunca viu um desses antes? Os pequenos desenhos mostram o que os botões fazem. — Wyatt apertou o que abria o porta-malas. A tampa abriu suavemente.

Claire sorriu para ele.

— É mesmo? É assim? — Ela deu a volta no carro e olhou para dentro do porta-malas. — É enorme. Eu poderia ter trazido mais bagagem. Há mais botões?

Claire ficou entusiasmada em um nível que o chaveiro controle remoto não merecia.

— Você não costuma sair muito de carro, não é?

O sorriso ficou mais largo.

— Muito menos do que você imagina.

— Tranca a porta, destranca a porta, botão de emergência.

— Que legal!

Ela parecia uma criança que acabara de ganhar um brinquedo novo. Tinha que estar zombando dele...

— Obrigada — falou Claire. — É sério, eu me senti tão estúpida lá na agência onde aluguei o carro, parada, sem saber o que fazer. — Ela torceu o nariz. — Se ao menos dirigir fosse fácil assim... Por que as pessoas têm que guiar em uma velocidade tão alta nas rodovias?

Wyatt não tinha ideia do que pensar sobre ela. Se levasse em consideração os raros comentários que Nicole fazia sobre a irmã, então não deveria confiar nela. Mas apesar de Claire parecer ser tão imprestável quanto Nicole dizia, ela não parecia exatamente fria e distante.

Mas aquilo não era problema dele, lembrou Wyatt a si mesmo.

Ele estendeu as chaves de volta a Claire. Ela estendeu a mão para pegá-las e, por um segundo, talvez dois, eles se tocaram. Os dedos dele na palma da mão dela, um breve roçar. Inconsequente. A não ser pela súbita fagulha que provocou.

Desgraçada, maldita, pensou Wyatt, com raiva, puxando a mão e enfiando-a no bolso. De jeito nenhum. Ela não. Deus do céu, qualquer uma, menos ela.

Claire estava balbuciando alguma coisa, provavelmente agradecendo. Mas ele não estava ouvindo. Em vez disso, se perguntava por que, de todas as mulheres do mundo, fora com ela que acabara sentindo aquele calor ardente, sexual...

A CALMA voz feminina no GPS guiou Claire até a casa onde passara os primeiros seis anos de sua vida. Ela encontrou uma vaga para estacionar na rua estreita em frente. Era ao lado de uma garagem, por isso ela só precisou chegar um pouco para a frente para reivindicá-la. Não havia a menor possibilidade de ela conseguir estacionar em uma vaga paralela ao meio-fio.

Claire desligou o motor, saiu do carro e trancou-o, consultando os botões do chaveiro controle remoto. Então, sentindo um orgulho tolo de si mesma, deu a volta até a parte de trás da casa e encontrou a chave extra no lugar exato onde Jesse havia lhe dito que estaria. Ela abriu a porta dos fundos e entrou.

Não entrava ali há anos. Quase 12, pensou, lembrando-se da única noite que passara sob aquele teto depois que a mãe morrera. Naquela noite, Jesse a encarara como se ela fosse uma estranha, e Nicole a fuzilara com os olhos cheios de ódio. Não que a irmã gêmea tenha ficado apenas na comunicação silenciosa. Aos 16 anos, ela já sabia muito bem falar o que pensava.

— Você a matou! — gritara Nicole. — Levou-a embora e então a matou. Nunca perderei você. Eu te odeio! Te odeio!

Então, Lisa, a agente de Claire, a levara embora. Elas conseguiram uma suíte no hotel Four Seasons e ficaram ali até depois do funeral. De lá, haviam ido para Paris. Primavera em Paris, havia dito Lisa. A beleza da cidade a curaria.

Mas não havia curado. Fora preciso o tempo para fechar as feridas, mas as cicatrizes ainda estavam ali. Primavera em Paris. As palavras sempre a faziam lembrar da canção e, sempre que ela a ouvia, pensava na morte da mãe e em Nicole gritando que a odiava.

Claire afastou as lembranças e entrou na cozinha. Parecia diferente, mais moderna e até maior. Ao que parecia, Nicole reformara a casa ou, ao menos, partes dela. Passou pela escada e descobriu que vários pequenos cômodos haviam sido abertos e transformados em um único cômodo maior. Uma grande

sala de estar, com mobília confortável, em tons quentes, tinha em uma das paredes uma estante com uma TV de tela plana e outros equipamentos eletrônicos. A sala de jantar parecia a mesma e o quartinho que havia naquele andar fora transformado em um escritório, ou um esconderijo...

A casa estava escura e fria. Claire encontrou o termostato e ligou o aquecimento. Algumas luminárias acesas ajudaram a iluminar o ambiente, mas isso não tornou o lugar mais convidativo. Talvez porque o problema não fosse a casa. Fosse ela e as lembranças que não conseguia deixar de lado.

A última vez que viera a Seattle fora para o funeral do pai. Havia recebido um telefonema lacônico de um homem dizendo que seu pai havia morrido. Provavelmente fora Wyatt, pensou Claire, sentando na beira do sofá. Ele lhe dissera a data, a hora e o lugar do funeral, e desligara.

Claire ficara em estado de choque. Nem chegara a saber que ele estava doente. Ninguém havia lhe dito nada.

Ela sabia o que pensavam, que ela não se incomodava com a própria família. Que não se importava. O que tentara explicar muitas vezes era que fora ela quem fora afastada. Os outros haviam ficado lá, onde sabiam que estavam seguros, e que eram amados. Mas Nicole nunca vira as coisas desse modo. Ela estava sempre tão furiosa...

Claire passou as mãos pelo tecido macio do sofá. Nada daquilo lhe era familiar. Wyatt estava certo, ela não pertencia àquele lugar. Não que isso fosse fazê-la partir. Nicole e Jesse eram a única família que lhe restara. As duas podiam ter ignorado seus telefonemas e cartas ao longo dos últimos anos, mas agora ela estava ali e não partiria até conseguir se entender com as irmãs. Até que ficassem em paz.

Claire se levantou e subiu a escada. Havia três quartos no andar de cima. Ela parou diante da suíte principal. Pelo esquema de cores na decoração e pelas coisas que estavam arrumadas sobre a cômoda, deduziu que Nicole agora dormia ali. Na outra ponta do corredor estavam os dois quartos restantes e o banheiro que compartilhavam.

Um deles parecia o típico quarto de hóspedes, com a cama muito esticada e a decoração em cores neutras, enquanto o último era púrpura, com pôsteres nas paredes e um computador sobre uma escrivaninha em um dos cantos.

Claire entrou nesse último e olhou ao redor. O quarto cheirava a baunilha.

— O que você fez? — perguntou ela em voz alta. — Jesse, você me preparou uma armadilha? Será que Nicole está mesmo pronta a me perdoar?

Claire queria desesperadamente acreditar na irmã caçula, mas se pegou duvidando. Wyatt fora muito convincente em sua antipatia por ela.

A injustiça daquilo — um estranho julgando-a — fez seu coração doer, mas ela ignorou a sensação. Ainda não sabia como, mas daria um jeito de consertar aquilo tudo.

Claire desceu novamente as escadas e foi até a porta da frente. No caminho, viu uma escadinha estreita que levava ao porão. Sabia o que havia ali embaixo.

Todas as células do seu corpo gritavam para que ela não fizesse aquilo — para que não fosse olhar —, mas, ainda assim, Claire se pegou abrindo a portinha e descendo muito, muito lentamente.

As escadas se alargaram ao chegar ao porão. Mas o que deveria ser um espaço aberto estava fechado

por uma parede e uma única porta. Nicole não destruíra tudo, pensou Claire, sem ter muita certeza do que fazer a respeito. Isso significaria que ainda havia esperança, ou a irmã apenas achara que estender a reforma até ali seria muito complicado?

Claire hesitou com a mão na maçaneta. Queria mesmo entrar?

Quando ela e Nicole tinham 3 anos, os pais delas as haviam levado à casa de um amigo. Era um lugar onde nenhuma das duas meninas havia estado antes. No princípio, a visita não fora nada demais. Apenas um dia chuvoso em Seattle com duas meninhas pequenas presas em uma casa cheia de adultos.

Um dos convidados havia tentado distrair as meninas tocando piano. Nicole logo se entediara e se afastara, mas Claire se sentara no banco duro, fascinada com as teclas e com o som que produziam. Depois do almoço, ela voltara sozinha até o piano. Era pequenina demais para conseguir ver as teclas brancas e pretas, mas sabia que elas estavam ali. Então estendeu as mãozinhas acima da cabeça e começou a tocar uma das canções.

Apesar da pouca idade, Claire lembrava-se de tudo sobre aquela tarde. De como a mãe fora procurar por ela e ficara observando a cena por um longo tempo. E de como se sentara no colo da mãe, em frente ao piano, para poder tocar aquela música bonita com mais facilidade.

Claire nunca conseguira explicar como sabia que tecla produzia que som, ou como a música parecia começar dentro dela, borbulhando até sair. Era apenas uma dessas coisas inexplicáveis, uma peculiaridade de um conjunto de genes até então muito comum.

Nicole também sentara no colo da mãe, mas não demonstrara nenhum interesse pelo piano e, quando colocara as mãozinhas sobre ele, só produzira barulho.

Aquele instante mudara tudo. Dois dias depois, Claire começou a ter aulas. Então começaram as obras para construir um estúdio à prova de som no porão. Pela primeira vez em suas vidas, as gêmeas não estavam fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo. A música e o dom de Claire se interpuseram entre elas.

Ela abriu a porta. Logo viu o piano, que parecera tão lindo e tão perfeito quando era criança. Podia imaginar que aquele investimento acabara com as economias dos pais e, ainda, com um pouco mais. Claire tocara em muitos dos mais famosos pianos do mundo, mas aquele ali era do que mais se lembrava.

Ela olhou para ele agora, para a poeira que o cobria. O instrumento provavelmente não era tocado há anos. Precisaria ser afinado.

Claire não teve o menor desejo de tocar. O mero pensamento de sentar no banco diante do piano fez com que sentisse um aperto no peito. Ela se forçou a continuar respirando. Não precisava tocar se não quisesse. Estava tudo bem. Não precisava nem inventar desculpas para faltar às aulas magnas. Estava há um continente desse mundo.

O pânico se insinuou em sua mente consciente. Claire o afastou. Quando a sensação permaneceu, ela subiu novamente as escadas, voltando a um terreno seguro. Quando chegou ao primeiro andar da casa, conseguiu respirar com mais facilidade.

Ignoraria o piano, disse a si mesma. Fingiria que ele simplesmente não estava ali. Mandaria apenas afiná-lo. Toda uma vida de treinamento não permitiria que ela o deixasse desafinado.

Com o monstro trancado no porão — e se não vencido, ao menos temporariamente sob controle —, Claire voltou ao carro para pegar suas duas malas. Depois de arrastá-las escada acima e colocá-las no quarto de hóspedes, voltou à cozinha para preparar alguma coisa para comer.

Não havia muita comida na casa. Claire encontrou uma lata de sopa e colocou o conteúdo para esquentar no fogão. Nesse meio-tempo, encontrou a agenda de telefones e começou a ligar para todos os hospitais, até descobrir um onde lhe disseram que sua irmã estava, sim, internada ali, e ainda se ofereceram para transferi-la para a central de enfermagem. Claire agradeceu, mas recusou, e desligou.

A boa notícia era que a cirurgia de Nicole correra bem, já que ela estava internada em um quarto comum, e não na UTI. A má notícia era que, de acordo com o que Wyatt dissera, a irmã não sabia nada sobre a visita de Claire, e não tinha o menor interesse em vê-la. Será que viajara tanto para nada?

Por hábito, checkou o telefone celular e viu que havia duas mensagens de Lisa. Como a agente com certeza não diria nada que ela quisesse ouvir, Claire deletou as mensagens sem nem mesmo ouvi-las.

Ela tomou a sopa de pé, diante da pia, direto da panela, enquanto olhava para o pequeno quintal cercado.

Sabia quando as coisas haviam começado a dar errado com Nicole. Sabia qual era o problema. Então por que não conseguia resolvê-lo?

Mas isso realmente importava? Afinal, ela estava ali, agora, determinada a fazer com que Nicole e Jesse se tornassem parte de sua vida. Não importava o que dissessem ou fizessem, não iam conseguir se livrar dela. Iria fazer com que a amassem, e ela as amaria de volta. As irmãs eram sua família, e isso era o mais importante de tudo.

NICOLE ESFORÇOU-SE para não se mexer. Doía. A dor era amainada pelos milagres da farmacêutica moderna, mas ainda estava ali, à espreita, ameaçadora. Ela ignorou a ardência que era a lembrança da presença da dor e abençoou quem quer que houvesse inventado camas que levantavam e abaixavam com o apertar de um botão. Decidiu que ficaria ali pelos próximos seis ou oito anos e, no fim, estaria ótima.

Alguém entrou no quarto. Nicole ouviu os passos e se preparou para as inevitáveis apalpações e agulhadas que se seguiriam. Mas em vez disso houve apenas silêncio. Ela abriu os olhos e viu Wyatt parado perto da cama.

Nicole sentia-se péssima e imaginava que sua aparência não estava muito diferente. Em momentos como esse, ela ficava agradecida por eles serem apenas amigos.

— Você vai ficar com uma cicatriz e tanto — disse ele.

— Os homens são loucos por cicatrizes — sussurrou Nicole, sentindo a boca seca. — Vou ter que afastá-los com um porrete. Não que eu sequer consiga imaginar que voltarei a ter forças para erguer um porrete. Posso bater neles com um canudo? Consigo erguer um canudo.

— Eu estarei lá para ajudá-la.

— Sorte a minha.

Wyatt tocou o rosto da amiga, puxou uma cadeira e sentou-se.

— Como está se sentindo?

Ela conseguiu sorrir.

— Essa se encaixa na categoria das perguntas realmente estúpidas. Você conseguiu pegar todo o conceito de cirurgia? Fui fatiada, cortada em cubos e ainda acho que estou ficando viciada em analgésicos.

— Você não vai gostar de ir para uma clínica de reabilitação. É cínica demais para isso.

— E brigona. Não esqueça que sou brigona. — Nicole apontou para o copo de plástico na bandeja ao lado da cama. — Poderia me passar aquilo?

Wyatt pegou o copo e passou para ela. Nicole pegou-o e arriscou um gole. A última vez em que tentara, quase vomitara tudo, mas uma enfermeira muito antipática havia lhe avisado que precisava começar a beber e a urinar. Nicole não concordou muito, mas a enfermeira fora bem insistente.

Agora, ela tomou um golinho e se encolheu ao sentir uma onda de náusea invadi-la. Mas, ao menos, era menos intensa do que da última vez. Nicole deu outro gole e não sentiu quase nada. Progresso.

Ela entregou o copo a Wyatt e respirou fundo.

— Você fala. Eu escuto. Mas, por favor, não diga nada engraçado. Não quero rir. Iria doer muito.

Wyatt se inclinou para diante e segurou a mão de Nicole.

— Fui até a confeitaria. Está tudo bem.

— Ótimo. Eles vão ficar bem sem mim. Sabem como tocar o negócio. Não preciso me preocupar com nada.

Ela se preocuparia porque era parte da sua natureza, mas era bom saber que não precisava.

— Então... Eu, ahn, encontrei uma pessoa lá.

Apesar da dor e dos remédios, Nicole abriu bem os olhos. Havia alguma coisa estranha no modo como Wyatt não a encarava. Quase como se ele estivesse... culpado.

— Uma mulher?

Ele assentiu.

Ela não entendeu. Qual era o problema?

Wyatt encontrara alguém. Isso era uma coisa boa.

— Então a convide para sair.

— O quê? — Ele endireitou o corpo e olhou-a estupefato. — Você não está... — Wyatt voltou a se inclinar na direção dela. — Não estou querendo dizer que encontrei alguém de quem gostei. Encontrei alguém que não esperava ver por aqui.

— Talvez seja por causa da cirurgia e tudo o mais, mas você não está fazendo o menor sentido para mim.

— Eu encontrei Claire.

Que Claire? Mas no mesmo instante em que a pergunta se formou em sua cabeça Nicole já sabia a resposta. Claire, sua irmã. Claire, a perfeita, a princesa. A concertista de piano e solista. A cidadã do mundo. A vaca rica. Sua irmã egoísta, narcisista, superficial, cruel e terrível.

— Não é possível — murmurou ela, fechando os olhos. Seria bom dormir, disse a si mesma. Dormiria agora e isso desapareceria.

— Parece que Jesse ligou para ela, contou sobre sua cirurgia, e então Claire voou para cá.

Nicole abriu os olhos.

— O quê?

— Ela está aqui para ajudá-la durante sua convalescença.

Se Nicole não estivesse se sentindo tão desconfortável e zozna com os remédios, teria rido.

— Ajudar? Ela quer ajudar? Onde diabos estava Claire nos últimos 22 anos? Onde ela estava enquanto eu continuava enfiada aqui, criando Jesse e trabalhando na confeitaria? Onde estava quando nossa mãe viajou para encontrá-la e morreu? Onde estava quando papai morreu? Ela apareceu sequer uma vez? Não acredito! Claire tem que ir embora agora! Tem que tirar aquele traseiro coberto com roupas de grife da minha cidade e voltar para o seu circuito de coquetéis ou para onde quer que passe seus...

Nicole cometeu o erro de tentar sentar sozinha. A dor atravessou-a, deixando-a sem ar e fazendo-a gemer. Ela afundou novamente na cama e fechou os olhos. Claire, ali? A vida de Nicole já não estava desagradável o bastante?

— Eu a odeio.

— Eu sei. — Wyatt apertou os dedos dela. — Claire acha que está ajudando.

Era demais, pensou Nicole.

— Não posso lidar com ela nesse momento. Apenas a mantenha longe do meu caminho. Estou falando sério, Wyatt. Não deixe que Claire venha ao hospital.

— Não deixarei — prometeu ele, então beijou a testa dela.

Wyatt era um grande cara, pensou Nicole, enquanto o sono a dominava. Um dos melhores. Por que ela não fora esperta o bastante para se apaixonar por ele? Em vez disso, se apaixonara por Drew. Que desastre... Tudo isso. E agora Claire? Qual seria a próxima praga? Gafanhotos?

CLAIRE CHEGOU ao hospital com antecedência para levar Nicole para casa. Dirigira até lá duas vezes na véspera, para se familiarizar com o caminho. Guiar o carro também já parecia menos assustador. Desde que ficasse longe da rodovia, sentia-se quase competente ao volante. Também conversara com a enfermeira de Nicole e explicara que era da família e que ela, Claire, queria levar a irmã para casa. O hospital então lhe passara a hora aproximada em que Nicole teria alta. Agora Claire estava ali, pronta para ajudar.

Ela tentou não pensar muito no que Wyatt dissera, que Nicole não sabia nada sobre sua visita e que não ficaria feliz em vê-la. Apesar de ter tentado ligar várias vezes para o celular de Jesse, não conseguira falar com a irmã caçula, que também não respondera as mensagens que deixara. Era óbvio que alguma coisa estava acontecendo, mas Claire estava confiante de que não era nada além de um mal-entendido, que poderia ser facilmente esclarecido. Ao menos era isso o que dizia a si mesma quando sentia um frio no estômago, ou um aperto no peito.

Ela segurou a bolsa com mais força, quando saiu do elevador e começou a descer o longo corredor. As placas indicavam a central de enfermagem, mas antes que chegasse lá, Claire viu Nicole em uma

cadeira de rodas, sendo empurrada por uma enfermeira, com Wyatt na retaguarda.

Claire sentiu uma onda de emoções variadas invadi-la. Então parou e ficou apenas olhando para a irmã que não via há anos. Nicole parecia bem — um pouco pálida, mas isso era de se esperar. A mulher acabara de passar por uma cirurgia. Ela usava um agasalho com capuz, fechado com zíper, sobre uma camiseta, e seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo. Claire imediatamente se sentiu arrumada demais.

— Nicole — sussurrou ela, sentindo o coração se encher de alegria. Estavam juntas de novo. Finalmente.

— Oh, droga — resmungou Nicole. — Posso tomar mais alguns comprimidos?

— É sua irmã? — perguntou a enfermeira. — Vocês se parecem. Quase como se fossem gêmeas.

— Somos gêmeas bivitelinas. E não piore a situação falando sobre isso — disse Nicole.

Wyatt apoiou a mão em seu ombro.

— Tomarei conta disso. — Ele caminhou até Claire. — O que está fazendo aqui? Eu lhe disse para não vir.

Claire o ignorou, assim como ignorou os comentários irritados de Nicole, e seguiu em frente, agachando-se diante da irmã. Teve vontade de abraçá-la, mas ficou com medo de machucar Nicole. Por isso se limitou a tocar seu braço e encará-la com um largo sorriso no rosto.

— Você parece ótima. Como está se sentindo?

Nicole devolveu o olhar, irritada.

— Como se houvessem me arrancado algum órgão. O que está fazendo aqui?

— Vou levá-la para casa.

— Não, não vai — disse Wyatt. — É para isso que *eu* estou aqui.

— O que está fazendo em Seattle? — perguntou Nicole. — Por favor, me diga que é uma visita rápida que terminará em uma hora.

— Soube da sua cirurgia e então voei para cá para tomar conta de você.

— Que gentileza — disse a enfermeira.

— Eu não preciso da sua ajuda — disse Nicole. — Vá embora.

Claire estava fazendo o melhor que podia para não reagir a tanta hostilidade. Disse a si mesma que a irmã estava sentindo dor, que Wyatt não a conhecia e que havia muito tempo e muitos sentimentos ruins separando as irmãs Keyes. Seria preciso mais do que um dia para curar velhas feridas.

O que ela tinha mesmo vontade de fazer era se levantar, bater o pé e deixar bem claro que ela era a parte injuriada ali. Que Nicole lhe virara as costas anos atrás e se recusara a rever sua posição. Que ela fora acusada de coisas que a haviam magoado tanto quanto magoaram as irmãs. Mas não havia por que começar essa conversa naquele momento. Claire estava ali com um propósito.

Ela se levantou.

— Não vou a lugar algum. Você precisa de mim.

Nicole gemeu.

— Eu preciso de um monte de coisas, mas com certeza você não é uma delas. Wyatt, eu não lhe disse

para me dar um tiro antes? Você não ouviu?

Wyatt colocou a mão sobre o ombro da amiga.

— Eu lhe disse que não poderia fazer isso.

— Os homens são todos uns imprestáveis — resmungou Nicole, e voltou a olhar para Claire. — Quer fazer o favor de se levantar para que eu possa sair daqui? Estou com dor, cansada e só quero ir para casa.

— Meu carro está bem aqui em frente — disse-lhe Claire. — E conheço o caminho. Pratiquei um pouco ontem.

— Estamos todos orgulhosos de você.

A enfermeira sorriu com simpatia para Claire e empurrou a paciente em direção aos elevadores. Claire foi atrás deles, sem ter muita certeza do que deveria dizer ou fazer. Não poderia forçar Nicole a entrar no carro. Talvez fosse melhor deixar Wyatt levá-la até em casa, e ela assumiria os cuidados a partir dali.

Mas doía ser rejeitada e ignorada. Desejava que as coisas fossem diferentes.

— Eu farei com que mudem de opinião — disse a si mesma enquanto saíam para a manhã fria de primavera.

Havia uma caminhonete grande estacionada na entrada do hospital. Wyatt abriu a porta do passageiro, ergueu Nicole nos braços e colocou-a no assento.

Claire observou a cena, sentindo o coração apertado diante da ternura e do cuidado que Wyatt demonstrava. Queria um pouco daquilo para si mesma. Não de Wyatt, mas de alguém. Queria um homem que cuidasse dela, que se preocupasse com ela. Queria amigos e família. Queria uma vida.

E voltara para casa principalmente para encontrar isso.

## Capítulo Três

— PENSEI QUE você estivesse mentindo — disse Nicole, enquanto eles saíam do estacionamento do hospital. — Achei que estava tendo alucinações induzidas pelos remédios que venho tomando. Não acredito que ela esteja aqui. Claire provavelmente é o ser humano mais imprestável de todo o planeta. Por que eu? Por que agora?

Como Wyatt não tinha respostas para essas perguntas, manteve-se calado. Ele ouvira o bastante sobre Claire ao longo dos anos para já ter formado uma opinião nada lisonjeira sobre ela. Mas há pouco, no hospital, a irmã de Nicole parecera tão otimista e tão magoada ao mesmo tempo que ele quase sentira pena dela.

O que só provava o quanto era tolo no que dizia respeito às mulheres. Sempre escolhia errado. E tinha o próprio divórcio para provar isso. Nicole conhecia a irmã muito melhor do que ele. Confiava em Nicole, ela sempre sabia o que dizia.

— O que você vai fazer em relação a Claire? — perguntou.

— Acho que lhe pedir para dar um tiro nela será perda de tempo. — Ela suspirou. — Não sei. Ignorá-la e esperar que vá embora.

— Você vai precisar de alguma ajuda, ao menos pelos próximos dois dias. Não vai conseguir cuidar de si mesma sozinha.

Wyatt manteve os olhos na estrada, mas sentiu o olhar de raiva que Nicole lhe lançava.

— Você deve estar brincando. Não está sugerindo que eu a deixe ficar e que ela tente tomar conta de mim. Tem ideia do quanto Claire é imprestável? Ela não é uma pessoa, Wyatt, é um macaco adestrado. É incrível que consiga até mesmo dirigir um carro. Oh, espere. Ainda não vi que carro está dirigindo. Aposto que é uma limusine, com motorista. Claire não iria querer arriscar suas mãos delicadas e valiosas trabalhando pra valer. Segurar o volante provavelmente deve impactar em seu desempenho, e nós não

iríamos querer isso.

Wyatt sabia que as irmãs não se davam, que eram como estranhas, mas não tinha compreendido a profundidade da raiva e da amargura de Nicole antes.

Ela ficara magoada quando Claire fora embora da cidade, mas, até agora, ele nunca percebera que as feridas eram tão profundas. Sarcasmo e humor negro disfarçavam muita mágoa. Era bem parecido com Nicole ficar bancando a megera amarga para se proteger.

— Posso aparecer todas as noites — falou Wyatt. — Depois do trabalho.

Nicole afundou mais no assento, pressionou o braço contra o abdômen e gemeu.

— Não quero isso. Você tem que tomar conta de Amy. Ficarei bem.

— Não, você não ficará bem.

— Não quero pensar sobre isso. Agora não.

Nada daquilo deveria ser um problema, lembrou Wyatt. Quando a cirurgia fora marcada, Drew, marido de Nicole, ainda estava em cena.

Wyatt pensou no meio-irmão e logo teve vontade de lhe dar um soco. Que completo idiota! Drew ultrapassara qualquer limite no que dizia respeito a colocar tudo a perder, e Nicole jamais o perdoaria. Wyatt não tinha certeza se ele mesmo seria capaz de perdoar o irmão...

Ele relanceou o olhar pelo espelho retrovisor e viu Claire, no carro atrás deles. Mesmo a dois carros de distância, Wyatt conseguiu perceber a força com que ela agarrava o volante e ver a expressão determinada em seu rosto.

— Você deveria se mudar para minha casa — disse ele. — Essa é a solução mais fácil.

— Não.

— Você está sendo teimosa.

— É parte do meu charme.

Em circunstâncias normais, Jesse teria feito um aparte nesse momento, mas isso não iria acontecer tão cedo.

— Se não me quer, precisa aceitar outra pessoa — colocou Wyatt. — Ao menos pelos primeiros dois dias de recuperação. Claire pode manter a casa abastecida, preparar a comida para você.

— Ah! Você acha mesmo que a princesa pianista sabe cozinhar?

— Ela pode encomendar alguma coisa.

— Isso eu mesma posso fazer.

— E ela também pode ficar de olho em você.

— Eu já mencionei um macaco amestrado? Pois bem, seria de muito mais ajuda. Ou um desses serviços de cães amestrados.

— Ela é sua irmã.

Nicole olhou furiosa para ele.

— Ela foi o início da minha fase de má sorte.

— Você está exagerando. Use-a. Deve haver algum prazer nisso.

— Bem menos do que você imagina.

Eles chegaram à casa de Nicole. Wyatt estacionou e deu a volta até o lado do passageiro para abrir a porta.

Nicole encarou-o.

— Nem pense em me carregar. Posso andar.

— Quando foi a última vez que deixou um homem tirá-la do chão?

— Eu jamais permitiria isso.

— Você precisa trabalhar mais a questão da confiança...

E dizendo isso ele tomou-a nos braços. Claire já abrira a porta dos fundos e acompanhou-os para dentro.

Wyatt subiu as escadas e entrou no quarto de Nicole. Alguém, provavelmente Claire, já afastara as cobertas. Quando ele colocou Nicole na cama, ela deixou a respiração escapar com força, e forçou um sorriso.

— Obrigada.

Nicole ficara muito pálida. Ele sabia que ela devia estar sentindo dor.

— Quando você pode tomar alguma coisa para a dor?

— Não por enquanto. Tomei uma dose cavalari no hospital. Vou ficar bem.

Ela não parecia bem.

Wyatt descalçou os tênis dela e depois abriu seu casaco. Ela tirou o agasalho e ele o jogou em uma cadeira.

Nicole não estava usando sutiã e Wyatt pôde ver o movimento dos seus seios sob a camiseta fina. Ele desejou que aquelas curvas o tentassem. Apaixonar-se por Nicole resolveria um monte de problemas. Mas infelizmente não conseguia sentir nenhuma atração por ela.

Wyatt puxou as cobertas sobre ela, então se sentou na beira da cama.

— Será só por alguns dias — falou ele. — Terei o maior prazer em passar por aqui toda noite, e você sabe que Amy a adora, mas vai precisar de ajuda durante o dia.

Nicole fechou os olhos.

— Não será tão ruim assim — Wyatt procurou acalmá-la.

— Odeio você.

— Isso é um sim?

Ela suspirou:

— Sim.

Ele se levantou. Claire estava parada no batente da porta. Wyatt passou por ela e esperou que ela o seguisse pelo corredor e descesse as escadas atrás dele. Quando chegaram na cozinha, ele encarou-a.

— Você disse que havia vindo para cá para cuidar da sua irmã — falou Wyatt.

— Sim. É óbvio. Por que outro motivo seria?

— Muito bem. Então é isso o que você vai fazer. Ajudar. O que importa agora é ela, não você. Nicole está sentindo muita dor. Ela estará convalescendo e seu único trabalho é tornar a vida dela mais fácil. Você não vai poder ficar indo a boates ou saindo por aí com seus amigos. Vai ter que ficar aqui e ser

responsável. Esse é um compromisso sério. Vou aparecer aqui toda noite para ver como andam as coisas, e se você estragar tudo, vai se arrepender.

Claire encarou-o como se ele fosse alguma forma de vida extraterrestre.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando.

— O que não ficou claro?

— É isso mesmo o que pensa de mim? — Ela sacudiu a cabeça. — Não importa. — Claire foi até a bancada e se encostou nela. — Uma parte minha quer perguntar o que ela lhe disse sobre mim, mas a verdade é que não quero saber. Quero dizer, por que faria isso? Eu sou a má e ela é a boa, e é assim que tem sido sempre.

Claire fez uma pausa e engoliu em seco. Wyatt teve a súbita impressão de que ela estava lutando contra as lágrimas. E apesar de ser um homem típico, que faria quase qualquer coisa para deter as lágrimas de uma mulher, preferiu dizer a si mesmo que aquilo era apenas o desempenho de uma profissional. E se recusou a se deixar comover pela cena.

Mas Claire não chorou. Ela respirou fundo algumas vezes, e voltou-se para ele.

— Você não me conhece. Seja o que for que Nicole tenha lhe contado, você não sabe nada a meu respeito. E eu poderia dizer o mesmo sobre minha irmã, o que é triste. Somos gêmeas. Bivitelinas, mas ainda assim gêmeas. Odeio o modo como complicamos a vida uma da outra. Odeio o modo como as coisas são agora. Eu não... — Ela parou e cerrou os lábios com força. — Me desculpe. Na verdade, você não tem nada a ver com isso, não é?

Wyatt continuou observando-a sem dizer nada.

Claire endireitou os ombros e ergueu o queixo.

— Estou aqui para ajudar. Não tenho nenhum interesse em ir a boates, nem nunca tive. Também não tenho amigos aqui em Seattle, por isso você não precisa se preocupar com distrações. Quero tomar conta de Nicole e retomar minha ligação com ela. Nada mais. É só isso que tenho a dizer. Acredite você ou não. O importante é que não vou a lugar algum. Não até que Nicole esteja melhor.

Ela falou tudo isso com uma dignidade tranquila que mexeu com Wyatt. Seu instinto lhe dizia que devia acreditar nela, mas Nicole sempre lhe falara sobre como Claire brincava com as pessoas com o mesmo talento com que tocava piano...

Mas a verdade era que ele não tinha escolha. Não podia abandonar o trabalho e tinha a filha para cuidar.

— Estarei por perto — falou Wyatt, por fim. — Observando.

— Julgando. Há uma diferença.

Ele deu de ombros sem se preocupar se a ofendera. E pegou um cartão no bolso da camisa.

— O meu telefone celular está no cartão. Você pode me encontrar a qualquer momento. Se houver algum problema, ligue.

— Não haverá.

Ele estendeu o cartão a ela, em vez de apenas deixá-lo sobre a bancada, e no instante em que seus dedos se tocaram, percebeu o erro que cometera.

O calor foi tão intenso, tão brutal que Wyatt esperou que a cozinha explodisse. Ele praguejou baixinho, enquanto olhava furioso para Claire, culpando-a pela química indesejada que flamejava entre eles. Ela olhou para o cartão, e depois para ele.

— Isso foi estranho — falou Claire.

Havia uma confusão sincera em sua voz e perguntas em seus olhos, como se ela também houvesse sentido a mesma coisa, mas não soubesse o que aquilo significava.

Sim, muito bem, pensou Wyatt consigo mesmo. Ela *estava* brincando com ele.

Pois que continuasse a brincar. Ele não dava a mínima. Não importava o modo como reagia quando a tocava, jamais tomaria qualquer atitude a partir dessa reação. Não era controlado por seus hormônios. Era um homem racional que pensava com a cabeça, não com o pênis.

Ainda assim, quando Claire sorriu para ele, colocou a mão em seu braço e disse: Obrigada por tomar conta dela. Wyatt teve vontade de puxá-la para seus braços e beijá-la até que ela implorasse por piedade. A imagem foi tão forte em sua mente que ele sentiu a boca seca e o membro rígido em um piscar de olhos. Que humilhação...

Wyatt saiu apressado da cozinha, sem se despedir, jurando que manteria distância de Claire. A última coisa de que precisava na vida era de outra mulher imprestável para enlouquecê-lo, arruinando tudo em que tocasse.

CLAIRE OLHOU para as roupas que estavam sobre a cama e suspirou. Ao que parecia, fazer malas não era um talento intuitivo seu. Fora tão cuidadosa com tudo. Mas mesmo assim todas as suas roupas estavam terrivelmente amassadas.

Se estivesse em casa, a diarista de Lisa pegaria as roupas e as devolveria perfeitamente passadas. Se a moça não estivesse por perto, Claire chamaria o serviço de camareiras do hotel em que estivesse hospedada. Mas ali não era um hotel.

Ela examinou uma blusa de seda e imaginou se seria seguro passá-la a ferro. Com outro suspiro, lembrou a si mesma que não sabia como usar um ferro de passar e, se quisesse praticar, talvez uma blusa de seda de grife não fosse o melhor lugar para começar.

— Sou mesmo totalmente imprestável, ou isso é apenas um incidente isolado? — perguntou a si mesma, falando baixo. Era melhor saber a verdade do que fingir. Seu objetivo era mudar, se encaixar no mundo real. Precisava descobrir onde estava, só então iria saber quanto trabalho teria para chegar aonde queria ir.

Um som vindo do outro extremo do corredor chamou sua atenção. Ainda segurando a blusa, ela correu até o quarto de Nicole e encontrou a irmã saindo do banheiro. Ela estava inclinada para a frente, com um dos braços pressionando o abdômen. O rosto de Nicole estava muito branco e sua boca, retorcida de dor.

— Você deveria ter gritado por mim — disse Claire, apressando-se para chegar ao lado da irmã. — Estou aqui para ajudar.

— Se descobrir um jeito de fazer xixi por mim, sou toda ouvidos. Caso contrário, fique fora do meu caminho.

Claire ignorou o comentário mal-humorado e correu até a cama, onde esticou rapidamente os lençóis e afastou as cobertas. Nicole ignorou a irmã e o que ela estava fazendo, enquanto voltava lenta e cuidadosamente para a cama. Claire estendeu a mão para as cobertas.

— Se me cobrir, juro que mato você. Não hoje, mas logo, quando você menos esperar.

Claire afastou-se da cama.

Nicole se acomodou e fechou os olhos. Depois de um instante, voltou a abri-los.

— Vai ficar parada aí?

— Precisa de alguma coisa? De mais água? Raspas de gelo? O gelo a ajudaria a se manter hidratada sem lhe provocar náuseas.

— Como sabe disso?

— Andei lendo alguns artigos na internet.

— Que graça, a queridinha da mamãe!

Claire apertou com força a blusa que segurava nas mãos.

— Como não disseram nada sobre a cirurgia tornar ninguém maldosa, então imagino que o sarcasmo seja seu mesmo.

— E eu o uso com orgulho, como uma medalha de honra. — Nicole mudou de posição na cama e se encolheu de dor. — O que está fazendo aqui, Claire?

— Jesse me ligou alguns dias atrás e me contou sobre a cirurgia. Ela me disse que você precisaria da minha ajuda. — Claire não queria contar o resto que a irmã caçula dissera, porque obviamente não era verdade, mas não conseguia pensar em uma maneira de evitar. Afinal, ela já contara a Wyatt e suspeitava que ele havia dito alguma coisa a Nicole. — Jesse também me disse que você sentia muito por ainda permanecermos distantes, e queria que fôssemos uma família.

Claire falou com voz firme, sem deixar transparecer a mágoa que sentia. Mas a dor estava ali, escondida. Porque retomar sua ligação com a irmã gêmea era a única coisa que queria.

— Você acreditou nela? — Nicole sacudiu a cabeça. — De verdade? Depois de todo esse tempo, você acha que eu mudaria de opinião a seu respeito de repente?

— Sua opinião sobre quem e o que você *pensa* que eu sou — retrucou Claire. — Você não me conhece de verdade.

— Essa é uma das poucas bênçãos da minha vida.

Claire ignorou o que a irmã dissera.

— Estou aqui agora, e você obviamente precisa de ajuda. Não estou vendo mais ninguém fazendo fila para assumir o encargo. Parece que você não tem opção.

A expressão de Nicole endureceu.

— Tenho amigos que eu poderia ter chamado.

— Mas não chamou. Você odeia dever qualquer coisa a alguém.

— Fazendo minhas as suas palavras, você não me conhece.

— Mas posso imaginar muito bem. — Claire também odiava dever qualquer coisa a alguém.

— Não finja que temos qualquer coisa em comum — atacou Nicole. — Você não é ninguém para mim.

Muito bem, se acha que pode ajudar, então ajude, não me importo. A boa notícia é que não acredito que você seja capaz de nada além de ser servida, portanto minhas expectativas são as mais baixas possíveis.

Aquilo era tão distante do que ela imaginara, pensou Claire, com tristeza. Esperara que as duas pudessem arrumar um modo de voltarem a se entender. Afinal, eram gêmeas... Bivitelinas, mas unidas desde a concepção. Será que todo o tempo que passaram afastadas, toda a raiva e os mal-entendidos haviam conseguido romper esse vínculo?

Bem, ela estava ali para descobrir.

— Você deve querer descansar — falou Claire. — Vou sair do seu caminho.

— Se isso fosse mesmo verdade...

Claire voltou a ignorar o que a irmã dissera e se virou para deixar o quarto, então parou novamente.

— Você usa algum serviço de limpeza para a casa?

— Para a casa? Não. Eu consigo dar conta de tudo aqui sozinha.

— Oh. Está certo. Não quis dizer... Deixa pra lá.

Nicole encarou a irmã.

— O que você quis dizer, então? — Ela baixou o olhar para a blusa que Claire segurava nas mãos. —

Estava perguntando se contrato algum serviço para lavar minhas roupas?

Claire recuou um passo.

— Não é nada importante.

— Ah, sim. Deixe-me imaginar. Não é de imaginar que uma princesa do piano como você cuidaria das próprias roupas. Eu poderia lhe mostrar como usar a máquina de lavar, mas isso provavelmente não iria ajudar, não é? Aposto que há seda e cashmere demais em seu armário. Pobre, pobre Claire. Nunca teve um jeans. Você deve chorar até adormecer, todas as noites.

Claire fez o possível para se desviar dos dardos ofensivos que a irmã lançava em sua direção.

— Não vou me desculpar pela vida que levo. É diferente da sua, mas não tem menos valor por causa disso. Você mudou, Nicole. Lembro-me que você sempre foi zangada, mas não lembro de ter sido tão maldosa. Quando isso aconteceu?

— Saia daqui e vá para o inferno!

Claire assentiu.

— Estarei no final do corredor, se você precisar de mim.

— Isso não vai acontecer. Prefiro passar fome a conviver com você.

— Não, você não prefere.

Claire ignorou as lágrimas ardendo em seus olhos e a sensação de perda que a deprimia, e voltou para seu quarto, determinada a consertar o que quer que houvesse acontecido de errado.

O ALARME tocou às 3h45 da manhã. Claire desligou-o e ficou olhando para a luz vermelha do despertador. O que estava pensando? Quem acordava tão cedo assim?

Pessoas que trabalhavam em confeitarias, lembrou a si mesma. Era uma das irmãs Keyes. Tinha responsabilidade com o negócio da família. E como Nicole não estava em condições de tomar conta das

coisas, e Jesse desaparecera por motivos ainda desconhecidos, sobrara Claire.

Ela levantou e se vestiu. As roupas amassadas pareciam só um pouco melhores depois de terem passado um tempo no banheiro cheio de vapor. Claire lavou o rosto, fez uma maquiagem leve, prendeu o cabelo longo em um rabo de cavalo e desceu as escadas silenciosamente. Menos de quinze minutos depois, chegou à confeitaria e estacionou nos fundos, junto dos carros dos empregados.

Já havia luzes acesas no prédio. Claire andou apressada até a porta dos fundos e entrou.

O lugar era aquecido e claro, e cheirava a açúcar e canela. Os equipamentos de cozinha enchiam as bancadas e se enfileiravam contra as paredes. Fornos enormes deixavam escapar uma boa quantidade de calor. Havia fritadeiras fundas e misturadores potentes, sacos de farinha e de açúcar, e de um chocolate que, pelo aroma, devia ser o melhor do mundo.

Claire parou por um instante para aspirar os aromas deliciosos. Na noite anterior, só fora capaz de preparar sopa — não que Nicole tivesse qualquer interesse em comer. Mas três dias de uma dieta praticamente composta só de líquidos a haviam deixado faminta.

Um homem de meia-idade, todo vestido de branco, a viu e franziu o cenho.

— Ei, você. Saia daqui. A confeitaria abre às seis.

Claire colocou seu melhor sorriso no rosto.

— Olá. Sou Claire Keyes, irmã de Nicole. Vim para a cidade por causa da cirurgia dela. Estou aqui para ajudar.

— Irmã? Ela não... — O homem era baixinho, alguns centímetros mais baixo do que ela, mas tinha a constituição de um touro. Ele franziu ainda mais o cenho e suas sobrancelhas espessas se juntaram no meio da testa. — Você é a que toca piano? A metida a besta?

— Eu realmente toco piano — respondeu Claire, imaginando o que Nicole andara falando sobre ela para as pessoas. — E, na verdade, não sou metida a besta. Nicole, ahn, me pediu para vir ajudar, porque com ela repousando e tudo o mais...

O homem olhou-a com desdém.

— Não acho que ela tenha feito isso. Nicole não gosta de você.

Isso era uma coisa que, ao que parecia, a irmã compartilhara com todo mundo. Claire havia se sentido culpada por mentir, mas já não se sentia mais. Pretendia encontrar um modo de resolver as coisas com a irmã e a confeitaria parecia o lugar mais óbvio para começar.

— Nós chegamos a um entendimento — disse ela, ainda forçando um sorriso. — Deve haver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar. Sou irmã dela. A confeitaria está no meu sangue.

Ou deveria estar. Claire nunca testara a teoria na prática.

— Escute, não sei o que está acontecendo, mas não estou gostando. Você precisa ir embora.

O homem se afastou. Claire foi atrás dele.

— Posso ajudar. Sei trabalhar duro e sou realmente boa com as mãos. Tem que haver alguma coisa. Não estou pedindo para fazer o famoso bolo de chocolate Keyes ou coisa parecida.

Ele voltou-se novamente para encará-la.

— Fique longe do bolo de chocolate, entendeu? Apenas Nicole e eu o fazemos. Estou aqui há 15 anos

e sei o que estou fazendo. Agora dê o fora.

— Ei, Sid! Venha aqui um instante.

A voz que o chamou vinha de trás de uma fileira de fornos. Sid olhou de cara feia para Claire e se apressou na direção de quem o chamara. Ela aproveitou que estava sozinha para explorar um pouco mais os bastidores de uma confeitaria de verdade. Sorriu para uma mulher que injetava um recheio de aparência deliciosa em um doce, mas a mulher ignorou-a. Claire continuou andando.

Ela descobriu outra mulher trabalhando em uma máquina que aplicava cobertura nos donuts. O aroma era divino e o estômago de Claire começou a roncar em antecipação. Ela deu um passo em direção à máquina e esbarrou em um homem carregando alguma coisa.

Enquanto ambos tentavam recuperar o equilíbrio, o saco que o homem carregava voou da mão dele. Instintivamente, Claire estendeu a mão para pegar. Mas, em vez de agarrar o saco, ela só conseguiu esbarrar na lateral dele, fazendo com que todo o conteúdo se espalhasse sobre eles, no chão e sobre os donuts que já estavam prontos e se moviam pela estreita correia transportadora. O saco girou e girou, até cair aberto sobre um imenso recipiente de massa.

— Que diabos você fez? — gritou o homem, enquanto começava a praguejar em uma linguagem que Claire não reconheceu.

Sid veio correndo.

— Você! Ainda está aqui?

A mulher que cuidava dos donuts desligou o mecanismo da correia e correu para examinar os danos.

— Sal — murmurou ela. — Está por toda parte. Eles estão arruinados...

Claire desejou que o chão se abrisse sob seus pés.

— Sinto muito. — Ela começou a dizer. — Esbarramos um no outro e...

— Você não deveria estar aqui — gritou Sid. — Não lhe disse para ir embora? Não ouviu? Jesus, não é de admirar que Nicole fale sobre você do jeito que fala. — Ele se debruçou sobre o recipiente com massa e praguejou. — Sal! — berrou. — Há quase três quilos de sal na massa do pão francês. Você acha que alguém vai querer isso? E essa era a nossa produção para o dia. Para o dia *todo*!

Oh, não!

— Vocês podem fazer um pouco mais? — perguntou Claire, em um fiapo de voz, sentindo-se muito constrangida.

— Você sabe alguma coisa sobre o processo de fazer pão? Oh, o que estou perguntando? É claro que não sabe. Agora, saia. Apenas saia. Não temos como arcar com mais desastres essa manhã.

Claire queria dizer alguma coisa para tentar melhorar a situação, mas de que adiantaria? Os quatro funcionários da confeitaria a encaravam naquele momento como se ela fosse a mais desprezível forma de vida que já haviam visto. Dizer que só estava tentando ajudar não serviria para nada. Ou que não tivera a intenção de esbarrar no outro homem. Ou que fora apenas um acidente.

Sem saber mais o que fazer, Claire virou-se e saiu.

Passava um pouco das cinco da manhã quando chegou de volta em casa. Ela deu uma olhada em Nicole, que ainda dormia, então foi até a cozinha e fez café. O primeiro bule tinha um cheiro engraçado e

o sabor, pior ainda. Claire jogou tudo fora e começou de novo.

Na segunda vez, o café saiu melhor, dava para beber. Ela se serviu de uma xícara e afundou em uma das cadeiras da cozinha.

Como seu dia podia ter começado tão mal? Como ela conseguira estragar tudo daquele jeito sem nem ter tempo de tentar acertar? Não era justo. Ela não era uma má pessoa. Sim, está certo, vivia uma vida estranha, diferente, que a maioria das pessoas não conseguia compreender, mas isso não mudava o modo como era por dentro.

No entanto, ao que parecia, viver fora de sua gaiola dourada seria mais difícil do que ela imaginara a princípio.

— Não vou desistir — falou Claire, em voz alta. — Vou dar um jeito de conseguir.

Ela não tinha muita escolha. Se não podia mais tocar piano, ia precisar construir uma vida sem música.

Sem música. O pensamento a deixou triste. A música era tudo para ela. Era sua razão para respirar.

— Vou descobrir outra razão — disse Claire a si mesma. — Ainda tenho profundezas inexploradas em mim. — Ou ao menos esperava que tivesse.

Um pouco depois das seis, ela levantou-se para procurar a torradeira. Havia bastante pão no congelador. Claire conseguiu queimar as três primeiras fatias antes de encontrar o ajuste certo da torradeira. E estava procurando por uma bandeja quando a porta traseira se abriu.

Ela endireitou o corpo e viu Wyatt entrando na cozinha. Wyatt, que a detestava quase tanto Nicole. Wyatt, que fizera sua mão formigar estranhamente na véspera.

Mas antes que pudesse se perguntar o que tudo aquilo significava, Claire bateu os olhos em uma linda garotinha que entrava atrás dele.

Wyatt colocou vários pacotes do mercado sobre a bancada.

— Alguma coisa está cheirando mal.

— Eu queimei algumas torradas. — Claire não conseguia desviar os olhos da menina. — É sua filha? — perguntou ela. Wyatt tinha uma filha? Isso significava que tinha uma esposa.

Essa percepção fez com que ela desse um passo atrás, embora não soubesse explicar por quê. Ainda assim, queria conhecer a garotinha. Claire sempre gostara de crianças, e sonhava ter a própria família.

— Essa é Amy — falou Wyatt, mexendo com as mãos enquanto falava. — Amy, essa é Claire. — Ele usava os dedos de um modo estranho. — Amy é surda.

— Oh. — Ela olhou para a criança e percebeu o pequeno aparelho auditivo em ambos os ouvidos.

Claire nunca conhecera uma pessoa surda antes. Nenhum som. Como deveria ser? Nunca ouvir um concerto de Mozart, ou uma sinfonia... Nenhum ritmo ou melodia. Seu corpo todo se encolheu diante da ideia.

— Que terrível.

Wyatt olhou com raiva para ela.

— Nós não pensamos assim, mas obrigado por compartilhar sua opinião tão inteligente e sensível. Quando vê um homem de uma perna só na rua, você lhe dá uma rasteira?

Claire ficou muito vermelha e relanceou o olhar para a filha dele.

— Não. Me desculpe. Não quis que soasse dessa forma. Estava pensando sobre música e sobre como... — Mas não havia como consertar o que dissera, ela pensou, sentindo uma onda de culpa invadi-la. — Não quis que soasse mal.

— Pessoas como você nunca querem.

Ele não entenderia, principalmente porque não queria entender. Presumia o pior a respeito dela, que, por sua vez, parecia não fazer nada além de provar que estava certo.

Wyatt começou a tirar as compras dos sacos. Claire pensou em oferecer ajuda, mas sabia que ele recusaria. Por isso, ela se retirou para a sala de estar e se perguntou se não deveria simplesmente contratar uma enfermeira para Nicole e fugir de volta para Nova York. Ao menos, lá ela se encaixava.

Claire afundou em um dos sofás e fez o possível para não chorar. Por que tudo estava dando tão errado? Como ela podia melhorar as coisas? Porque, por mais fácil que pudesse ser fugir, Claire não queria ser o tipo de pessoa que desistia com facilidade. Jamais desistiria. Nunca, por mais difíceis que ficassem as coisas.

Mas aquela situação era impossível.

Amy entrou na sala. Claire começou a se desculpar pelo que dissera, mas logo percebeu que a criança provavelmente não ouvira. O que significava que ela teria que explicar por que estava se desculpendo, desde que conseguisse fazer isso. Claire ficou sentada ali, sentindo-se ao mesmo tempo tola e desajeitada e sem ter certeza de qual das sensações era pior.

Amy não parecia estar consciente de nada disso. Ela simplesmente caminhou até a estante, em um dos cantos da sala, pegou um grande livro ilustrado, levou-o até o sofá e o entregou a Claire.

— Quer que eu leia para você? — perguntou Claire, olhando para o livro. — Já não está crescida demais para esse livro?

Amy sacudiu as mãos para chamar a atenção de Claire, e então tocou seu queixo, depois apontou para seus lábios e para seus olhos.

— Vejo você falar.

As palavras foram ditas bem devagar, com uma pronúncia exagerada.

Claire arregalou os olhos.

— Você consegue falar?

Amy ergueu a mão direita e balançou-a de lado, então aproximou o polegar e o indicador a cerca de um centímetro de distância.

— Um pouco — disse Claire, sentindo-se triunfante. — Você pode falar um pouco.

Amy assentiu.

— Minha escola ensina.

— Sua escola está ensinando você a falar?

Amy voltou a assentir. E apontou novamente para a própria boca.

— Lábios.

— E a ler lábios?

Mais um aceno de cabeça, assentindo. A menina sorriu e apontou para o livro. Claire abriu-o. Havia uma garota segurando um livro. Amy apontou para a garota, então cerrou o punho e roçou o polegar no rosto.

— Menina. — Amy repetiu o sinal. — Menina.

Claire finalmente compreendeu.

— Entendi! — falou ela. — Esse é o sinal para menina?

Amy riu e apontou para o livro. Ela ergueu ambas as mãos, juntas, como se estivesse rezando, e então abriu-as.

Claire repetiu o gesto.

— O sinal para livro?

Amy assentiu.

Claire virou a página.

— Isso é muito legal! O que mais você pode me ensinar?

WYATT ENTROU no quarto de Nicole com café e os bagels que comprara.

— Olá, dorminhoca.

Ela abriu os olhos e gemeu.

— Olá, você.

— Como está se sentindo?

— Como estou?

— Linda.

Nicole se encolheu, enquanto se ajeitava em uma posição sentada, então se recostou contra os travesseiros.

— Você não passa de um mentiroso, mas obrigada de qualquer forma. Me sinto péssima. Preciso lhe dizer, as drogas do hospital são muito melhores do que esse negócio que você conseguiu na farmácia. Isso é café?

— Sim, mas não sabia se você estava autorizada pelo médico a tomar.

— Então trouxe apenas para me tentar? — Ela pegou a xícara. — Me disseram apenas para pegar leve e comer o que eu tivesse vontade. E, nesse momento, café soa como um milagre.

Wyatt pousou a bandeja na mesa de cabeceira e puxou uma cadeira. Depois que Nicole tomou o primeiro gole do café e suspirou de prazer, ele perguntou:

— Está se dando bem com Claire?

Nicole revirou os olhos.

— E eu tenho escolha? Ela está se mantendo distante, o que eu prefiro. Sid ligou para o meu celular há cerca de meia hora. — Ela apontou para o telefone perto da bandeja. — Claire foi até a confeitaria essa manhã, aparentemente para ajudar. Ele a mandou embora. Só que antes de sair ela conseguiu esbarrar em Phil e derrubar um saco de três quilos de sal em um recipiente de massa para pão. A massa ficou arruinada.

— Como isso aconteceu?

— Não tenho a menor ideia.

— Ela não fez de propósito, não é?

Nicole olhou irritada para ele.

— Provavelmente não, mas não ouse ficar do lado dela.

— Não é esse o meu plano.

— Ótimo, porque não sei se conseguiria lidar com isso. Claire é ainda mais imprestável do que eu pensava. Ela chegou a me perguntar sobre um serviço de limpeza para suas roupas. Parece que algumas coisinhas amassaram e ela não sabe como resolver. Todos deveríamos ter esse tipo de problemas. Eu a odeio.

— Você não a odeia.

— Eu sei, mas queria que Claire fosse embora.

Wyatt também queria. Do jeito que as coisas estavam, ele se esforçava para manter distância. A última coisa de que precisava era de outro fogo arrebatador mantendo-o de pé a noite toda... Em ambos os sentidos.

Por que ela? Por que não podia haver química com alguma outra pessoa? Com alguém normal? Alguém como Nicole? O corpo dele sem dúvida tinha senso de humor...

Nicole relanceou os olhos para o relógio.

— Onde está Amy?

— Lá embaixo, com sua irmã.

— Examine sua filha antes de sair. Quem sabe o que Claire pode fazer com ela...

— Me certificarei de que Amy está inteira. — Wyatt se levantou, debruçou-se na cama e beijou o topo da cabeça de Nicole. — Ligue-me se precisar de alguma coisa.

— Farei isso.

— Voltarei logo.

— Venha rápido se vir fumaça saindo da casa.

— Eu prometo.

Wyatt desceu as escadas. Quando entrou na sala de estar, ouviu risadas. Amy estava sentada perto de Claire e observava com atenção enquanto a irmã de Nicole contava através de sinais cuidadosos a história do livro ilustrado que estava em seu colo. Seus movimentos eram lentos e estudados, mas ela estava conseguindo formar direito as palavras. Quando Amy riu e fez o sinal que dizia *bom*, Claire voltou a rir.

— Você é uma ótima professora — disse ela devagar.

Amy sinalizou.

— Boa aluna.

Claire estendeu os braços e abraçou a menina.

Amy retribuiu o abraço no mesmo instante.

Wyatt não se deixou impressionar. Claire podia ser capaz de enganar uma criança, mas com ele era

diferente. Ela não o conquistaria com tanta facilidade.

## Capítulo Quatro

NA MANHÃ seguinte, Claire esperou até ter certeza de que Wyatt não ia aparecer. Então ela mesma preparou o café e subiu com a bandeja. Encontrou a irmã acordada, o que a surpreendeu. Todas as vezes em que fora ver como Nicole estava, na véspera, a encontrara adormecida, ou fingindo que estava dormindo.

— Vejo que ainda está aqui — disse Nicole, no lugar de bom dia.

— É sempre briguenta assim de manhã, ou sou eu que atraio o que há de pior em você?

— Pode assumir todo o crédito.

— Que sorte a minha.

Claire colocou a bandeja sobre a mesinha de cabeceira. Nicole examinou a refeição simples.

— Obrigada — disse, obviamente com esforço.

Claire se sentiu tão orgulhosa que poderia flutuar.

— O mingau de aveia está ótimo. Eu mesma fiz.

— Dois ingredientes, incluindo água. Muito impressionante.

Claire se recusou a deixar que o sarcasmo da irmã estragasse seu bom humor. Aquele era o primeiro café da manhã de verdade que preparava, e conseguira na primeira tentativa. Viva ela! Hoje, mingau de aveia; amanhã, um sanduíche!

Nicole pegou a tigela com mingau.

— Achei que talvez você fosse embora.

— Sinto muito, mas não. Ficarei aqui até que você esteja de pé. — Ela pensou na ausência misteriosa de Jesse. — A menos que queira que eu ligue para Jesse e peça para que ela venha.

— Não.

— Tem certeza?

O olhar de Nicole ficou gelado.

— Jesse não é bem-vinda aqui.

Muito bem, então *havia* um problema. Claire já havia imaginado.

— Quando vocês duas pararam de se falar?

— Não vou discutir isso com você.

— O que ela fez?

— Que parte do que acabei de dizer você não entendeu? Ela é uma trapaceira e mentirosa nata.

Mentiu para você dizendo que eu a queria aqui e... — Nicole jogou a colher de volta na tigela. — Vá embora.

Claire presumiu que ela estivesse se referindo a sair do quarto, e não da casa. Mesmo assim, ficou onde estava.

— Ela é só uma criança.

— Jesse tem 22 anos, e você não tem ideia do que está falando.

Claire queria entender o problema, mas tinha a sensação de que não adiantaria insistir.

— Você precisa comer alguma coisa, Nicole. Para se recuperar mais rápido.

— Motivação. Isso é bom. — Ela provou um pouco do mingau de aveia. — Açúcar mascavo?

— Ahã.

Nicole comeu um pouco mais, enquanto Claire permanecia parada na porta do quarto. Ela queria entrar e sentar, mas achou que poderia parecer muito invasiva.

Aquela situação toda era tão louca, pensou consigo mesma. Por que as coisas haviam ficado constrangedoras daquele jeito? Embora soubesse a resposta, Claire queria que fosse diferente. Queria que *elas* fossem diferentes uma com a outra.

— Por que você não está em turnê? — perguntou Nicole, pegando a xícara de café. — Não é isso o que faz todo dia, tocar piano para as pessoas? Seus fãs apaixonados não vão sentir sua falta?

Claire enrijeceu o corpo. Sem querer, lembrou-se de sua última apresentação. O calor das luzes, a pressão nos ouvidos, o murmúrio da multidão e, acima de tudo aquilo, o aperto que sentira no peito.

Ela não conseguira respirar e precisara sair do palco, pois parecia que estava prestes a ter um ataque cardíaco e morrer. Fora incapaz de se concentrar em tocar. A única coisa que parecia existir era o tropejar do seu coração no peito e a certeza de que teria um colapso a qualquer instante.

Ao voltar para o palco, tocara mal por causa dessa sensação, pensou, lembrando-se da humilhação. Apesar de ter que tocar a mesma música vezes sem conta, sempre se lembrava de que fazia aquilo pelo seu público, que aquele era um evento especial. As pessoas que estavam ali tomavam tempo de suas vidas ocupadas, compravam um ingresso, apenas para vê-la. Devia a eles seu melhor desempenho. E, naquela noite, falhara. Então, tivera mesmo um colapso e precisara de ajuda para deixar o palco.

Claire sentiu uma onda de vergonha dominá-la. Falhara publicamente. Permitira que o pânico vencesse. E, pior, não tinha a menor ideia de como afastá-lo.

— Não tive a intenção de fazer uma pergunta tão difícil — disse Nicole.

— Estou tirando um tempo de folga — murmurou Claire.

O telefone celular de Nicole tocou e ela estendeu a mão para pegá-lo.

— Oi, Sid. O que houve? — Depois de uma pausa, Nicole grunhiu: — Você deve estar brincando. Não, não, eu entendo. — Seu olhar pousou em Claire. — De jeito nenhum. Está falando sério? Mas você se lembra... Muito bem. Você pediu. Vou falar com ela.

Nicole desligou e olhou para Claire.

— Temos um problema na confeitaria.

Claire pensou no saco de sal que derrubara e imaginou que outro dano teria causado.

— O que foi?

— Nossos dois funcionários do turno da manhã telefonaram para avisar que estão doentes. Não há ninguém para trabalhar no balcão da confeitaria. Normalmente, eu ocuparia o lugar, ou pediria a Jesse, mas nenhuma das duas coisas é possível. Você vai ter que fazer isso.

— O quê? O que quer dizer?

Nicole revirou os olhos.

— O que não ficou claro? Trabalhar no balcão. Receber o pagamento pelo que for vendido. Não entre em pânico. Não há nenhuma matemática de verdade envolvida. A caixa registradora faz isso por você. Apenas pegue o dinheiro dos clientes e lhes dê o troco. Até mesmo você consegue fazer isso.

Claire não queria. Realmente não queria fazer aquilo. O potencial para que acontecesse um enorme desastre era grande. Mas Nicole precisava dela.

— Está certo — falou Claire. — Farei isso.

— Muito bem. Mas fique longe dos fundos.

QUINZE MINUTOS depois, Claire já trocara de roupa e se preparava para pegar o carro. Assim que abriu a porta, viu Jesse recostada nele.

— Olá, irmã mais velha. Como vai?

— Como vou? Como vou? Isso é tudo o que você tem para me dizer? Está brincando, não é? — Claire estava ao mesmo tempo feliz por ver a irmã e tão zangada que se sentia prestes a cuspir veneno. — Você me enganou, mentiu para mim! Nicole não me quer aqui, ela me odeia. Por que fez isso? E por que você mesma não está aqui, tomando conta das coisas?

— Eu e Nicole tivemos alguns problemas.

— Quer saber? Isso não me importa nem um pouco. Como pôde mentir para mim?

Jesse era alta, magra e bonita, com o cabelo caindo liso até a cintura.

— Eu não menti — retrucou ela. — Nicole realmente fez uma cirurgia, e realmente precisa de você.

— Mas ela me odeia. Não está nem um pouco interessada em se reconciliar e, além do mais, todos os conhecidos dela também me odeiam.

— Bem, isso é verdade. — Jesse deu uma risadinha. — Ela conta grandes histórias a seu respeito.

— Grandes de que perspectiva?

— De qualquer um que esteja ouvindo. Mas provavelmente não da sua... — Jesse suspirou. — Ela precisa de ajuda. Sei que Nicole pensa que eu não ligo para ela, mas isso não é verdade. Eu não sabia a

quem mais chamar. Agora você está aqui, e isso é tudo o que importa.

Claire grunhiu.

— Não é isso o que importa. Não pertencço a esse lugar. — Não que ela pretendesse partir, mas ainda assim era verdade. — Me sinto desconfortável o tempo todo. E quem é Wyatt? Ele me odeia também. Nicole passa o tempo todo dizendo coisas horríveis a meu respeito para ele?

— Não o tempo todo, mas algum tempo. Wyatt e Nicole são amigos. Há muito tempo. O meio-irmão dele, Drew, se casou com Nicole. Os dois, ahn, se separaram há umas duas semanas. Não sei se vão se reconciliar.

Jesse cruzou os braços à frente do peito enquanto falava. Claire sentiu que havia mais coisas por trás daquilo tudo, mas não tinha ideia do que poderia ser.

— Ela nem sequer me convidou para o casamento — murmurou Claire.

— E você esperava que Nicole fizesse isso?

— É claro. Eu teria vindo.

— Presumindo que não estivesse tocando para a rainha naquela noite.

Claire olhou irritada para a irmã.

— Não ouse assumir esse ar petulante comigo, Jesse. A maior parte disso é por sua culpa.

— Não fui eu quem partiu e deixou a família para trás para ser famosa.

Havia amargura nas palavras da irmã. Claire franziu o cenho.

— É isso que você acha que aconteceu? Que eu simplesmente decidi partir e ser famosa? Eu tinha 6 anos! Não decidia nada! Eles decidiram por mim. — Seus pais, sua professora. Um dia ela estava vivendo em Seattle, e no dia seguinte estava em um avião para Nova York. — Eles me levaram para longe da minha família e, não importa o quanto eu implorasse, não me deixavam voltar.

— Pobre menina prodígio — falou Jesse. — A fama é o máximo? Você tem se divertido muito?

— As coisas não são assim.

Mas ela não se deu ao trabalho de explicar. Ninguém queria saber a verdade. Nem antes nem agora. Ninguém queria ouvir sobre as horas que passava praticando, sobre as noites longas e a necessidade de despertar cedo no dia seguinte, sobre os voos atrasados, ou a agenda cansativa. Ninguém se importava se, depois de algum tempo, todos os quartos de hotel pareciam o mesmo e que a única maneira de ela saber em que cidade estava era conferindo o jornal na bandeja com o café da manhã. Ou que, apesar de visitar os lugares mais incríveis do mundo, jamais chegava a conhecê-los, porque não havia tempo para turismo.

— Sou um animal adestrado de circo — disse Claire, por fim. — Apenas isso.

— Você era a princesa. — Jesse franziu os lábios. — Mimada, paparicada. Desejada. Provavelmente ainda é. Aqui não era assim. Ao menos, não para mim.

— O que quer dizer?

Jesse deu de ombros.

— Não importa.

Claire tinha a sensação de que importava sim, e muito.

— Por que você e Nicole brigaram?

Jesse enrijeceu o corpo.

— Não quero falar sobre isso.

— Mas é melhor falar. Afinal, foi por isso que mentiu para mim. Me arrastou para cá, para lidar com uma situação com a qual por algum motivo você mesma não podia lidar. Então, o que aconteceu?

— Eu... — Jesse respirou fundo e seu rosto assumiu uma expressão de desafio. — Nicole me pegou na cama com o marido dela. E não ficou nem um pouco feliz com isso.

Claire abriu a boca, mas logo tornou a fechá-la. Estava chocada.

— Você foi para a cama com o marido da sua irmã? Fez sexo com ele? — Era impossível. Quem fazia esse tipo de coisa? — Mas ela é sua família...

— Nicole não concordaria com você nesse ponto. Ela me renegou.

Jesse soava tão calma a respeito de toda aquela situação. Era como se não se importasse. Claire teve vontade de sacudi-la.

— E você a culpa por isso? O que estava pensando?

— Eu não estava pensando. Aliás, não estava fazendo um monte de coisas, mas ninguém quer ouvir a respeito...

Claire encarou a irmã, carrancuda.

— Você precisa de uma desculpa melhor do que essa. Sexo não é uma coisa que simplesmente acontece. Você não esbarrou nele e, de repente, estavam fazendo sexo. É preciso um planejamento, é preciso que haja uma relação de algum tipo. Não posso acreditar nisso. Há quanto tempo vocês estavam se vendo?

— Não estávamos nos vendo. Eu lhe disse. Foi só... Não é... — Jesse aprumou o corpo e caminhou na direção do próprio carro. — Não quero falar com você sobre isso.

— Não me importo nem um pouco com isso. — Não era de estranhar que Nicole estivesse tão aborrecida e amarga. A própria irmã e o marido... — Você está apaixonada por ele?

— Oh, por favor! Me dê algum crédito. Além do mais, tenho namorado.

— E foi para a cama com Drew? — Nada daquilo estava fazendo sentido para Claire. — Por quê?

— Não fiz sexo com ele.

— O quê? Então Nicole entrou antes que vocês consumassem o ato, e por isso você acha que não é nada demais?

Jesse encarou a irmã por um longo tempo.

— Sei que você não vai acreditar em mim. Nicole também não acreditou. A verdade é que não sei por que aconteceu. Porque tinha que acontecer. Talvez seja porque eu venho fazendo besteira com a minha vida o tempo todo. E essa foi só mais uma forma de tornar as coisas piores.

— Não é um motivo bom o bastante.

Jesse voltou a olhar longamente para Claire. Então abriu a porta do carro.

— Que engraçado. Foi exatamente isso que Nicole disse.

WYATT ABOTOOU as costas da blusa da filha e pegou a escova. A menina falava através de sinais enquanto

ele a arrumava, mas Wyatt fingia não ver. Amy não estava dizendo nada que ele quisesse escutar.

Mas quando a filha se virou para encará-lo e colocou as mãozinhas nos quadris, Wyatt percebeu que não tinha escolha. Ele abaixou a escova e ergueu ambas as mãos, com as palmas para cima, sinalizando:

— O que é?

— Você sabe o que é — sinalizou Amy, em resposta.

Ele sabia mesmo. Não queria saber, mas a mensagem da filha fora clara o bastante.

— Não é uma boa ideia. — Wyatt sinalizou de volta.

— Por quê? — Era a pergunta que ele sabia ser inevitável.

Por quê? Havia milhares de razões, mas nenhuma delas ele conseguiria explicar para uma menina de 8 anos.

— Eu quero a Claire — sinalizou ela, o rosto assumindo aquela expressão obstinada que Wyatt tanto temia.

Normalmente, Nicole tomava conta de Amy da hora em que a menina saía do colégio até a hora em que Wyatt saía do trabalho. Se ele estivesse no escritório, a filha podia ficar com ele lá, mas Wyatt passava a maioria das tardes nos canteiros de obras — que não eram lugares por onde ele gostaria que sua filha de 8 anos ficasse passeando.

Mas como Nicole estava convalescendo da cirurgia, a questão de quem tomaria conta de Amy tornara-se um problema. E a menina queria propor sua própria solução.

Wyatt imaginou que não adiantaria dizer à filha que Claire não era o tipo de mulher que tomava conta de crianças. Amy não saberia o que isso significava. Ele também não poderia alegar o fato de que decidira manter-se o mais longe possível de Claire. As faíscas entre eles eram perigosas demais, para não mencionar o quanto eram indesejadas.

— Gosto dela — sinalizou Amy. — Ela é legal.

Wyatt podia pensar em muitas palavras para descrever Claire, mas com certeza *legal* não estava entre elas.

— Ela não vai querer. — Ele sinalizou de volta. — Está ocupada.

Amy riu.

— Ela gosta de mim.

Wyatt não sabia como lidar com aquilo. Talvez Claire realmente gostasse da filha dele — presumindo que ela fosse capaz de gostar de alguém além de si mesma.

— Não estou pedindo um pônei! — sinalizou Amy, fazendo o pai sorrir.

Aquela era uma piada particular deles. Nada era grande demais, desde que não fosse um pônei.

Wyatt percebeu que caíra em uma armadilha, graças a sua total incapacidade de dizer a verdade à filha. E a verdade era que não confiava em Claire e também não estava cem por cento confiante de que podia se controlar quando estava perto dela. Que péssima desculpa...

— Vou falar com Nicole e Claire. — Ele sinalizou. — Chega de me pressionar...

A resposta de Amy foi se lançar nos braços do pai. Ele a puxou contra si e a abraçou. O amor encheu o peito de Wyatt, como sempre acontecia quando estava com a filha.

Ele podia ter a pior sorte do mundo com as mulheres, mas no que se referia a filhos, fora abençoado com a melhor.

O ESTACIONAMENTO da confeitaria era apertado. Claire precisou tomar cuidado para passar pelos carros e dar a volta até os fundos. Encontrou uma vaga perto do muro e deu um jeito de estacionar, embora não tivesse a mínima ideia de como faria para sair dali.

Ela entrou decidida pela porta dos fundos do prédio.

— Olá?

Quando não houve resposta, Claire se dirigiu para onde imaginava ficar a frente da confeitaria. Empurrou a porta de vaivém e entrou no caos.

Havia clientes por todo lado. Eles enchiam a área de espera, empurrando as mesas para o lado, e pareciam impacientes.

Havia gente demais, pensou Claire, sentindo uma ligeira náusea. As pessoas precisavam mesmo aparecer todas de uma vez?

Sid descobriu-a.

— Por que demorou tanto? — perguntou, irritado. — Está cheio aqui.

Antes que Claire pudesse responder, ele agarrou-a pelo braço e puxou-a para os fundos. Sid colocou a bolsa dela sobre uma mesinha, pegou uma caixa e tirou uma touca de cabelo de dentro.

— Coloque isso.

Claire pegou a touca e apalpou-a por um instante antes que Sid a agarrasse novamente e a enfiasse em sua cabeça. Depois de empurrar um avental nas mãos dela, ele arrastou-a de volta para a frente da loja.

— Maggie vai lhe mostrar como funciona a máquina registradora. É fácil. Digite o que comprarem e diga ao cliente o valor. Pegue o dinheiro que lhe entregarem. Se o pagamento for em cartão de crédito é ainda mais fácil. Boa sorte.

E, dizendo isso, ele desapareceu nos fundos da confeitaria, deixando Claire parada ali, sem a menor ideia do que fazer.

A mulher que vira ali na véspera entregou o troco a um cliente e apressou-se até ela.

— Os preços estão nessa lista. — Ela mostrou a Claire uma folha de papel plastificada que estava ao lado da caixa registradora. — Donuts, bagels, vários doces. Não se preocupe com o botão de quantidade. Se o cliente comprar cinco, então aperte a tecla cinco vezes.

A mulher explicou rapidamente o funcionamento básico da máquina, mostrou a Claire como funcionava quando o pagamento era com cartão de crédito, então apontou para o número que piscava em um display na parede.

— Chame o próximo.

Era isso, então? Trinta segundos de treinamento e estava pronto? Claire olhou ao redor, sem ter muita certeza do que fazer. Ela relanceou os olhos para a parede,

— Humm... Número 168?

— Aqui. — Uma mulher bem-vestida abriu caminho até a frente do balcão. — Preciso de duas dúzias

de bagels variados, a mesma quantidade de muffins e cream cheese comum, e também sem gordura.

Claire caminhou até as cestas de metal onde ficavam os bagels. Ela pegou um saquinho de papel marrom e começou a guardar nele os pães de vários sabores, com a ajuda de uma luva de papel fino. Depois de alguns instantes, percebeu que o saco não era grande o bastante. Então pegou outro, maior, mas não sabia como passar os bagels do primeiro saco para o segundo.

— Você poderia ir mais rápido? — pediu a mulher, impaciente. — Estou com pressa.

— Ahn, claro. — Sem ter a menor ideia do que deveria fazer, Claire virou os bagels no segundo saco e continuou a enchê-lo. Quando chegou a dez, já tinha colocado um de cada sabor, por isso voltou à primeira cesta, sempre tentando não esbarrar em Maggie e no outro homem que também estava trabalhando atrás do balcão.

Claire entregou o saco à mulher que esperava.

— Me desculpe. O que mais a senhora disse que queria?

A cliente olhou para Claire como se ela fosse idiota.

— Cream cheese. Comum e sem gordura. E duas dúzias de muffins. Rápido.

Claire se virou, sem saber muito bem onde estava o cream cheese. Maggie empurrou duas embalagens nas mãos dela.

— Obrigada — murmurou Claire, e foi pegar os muffins.

Depois de pegar tudo, ela foi até a caixa registradora. A cliente lhe entregou um cartão de crédito. Claire encarou o cartão e depois a máquina.

— Santo Deus, você não pode ir mais devagar, não? — resmungou a mulher, com ironia.

Claire começou a sentir um aperto no peito, mas ignorou a pressão.

— Sinto muito — disse para a cliente, com um sorriso. — Nunca fiz isso.

— Eu jamais teria imaginado.

Maggie se aproximou e pegou o cartão de crédito.

— Deixe que eu cuido disso, você pode atender o próximo cliente.

Claire assentiu e olhou para o display com os números.

— Cento e setenta e quatro.

Duas adolescentes usando uniformes escolares se adiantaram.

— Um danish de queijo e cereja e um café tamanho médio. Deixe bastante espaço para o leite, por favor — disse a primeira garota.

— Claro. — Claire respirou fundo várias vezes, mas isso não melhorou o desconforto que sentia no peito. O aperto só aumentou, até que os ouvidos dela começaram a zumbir.

Ela passou por Maggie e parou em frente à vitrine de doces.

— Qual deles? — perguntou à adolescente.

— Aquele ali, com queijo e cereja em cima — falou a garota, apontando o que queria. — Ei! Aquele ali!

Claire pegou a luva de papel, pegou o doce e estendeu-o à garota. Então foi pegar o café.

Havia quatro máquinas de café alinhadas. Ela pegou uma xícara e conseguiu dar um jeito de enchê-la

quase completamente. Quando entregou o café, a garota olhou-a irritada.

— Eu disse médio, não pequeno e forte, nem descafeinado. Qual é o seu problema?

Claire olhou para a xícara e virou-se para olhar a pilha de onde a tirara. Só então viu a plaquinha sobre a máquina de café que usara, dizendo que era descafeinado.

A dor que sentia no peito ficou ainda pior. Já não conseguia respirar. Não importava a força com que inspirasse, o ar parecia não chegar aos seus pulmões. Ia desmaiar, e então morreria!

— Eu não consigo... — ofegou Claire, pousando o café no balcão. — Não consigo.

— O que houve? — perguntou a garota. — Está tendo um ataque? Ela está tendo um ataque? Será que poderia me dar o café antes?

Maggie apressou-se até onde ela estava.

— Qual o problema?

— Não consigo... respirar. Ataque... de pânico.

— Você é pior do que Nicole falou. Vá embora daqui. Vá! Está assustando os clientes.

Estava sentindo exatamente o que sentira da última vez em que estivera no palco, só que agora ninguém se apressou em socorrê-la. Não lhe disseram para se deitar, nem para tomar um gole d'água. Era como se ela não existisse.

Enquanto Claire se encostava contra a parede e lutava para respirar, observou cliente após cliente ser servido e depois se afastar. Eles voltavam para suas vidas. Tinham vidas. O que ela mesma tinha?

Claire se agachou no chão, ainda ofegante. Sentia as lágrimas arderem em seus olhos. Não era aquilo o que queria para si, pensou com raiva. Queria mais do que ser uma pessoa louca com mãos que pareciam ter vida própria sobre um piano. Queria ser forte e competente. Queria ser normal. Mas como?

Ela tentou dizer a si mesma que, apesar do que sentia, estava, sim, respirando. Caso contrário, já estaria morta. Ataques de pânico eram apenas uma sensação. Eram uma resposta biológica, mas não causavam nenhum dano físico real.

O que Claire tinha vontade de fazer era enroscar o corpo como uma bola até que tudo estivesse terminado. Mas, em vez disso, forçou-se a levantar. Depois de respirar fundo uma, duas vezes, voltou para o balcão e chamou o número seguinte.

Um homem se adiantou.

— Uma dúzia de donuts. — Ele pediu. — São para as secretárias do meu escritório, por isso, quero muitos de chocolate.

Claire assentiu e pegou uma caixa. Depois de pegar 12 donuts, a maioria de chocolate, foi até a caixa registradora e conferiu o papel com os preços. Havia um preço único para uma dúzia de donuts.

— São 5,50 dólares — disse.

O homem lhe entregou uma nota de dez.

Claire guardou-a na caixa registradora, pegou o troco e entregou-o ao cliente. O homem sorriu para ela.

— Obrigado.

— Volte sempre.

Claire checou o número seguinte no display e chamou. Seu peito ainda doía e ela ainda não conseguia respirar direito, mas seguiu em frente. Trabalhava com cuidado, tentando sorrir e dando a cada cliente o que ele ou ela queria.

O primeiro cliente deu lugar ao segundo. O segundo logo já dera lugar ao quinto. Por fim, a confeitaria esvaziou. Quando finalmente ficaram sozinhas, Maggie olhou para Claire.

— Você está bem?

Claire assentiu.

— Me desculpe pelo ataque de pânico. Acontece às vezes.

O tempo todo, ultimamente, mas ela não queria admitir isso.

— Você não desistiu — disse Maggie. — Isso já é alguma coisa. E ajudou. Obrigada por isso.

— De nada.

— Pode ir. Teremos pouco movimento até a hora do almoço. E até lá Tiff já estará aqui.

Claire assentiu e foi até os fundos da confeitaria. Lá, retirou o avental e a touca, pegou a bolsa e saiu para pegar o carro.

Ela ligou o motor e recostou-se no assento. Estava exausta. Deu uma olhada rápida para o relógio e descobriu que haviam passado menos de duas horas desde que chegara. Parecia impossível! Tinha a sensação de que passara dias trabalhando.

Seu telefone celular tocou. Ela pegou-o e checou o visor. Era Lisa novamente. Nada de bom poderia vir daquele telefone. Claire desligou o celular e o jogou na bolsa.

Não havia dúvida de que Nicole teria alguma coisa ácida a dizer sobre seu ataque de pânico, mas Claire se recusava a dar importância a isso. Conseguira trabalhar, apesar do pânico, e terminara o que fora fazer. Para ela, aquilo era uma vitória — a primeira em muito tempo — e nada iria tirar-lhe esse prazer.

## Capítulo Cinco

CLAIRE AQUECEU a última embalagem de comida congelada que Wyatt trouxera. Enquanto esperava que o forno de micro-ondas fizesse seu trabalho, ela apoiou as mãos sobre a bancada e fechou os olhos. Seus dedos logo começaram a se mover sobre o granito frio como se tivessem vida própria. Em sua mente, ela tocava as notas e ouvia a música. O som a preencheu até que seu corpo pareceu se erguer e flutuar.

O alarme do micro-ondas tocou, trazendo-a de volta à realidade — uma realidade onde ela não tocava mais piano, não frequentava ou dava aulas, uma realidade na qual ela não se encaixava.

Sentia falta de tocar. O que era uma loucura, considerando-se o fato de que mal conseguia olhar para o maldito instrumento sem ter um ataque de pânico. Talvez não fosse do piano que sentia tanta falta, mas sim da sensação de se perder na música, na riqueza do som. Além disso, sua vida era tocar e praticar. Era como parar de fumar — mesmo sem o vício físico, ainda continuava com os mesmos hábitos.

Claire relanceou os olhos para as escadas que levavam ao porão. Ao mesmo tempo que não queria descer lá novamente, sabia que precisava tomar conta do piano. Seus problemas mentais não eram culpa do instrumento.

Depois de organizar o jantar de Nicole, encontrou uma lista telefônica e procurou por um afinador de pianos. Ligou para três lugares antes de encontrar um profissional que pudesse ir até lá ainda naquela semana para afinar o piano. Isso resolvido, Claire arrumou o prato com o jantar em uma bandeja, junto com um bule de chá de ervas e um pouco de pão, e subiu as escadas.

A porta do quarto de Nicole estava aberta. Claire entrou e sorriu para a irmã.

— Achei que você podia estar ficando com mais apetite, por isso trouxe um pouco mais do que ontem à noite. Como está se sentindo?

Nicole estava deitada sobre as cobertas da cama. Em algum momento durante aquele dia, ela trocara de roupa e vestira uma nova calça de moletom e uma outra camiseta. Seus pés estavam cobertos por

meias grossas. E a cor começava a retornar a seu rosto.

— Estou ótima — falou Nicole.

— Que bom.

Claire apoiou a bandeja no colo da irmã.

— Esse é o último dos pratos congelados que Wyatt trouxe. Vou ver alguma coisa para amanhã.

— Você sabe cozinhar? — perguntou Nicole.

— Hã? Não. Estava pensando em comida chinesa, talvez.

Nicole não disse nada, o que fez com que Claire sentisse que falhara novamente. Ela não sabia cozinhar. Quando havia tido tempo, afinal?

Claire disse a si mesma que não precisava se desculpar com ninguém por sua vida, mas não conseguiu afastar a sensação de estar sendo julgada mais uma vez, e se sentiu culpada.

Nicole ajeitou a bandeja no colo e levantou os olhos.

— Obrigada por ajudar na confeitaria essa manhã. Eles estavam muito enrolados com tanta gente.

Claire se adiantou, ansiosa.

— Eu mal pude acreditar na quantidade de pessoas que havia ali. Era uma multidão. Tudo acontece tão rápido. Foi difícil descobrir como usar a máquina registradora, mas no final da agitação da manhã eu já estava quase sabendo o que fazia.

Ela conseguira, e isso era o que importava, disse a si mesma. Todo desafio superado a tornava mais forte.

— Ouvi dizer que você teve um tipo de ataque — falou Nicole, parecendo mais curiosa do que preocupada. — Está tomando alguma medicação?

Claire se sentiu ruborizar. E forçou-se a continuar parada onde estava.

— Tive um ataque de pânico, mas consegui superar e trabalhar assim mesmo.

— Não espere um prêmio por aparecer por lá — resmungou Nicole.

O embaraço de Claire se transformou em irritação:

— Eu pedi algum prêmio? Aliás, pedi alguma coisa? Pelo que me recordo dos eventos mais recentes, foi Jesse quem me ligou pedindo para eu vir para casa porque você precisava de ajuda. Deixei tudo de lado e peguei o primeiro voo para cá, na manhã seguinte, para fazer exatamente isso, tomar conta de você. Servi lanches e refeições, a ajudei a ir ao banheiro, peguei o que me pedia, ajudei na confeitaria e você me retribuiu não sendo nada além de maldosa e sarcástica. O que há de errado com você?

Nicole deixou o garfo cair na bandeja.

— Errado comigo? Foi você quem estragou tudo. Acha que eu deveria ser grata por trazer essa sua pessoa tão especial para o mundo dos pobres ignorantes por uns poucos dias? Acha que isso compensa todo o resto?

— Os rótulos são todos seus, não meus. — Claire ergueu a voz. — E quanto a finalmente aparecer, venho tentando retomar contato com você há anos. Mande cartas e enviei e-mails. Deixei recados. Você nunca me retornou. Nunca. Convidei você para me acompanhar na turnê, a convidei para ir à minha casa. A resposta era sempre a mesma. Não. Ou, para ser mais precisa: vá para o inferno.

— E por que eu iria querer passar meu tempo com você, que não passa de uma princesinha egoísta, mimada, assassina da própria mãe?

*E eu a odeio.*

Nicole não disse as últimas palavras, mas não precisava.

Claire encarou a irmã por um longo tempo, sem saber direito que acusação refutava primeiro.

— Você não me conhece — falou ela em voz baixa. — Há mais de vinte anos não sabe quem eu sou.

— E de quem é a culpa?

— Não é minha. — Claire respirou fundo. — Eu não a matei. Estávamos juntas no carro. Era muito tarde, estava chovendo e outro carro apareceu do nada. Ele nos atingiu, do lado em que mamãe estava. Ficamos presas e ela estava morrendo. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Claire fechou os olhos tentando evitar o pesadelo das lembranças. O frio daquela noite, o modo como a chuva entrava no carro destruído, o som dos gemidos da mãe que morria.

— Eu a perdi, também — sussurrou Claire, olhando para a irmã. — Ela era tudo o que eu tinha, e eu também a perdi.

— E acha que eu me importo com você? — gritou Nicole. — Pois não me importo. Ela se foi. Se foi por sua causa, e ela era tudo o que *eu* tinha. A mamãe nos deixou e tive que tomar conta de tudo por aqui. Eu tinha apenas 12 anos quando ela foi embora. Apenas 12 anos quando descobri que mamãe preferia ficar com você do que comigo, ou com Jesse, ou com papai. Ela simplesmente partiu e tive que cuidar de tudo. Tomar conta de Jesse, da casa e ajudar na confeitaria. Então ela morreu. Você sabe como foram as coisas depois disso? Sabe?

Claire lembrou-se do funeral da mãe. De como ficara lá parada, ao lado de Lisa, e não da própria família, porque eram todos estranhos para ela. De como sentira vontade de chorar, mas não haviam restado lágrimas.

Ela se lembrou do quanto desejou estar com Nicole, sua gêmea. Como ansiara por ouvir o pai dizer que já era hora de ela voltar para casa. De ficar em casa. Mas, em vez disso, Lisa falara com ele sobre a agenda de Claire, e sobre as datas dos concertos. Disse que ela era muito madura para sua idade e perfeitamente capaz de tomar conta da própria vida sem um guardião legal ou um acompanhante por perto. O pai concordara.

Jesse na época tinha 10 anos e era uma estranha para ela, e Nicole estivera o tempo todo distante e zangada. Do jeito que ainda estava.

— Volte para sua vida extravagante — disse Nicole. — Volte para o seu estúpido piano e para os seus hotéis. Volte para onde não precisa se esforçar para conseguir nada do que tem. Não a quero aqui. Nunca a quis aqui. E sabe por quê?

Claire manteve-se firme onde estava, pois sentia que a irmã precisava falar, e cabia a ela ouvir o que Nicole tinha a dizer.

Os olhos azuis de Nicole pareciam arder com uma raiva intensa.

— Porque todas as noites depois que mamãe morreu eu rezava a Deus para que voltasse o tempo e levasse você, e não ela. Ainda desejo isso.

CLAIRE SENTOU-SE na beira da cama do quarto de hóspedes e deixou as lágrimas correrem. Elas rolavam por suas faces, uma depois da outra, extravasando a dor que sentia pela enorme ferida aberta dentro dela.

Claire tinha consciência da raiva e do ressentimento que Nicole guardava, mas jamais imaginara que a irmã desejaria sua morte.

Era uma situação sem esperança, pensou, desesperada. Viera para casa para nada. Ninguém a queria e ela não tinha para onde ir.

Claire cobriu o rosto com as mãos e chorou por mais alguns minutos. Então fungou e chegou à conclusão de que não podia sentir pena de si mesma para sempre. Mas talvez fosse aceitável fazer isso pelo resto da noite.

Ela levantou da cama e pegou a mala. No fundo, havia um pequeno álbum de fotos. Claire pegou-o e sentou-se na cama.

Havia apenas cerca de uma dúzia de fotografias no álbum, todas tiradas antes que ela fosse embora de Seattle, aos 6 anos. Ela e Nicole rindo. Ela e Nicole montadas em um pônei. As fantasias idênticas para um Dia das Bruxas, quando ambas foram a Dorothy, de *O Mágico de Oz*. Uma das fotos mostrava as duas juntas, na cama, dormindo, aconchegadas uma à outra como gatinhos.

Claire tocou a superfície lisa e fria do álbum, lembrando, ansiando, sabendo que nada mudaria o que o tempo e a distância haviam destruído.

Depois de lavar o rosto, pegou uma caixa de lenços de papel e levou-os para a cama. Então, trocou de roupa, vestindo uma camiseta bem maior que seu tamanho, que comprara em Londres — e que tinha uma foto enorme do príncipe William na frente —, e se enfiou na cama. Claire sabia que não conseguiria dormir, mas se aconchegou entre as cobertas mesmo assim, para chorar com mais conforto.

Ela checkou a programação de vários canais na pequena televisão que ficava sobre a cômoda. Enquanto as imagens se sucediam diante de seus olhos, Claire se perguntou se ela e Nicole algum dia fariam as pazes com o passado e uma com a outra, ou se estavam destinadas a ser estranhas para sempre. Não pretendia desistir, mas a verdade era que ela era apenas metade da equação.

E quanto a Jesse? Claire pensou na conversa que tivera com a irmã caçula naquela manhã. Como Jesse podia ter abusado da confiança de Nicole daquele jeito? Ela realmente havia dormido com Drew? Ou podia ter sido tudo um mal-entendido? Se não fosse, a tarefa de reconciliar aquelas duas seria quase impossível. Não que ela mesma estivesse fazendo grandes progressos. Na verdade, sua vida pessoal com certeza estava colocando seus problemas profissionais em perspectiva.

Os olhos de Claire se fecharam, ela sentiu a mente divagando e agradeceu a fuga que o sono lhe proporcionaria. Depois do que pareceram alguns poucos segundos — embora houvessem se passado duas horas, na verdade — Claire ouviu um estalo nos degraus da escada. Ela ergueu o corpo e ouviu o barulho novamente.

Eram apenas passos, disse a si mesma, preparando-se para virar para o lado. Então sentou-se na cama. Nicole não podia descer escadas, e Jesse era leve demais para fazer tanto barulho. A possibilidade de ser Wyatt passou imediatamente por sua cabeça, mas os passos soavam tão furtivos... Como se a pessoa que estivesse subindo as escadas estivesse tentando não fazer barulho.

Claire saiu da cama, se esgueirou até a porta, abriu uma fresta e olhou para fora. E viu com clareza um homem estranho parado no corredor olhando para a porta do quarto de Nicole.

Ele era apenas alguns centímetros mais alto do que ela, e não parecia muito forte. Seguindo seu instinto, Claire olhou ao redor em busca de uma arma. A única coisa que viu foi um par de sapatos de salto alto. Ela agarrou um e saiu silenciosamente para o corredor.

O homem foi até a porta de Nicole e abriu-a. Claire não parou para pensar, simplesmente atacou, pulando nas costas dele e atingindo-o com o salto do sapato. O homem deu um grito agudo e cambaleou para dentro do quarto de Nicole, berrando o tempo todo para que ela o soltasse.

— Ligue para a polícia! — gritou Claire enquanto ela e o homem iam ao chão.

Claire se preparou para o impacto. Por sorte, foi o homem que caiu sobre o chão duro de madeira, ela apenas aterrissou em cima dele. Enquanto o intruso ainda ofegava, Claire largou o sapato, agarrou o pulso direito dele com ambas as mãos e puxou seu braço para trás e para cima, nas costas. O homem gritou de dor. Ao mesmo tempo, ela plantou o pé na nuca dele e apertou com a maior força possível.

O homem praguejou alto.

— Droga, estou sangrando. Maldição, Nicole, que diabos está acontecendo aqui?

— Ligue para a polícia — repetiu Claire. — Não vou conseguir segurá-lo por muito tempo.

Nicole sentou-se e observou a cena.

— Claire, devo dizer que estou realmente impressionada. Onde aprendeu a fazer isso?

Claire sentiu que já não tinha muita força.

— Fiz aulas de artes marciais por uns dois anos, nos intervalos entre as turnês. Além disso, via meus seguranças em ação.

— Você tem seguranças?

Mais uma vez dissera a coisa errada, pensou Claire, com um suspiro.

— Não o tempo todo. Em Nova York, não, mas algumas vezes na Europa é necessário. Os fãs podem ser agressivos.

— Nicole!

O grito veio do homem que ela ainda prendia. Claire olhou para ele, e depois para a irmã.

— Ele a conhece?

— Parece que sim. Pode soltá-lo. Esse é Drew, meu marido.

Marido...

— O quê? — Claire soltou o pulso do homem e saiu de cima de seu pescoço. — Drew? — O desgraçado infiel que fora para a cama com a irmã da esposa?

O homem em questão levantou devagar e olhou furioso para ela.

— Quem diabos é você?

Ele era bem-apessoado, pensou Claire, distraída, desde que se ignorasse o corte que sangrava em seu rosto e o outro, logo abaixo da orelha. Os ferimentos davam um novo significado à expressão “saltos altos arrasadores”.

Ela ignorou-o e pegou o sapato.

— Estarei no final do corredor, se precisar de mim.

Nicole olhou para Claire.

— Obrigada.

— Sem problemas.

Claire deixou a porta do quarto de Nicole aberta e voltou para o quarto de hóspedes. Quando abriu sua porta, ouviu Drew repetir, impaciente, a pergunta que havia feito.

— Quem diabos é ela? — Mas Claire não ouviu a resposta de Nicole.

Sentindo-se orgulhosa de si mesma e poderosa, Claire afundou na cama e sorriu. Fizera tudo certo. Talvez devesse começar a fazer exercícios para ficar mais forte. Ou talvez pudesse voltar às aulas de artes marciais. Poderia se transformar em uma máquina letal e perigosa. Ela baixou os olhos para os dedos longos e finos — uma parte das mãos esquisitas que ela supostamente deveria proteger a todo custo. Talvez não.

Claire voltou sua atenção para a televisão, sendo que o que realmente tinha vontade de fazer era ouvir atrás da porta. Mas isso seria grosseiro. Ela fez o melhor que podia para prestar atenção em um programa que passava, mas deu um pulo na cama quando ouviu Drew começar a gritar.

— Você entendeu tudo errado!

— Como entendi errado? — gritou Nicole, tão alto quanto Drew. — Está dizendo que simplesmente escorregaram no tapete e acabaram fazendo sexo? Ela é minha irmã, seu infeliz! Minha irmã caçula. Se queria me trair, ao menos deixasse minha família de lado!

— Escute, sei que foi terrível, mas não é o que está pensando.

— Dizer que não significou nada não vai ajudá-lo.

— Não estou dizendo isso. Só quero que saiba o quanto sinto por isso tê-la magoado tanto. — O tom de voz dele agora era mais baixo.

Claire tirou o som da televisão e foi na ponta dos pés até a porta do seu quarto. Como ainda não conseguia ouvir nada, abriu uma fresta.

— Nunca quis magoá-la — falou Drew.

Claire franziu o cenho. Seria a primeira a admitir que não sabia nada sobre homens e mulheres, e sobre as complicações de um relacionamento, mas tinha a impressão de que Drew estava se desculpando pela coisa errada. O problema não era ele ter magoado Nicole, e sim ele ter feito sexo com a irmã dela.

Nicole pareceu concordar com isso. Claire ouviu o som de alguma coisa se espatifando, seguido por um grito.

— Saia daqui, seu desgraçado, nojento! Saia daqui!

Claire abriu a porta toda. Se fosse preciso, estava preparada para escoltar Drew para fora da casa. Ela se perguntou como ele teria conseguido entrar, mas logo imaginou que Drew ainda deveria ter uma chave. Falaria com Nicole sobre a possibilidade de trocarem as fechaduras. Antes que Claire pudesse decidir se interferiria ou não, ela ouviu novos passos nas escadas. Quem seria, agora?

Wyatt não conseguia acreditar que Drew fora estúpido o bastante para aparecer ali. Havia alguns relacionamentos que não podiam ser consertados, e o casamento dele com Nicole era um desses. Não

havia como se redimir de ter dormido com Jesse. Wyatt não sabia se Drew era otimista demais, ou apenas muito estúpido para não perceber isso por si mesmo.

Ele subiu as escadas, mas deteve-se perto do topo ao ver Claire parada no corredor. Ela estava falando — ou ao menos Wyatt achou que sim. Os lábios dela se moviam e provavelmente havia algum som, mas ele não conseguia ouvir. Não, quando cada célula do seu corpo parecia zozna diante da visão de Claire usando uma camiseta grande demais para seu tamanho e — Wyatt praguejou e agradeceu aos céus por isso ao mesmo tempo — mais nada.

O rosto dela estava lavado, sem maquiagem alguma, e seus cabelos caíam pelas costas, longos e lisos. A camiseta mal cobria a parte de cima das suas coxas e ele teria apostado todo o dinheiro que tinha que ela não estava usando sutiã.

— Ele simplesmente apareceu. Não sabia quem era, então pulei em cima dele. Acho que os cortes não são muito fundos. Na verdade, não me preocupo nem um pouco com ele, mas de qualquer modo alguém deveria dar uma olhada nos machucados. Podem infeccionar.

Wyatt não tinha a menor ideia do que ela estava falando.

Claire deu um passo na direção dele. Opa, não havia mesmo sutiã embaixo daquela camisa. E, pior, ele conseguia ver os mamilos delineados pelo algodão macio.

Calcinha, disse Wyatt a si mesmo. Ela devia estar usando uma calcinha. Isso já era alguma coisa, certo?

Não, não era alguma coisa, se ele logo começava a imaginar apenas um pedacinho de seda e renda, e nada mais. Wyatt esfregou a parte de cima do nariz. Por que ela? Era só isso o que queria saber. Reconhecia que tinha um péssimo gosto para mulheres, mas por que ela? Por que não alguém razoavelmente inteligente e com um mínimo de compaixão? Ou apenas uma pessoa comum. Não a princesa de gelo.

Ele passou por Claire e entrou no quarto de Nicole. Ignorando o meio-irmão, perguntou à amiga:

— Você está bem?

Nicole sacudiu a cabeça.

— Tire ele daqui.

— Está bem. — Wyatt relanceou o olhar para Drew. — Você não deveria ter vindo. Você...

Ele reparou nos cortes profundos no rosto e no pescoço de Drew.

— O que aconteceu?

— Claire o atacou — disse Nicole. E deixou escapar um som que parecia um soluço e uma risada ao mesmo tempo. — Na verdade, foi bem impressionante. Ela pulou nas costas de Drew e começou a bater nele com um sapato. Ambos caíram. Claire prendeu-o com algum tipo de chave de braço, então apoiou o pé em sua nuca. Acho que oferecem aulas bem interessantes na escola de música...

Claire atacara Drew para proteger a irmã? Quem teria imaginado...

— Ela me pegou de surpresa — falou Drew, na defensiva. — Andei bebendo e meus reflexos não estão funcionando direito.

Wyatt não conseguiu evitar um sorriso.

— Você foi derrubado por uma garota?

— Cale a boca.

— Eu poderia dizer para você vir me calar, mas ambos sabemos que isso não vai acontecer. Duvido que Claire chegue a pesar 60kg. Puxa, Drew, isso é embaraçoso. — Ele agarrou o braço do irmão. — Vamos. Vou levá-lo para casa. Lá você pode dormir para esquecer.

Drew soltou o braço.

— Não vou embora. Meu lugar é aqui, com Nicole. Eu a amo.

— Você tem um jeito engraçado de demonstrar isso — resmungou Wyatt. — Vamos. Não me faça pedir a Claire para derrubá-lo novamente.

— Me largue. Ao menos eu estava tentando lutar pela minha mulher.

Wyatt ignorou a provocação. Não teria valido a pena lutar por Shanna.

— Se tivesse sido fiel, não precisaria lutar.

Drew olhou com raiva para o irmão e saiu pisando firme para o corredor. Wyatt observou-o, para se certificar de que ele não iria na direção do quarto de Claire, então voltou-se para Nicole.

— Você está bem? Um dos colegas de Drew me avisou que ele havia bebido demais esta noite e que falara sobre como sentia sua falta. O homem pensou que era apenas conversa, mas resolvi passar na casa de Drew para me certificar de que ele estava lá. Mas ele não estava. Passei por aqui e vi a caminhonete dele em frente à casa.

Nicole se jogou contra os travesseiros.

— Estou bem. Drew é um idiota, e nem mesmo se desculpou pelo que fez. Ele sente muito ter sido pego, mas não acho que se importa por ter feito sexo com Jesse. — As lágrimas encheram seus olhos. — Ainda não consigo acreditar que isso aconteceu.

Wyatt sentou-se perto dela.

— Eu sei. Ele é um imbecil.

Nicole assentiu.

— Eu não o amo mais. Não consigo. Mais ainda dói. — Ela secou o rosto com um lenço de papel. — Obrigada por vir.

— Mas parece que a situação já estava sob controle.

Nicole deu um sorriso trêmulo.

— Ela parecia um bicho. Fiquei impressionada.

— Drew se sentirá humilhado por semanas. Isso deve valer alguma coisa.

— Pode ter certeza.

Wyatt deu um tapinha no braço dela e se levantou.

— Vou me certificar de que ele chegue inteiro em casa.

— Está certo.

— Vejo você de manhã.

Wyatt se preparou para o impacto de ver Claire novamente. Ela ainda estava parada no corredor, parecendo muito sexy e praticamente nua. Devia ser uma dessas mulheres que alegavam não ter nenhuma

ideia do efeito que provocavam em um homem, andando por aí daquele jeito.

Ele odiou o desejo que o invadiu, o calor e a ânsia que o faziam se sentir primitivo, voraz. Claire era a mulher mais errada possível — não que ele mesmo fosse o homem certo para alguém.

Claire olhou além de Wyatt, na direção da irmã. Ela desejou estar bem com a irmã para que pudesse confortá-la agora e talvez ajudar a melhorar um pouco uma situação terrível.

— Preciso falar com você — falou Wyatt, parecendo quase zangado.

Claire aprumou os ombros.

— Não sinto ter machucado Drew.

— Nem eu.

— Oh. Que bom. Achei que você estava zangado comigo ou alguma coisa assim.

— Não estou zangado.

Wyatt focalizou algum ponto acima da cabeça de Claire. Ela se virou para ver o que era, mas não conseguiu descobrir o que chamara a atenção dele.

— É sobre Amy — disse Wyatt. — A minha filha.

Claire cruzou os braços à frente dos seios.

— Sei quem é Amy.

— Nicole toma conta dela depois da escola em dois dias da semana. Só até eu sair do trabalho. Mas como Nicole está de cama, se recuperando da operação, isso não tem sido possível. Trabalho com construção civil, por isso nem sempre Amy pode ficar comigo. Canteiros de obras não são lugares seguros.

Claire não tinha a menor ideia do que ele estava falando. Talvez Wyatt quisesse que ela levasse Amy até a casa da pessoa que tomaria conta dela por enquanto.

— Ela gosta de você — falou ele, soando bastante infeliz com o fato. — Se incomodaria de tomar conta de Amy? Não será por muito tempo, durante uma semana, talvez. Eu lhe pagarei.

Claire piscou, aturdida. Amy gostava dela? Uma onda quente de pura felicidade invadiu seu corpo.

— É mesmo? Amy disse que gostaria que eu tomasse conta dela?

— Vai entender... — resmungou Wyatt.

Amy gostava dela! Claire teve vontade de dançar de alegria, bem ali, no meio do corredor. Finalmente alguém ali gostava de sua companhia!

— Eu também gosto de Amy — disse ela a Wyatt. — É claro que tomarei conta dela. Será uma delícia. Só me diga quando e onde e estarei lá. E você não tem que me pagar. Ficarei feliz em ajudar.

— Não exagere a importância disso.

— Não farei isso.

— Você está rindo. É uma novidade.

— Estou animada. Terei a chance de aprender a linguagem de sinais.

— Não há nada de animado nisso. Amy é uma criança e você vai tomar conta dela. Fim da história.

Talvez para ele, mas para Claire aquela era a primeira coisa positiva que acontecia desde que ela chegara em Seattle.

— Começamos amanhã? — perguntou Claire.

Wyatt suspirou alto.

— Eu vou me arrepender disso, não vou?

Claire manteve oculta a alegria que a invadira.

— Nem por um minuto. Obrigada, Wyatt.

Ele resmungou alguma coisa e partiu. Claire entrou em seu quarto e se jogou na cama.

Aquilo era um sinal, disse a si mesma. As coisas estavam mudando. Tudo ia dar muito certo no final!

## Capítulo Seis

CLAIRE ENTROU na confeitaria às quatro e meia da manhã seguinte. Sid a viu e começou a balançar a cabeça.

— Não.

Ela ignorou o que ele dissera.

— Estou aqui para trabalhar.

— Não conseguimos suportar sua ajuda.

— Fiz tudo certo ontem.

— Você teve um colapso.

Claire não queria pensar naquilo.

— Eu tive um ataque de pânico e consegui superá-lo. Ajudei você quando estava encrocado. Me deve isso.

— Isso é besteira.

Claire colocou as mãos nos quadris.

— É verdade e você sabe muito bem disso. Além do mais, sou irmã de Nicole. Esse é um negócio de família, e sou da família. Portanto, coloque-me para trabalhar.

Sid encarou-a, irritado.

— Por que quer ficar aqui?

Claire lembrou-se de uma frase do filme *A força do destino*, do grito apaixonado de Richard Gere dizendo que não tinha outro lugar para onde ir.

— É importante para mim. Estou me oferecendo para trabalhar de graça. Por que isso é um problema?

— Porque há dois dias você arruinou a produção do dia de pão francês. Você é uma chata.

Claire se encolheu diante da lembrança.

— Aquela história do sal não foi só culpa minha.

Sid voltou a olhá-la com raiva.

Claire ergueu ambas as mãos.

— Não que eu não aceite a minha responsabilidade da situação. Escute, estou pedindo apenas que me deixe ajudar. Deve haver alguma coisa que eu possa fazer.

Apesar do barulho alto dos misturadores e do zumbido dos fornos, ela podia jurar que ouvira ele bufar de impaciência. Mas Sid não a mandou embora de novo. Em vez disso, gritou.

— Phil, a princesa está de volta.

Phil, um homem alto e magro, ergueu a cabeça por trás de um carrinho de transporte.

— Diga a ela para ficar longe de mim.

— Estava pensando que ela podia colocar os granulados de chocolate.

— O quê?

Sid apontou o dedo para Claire.

— Não faça besteira.

— Dou minha palavra. Não farei. Eu juro.

Sid não parecia muito convencido quando se afastou.

Claire virou-se para Phil e lhe ofereceu seu melhor sorriso. Ele a encarou irritado.

— Venha.

Ela se apressou atrás dele, torcendo o corpo por entre as passagens apertadas, evitando encostar em qualquer equipamento. Eles pararam em frente a uma correia transportadora que se movia lentamente.

— O mecanismo que distribui os granulados sobre a massa está quebrado. — Phil lhe estendeu uma touca de cabelo e luvas. — Você vai colocar os granulados a mão. Não pode ser de mais nem de menos. Entendeu, Cachinhos Dourados?

Claire assentiu, desejando saber quanto seria a quantidade certa.

— É isso que vai usar? — perguntou ele.

Ela baixou os olhos para as calças pretas de lã e para o suéter de tricô e voltou a assentir.

Phil resmungou alguma coisa e passou a Claire o que parecia ser um saleiro gigante. Então, apertou um botão sobre a correia transportadora e ela começou a se mover novamente.

Donuts cobertos de chocolate começaram a avançar devagar na direção dela.

— Espalhe o granulado — disse Phil.

Claire detestou não estar vestida da forma correta e achou enervante o modo desaprovador como Phil a olhava. E, pior, quando ela sacudiu o granulado sobre o primeiro donut, caiu quase meio quilo.

— Que ótimo... — resmungou mais uma vez Phil, com ironia.

— Eu vou conseguir — falou Claire, tentando não demonstrar fragilidade.

— É só para polvilhar os granulados. Não deveria ser necessário um longo aprendizado. — E, dizendo isso, ele afastou-se.

Claire rapidamente aprendeu o ângulo certo para virar o polvilhador e começou a cobrir todos os donuts uniformemente. A cobertura de chocolate mudou para cobertura branca e ela continuou a polvilhar.

Quando seu braço direito ficou cansado, Claire trocou para o esquerdo e, depois, voltou ao direito.

Trinta minutos depois, seus dois braços pareciam queimar e tremiam, mas ela não parou até que Phil reapareceu e desligou a correia transportadora.

— Muffins nas bandejas — falou ele a título de explicação e começou a andar.

Claire deixou o polvilhador de lado e acompanhou-o.

Eles pararam diante de vários carrinhos de transporte cheios de muffins quentes, fumegantes. Ela sentiu a boca encher de água.

Phil apontou dos muffins para as bandejas vazias que encaixariam na vitrine da confeitaria.

— Mantenha o mesmo tipo na mesma bandeja. Encha as bandejas. Entendeu?

Claire assentiu e começou a trabalhar.

Depois de terminar de arrumar os muffins, ela colocou dúzias e dúzias de bagels em caixas. Às seis e meia da manhã, escapuliu da confeitaria e voltou para casa. Então, fez café e levou para Nicole junto com dois muffins fresquinhos.

Nicole ainda estava dormindo. Claire entrou silenciosamente no quarto, colocou tudo sobre a mesinha de cabeceira e saiu na ponta dos pés. Estava de volta à confeitaria às sete e quinze, e logo começou a embalar pães em sacos plásticos.

NICOLE ACORDOU e rolou na cama. E levou mais alguns instantes para perceber que o cheiro de café que sentia não era apenas sua imaginação, e que ao lado da garrafa com café havia também um prato com muffins frescos. Muffins que só podiam ter vindo da confeitaria.

Mal passava da sete e meia da manhã, o que queria dizer que Claire levantara cedo, fora até a confeitaria, pegara os muffins e voltara. Talvez não fosse nada demais para uma pessoa qualquer, mas para a princesa do piano? Trabalho de verdade?

Nicole sentou-se na cama com cuidado, contendo um gemido quando o movimento acabou mexendo com a incisão. Ultimamente, ela sempre começava seus dias sentindo dor. Sabia que estava convalescendo, mas o processo todo demorava muito mais do que ela gostaria. E ainda havia...

Lembranças da noite anterior a atingiram subitamente. A briga com Claire, o que ela, Nicole, gritara para a irmã, Drew aparecendo de repente, Claire atacando-o.

A irmã parecera possuída, pulando nas costas de Drew e empunhando aquele salto alto como uma faca. Ela conseguira derrubá-lo no chão, o que fora mesmo impressionante. Claire a protegera, mesmo depois de tudo o que ela dissera.

Nicole pegou a garrafa térmica e se serviu de uma xícara, então provou a bebida quente.

Claire era como um desses filhotinhos de cachorro que continuavam a andar atrás da pessoa, mesmo depois de ela mandá-lo embora. Só que a irmã não era um filhotinho, e Nicole não lhe dissera para ir embora — dissera que desejava que a irmã estivesse morta.

— Foi uma coisa terrível de se dizer — murmurou para si mesma. Pior, na hora falara sério. Não desejara aquilo na véspera. Mas, doze anos atrás, quando a mãe delas havia morrido, ela realmente quisera que Claire tomasse o lugar da mãe.

As coisas não deveriam ser assim, pensou Nicole com tristeza. Deveriam ser diferentes. Ela e Claire haviam sido tão próximas quando eram pequenas. Como a maioria dos gêmeos, elas sabiam o que a outra pensava. Uma contava com a outra. Então, um dia, Claire partiu e Nicole sentiu como se alguém houvesse lhe cortado um braço.

Ela passara semanas chorando, vagando de quarto em quarto, pensando que, se procurasse bem, talvez encontrasse a irmã. Mas Claire realmente partira — provavelmente estava aproveitando sua nova vida de princesa, pensou Nicole, com amargura.

Uma onda de raiva familiar a invadiu — ressentimento por tudo o que Claire experimentara, e irritação porque ela, Nicole, se importava. Era uma fúria genuína por ter sido deixada para trás, sendo obrigada a tomar conta de tudo.

Nicole deu outro gole no café, a bebida que Claire fizera e levava para ela. Está certo, talvez aquilo não fosse o início da paz mundial, mas Claire estava se esforçando. Ela poderia ter partido na primeira vez em que Nicole lhe dissera para fazer isso. Mas não fora. Ficara ali e continuara tentando.

Com qualquer outra pessoa, Nicole acreditaria que isso significava alguma coisa. Só que com Claire... Nicole não conseguia saber se era tudo um jogo, ou não. Mas talvez, apenas talvez, fosse hora de parar de presumir o pior.

Pouco depois do meio-dia, Claire subiu as escadas. Ela bateu na porta aberta de Nicole e entrou.

— Como está se sentindo? — perguntou.

— Um pouco melhor.

— Que bom.

— Obrigada por me trazer café e muffins. Estavam muito bons.

O rosto de Claire se iluminou.

— De nada. Fiquei feliz em poder fazer isso.

Milhares de comentários sarcásticos ocorreram a Nicole. Vieram com tanta rapidez que ela teria dificuldade em escolher um. Então se lembrou do que acontecera na véspera, do que dissera à irmã e do que Claire fizera depois. E jurou para si mesma que tentaria não ser tão cretina.

— Você levantou cedo.

Claire sentou-se na cadeira ao lado da cama.

— Estava na confeitaria às quatro e meia. Sid quase teve um ataque cardíaco, mas eu prometi a ele que não faria nenhuma besteira. Disse que só queria ajudar. A princípio ele não acreditou em mim, mas então me colocou para trabalhar. Polvilhei os granulados sobre os donuts, arrumei os bagels, esse tipo de coisa.

Trabalho bobo, pensou Nicole. Por onde os garotos novos sempre começavam. Sendo “garotos” a palavra-chave.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Nicole. — Levantando tão cedo e indo até lá para fazer trabalhos menores?

Claire franziu o cenho.

— Porque aquele é um negócio de família e você não pode estar lá. Sei que não posso ocupar seu

lugar especificamente, mas posso liberar uma outra pessoa para que ela faça o que é importante.

As palavras faziam sentido, mas nesse contexto eram muito confusas.

— Você é uma famosa concertista de piano. Provavelmente fatura milhões de dólares por ano. Por que se importaria com a confeitaria?

Claire encarou a irmã como se ela não fosse tão esperta quanto imaginara.

— Você é minha irmã. É claro que me importo.

Depois de tudo o que acontecera. Depois de tudo que fora dito. Pela primeira vez em muito tempo...

Ou talvez como nunca acontecera antes... Nicole se sentiu muito, muito pequena.

— Escute, eu... — Ela cerrou os lábios. Pedir desculpas não era um de seus maiores talentos. —

Sobre ontem à noite... O que eu disse. — Nicole suspirou. — Me desculpe.

Claire assentiu.

— Eu sei. E estou certa de que se estivesse em sua posição diria a mesma coisa.

Por algum motivo, Nicole duvidava disso.

— Está tudo bem — acrescentou Claire.

Nicole também não acreditava nisso. Mas se desculpara e agora tentaria ser mais gentil.

— A confeitaria é realmente interessante — disse Claire. — Tudo acontece tão rápido. Todos aqueles produtos. Sid me fez ficar bem longe dos bolos de chocolate, mas vi alguns saindo do forno.

— O famoso bolo de chocolate Keyes — resmungou Nicole. — É bem lucrativo.

A receita já estava na família há gerações, e era uma das preferidas dos moradores de Seattle. Nos anos 1980, um político local, que queria causar boa impressão, enviara um deles para o presidente Reagan. O bolo fora servido em um jantar na Casa Branca e o presidente declarara que era melhor do que balas de goma coloridas.

Três anos antes, Nicole recebera um telefonema de um dos produtores da apresentadora Oprah Winfrey, que lhe dissera que o bolo seria mostrado no programa. Nicole, então, contratara uma empresa para lidar com o grande número de ligações que passaram a receber, avisara a seus empregados para estarem preparados para turnos de dezoito horas, e voara para Chicago, com altas expectativas.

Oprah fora adorável e falara com entusiasmo sobre o bolo por oito segundos inteiros, então mudara o tema da conversa para Claire e para um concerto dela que a rainha dos programas de entrevista havia assistido algumas semanas antes. Durante um tempo houve algum aumento de encomendas na confeitaria, seguido por... Mais nada.

— Não sei como você consegue — disse Claire, muito séria. — Tocár o negócio, quero dizer. É muito trabalho. Como você sabe quantos donuts e bagels deve fazer, e de que tipo? Ter todas aquelas pessoas trabalhando sob seu comando também não deve ser fácil. Eu só preciso lidar com Lisa, e às vezes isso é um problema.

— Sabemos o que vende — disse Nicole, ignorando a carência que sentiu. — Temos anos de história nisso.

— Mas você toca um negócio de muito sucesso.

Nicole deu de ombros.

— Venho fazendo isso há anos. Comecei como ajudante quando ainda era menina. Quando estava no colegial, era responsável pela maior parte do negócio. Uns dois anos depois, já cuidava de tudo.

O pai delas nunca se interessara pela confeitaria. Fazia o trabalho apenas por obrigação. Mas Nicole realmente gostava do que fazia.

— Eu não conseguiria — disse Claire. — Não tenho o menor tino para os negócios.

— Você apenas não tem prática — retrucou Nicole. — As coisas teriam sido diferentes se tivesse ficado aqui.

Claire mordeu o lábio.

— Sinto muito ter partido.

Nicole sentiu que estava sendo arrastada para uma conversa que não tinha vontade de ter.

— Você tinha 6 anos — falou ela, ressentida. — Não tinha escolha.

— Mas você acabou ficando responsável por tudo aqui. A confeitaria, cuidar de você mesma, de Jesse.

— Essa última pode ter certeza que estraguei — resmungou Nicole, tentando não se deixar levar pela combinação dolorosa de raiva e mágoa pela traição que sofrera, como sempre acontecia quando ela pensava em Jesse e Drew.

— Sinto muito por isso.

— Como descobriu? — Nicole não podia imaginar Wyatt falando a respeito.

— Jesse me contou. Ela estava parada na frente da casa dois dias atrás. Foi ela que me ligou para me pedir que viesse ajudar você... — Claire torceu os lábios. — Não consigo entender como ela pode ter feito uma coisa dessas.

— Nem eu — falou Nicole, odiando-se por querer perguntar como estava Jesse. Realmente sentia falta da irmã caçula? Depois de tudo o que Jesse fizera? Impossível. — Vamos mudar de assunto.

— Está bem. Wyatt me pediu para tomar conta de Amy.

— Você já tomou conta de crianças alguma vez?

— Não. É difícil?

Nicole pensou em uma dezena de comentários maldosos, um mais cruel do que o outro. Mas em vez de dizer qualquer um deles, sorriu.

— Imagino que possa ser, com outra criança. Mas não com Amy. Ela é um doce e estou certa de que vocês vão se dar muito bem.

CLAIRE ESPEROU na parada do ônibus enquanto Amy acenava para as amigas e descia.

— Como foi seu dia? — sinalizou Claire, e depois pegou a mochila da menina.

— Bom — sinalizou Amy de volta, então disse: — Você esteve praticando.

— Um pouco. Estou tentando. — Claire apontou o carro que alugara. O plano era que pegasse Amy e a levasse para a casa de Nicole.

Ela parou ao lado da porta do passageiro e falou, lentamente, encarando Amy, para que a menina pudesse ler seus lábios:

— Preciso fazer compras. Preciso de roupas diferentes. Talvez um jeans...

Amy fez algum sinal que Claire não compreendeu.

— Esportiva — disse a menina.

— Isso mesmo. E preciso de um livro de receitas também. — Ela soletrou *receitas* com os dedos e então fez o sinal para *livro*. — Algum que tenha receitas realmente fáceis. Quer vir comigo ou prefere ir para a casa de Nicole?

Amy apontou para ela.

— Compras.

Claire sorriu.

— Meninas crescem rápido...

Vinte minutos depois, elas estavam no shopping. Claire já havia ligado para Nicole para avisar que passariam um tempo ali. Depois de estacionar, ela e Amy foram direto para uma loja de departamentos.

— Você precisa de um jeans — disse Amy, enquanto sinalizava.

Claire apontou para suas calças de lã. Mais do que jeans. Precisava de todo um guarda-roupa novo, que não fosse caro e difícil de manter. Cashmere era um tecido lindo, mas não para usar todo dia, o tempo todo.

Quando entraram na loja, Amy assumiu o controle. Claire tentou não ficar aborrecida com o fato de que uma menina de 8 anos sabia mais sobre compras do que ela. A verdade era que raramente ia às compras. Lisa, sua agente, levava uma seleção de peças de roupas para o apartamento de Claire, ou para seu quarto de hotel, se estivesse em turnê. Claire experimentava e ficava com as que mais gostava.

Ela usava peças clássicas de estilistas caros. E suas roupas para as apresentações eram, na maioria das vezes, vestidos pretos... Variações sobre um mesmo tema. Claire não tinha jeans, camisetas ou blusas de moletom. E isso precisava mudar.

Amy levou-a até o lugar onde ficavam as prateleiras de jeans em diversas tonalidades. Claire pegou um azul-escuro e um preto, e seguiu a menina até as prateleiras de camisas e blusas de tricô. Algumas eram lisas, mas outras tinham enfeites — estampas ou flores aplicadas. Até mesmo pequenos cristais cintilantes. Ela pegou uma jaqueta jeans, mais dois pares de jeans clássicos, suéteres esportivos e duas blusas brancas de algodão.

Amy pegou camisetas, uma blusa frente-única em um rosa brilhante e duas túnicas rendadas a respeito das quais Claire ainda não estava muito certa. Então as duas seguiram para os provadores.

Trinta minutos depois, Claire tinha um guarda-roupa esportivo, cheio de roupas de algodão em cores divertidas e fáceis de conservar. Ela comprou jeans com flores bordadas nos bolsos traseiros e camisetas pequenas e justas que se colavam ao seu corpo, deixando-a nervosa e orgulhosa de si, ao mesmo tempo.

Também comprou camisas soltas e dois blusões de moletom, além de alguns suéteres. Nada preto e nada que ela mesma não conseguisse lavar. As cinco sacolas cheias que levaram para o carro haviam custado menos do que o último conjunto de saia e blusa de grife que Claire comprara dois meses antes.

Amy ajudou a colocar as bolsas na mala do carro e Claire empurrou a tampa para fechá-la.

— Foi muito divertido fazer isso — disse Amy, e sinalizou: — Obrigada.

— De nada — disse Claire. — Agora, vamos para a livraria!

Elas pararam para tomar um sorvete antes, na sorveteria Cold Stone, sentadas em uma mesinha ao sol.

— Como foi na escola? — perguntou Claire.

— Foi bem — sinalizou Amy, então passou a falar: — Nós treinamos falar — disse ela lentamente.

— Treinamos todo dia.

— Você consegue ouvir alguma coisa? — perguntou Claire.

— Sons. Não palavras.

— E se eu gritar bem alto?

Amy riu e então sinalizou.

— Eu sou surda.

Claire não conseguia imaginar como seria não ouvir. Sua mente se encheu de lembranças da música que tocava, fazendo-a ansiar por acariciar as teclas novamente. Ela precisou cerrar os punhos. Como podia amar e odiar tocar piano, ao mesmo tempo? Não importa o quanto ocupasse seu dia, a perturbadora necessidade de praticar a assombrava. Mas a mera ideia de sentar diante do piano fazia seu peito se apertar com os primeiros sussurros de um ataque de pânico.

— Você sempre foi surda? — perguntou Claire.

Amy assentiu e moveu as mãos, sinalizando o que Claire deduziu que fosse *nasci*.

— Tenho sorte — continuou a menina, sinalizando e falando ao mesmo tempo. — Posso ouvir um pouco. Algumas pessoas não podem.

— Você sente o som? — perguntou Claire, batendo no peito com a palma da mão. — Em seu corpo?

— Música. Sinto a música.

Claire se perguntou se Amy seria capaz de senti-la tocar. Se colocar as mãos dela sobre o piano produziria vibração o bastante. Amy seria capaz de dizer a diferença entre as notas? Reconheceria as diferentes peças? Um concerto de piano produziria uma sensação diferente de uma música de um show da Broadway?

Claire estava prestes a sugerir que experimentassem isso quando se lembrou de que já não tocava mais. Entrava em pânico um minuto antes de sequer começar. Por que era tão fácil esquecer que já não era mais aquela pessoa?

Elas terminaram de tomar o sorvete e foram para a livraria. Amy ajudou Claire a escolher dois livros de receitas básicas.

— Agora já posso cozinhar — disse Claire.

Amy assentiu, folheou o livro e apontou para uma receita de bolo de carne.

Claire leu a lista de ingredientes. Não parecia difícil.

— Para hoje à noite? — perguntou.

Amy assentiu.

A receita sugeria purê de batatas e cenouras como acompanhamentos. No capítulo de vegetais, Claire acabou achando uma receita de purê de batatas e um gráfico mostrando por quanto tempo se deveria cozinhar as cenouras. Era um milagre.

— Um mercado? — perguntou a Amy.

A menina sorriu para ela.

— Sei onde tem um.

Elas foram até o mercado — graças às indicações precisas de Amy. Claire riu quando se pegou imaginando quem estava tomando conta de quem.

As duas compraram batatas, cenouras, uma cebola, descobriram a carne moída, embora Claire ficasse desconcertada por alguns instantes com os diferentes tipos de hambúrgueres e afins. Ela comprou a carne moída mais cara e torceu para dar certo.

— Sua filha é tão linda — disse uma mulher mais velha, quando passou por elas. — Tem seus olhos.

O comentário surpreendeu Claire, mas ela sorriu.

— Obrigada. Ela parece muito com o pai.

— Estou certa de que é um homem bonito.

Claire se lembrou da última vez em que vira Wyatt. Ele estava parado no corredor do segundo andar da casa de Nicole. Como sempre, parecera decepcionado com ela. Claire não estava certa por que o incomodava tanto; com certeza não estava tentando fazer isso.

— Ele é bonito, sim — admitiu ela para a senhora.

A mulher sorriu e seguiu em frente.

Amy tocou o braço de Claire.

— O que ela disse?

— Ela pensou que você fosse minha filha. Disse que temos os mesmos olhos.

A menina examinou-a por um instante, então ergueu uma das mãos, com os dedos juntos e o polegar na frente da palma.

— Azul — disse ela, balançando a mão para a frente e para trás.

Claire repetiu o sinal. Ambas realmente tinham olhos azuis, e eram louras, ela pensou. Amy tinha sorte — a bela cor de seus cabelos era natural, enquanto a de Claire exigia que ela retocasse as luzes a cada duas semanas.

— Minha mãe partiu — disse Amy. — Ela foi embora.

— Sinto muito — sinalizou Claire.

Amy deu de ombros, então olhou para a lista, como se aquilo não tivesse importância.

Elas continuaram com as compras. Claire se descobriu pensando sobre a mãe de Amy. Que tipo de mulher deixaria uma criança como essa, uma família, para trás?

Era isso o que Claire queria enquanto estivesse ali — se reconciliar com Nicole e Jesse. Queria pertencer a algum lugar. Também queria — esperava, na verdade — encontrar alguém para amar. Um homem que cuidasse dela, que a amasse e que quisesse se casar com ela. O que Claire ainda não conseguira decidir era se aqueles desejos eram um objetivo possível, ou um sonho estúpido que jamais se tornaria realidade.

ELAS CHEGARAM de volta em casa às 16h30. Amy ajudou Claire a tirar as compras do carro, e então subiu

correndo as escadas para visitar Nicole. Claire colocou toda a comida que comprara sobre a bancada, ligou o forno e abriu o livro de receitas. Como o bolo de carne levava cerca de uma hora para ficar pronto, ela começaria logo com ele.

Claire mediu ingredientes, mexeu, checkou, até que tudo estivesse bem misturado. Então, colocou o bolo de carne ainda cru em uma forma de pão, alisou o topo, levou ao forno preaquecido e ligou o timer.

As batatas seriam as próximas, pensou, pegando uma garrafa de vinho tinto que comprara. E depois as cenouras. Ela comprara até uma embalagem de molho de carne.

Estava fazendo o jantar sozinha. Uma coisa que jamais fizera na vida. Assim como trabalhar por quase oito horas na confeitaria, tomar conta de Amy, comprar roupas no shopping e ingredientes no mercado. Fora um dia comum. Totalmente normal.

Claire encontrou um saca-rolhas e abriu a garrafa de vinho. Então, serviu-se de uma taça e ergueu-a, fazendo um brinde a si mesma.

— Por me encaixar — sussurrou ela. — E ser simplesmente igual a todo mundo.

## Capítulo Sete

WYATT ENTROU na casa de Nicole. Era mais tarde do que ele imaginara chegar, pois passara duas horas explicando por que acrescentar uma janela naquele momento da obra não seria tão fácil como pudera parecer no canal de decoração da TV. Estava cansado, aborrecido, e a última coisa que queria era ver Claire.

Não que ele não apreciasse a ajuda dela com Amy. Estava agradecido. A inesperada cirurgia de Nicole deixara claro que ele dependia demais da amiga para tomar conta da filha. Precisava elaborar alguns planos de emergência. Claire o ajudara durante uma emergência, e era grato por isso, mas agora seria obrigado a vê-la. E ver Claire significava desejá-la.

Ele não sabia que química havia entre eles que o fazia se sentir tão atraído por ela, mas a atração era um fato. Um desejo perturbador de tomá-la para si sempre que estavam juntos. Isso sem falar do tempo que passava fantasiando vê-la nua, úmida e implorando, quando não estavam juntos. Era pior do que voltar a ser adolescente. Naquela época, seu desejo era vago, por causa de sua falta de experiência. Mas agora era bem específico. Ele sabia bem o que queria, e podia imaginar as cenas com detalhes em alta definição.

Wyatt entrou na sala de estar e viu Claire e a filha sentadas uma ao lado da outra, no sofá. Claire sinalizou alguma coisa e Amy riu, então sacudiu a cabeça. Claire soletrou *mutante* com os dedos. Amy riu de novo, levantou os olhos e o viu.

A menina levantou-se de um pulo e correu na direção do pai. Wyatt agarrou-a e levantou-a nos braços.

— Olá, garotinha — falou ele. — Como está a melhor parte do meu dia?

Eles se abraçaram, e então Wyatt colocou-a no chão e Amy começou a sinalizar freneticamente. O pai observava a filha com cuidado para conseguir acompanhar a conversa.

— Você tirou A no teste de Matemática? Bom para você. Ahã. Tacos no almoço, parece gostoso. O shopping? — Ele relanceou os olhos para Claire e voltou a se concentrar na filha. — Sim, podemos conversar sobre jeans novos.

Wyatt sinalizava enquanto falava, percebendo o brilho nos olhos da filha e, ao mesmo tempo, satisfeito e grato por ela ser tão feliz, tão normal. Ele ficara apavorado quando se vira como pai solteiro — tivera medo de colocar tudo a perder. Mas talvez não...

Wyatt viu que Amy falava sobre um bolo de carne e livros de receitas, e sobre como Nicole já se sentara em uma cadeira. Então, a menina subiu em disparada para avisar que o pai chegara. E ele ficou sozinho com Claire, incapaz de ignorá-la por mais tempo.

— Obrigado por tomar conta dela — falou Wyatt.

Claire sorriu.

— Ela é maravilhosa. Foi uma tarde ótima. Me diverti muito com Amy. Ela é tão doce e tão simpática. E também muito paciente com minha péssima linguagem de sinais.

Claire movia a cabeça enquanto falava. Seus cabelos longos e louros caíam por seus ombros, refletindo a luz e fazendo com que ele desejasse enfiar as mãos entre os fios e sentir sua maciez. Então, puxá-la para junto de seu corpo, tomar sua boca e... Wyatt praguejou mentalmente e afastou a imagem erótica da mente.

— Você está ficando melhor na linguagem de sinais — falou ele, esperando que Claire não percebesse sua súbita ereção. Wyatt afastou-se uns passos para a esquerda, de modo que parte do seu corpo ficasse escondida por uma poltrona. — O que é mutante?

— Oh. — Ela olhou para o chão, e voltou a olhar para ele. — Estávamos falando sobre minhas mãos. Elas são grandes, com dedos longos. Mãos esquisitas, na verdade. Mas são boas para tocar piano. Tenho um grande alcance das teclas. Anos atrás, pianistas sérios cortavam os tendões entre os dedos para terem um maior alcance das teclas.

— Nada justifica fazer uma coisa dessas.

— Você ficaria impressionado com o que algumas pessoas fariam para serem as melhores. É um negócio sério, com muita coisa em jogo.

Era só tocar piano, pensou Wyatt. Como poderia ser sério?

— Comprei um livro de receitas — disse Claire, mudando de assunto. — Meu primeiro bolo de carne está no forno. Não sou de cozinhar, portanto, para mim, é uma grande coisa.

— Cozinhar não é assim tão difícil. Você vai conseguir.

— Vamos ver. Tive alguma dificuldade para usar o forno. Havia três escolhas. Cozimento regular, cozimento por convecção e só convecção.

— Quando Nicole reformou a cozinha, instalou um forno de convecção. Ele assa mais rápido e atinge temperaturas mais altas, porque tem um mecanismo que faz circular o calor. O resultado é melhor. Em um forno comum, você não pode empilhar tabuleiros de biscoitos e esperar que todos assem uniformemente. Em um forno de convecção isso é possível. Mas, caso esteja usando uma receita convencional, nesse tipo de forno é preciso adaptar a temperatura e o tempo de cozimento.

— Como?

— Não tenho a menor ideia. O forno lá de casa é comum, por isso asso as coisas da maneira convencional. Mas há livros de receitas que podem ajudá-la com isso.

— Talvez seja melhor eu ter mais uma semana de prática antes de entrar nesse novo mundo. É um pouco complicado para mim. — Claire inclinou a cabeça, de leve. — Você usa mesmo o forno?

Como a excitação dele ficara menos evidente, Wyatt saiu de trás da poltrona e sentou-se.

— Faço um brownie razoável. Meus biscoitos de chocolate são bons, mas isso é porque uso a receita que veio na embalagem de gotas de chocolate. Sei assar um bolo, mas prefiro encomendar um com Nicole. E nunca tentei fazer uma torta.

— Impressionante — disse ela. — Um homem da Renascença, com talentos múltiplos.

— Um pai solteiro, isso sim. Shanna foi embora quando Amy tinha três meses.

Ele ficara em pânico. Ser pai já fora assustador, mas ter que ser pai e mãe era inimaginável. Mal pregara os olhos no primeiro ano. Lia tudo o que caía em suas mãos, arrastava Amy para o pediatra se ela sequer suspirasse mais alto, interrogava qualquer mãe que cruzasse seu caminho para pedir informações. Enfim, deixara todos loucos. Mas eles haviam sobrevivido e, quando Amy começara a andar e a se comunicar por sinais, as coisas foram ficando mais fáceis. Ao menos, a partir de então, ela poderia lhe dizer o que estivesse errado.

— Como sua esposa pôde fazer isso? — perguntou Claire, os olhos mais escuros e com uma expressão confusa. — Abandonar a filha? Um bebê é um milagre, e Amy é uma menina fantástica.

— Foi escolha de Shanna partir — disse Wyatt, sem nem tentar esconder a raiva. Ele nunca sentira saudades da esposa, mas Amy precisava da mãe. — E nunca voltou para visitar a filha. Amy lida bem com isso. — Porque não tinha outra opção.

— Sinto muito — disse Claire. — E é sua ex-mulher que está perdendo. Amy é maravilhosa. É incrível como ela fala bem.

— Amy frequenta uma escola especial para crianças surdas. Além de ensinarem a linguagem de sinais, eles também dão muita ênfase à fala e à leitura labial. No início foi difícil para ela, mas Amy acabou conseguindo. Há uma certa controvérsia entre os surdos sobre a prática.

— Da leitura labial?

— E de falar também. Grande parte dos surdos acredita que eles têm uma cultura viável que deve ser respeitada. Que não são deficientes, são apenas diferentes, e que não deveriam ter que aprender a se comunicar da mesma maneira que as pessoas que ouvem. Mas me preocupo em como vai ser a vida de Amy quando ela for mais velha. Toda a família dela é do mundo dos que ouvem, por isso Amy vai precisar se adaptar a esse mundo de alguma forma. Aprender a falar, para que as pessoas de fora da comunidade dos surdos possam entendê-la, é parte disso.

Wyatt parou de falar.

— Me desculpe. Me alonguei.

— Não se desculpe. Amy é sua filha. É claro que você se importa. E é tudo tão interessante. Obrigada por confiar em mim para ficar com ela.

— Era eu que deveria estar lhe agradecendo.

Eles se encararam. A tensão encheu a sala. O desejo retornara e, com ele, o mau humor de Wyatt. Em vez de ficar andando pela casa com uma ereção, ou de descontar em alguém que não merecia, ele se levantou.

— Vou pegar Amy para irmos para casa.

— Pode deixar, vou chamá-la.

Ele observou Claire deixar a sala.

Ela se movia com elegância e graciosidade, pensou Wyatt, e logo teve vontade de bater com a cabeça na parede. Isso não era bom. Aliás, era péssimo. Precisava encontrar um modo de superar o que sentia, de afastar Claire de sua mente. A irmã gêmea de Nicole podia não ser tão terrível quanto ele pensara a princípio, mas não havia modo de se envolver com ela. Claire era uma complicação de que ele não precisava, mesmo sendo uma mulher a quem desejava com desespero.

NICOLE SE mexeu na cadeira. Sentar era o passo seguinte em sua recuperação. Havia músculos que ela precisava voltar a usar. Até ali vinha fazendo bons progressos, embora tudo parecesse lento demais para seu gosto. A dor diminuía, ela já não se sentia tão cansada e o médico tirara os pontos na véspera — fora um momento muito doloroso, que ela não tinha o menor desejo de repetir. Deveria estar satisfeita.

Mas a verdade é que se sentia inquieta. Odiava saber que a confeitaria vinha funcionando tão bem sem sua presença. Racionalmente, Nicole sabia que seu negócio poderia sobreviver sem ela por duas semanas, mas emocionalmente odiava ver que tudo não havia entrado em colapso.

O telefone tocou e Nicole atendeu.

— Alô.

— Sou eu.

Nicole reconheceu a voz de Jesse e desligou.

O telefone voltou a tocar. Nicole atendeu novamente.

— Vá para o inferno — disse, a voz baixa e furiosa.

— Espere. Você tem que falar comigo.

— Na verdade, não tenho.

Jesse começou a chorar.

— Quero saber como você está.

Nicole não se comoveu com as lágrimas. Jesse conseguia chorar com muita facilidade quando lhe interessava.

— Estou me recuperando da cirurgia, se é isso o que quer saber. É claro que meu coração, partido pela minha irmã e pelo meu marido, vai demorar mais tempo para se recuperar, portanto não tenho novidades a esse respeito.

Jesse se encolheu do outro lado.

— Você ainda está zangada.

— Hummm, sim. Você deve estar surpresa ao perceber que não consegui superar o fato de que, depois

de tudo o que fiz por você, de como cuidei de você, depois de tê-la sustentado e tentado fazer tudo o que podia para lhe dar uma vida melhor, ainda assim você me apunhalou pelas costas. Preciso admitir que fez um trabalho e tanto, Jesse.

Nicole se recusou a sentir todas as emoções que se agitavam dentro dela. Era melhor continuar sendo racional, sarcástica, porque qualquer outra opção iria machucá-la tanto que ela jamais se recuperaria.

— Você me odeia — disse Jesse, soluçando.

— Com cada fibra do meu ser. — E Nicole desligou.

Seu coração estava disparado e todo o seu corpo parecia doer.

Ela odiava aquilo... Tudo aquilo. Odiava o que Jesse fizera, odiava Drew. Odiava seu corpo por traí-la e odiava a si mesma por ainda se importar com a irmã caçula.

Nicole voltou sua atenção novamente para o livro que tinha no colo. Não estava lendo realmente as palavras, mas fingia que lia. Era melhor do que encarar a devastação emocional de sua vida.

A casa estava silenciosa e ela estava só. A solidão que sentia era tão forte que quase lhe roubava o ar. Nicole fechou os olhos para se proteger da dor, mas não conseguiu evitar que lágrimas corressem por seu rosto.

CLAIRE ESTACIONOU em frente à casa de Wyatt. Enquanto examinava a construção de dois andares com janelas grandes e cercada por uma varanda, tentava dizer a si mesma que só estava animada daquele jeito porque iria passar um tempo com Amy, nada mais. Que aquelas sensações esquisitas que corriam por seu corpo não tinham nada a ver com Wyatt.

Ele telefonara há uma hora e lhe perguntara se ela poderia tomar conta de Amy enquanto ele ia a uma reunião inesperada. Ela concordara, e então ficara surpresa ao descobrir que esperava ansiosamente por rever Wyatt.

— Será só por alguns minutos — disse a si mesma enquanto trancava o carro e subia a entrada da casa. — Então Wyatt vai sair e não vou precisar pensar mais nele.

Claire nem sabia muito bem por que ele não saía de sua cabeça, no final das contas. Tudo bem, está certo, Wyatt era um homem bonito, de um jeito rude e másculo. E ela gostava do modo como ele cuidava da filha e de como ele conseguira superar a ideia que fazia dela, baseado em tudo o que Nicole sempre lhe dissera. Mas era mais do que isso.

Naquele momento, parada na varanda da casa dele, Claire sentiu um arrepio percorrê-la. Era quase como o nervosismo que sentia antes de se apresentar, mas era diferente. A excitação era de um outro tipo. Do tipo que...

A porta da frente se abriu e Wyatt convidou-a a entrar.

— Você veio rápido — falou ele. — Obrigado por fazer isso. Eu até poderia levar Amy comigo, mas daqui a uma hora ela costuma estar na cama e não gosto de alterar os horários dela quando há aula no dia seguinte. E essa cliente está me deixando louco. Pensei em dizer a ela para esquecer a ideia de ter essa reunião... Mas, já que peguei o trabalho, vou fazê-lo direito. Maldita ética profissional. Ela às vezes me traz problemas.

Wyatt sorria enquanto falava. E seus olhos castanhos tinham uma expressão bem-humorada. Claire se pegou encarando-o como se pudesse... O quê? Se perder naqueles olhos? Que sensação estranha...

— Amy já jantou e está quase acabando seu dever de casa, portanto você não vai precisar fazer muita coisa. — Ele relanceou o olhar para o relógio. — Pode deixá-la ver televisão por mais trinta minutos, então ela vai se preparar para dormir. Amy troca de roupa e escova os dentes sozinha. Talvez você pudesse ler uma história para ela, se não for lhe dar muito trabalho.

— Eu vou adorar — disse Claire com sinceridade. Gostava do tempo que passava com Amy. Sempre quisera ter filhos e ficar com a filha de Wyatt ajudava a preencher esse vazio dentro dela.

— Que bom. Obrigado. Fico lhe devendo essa.

Ele estava sorrindo novamente. Wyatt sempre fora tão alto? Era muito mais alto do que ela e mais musculoso do que a maioria dos homens que ela conhecia. Também se vestia de um jeito diferente, costumava usar jeans e uma camisa simples, em vez de terno ou alguma roupa de grife.

— Claire?

— Hã?

— Você está bem?

Claire piscou e afastou o olhar.

— Me desculpe. Eu estava pensando em outra coisa. Estou bem, sim. Vá encontrar sua cliente. Tomarei conta de Amy.

— Obrigado.

Wyatt tocou o braço dela. Não foi nada, apenas um leve roçar dos dedos. Mas Claire sentiu como se ele houvesse tocado todo seu corpo. E teve vontade de se inclinar na direção dele e... E...

Então Wyatt partiu. Antes que ela sequer conseguisse descobrir o que queria. Um beijo? Como seria beijá-lo? Ele provavelmente era o tipo de cara que gostava de estar no comando, o que não era problema para ela. Não tinha mesmo toneladas de experiência e alguém precisava saber o que um ou outro estava fazendo. Era melhor que fosse ele do que ela.

Claire ouviu passos descendo correndo as escadas de madeira. Virou-se e viu Amy disparando em sua direção.

— Olá! — falou Claire, preparando-se para o impacto do abraço efusivo da menina.

— Você está aqui! — disse Amy, levantando os olhos para ela e sorrindo. — Estou feliz!

— Eu também. Seu pai me deixou algumas orientações.

Amy torceu o nariz.

Claire riu.

— Ei, não são tão ruins assim. Você pode ver televisão até a hora de dormir. Então leremos uma história juntas. Me parece divertido.

Amy sinalizou.

— Está certo. — Então perguntou: — Quer conhecer o meu quarto?

— Claro.

A menina pegou-a pela mão e guiou-a pela casa.

Claire teve um primeiro vislumbre dos cômodos grandes, muito claros. O piso de madeira de lei se estendia por toda a casa. Ela viu uma grande sala de jantar, um escritório, que Wyatt devia usar para trabalhar em casa, uma cozinha enorme, um banheiro no primeiro andar e uma sala de TV com mais equipamentos eletrônicos do que Claire já vira em um cinema.

Uma escada larga, em curva, levava ao segundo andar. O quarto de Amy era o primeiro, à esquerda. Era um cômodo claro, amplo, com um assento na janela. A cama estava coberta de almofadas e bichos de pelúcia. Havia também uma escrivaninha do tamanho adequado para uma criança, e uma estante grande.

As paredes eram pintadas de um lavanda suave, e o edredom que cobria a cama era de uma estampa floral em uma variedade de tons de púrpura. Um enorme tapete púrpura cobria a maior parte do chão.

Claire girou lentamente.

— Hummm.. Acho que já sei qual é sua cor favorita.

Amy riu, então pegou a mão de Claire e puxou-a para o assento na janela.

A menina mostrou a ela suas bonecas e ursos de pelúcia favoritos, vários jogos de tabuleiro e cerca de uma dúzia de livros que já pareciam bastante lidos. Por fim, Amy abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou uma foto emoldurada.

— Minha mãe — falou ela, estendendo o porta-retratos.

Claire não ficou nada animada com a perspectiva de ver a antiga sra. Wyatt, mas não tinha como se recusar a ver a foto de uma maneira educada. Por isso, pegou o porta-retratos e se preparou para alguém extraordinário.

Shanna Knight era linda. Uma loura estonteante, com o cabelo curto cortado em camadas e um sorriso típico de anúncio de pasta de dentes. Era uma mulher de belas feições, com uma boca perfeita e um brilho travesso no olhar. Não era de estranhar que Wyatt houvesse se apaixonado por ela. Mas por que ele a deixara partir?

— Ela é muito bonita — disse Claire.

Amy pegou a foto de volta.

— Minha mãe está na Tailândia.

Claire achou que não ouvira direito.

— Onde?

A menina soletrou a palavra com os dedos. Era mesmo Tailândia.

— O que ela está fazendo lá?

Amy deu de ombros.

— Não sei. Ela foi embora quando eu era bebê. Papai diz que não foi porque eu era surda, mas talvez seja.

Amy falava e sinalizava ao mesmo tempo, e Claire não tinha certeza se entendera tudo o que a menina dizia, mas compreendera a maior parte.

O que deveria dizer? Que estava tudo bem? Mas não estava. Ela não conseguia imaginar alguém simplesmente abandonando o marido e a filha recém-nascida, embora fosse isso o que tivesse acontecido. Mesmo se Shanna e Wyatt houvessem passado a se odiar, ainda assim a mãe não iria querer

ficar perto da filha?

Era uma situação muito triste. Os membros de uma família não deviam se separar. Claire sabia isso por experiência própria.

— Nicole disse que a mãe dela morreu — falou Amy. — Sua mãe também morreu?

Claire assentiu.

— Eu e Nicole somos gêmeas.

Amy arregalou os olhos. E sinalizou.

— É mesmo?

— Ahã. Bivitelinas. — Claire soletrou a palavra lentamente. — Não somos parecidas, mas nascemos no mesmo dia.

— Queria ter uma irmã gêmea — disse a menina, sorrindo. Mas seu sorriso logo se apagou. — Ou ter um irmão, ou uma irmã, mesmo que não fossem gêmeos.

Claire imaginou se Wyatt estaria saindo com alguém. A ideia de que poderia existir outra mulher a deixou incomodada no mesmo instante.

— Seu pai poderia se casar novamente.

Amy franziu o cenho como se não houvesse entendido direito a palavra, então entrelaçou as mãos na frente do corpo.

— Casar?

— Claro. As pessoas se casam — Claire fez o sinal adequado — novamente.

Amy torceu o nariz.

— O papai não tem namoradas.

Wyatt não saía com outras mulheres? Por quê? Teria ficado assim tão arrasado por perder a esposa? Claire não queria que esse fosse o motivo. Não que houvesse realmente algum grande motivo para um homem permanecer solteiro por todos esses anos. Ele provavelmente saía com mulheres e Amy não sabia. Podia estar vendo uma dezena delas naquele instante.

Aquilo era mais uma coisa sobre a qual ela não queria pensar.

— Você podia namorar com ele — disse Amy.

Claire abriu a boca, mas logo a fechou de novo.

— Você gosta do papai?

— Ele é, ahn, muito legal.

Claire ficou grata ao ver que aquela parecia ter sido a resposta certa. Amy guardou novamente a foto da bela Shanna na gaveta e pegou a mão de Claire.

— Venha. — Ela sinalizou.

Claire acompanhou a menina até o andar de baixo, e as duas entraram em uma grande sala de visitas, com janelas que iam do chão ao teto. Mas o que lhe chamou mais a atenção não foi a vista, ou a bela decoração, ou ainda o fato de aquele ser um desses cômodos que as pessoas nunca usavam, a não ser quando tinham alguma visita especial. O que fez o coração disparar e seu peito apertar foi a visão do piano negro em um canto.

Amy sinalizou alguma coisa que provavelmente queria dizer “toque”, ou “você pode tocá-lo”. Claire não respondeu. Em vez disso, se aproximou do piano, olhando para o instrumento com um misto de medo e anseio.

Não tocava há quase quatro semanas. Desde a apresentação desastrosa em que entrara em pânico e não conseguira respirar. Desde aquele dia, em que o mundo parecera ficar reduzido ao medo que sentia e à certeza de que qualquer talento que pudesse ter tido estava perdido para sempre.

Claire tocou a superfície lisa, mas logo afastou a mão. Mesmo sem sentar diante das teclas, podia imaginar a música. O som encheria a sala de visitas e se espalharia pelo resto da casa. Então cresceria cada vez mais, abrangendo tudo, até que estivesse dentro dela, fazendo seu sangue correr nas veias e seu coração bater.

Ela ansiou por ouvir o som, por respirar a música. Não precisava de partitura, sabia tantas músicas de cor.

Havia sinfonias dentro dela. Movimentos musicais e peças corais, óperas ligeiras, trilhas sonoras, concertos. Milhões de notas musicais. Claire podia olhar para uma partitura e saber como seria o som anotado ali. Podia ouvir a música toda sem precisar tocar, mas sentia falta da sensação das teclas sob os dedos, da música que fluía através dela.

Bênção e maldição, ela pensou, tremendo ao colocar a mão sobre a superfície negra brilhante. Aquilo era a sua vida e, sem o piano, não era nada. Ao menos fora isso o que haviam lhe ensinado. Estava ali, na cidade, para descobrir se era mesmo verdade.

Claire lembrou das dezenas de recados que a sua agente deixara em seu celular. Lisa era muito persistente. Mas Claire ignorara todas as mensagens. Não queria ser sugada de novo para aquele mundo. Oh, mas como sentia falta da música...

Amy lhe deu um empurrãozinho na direção do banco, então deu a volta e ficou parada com as mãos sobre o piano.

— Toque — disse a menina.

Claire deu outro passo na direção do banco. No mesmo instante sentiu dificuldade para respirar. Seu peito se apertou de tal maneira que ela teve certeza de que estava sofrendo um ataque cardíaco. Iria morrer bem ali, na sala de visitas de Wyatt, apavorando a filha dele pelo resto da vida. Não podia fazer isso. Precisava ir embora.

Mas, em vez disso, forçou-se a dar o último passo, sentou no banco, abriu a tampa e baixou os olhos para as teclas.

Estava respirando com dificuldade, inspirando o ar com força, sem que ele parecesse jamais encher seus pulmões. E tremia tanto que não conseguiria tocar. Sem querer, Claire se lembrou dos olhares de horror e frustração das pessoas que se juntaram ao redor dela em seu último concerto. Depois, haviam emitido um comunicado dizendo que ela tivera um colapso por causa do excesso de trabalho. Não porque estava apavorada. Ou porque devia ser louca.

Claire sabia que aquele pânico estava todo em sua cabeça. Era ela quem estava fazendo aquilo a si mesma. E se não conseguia resolver aquilo, então era o quê, se não insana?

— Toque — voltou a falar Amy.

Claire assentiu lentamente. Ignorou o medo e o modo como seu peito parecia prestes a sufocá-la, ignorou o tremor e a certeza de que jamais tocaria novamente, e pousou os dedos sobre as teclas.

Alguma coisa simples, disse a si mesma. Alguma peça para uma criança.

Ela começou a tocar um acalanto de Bach. A melodia fluiu dela com uma facilidade que a impressionou. Lembrou-se de cada nota, sem um erro. A música encheu o cômodo e as envolveu. Amy ficou parada, os olhos fechados, as mãos pressionando com força o piano.

Claire sentiu lágrimas ardendo em seus olhos. Sentira falta daquilo, pensou com tristeza. Sentira saudades de tocar. Mesmo quando o odiava mais do que tudo no mundo, o piano era parte de quem ela era.

Claire tocou e tocou, perdendo-se no som, sentindo-se segura com sua audiência de apenas um espectador — uma criança que só podia sentir a música, que não ouvia uma única nota.

## Capítulo Oito

CLAIRE FICOU andando ao redor do forno, quase dançando de impaciência enquanto o timer marcava os últimos segundos. Quando soou o alarme, ela abriu o forno e tirou a assadeira lá de dentro.

À primeira vista, tudo *parecia* certo. O frango estava dourado sem estar queimado. O alecrim que colocara na cavidade do peito exalava um aroma delicioso.

Ela pousou a assadeira sobre os descansos que já posicionara no lugar e enfiou o termômetro de carne dentro do peito da ave. No visor apareceu “no ponto para aves”. Claire, então, usou uma faca para cortar a pele perto da coxa e viu o sumo da ave escorrer. Estava bem claro. Ou ao menos era assim que parecia para ela, mas, como era seu primeiro frango, não podia ter certeza.

O último e mais importante teste seria cortar a ave de verdade. Claire se preparou para um provável fracasso, afastou a pele e começou a fatiar o peito.

Estava cozido, mas não seco. Ela provou um pedaço. Perfeito!

— Fui eu que fiz — sussurrou para si mesma. — Eu que fiz isso. Viva eu!

O primeiro frango que preparara na vida. Fora ela quem comprara, limpara, assara e arrumara. Impressionante.

Claire abriu a segunda porta do forno e retirou um prato de batatas gratinadas. Não se daria muito crédito por elas, porque as comprara prontas. Mesmo assim, pareciam saborosas. Por fim, ela checkou as ervilhas que cozinhavam no vapor.

Quando tudo estava pronto, Claire pegou um prato para servir o jantar de Nicole. Mas antes que pudesse começar, ouviu um barulho no corredor. Quando levantou os olhos, viu a irmã entrando lentamente na cozinha.

— Fiquei cansada de viver em um cômodo só — disse Nicole, com uma das mãos pressionada contra o abdômen, caminhando na direção da mesa. — Vou comer aqui, se não se incomodar.

— É claro que não. Como foi descer as escadas?

— Desafiador. Terei que voltar bem devagar. O jantar está com ótimo aroma.

Claire ficou orgulhosa e nervosa ao mesmo tempo.

— Assei um frango.

— Impressionante.

Claire olhou para a irmã, sem muita certeza se o comentário era mesmo um elogio ou alguma outra coisa. Nicole lhe deu um breve sorriso.

— Falei sério. Você disse que não sabia cozinhar. Agora está preparando o jantar todas as noites. Não precisava fazer isso. Portanto, obrigada.

— De nada.

Claire se apressou a colocar a mesa e serviu a comida.

Nicole sentou-se em uma das cadeiras e continuou a pressionar o estômago.

— Quer um analgésico? — perguntou Claire.

— Não, estou cortando os analgésicos. Vou ficar bem. Em um minuto estarei melhor.

Claire serviu os pratos de ambas e sentou-se.

Ela se acostumara a levar o jantar para Nicole, algumas vezes comia com a irmã, outras não. Mas agora era diferente, as duas na cozinha, como pessoas comuns. Claire não sabia muito bem o que dizer.

— Trouxe para casa duas fatias do bolo de chocolate — falou por fim. — Ainda não estou pronta para me arriscar como doceira.

— Uma das vantagens de ser dona de uma confeitaria — falou Nicole — é que não precisa se preocupar com esse tipo de coisa.

Claire assentiu e partiu um pedaço do seu frango. O silêncio se estendeu entre as irmãs. Claire desejou que tivessem vinho para acompanhar o jantar. Ficar um pouco zozna teria ajudado a diminuir a tensão. Não que fosse uma grande bebedora. Bastava um drinque para deixá-la alegre — com dois, ficava prestes a dar cambalhotas. Ela se esforçou para encontrar um assunto para conversarem.

— Está sendo bom passar um tempo em um lugar só — falou Claire, por fim. — Gosto de verdade de Seattle. Você gosta de viver aqui?

Nicole encarou a irmã por um instante, antes de responder.

— Aqui é o meu lar. Nunca morei em nenhum outro lugar, portanto não tenho muito com o que comparar.

— Oh. É verdade. Acho que Nova York é o meu lar, embora eu não passe muito tempo lá. Tenho um apartamento na cidade. Foi difícil encontrar um que pudesse acomodar um piano e, ainda assim, sobrasse algum espaço para caminhar. O dia da mudança foi um pesadelo. O piano quase não coube no elevador de serviço, por isso todo o trabalho levou horas. Acho que nunca mais me mudarei de novo. Seria um trauma grande demais.

Nicole espetou duas ervilhas.

— Estive em Nova York há alguns anos. Fui com Drew. Vimos umas duas peças de teatro e fizemos compras. Não sei se iria querer morar em uma cidade tão grande.

Claire continuou mastigando, porque seria grosseiro cuspir o frango, mas o sabor já se fora e, quando ela finalmente engoliu, teve medo de engasgar.

Nicole fora a Nova York e não ligara para ela? Claire supôs que não deveria se sentir surpresa, mas se sentia. Surpresa, magoada e se sentindo mais sozinha do que nunca.

— Isso foi, ahn, antes ou depois de você se casar?

— Antes. Como uma viagem pré-nupcial.

— Parece legal.

— Isso foi antes que eu percebesse o imbecil que ele era, portanto passamos bons momentos. Os homens são todos uns idiotas.

Claire assentiu para ser solidária, mas a verdade era que não tinha grande experiência com os homens. Com certeza não o bastante para fazer aquele tipo de julgamento. Wyatt não parecia um imbecil. Por outro lado, ela ainda estava remoendo o fato de a irmã ter ido a Nova York e não ter feito contato com ela. E é claro que Nicole não a convidara para o casamento, também.

— Muitos dos homens que viajam com a orquestra nas turnês vão para a cama com qualquer uma — disse Claire. — É típico deles. É uma nova mulher a cada cidade. Tive sorte, pois, como cresci viajando em turnês, pude ver tudo isso acontecer enquanto ainda era jovem demais para que eles se interessassem por mim. Quando fiquei mais velha, já havia aprendido a lição. É claro que muitas mulheres que viajam conosco também vão para a cama com qualquer um. Há muito sexo nas orquestras.

Não para ela, pensou Claire, mal-humorada. Sexo era uma coisa que ela parecia evitar, ou era o sexo que a evitava. Nunca conseguira descobrir exatamente qual das duas opções.

— Bom para você — murmurou Nicole.

— A maioria das pessoas acha que músicos de orquestra são esquisitos ou aborrecidos, mas isso não é verdade. Eles adoram se divertir.

— E foi assim com você? — perguntou Nicole. — Dormir o dia todo e se divertir a noite toda?

— Não. Eu tinha ensaios, aulas, reuniões e entrevistas. Nunca fiz parte do circuito das festas. Mas precisava comparecer a alguns eventos de celebridades. Encontrei George Clooney umas duas vezes. Ele é legal. E Richard Gere também, que toca piano de verdade. Tocamos juntos, uma noite.

— Que excitante — disse Nicole, olhando com raiva para a irmã. — Pode ser uma surpresa para você, mas não preciso que me lembre de como sua vida é mais emocionante do que a minha. Tenho plena consciência disso.

— O quê? Não foi essa a minha intenção.

— Não? Você aproveita todas as oportunidades para contar como as coisas são maravilhosas em sua vida. Um apartamento em Nova York grande o bastante para caber um piano. Noitadas com George Clooney e Richard Gere. Você é fabulosa.

Claire não soube o que responder. Só estivera tentando puxar conversa.

— Você parece realmente gostar de pensar o pior a meu respeito — disse, por fim. — Estava tentando só encontrar algum assunto para conversarmos. Algum assunto que não nos fizesse brigar. Acho que escolhi mal.

— Escolheu mesmo. Você acha que isso está funcionando? Você fingir que é uma pessoa de verdade?

Pois não está.

Claire baixou o garfo.

— Eu sou uma pessoa de verdade.

— Você não sabe nem lavar roupa.

— E isso para você é a definição de uma pessoa de verdade?

Claire nem se incomodou em corrigir a irmã e dizer que graças a Amy e a um livro que comprara, agora sabia lavar roupas como qualquer outra pessoa.

Aquilo era tão injusto, pensou Claire. Sentia-se em uma armadilha. É claro que também poderia atacar a irmã. Poderia, sim. Mas jogar na cara de Nicole que ela não conseguiria deixar uma sala de concertos inteiramente aos seus pés, gritando e aplaudindo, não faria com que se aproximassem.

— Vivemos vidas diferentes. — Claire preferiu dizer. — Isso não precisa ser uma coisa ruim.

— Fala a mulher com a vida perfeita.

Claire pensou em todo o tempo que passava sozinha. Em todas as noites em que ia para a cama sentindo-se tão solitária que chegava a doer.

— Não era uma vida perfeita.

— Oh, pobre menina rica. A fama é demais para você? — Nicole deixou o garfo cair no prato. — Ao menos não ficou enfiada aqui, com uma irmã menor para criar e pais que só queriam falar sobre a filha famosa. Odiei você por levar mamãe embora, mas a odiei ainda mais por querer ir com você.

Nicole fez uma pausa, respirou fundo e continuou.

— Quando a vovó apareceu em casa, dizendo que era trabalho demais e que ela não poderia mais viajar com você, mamãe se ofereceu no mesmo instante para tomar o lugar dela. Queria ir embora, conhecer todas aquelas cidades. Queria ficar com você.

Claire não sabia o que dizer. Ficara grata por ter a mãe com ela. Um pedacinho que fosse do lar era sempre bem-vindo. Nunca pensara na família que deixara para trás.

— Eu não sabia.

— Você não se importou em saber. Enquanto estava por aí, andando com outros ricos e famosos, eu estava enfiada aqui. Comecei a tomar conta de Jesse no dia em que ela nasceu. Quando mamãe partiu, Jesse tornou-se minha principal responsabilidade. Eu tinha 12 anos. Vovó estava em uma casa de repouso, e papai nunca soube muito bem o que fazer conosco. Quando fiquei mais velha, fui trabalhar na confeitaria também. Nunca tive tempo para fazer as coisas que eu realmente queria porque havia sempre Jesse para tomar conta, ou o meu turno na confeitaria. Aos 14 anos, já era adulta. Tudo o que eu queria me foi roubado por você.

Claire já ouvira o bastante. Ela afastou a cadeira e se levantou.

— Pobre Nicole, enfiada em casa com a família. Enquanto você estava indo à escola e fazendo amigos, eu estava sozinha. Sozinha com um professor particular, sozinha em uma sala de ensaios, sozinha em um quarto de hotel. Nunca conheci ninguém da minha idade. Dormia com as minhas malas. Nunca conheci as cidades que visitávamos. Ou estava estudando, ou treinando, ou me preparando para um

concerto, ou dormindo. Essa era *minha* vida.

— Ao menos a mamãe estava com você. Até que você a matasse.

— Pare de dizer isso! — gritou Claire. — Você sabe que eu também a perdi! Ela era minha única ligação com a família. Eu estava presa no carro com ela e não pude fazer nada enquanto ela morria. Tem ideia do que foi isso? Você tinha o papai e Jesse, e eu não tinha ninguém. Ela morreu e, no hospital, me mandaram de volta para o hotel. Você sabe o que minha agente me falou? Que eu teria que tocar de qualquer jeito, porque os ingressos para o evento já haviam sido todos vendidos e as pessoas ficariam desapontadas. O que eu fiz? Toquei. Na noite em que minha mãe morreu, eu estava em cima de um palco, tocando, porque não havia ninguém por perto para dizer que eu tinha direito ao meu luto.

Ela empurrou a cadeira.

— Ao que parece, nosso pai teve uma longa conversa com a minha agente e, juntos, eles decidiram que eu era madura o bastante para continuar a viajar sozinha, sem um acompanhante, ou um guardião legal. Muito bem. Eu tinha 16 anos, acabara de perder minha mãe e eles me deixaram por minha conta. Meu papel era seguir as regras, e foi isso o que eu fiz, porque as regras eram tudo o que eu tinha. Não espero que você entenda nada disso. Imagine se você iria se dar ao trabalho de olhar o lado de outra pessoa e não só o seu. E ser famosa, o que por sinal não sou, é muito menos interessante do que você pensa. Mas imagino que ser uma vítima profissional também deve ser bem cansativo.

E, dizendo isso, Claire se virou e saiu da cozinha. Ela ficou satisfeita por ter conseguido chegar até seu quarto antes de ceder às lágrimas e arriar no chão, em uma poça de dor e sofrimento. Claire puxou os joelhos contra o peito, em uma posição que normalmente a confortava. Voltar para casa não adiantara nada. Ela ainda estava muito sozinha.

A entrega absoluta ao sofrimento durou cerca de dez minutos. Então, Claire se levantou e foi até o banheiro lavar o rosto.

— Você sabia que não seria fácil — disse ao seu reflexo no espelho. — Vai simplesmente desistir?

Ela lembrou a si mesma que nunca fora de abandonar o campo de batalha, e que havia coisas muito piores na vida do que brigar com a irmã. E daí se tivera a fantasia de que voltaria a Seattle e encontraria a família animada com sua volta? Iria ser preciso um pouco mais de esforço, só isso. E era boa em se empenhar até conseguir.

Claire foi até a cômoda onde arrumara suas roupas e abriu a gaveta de cima. Oculto sob as calcinhas e sutiãs estava um diário bem fino. Ela não usava da forma convencional, mas mantinha listas de objetivos e o lia todos os dias. Isso a ajudava a permanecer focada. Sua lista atual incluía: retomar os laços com a família, começar a ter encontros românticos, fazer sexo, se apaixonar, ser normal.

O último item seria o mais difícil. Ou talvez todos eles fossem. Fazer sexo? Quem estava tentando enganar? Ela conseguira passar 28 anos sem encontrar um único homem interessado em vê-la nua.

Claire afundou na cama. Não que não quisesse fazer sexo. Queria. Tivera alguns poucos namorados, mas o tempo e a distância sempre haviam sido um problema. Nunca ficara em lugar algum por tempo o bastante para criar um laço realmente íntimo com nenhum deles. Era esperta o bastante para não se ligar a nenhum dos membros da orquestra. Ou eram casados, ou promíscuos, ou gays. E ela queria que sua

primeira vez fosse com alguém especial. Mas a verdade era que, se soubesse que demoraria tanto para encontrar o cara certo, teria sido menos seletiva.

Claire fechou o diário e pensou em Wyatt. Ele parecia uma boa escolha. Ela gostava dele, gostava do modo como Wyatt cuidava das pessoas. Era fantástico com a filha e um bom amigo para Nicole. Mas Claire não sabia se ele gostava muito dela. Isso seria um problema. Mas Wyatt estava deixando que tomasse conta de Amy, então talvez já estivesse gostando dela um pouquinho...

Eram perguntas demais, sem respostas suficientes.

Claire levantou e começou a andar de um lado para o outro no quarto, mas isso não adiantou muito. Alguns segundos depois, abriu a porta e desceu as escadas. Ignorando Nicole, que ainda estava na cozinha, Claire desceu mais uma vez até o porão e fechou a porta atrás de si.

O estúdio estava como sempre fora, com o piano no centro. Ela mandara afinar o instrumento, talvez porque já soubesse que faria aquilo.

A necessidade de tocar crescia em seu peito. Conseguira ignorar essa urgência por algum tempo, mas tocar com Amy mudara tudo. Era como se houvesse derrubado um muro e permitido que tudo fluísse.

A vida era uma confusão, pensou, mas a música era calma, segura e linda.

Claire se sentou diante do piano e dedilhou as teclas com suavidade. O som estava bom. Precisaria de mais algumas afinações até ficar perfeito, mas ela não estava em posição de escolher.

Claire fechou os olhos e deixou a ânsia crescer dentro dela. Não precisou nem se perguntar o que iria tocar. A música viria. Ela pousou os dedos sobre as teclas e começou.

WYATT BATEU na porta dos fundos de Nicole e entrou. Ele já se preparara para encontrar Claire, mas em vez disso viu Nicole parada diante da bancada.

— Olhe só para você — falou ele. — Desceu a escada sozinha!

— Pois é. Estou praticamente pronta para correr uma maratona. Como está você?

— Bem, queria ver como você estava.

— Estou ótima.

Nicole que, enquanto falava, jogava os restos do que deveria ter sido seu jantar na pia, não parecia ótima para Wyatt. Ela ligou o triturador de lixo e deixou a água correr até a pia estar limpa.

— Não estava com fome? — perguntou ele.

— Estava. É só que... — Ela suspirou. — Eu e Claire brigamos, e não há nada como uma discussão em família para acabar com meu apetite. Durante os últimos dois anos de Jesse no colegial, perdi cinco quilos usando uma dieta não muito conhecida. A dieta “Estou enjoada demais para comer porque minha vida pessoal está horrível”. Se escrevesse um livro sobre essa dieta poderia ganhar milhões. — Nicole olhou para Wyatt. — Como deu tudo tão errado, tão rápido? Não era o que eu queria. Desci para jantar com Claire exatamente para podermos conversar. Mas, em vez disso, acabamos brigando. Não entendo.

Wyatt teve o cuidado de não fazer nenhum comentário. Ele amava Nicole como uma irmã, mas ela podia ser uma pessoa bem difícil. E pelo que já vira, Claire tinha um temperamento muito mais calmo. Não que ele fosse admitir isso, nem sob tortura.

— Ela ficou longe por muito tempo. E você já tem muita coisa com que lidar. — Ele preferiu dizer.

— Vá com calma.

— Acho que é melhor mesmo.

Nicole virou-se para Wyatt, aconchegou-se em seus braços e enfiou a cabeça no ombro dele.

— Você acha que eu sou uma boa pessoa? — perguntou.

— É claro que sim! Por quê? — Ele acariciou as costas dela.

— É possível que eu esteja sendo a maior megera do planeta.

— Impossível.

— Você não estava aqui.

— Não precisava estar. Conheço você e você não é uma megera, Nicole. É difícil e teimosa, mas não é má.

— Uau, obrigada...

— De nada.

Wyatt passou os braços ao redor da amiga e apertou-a com força. Nicole fechou os olhos. Ele ficou parado daquele jeito por um tempo, esperando sentir alguma coisa... Qualquer coisa. Uma centelha. Uma fagulha. Até mesmo uma brasa ardente seria bem-vinda. Mas não sentiu nada.

O fogo só acendia com Claire, pensou irritado. Que sorte a dele...

— Minha vida está uma droga — resmungou Nicole, afastando-se e afundando em uma cadeira. — E eu só faço piorá-la.

Wyatt sentou diante dela.

— Duvido.

— Pare de me defender. Eu não mereço. Fui má com Claire.

Ele não disse nada. Aprendera há muito tempo que quando uma mulher quer falar, o melhor a fazer é ficar longe do seu caminho, apenas ouvindo.

— Ela preparou o jantar — continuou Nicole. — Assou um frango. Estava bom, de verdade. Estávamos nos entendendo, mas então ela começou a falar sobre George Clooney. Claire o conheceu. Ela conheceu todo tipo de estrelas e pessoas famosas e ouvi-la falar disso realmente me deixou furiosa. Odeio que a vida dela tenha sido tão fantástica. Claire passa todo seu tempo indo de cidade em cidade, tocando piano. Nossa, que trabalho duro, não? Ela contou sobre os caras da orquestra, sobre como passavam a noite na farra. É claro que Claire alegou que ela não ia para farra. Sua vida era tão dura... Acho que encaixar uma viagem extra em sua agenda apertada deve ser mesmo um problema... E contar o dinheiro que ganha também deve levar dias e mais dias!

Nicole parou de falar e olhou para Wyatt.

— Quer mudar sua opinião a meu respeito agora?

— Não. Mas quero saber por que ela consegue te abalar tanto.

Nicole hesitou.

— Isso tudo me deixa furiosa. Claire conseguiu tudo. Era dela que nossos pais falavam o tempo todo. Ficavam tão orgulhosos... Ela era a estrela, e eu ficava enfiada em casa, tomando conta de tudo. Odeio a

Claire.

— Não, você não odeia.

Nicole estreitou os olhos.

— Não gosto quando você é sensato. Já mencionei isso?

— Uma ou duas vezes. Você não odeia sua irmã. Nem a conhece bastante para sentir muita coisa sobre ela. Você odeia o que aconteceu a você por causa da vida que ela levou, e é mais fácil dizer que odeia Claire do que culpar seus pais ou as circunstâncias.

— Você anda vendo o programa da Oprah?

— Está dizendo que um homem não pode ser perspicaz?

— Quase isso.

— Já a conheço há algum tempo. É muito mais fácil para mim ver o que está acontecendo na sua vida do que é para você.

— Imagino que sim. Mas ainda prefiro quando sou eu a profunda no nosso relacionamento. Eu só... — Nicole deu de ombros. — Me sinto culpada. E odeio me sentir culpada. Sei que ela está bem. — Ela levantou os olhos para Wyatt. — Me diga que ela está bem.

— Quer que eu vá ver como Claire está?

— Por favor. Ela está lá embaixo.

— No porão?

— No estúdio.

Wyatt se levantou e caminhou até as escadas que levavam ao porão. Ele se esquecera do cômodo fechado, à prova de som, que fora construído para que Claire praticasse piano. Ela fora embora quando tinha 6 ou 7 anos de idade, o que significava que o estúdio não tivera muita serventia. Quando Wyatt entrou no porão, franziu o cenho ao perceber que Claire era dois anos mais nova do que Amy quando partira com a avó. Devia ter sentido muita saudade da família...

Especialmente de Nicole, ele pensou. Eram gêmeas.

Wyatt sabia que Nicole tinha muitas mágoas e não a culpava por nenhuma delas. Fora duro para ela tomar conta de Jesse, trabalhar na confeitaria. Ela fora a responsável. Mas o que fora Claire?

Ele abriu a porta do estúdio e imediatamente foi capturado pela beleza da música. Não conhecia nada de música clássica, de concertos ou do que quer que ela estivesse tocando. Sabia apenas que era uma peça rica, intensa e quase... Triste.

O piano estava posicionado de tal maneira que Claire estava de costas para ele. Ela oscilava o corpo enquanto tocava, o cabelo longo e louro movendo-se também, refletindo a luz. Claire também não ouvira a porta abrir, ou simplesmente não se importara por ele estar ali. Wyatt achava que a primeira opção era a mais provável.

Ela parecia estar quase em algum tipo de transe. Como se a música a transformasse.

Wyatt recuou e voltou para a cozinha.

Nicole olhou para ele.

— Como ela está?

— Bem. Está tocando piano. — Wyatt foi até a geladeira, pegou uma cerveja e juntou-se à amiga, na mesa. — Por que Claire não está em turnê? Não é isso o que ela faz?

— Não sei. Acho que deve estar de férias.

— As férias dela coincidiram exatamente com a época da sua cirurgia?

Nicole olhou-o irritada.

— Não tente me deixar culpada por ela estar aqui.

— Não estou tentando.

— Está dizendo que ela devia ter compromissos, mas deixou-os de lado para vir ficar comigo.

— Não sei. Por isso perguntei. — Wyatt sabia que Jesse ligara para Claire, que aparecera na cidade no dia seguinte. Será que fora apenas uma coincidência feliz, ou Claire tivera que cancelar apresentações para estar ali?

— Imagino que ela provavelmente tenha ingressos esgotados para semanas. Existe uma temporada de concertos? — perguntou Nicole. — Uma época melhor para ouvir Mozart?

— Está perguntando para a pessoa errada.

— Eu sei. É só que não havia pensado nisso. No que você disse. Sobre ela estar aqui quando talvez tivesse outras coisas para fazer. — Nicole não parecia feliz.

— Isso muda alguma coisa?

— Talvez. — Ela fez uma pausa. — Mas tenho certeza de que Claire está de férias — falou Nicole com firmeza.

— Se você diz...

— Não concorda?

— Você não vai conseguir a resposta que quer fácil assim. Claire pode ter deixado compromissos já marcados de lado para ficar com você, ou pode ter tirado férias para vir para cá. De qualquer modo, é difícil transformá-la em vilã nesse caso.

— Me dê um tempo — resmungou Nicole. — Posso lidar com o problema. Além do mais, eu não a odeio. Você estava certo a esse respeito.

Wyatt tomou um gole da cerveja.

— Não a odeio. Só não gosto dela. — Nicole suspirou. — Diga alguma coisa!

— Você já está falando tudo.

— Já mencionei o quanto você é irritante?

— Mais de uma vez.

— O que acha dela? — perguntou Nicole.

A pergunta pegou Wyatt desprevenido. Antes que pudesse evitar, ele se lembrou da última vez em que a tocara. Do fogo intenso que ardera dentro dele. Mas logo afastou qualquer coisa semelhante a uma imagem erótica e deu de ombros.

— Não acho nada.

Nicole encarou-o.

— Está mentindo. Você gosta dela.

Wyatt subitamente teve vontade de se contorcer na cadeira.

— Não a conheço.

Nicole estreitou os olhos.

— Você acha Claire sexy! Oh, meu Deus! Você está se sentindo atraído por ela...

— É só uma questão de química. Não significa nada.

— Quer levá-la para a cama? Isso é tão injusto! Você não quer me levar para a cama...

— Já discutimos esse assunto.

— Mas Claire é uma chata, Wyatt. Você não pode gostar mais dela do que de mim! — Nicole cobriu o rosto com as mãos. — Estou me lamuriando. Isso não é horrível?

— Você tem direito de sentir o que sente.

Nicole deixou as mãos caírem.

— Não ouse ser sensato e compreensivo a esse respeito! Além do mais, Claire é minha irmã, o que me coloca na bizarra posição de ter que lhe dizer para recuar.

Wyatt encarou-a por sobre a garrafa de cerveja.

— Porque se importa com ela?

— Não. Talvez. Não sei. Apenas não faça nada precipitado.

— Tem a minha palavra a esse respeito.

Ele não faria absolutamente nada. Querer e fazer eram duas palavras bem diferentes e Wyatt não tinha planos de tornar mais difícil uma situação que já era tão embaraçosa.

## Capítulo Nove

— VENHA. — AMY sinalizou antes de sair do carro. — Entre.

Claire hesitou, olhando primeiro para a casa de dois andares e então novamente para a menina perto dela. Não se incomodava de entrar na casa ou de passar um tempo extra com Amy. O que a fez hesitar foi a caminhonete grande estacionada na entrada de carros. Wyatt estava em casa e, por mais que Claire quisesse vê-lo, a mera ideia a fazia sentir-se estranhamente nervosa. Mesmo assim, ela assentiu e saiu do carro.

Elas andaram juntas pelo caminho da entrada. A porta da frente foi aberta antes que batessem e Amy voou para o pai. Ele abraçou a filha com força e riu enquanto girava com ela.

— Como está minha garota preferida? — perguntou Wyatt, olhando para Amy enquanto falava, para que ela pudesse ler seus lábios.

— Bem — sinalizou a menina, então se virou para Claire e falou: — Claire está dirigindo bem melhor.

Claire riu.

— Meu Deus, obrigada pelo elogio! Eu venho praticando. A rodovia ainda não me deixa feliz, mas já consigo encará-la. E meu GPS agora raramente grita comigo.

— Entre — disse Wyatt. Ele colocou a filha no chão e segurou a porta aberta.

Claire entrou. Já estivera ali várias vezes. Por isso não tinha razão para sentir-se nervosa. Mesmo assim, sentia o coração apertado e uma sensação estranha na pele. Tensa e arrepiada ao mesmo tempo.

Talvez tudo isso fosse porque ela andara revendo sua lista de coisas a fazer e pensara que Wyatt seria um grande candidato para o item “fazer sexo”.

Claire olhou para ele agora, sob os cílios cerrados, apreciando o modo como os ombros largos esticavam a camisa que ele usava. Wyatt era forte. Como seria ter alguém em quem se apoiar? Alguém

confiável, que pudesse lidar com qualquer coisa? Não que a força dele fosse a razão para que quisesse ir para a cama com ele. Ou talvez fosse. Ela com certeza não era nenhuma especialista.

Amy sinalizou que estava indo para seu quarto, então desapareceu no corredor. Wyatt observou-a ir e virou-se para Claire.

— Fico mesmo muito grato por você tomar conta dela.

— Gosto de fazer isso. Amy é divertida e muito paciente com minha linguagem de sinais.

— Ela fica feliz por você querer aprender.

Claire franziu o cenho.

— E por que eu não iria querer? É como ela se comunica.

— Muitas pessoas não se dariam ao trabalho.

— Por quê?

— Não sei. — Wyatt enfiou as mãos no bolso dos jeans e olhou para ela. — Nunca falamos sobre o pagamento pelo tempo em que toma conta de Amy. Deveríamos.

— Não quero que me pague — respondeu Claire. — Não quero falar sobre dinheiro. — Quando ele não pareceu convencido, ela acrescentou: — Somos da mesma família. Mais ou menos.

Wyatt assentiu.

— Somos quase parentes até que Nicole se recupere o bastante para contratar um advogado para cuidar do divórcio. Não consigo acreditar em como Drew conseguiu arruinar com tudo.

Claire também não conseguia. Quem fazia aquele tipo de coisa? Ela se lembrou de como atacara o ex-marido de Nicole.

— Ele está bem? O rosto dele ainda está machucado?

— Você se importa?

Ela pensou um pouco.

— Na verdade, não.

Wyatt riu.

— Agora você pareceu sua irmã falando.

— Ela está me contagiando. — O que podia ser uma boa coisa, pensou Claire. Nicole não teria deixado Lisa intimidá-la. Nicole teria dito à agente exatamente o que ela podia fazer com aquela agenda estafante e estúpida, e depois teria lhe dado as costas.

— Você está parecendo furiosa com alguma coisa — falou Wyatt. — Em quê está pensando?

— Na minha agente. Estava desejando ser mais como Nicole para conseguir dar-lhe uma boa bronca.

— É isso o que você quer fazer?

— Às vezes. Mas nesse momento venho evitando atender os telefonemas dela. O que, com certeza, não é a melhor maneira de lidar com a situação.

Wyatt foi andando em direção à cozinha. Era um cômodo grande e claro, como a maioria dos outros na casa. Os armários pareciam razoavelmente novos. As bancadas eram de granito e as ferragens, de aço inoxidável.

Impressionante, pensou Claire, lembrando-se de que ele sabia cozinhar. Falando sobre o homem

ideal... A não ser que, se Wyatt era tão perfeito, por que não estava casado, ou pelo menos namorando alguém? Ou ele *estava* namorando alguém?

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Wyatt.

— Qualquer coisa diet.

Ele olhou para ela.

— Eu pareço o tipo de cara que bebe alguma coisa diet?

Os arrepios voltaram.

— Na verdade, não.

— Ótimo. Mas a verdade é que sempre tenho alguma coisa na geladeira por causa de Nicole. — Ele pegou um refrigerante na geladeira, encheu um copo com gelo e colocou ambos diante dela. — Então por que não dá você mesma uma bronca nela?

— Em Lisa? Não sei. Nunca fiz isso antes. Mas deveria. Agora é diferente. Não sou mais criança. — O problema era que ela ainda se *sentia* muito criança. Como se precisasse pedir permissão.

— É por causa dela que você não está tocando? — perguntou ele.

Claire encarou-o.

— O que você quer dizer?

— Você não está tocando piano — disse Wyatt. — E não deveria estar? Não é isso o que você faz?

Não mais, pensou Claire com tristeza, lembrando-se da noite anterior, quando conseguira se perder na música. Tocara por horas, até estar tremendo de exaustão e ensopada de suor. Ela tocara e tocara e tocara, desejando que a música curasse tudo. Infelizmente, as complicações em sua vida eram tantas que tocar piano tornara-se somente uma distração, ainda que muito gratificante.

— Não tenho nenhuma turnê agendada — disse ela. — Estamos parados para o verão. A temporada terminou na primavera. E tudo recomeça no outono.

Wyatt pegou uma cerveja na geladeira e sentou em uma cadeira, diante dela.

— Você não cancelou nada para vir tomar conta de Nicole?

— Não. Teria sido melhor se eu houvesse cancelado?

— Não sei. Estávamos conversando a respeito na noite passada. Eu passei por lá para ver como ela estava.

Ele estivera na casa de Nicole? Claire lutou contra uma sensação de perda por não tê-lo visto.

— Eu teria cancelado compromissos para estar aqui — disse ela. — Não que Nicole fosse acreditar nisso...

— Ela pode ser bem durona.

— É assim que denominamos?

Wyatt sorriu.

— Vocês são mais parecidas do que percebem.

Porque eram gêmeas. Havia um vínculo especial. Ou ao menos houvera.

— Como funciona? — perguntou ele. — Você só toca em Nova York? Toca com uma orquestra? Não sei nada sobre o que você faz.

Era uma pergunta simples, que provavelmente fora feita por um interesse casual. Nada mais. Mas mesmo assim Claire sentiu-se ao mesmo tempo perturbada e pressionada.

— Eu, ahn, costumo agendar apresentações para apenas uma noite. Posso também agendar uma série de apresentações em uma cidade. Já toquei com orquestras diferentes no passado. Por uma temporada, ou parte de uma temporada. Mas eu... — Ela sentiu um aperto no peito, e não era porque achava Wyatt tão bonito. — Não estou mais tocando. Não consigo.

— Você ainda é um pouco jovem para se aposentar.

— Não me aposentei. Só... — Claire não queria contar para ele, não queria que Wyatt sentisse vergonha dela. Mas não conseguiu conter as palavras: — Não consigo mais tocar. Tenho ataques de pânico.

Wyatt olhou para ela como se não houvesse compreendido as palavras.

— Começaram no ano passado — disse Claire em um rompante. — Eu estava muito cansada. Queria parar um pouco e estava esperando ansiosa por passar algumas semanas sem fazer nada. Mas Lisa queria agendar uma turnê especial para o verão. Eu fiquei aborrecida e meio que fingi um ataque de pânico. Ela voltou atrás no mesmo instante. Sei que foi errado. Sei que a coisa mais madura a fazer era dizer a verdade a Lisa, certo? Sou uma adulta. A vida é minha, mas não é assim tão fácil.

Claire agarrou o copo com as duas mãos e fixou o olhar no líquido que ele continha. Era melhor do que encarar Wyatt.

— Fingi mais uns dois ataques, só para tirá-la do meu pé. Mas, então, um dia, eu realmente tive uma crise de pânico e não consegui controlá-la. Acho que fiquei tão boa em fingir os ataques que eles acabaram se tornando reais. As crises foram ficando cada vez piores e agora me dominam. Mal consegui chegar ao final da minha agenda de compromissos e tive um colapso em minha última apresentação.

Claire abaixou a cabeça, sentindo uma onda da mais profunda vergonha percorrê-la. Por mais que tentasse esquecer o que acontecera, continuava revivendo a experiência vezes sem fim.

— Estou tão envergonhada. Não sei o que fazer. Consultei um terapeuta, que tentou me ajudar. Em minha mente, sei que não conseguirei melhorar enquanto acreditar que esse é o único modo de eu ter poder sobre minha própria vida. Mas não sei como mudar a maneira como me sinto. E se eu não puder mais tocar? É só o que eu sei fazer. É quem eu sou. O que eu seria sem tocar piano?

Wyatt se arrependia profundamente de ter levantado o assunto da profissão dela. Agora, se via diante de uma Claire muito perturbada e não tinha a menor ideia do que fazer ou do que dizer a ela. Nunca passara por nada semelhante — não só por ser uma situação tão feminina e emocional, mas também porque era alheio ao universo dele.

— Talvez, ahn, se você visse, você sabe, outra pessoa — murmurou ele. — Outro terapeuta.

— Acho que poderia tentar. Mas não sei...

Claire parecia pequena e arrasada, e isso o fazia sentir-se um fracasso. De um modo tipicamente masculino, a vontade dele era dizer a ela para ignorar o problema, que com o tempo tudo se resolveria. Mas Wyatt sabia que isso não iria ajudar.

— Odeio me sentir indefesa — disse ela. — Fraca.

Com a fragilidade ele poderia lidar, pensou Wyatt aliviado. Era forte e resistente. Podia protegê-la. Podia se oferecer para...

Ele pisou no freio mentalmente e deu um giro de 180 graus. Protegê-la? De onde viera essa ideia? Não queria proteger mulher nenhuma, a não ser Amy. E talvez Nicole, porque era sua amiga. Mas não romanticamente. Ele não queria se envolver... Jamais.

Sexo, tudo bem. Gostava de sexo, esperava ansioso por alguma oportunidade. Isso ele podia entender. Mas gostar, cuidar e qualquer outra coisa mais emocional? De forma alguma. Sabia o desastre em que isso podia resultar. Vinha de uma longa linhagem de homens que sempre se davam mal no que se referia às mulheres. Drew e sua ex-mulher eram apenas o último exemplo.

— Para ser honesta — disse Claire —, o telefonema de Jesse veio na hora certa. Não que eu não viesse de qualquer jeito. É claro que viria. Mas estava meio que me escondendo da minha agente e a cirurgia de Nicole me deu a desculpa perfeita para desaparecer. Isso é horrível?

Wyatt pensou em como ela aceitara completamente a filha dele, aprendendo a linguagem de sinais e ouvindo com paciência enquanto Amy se esforçava para falar com clareza. Pensou em como ela continuara a cuidar de Nicole, apesar do temperamento difícil da irmã. Lembrou-se de Claire sentada ao piano, tocando como se aquilo fosse mais importante do que respirar. E de como o talento dela o impressionara.

— Não é terrível — disse ele. — Todo mundo precisa de um lugar para ir quando as coisas ficam difíceis.

— Segundo Nicole, as coisas não ficam difíceis para mim de jeito nenhum.

— Ela não sabe de tudo.

— Ela acha que sabe.

— Pois está errada — disse Wyatt, encarando os olhos azuis de Claire. Havia alguma coisa ali, um toque de tristeza, mas também alguma coisa mais. Alguma coisa que ele não conseguia decifrar. Interesse? Paixão?

Ou era ele mesmo projetando o que queria ver?

Ainda assim Wyatt se descobriu querendo abraçá-la. Tinha vontade de colocar os braços ao redor de Claire e de ser a rocha de que ela precisava naquele momento. É claro que também havia outra parte dele que queria arrastá-la para junto do seu corpo e beijá-la até que ambos perdessem o fôlego.

Claire sorriu.

— Obrigada por ouvir. Ajudou.

— Que bom. Quer ficar para jantar?

O convite saiu sem que Wyatt se desse conta. E ele foi recompensado com um sorriso lento que aqueceu seu sangue.

— Eu adoraria.

NICOLE DISSE a si mesma que não estava realmente observando o relógio. Por que se importar se Claire estava demorando a voltar da casa de Amy? Não estava preocupada, nem se importava. Claire não era

nada para ela.

Mas, mesmo assim, conforme o relógio na sala grande continuava a tiquetaquear, ela se descobriu nervosa, imaginando terríveis acidentes de carro.

— Você está ficando boba — resmungou Nicole para si mesma. — Se alguma coisa ruim tivesse acontecido, você já teria sido avisada.

Nesse exato momento, alguém bateu na porta da frente.

Nicole se levantou com cuidado e começou a caminhar em direção à porta. Ainda não conseguia se movimentar com rapidez e a pessoa voltou a bater antes que ela chegasse à porta.

— Estou indo — gritou, a irritação superando a preocupação. — Espere um segundo.

Como esperava ver um policial uniformizado, ou o xerife, ficou só encarando a mulher mais velha e bem-vestida parada a sua frente.

— Quem é você? — perguntou a mulher, friamente.

— Ninguém disposta a responder a essa pergunta — retrucou Nicole. — Você deve ter batido na casa errada.

— Claire Keyes está aqui?

Nicole hesitou um segundo antes de responder.

— Não nesse momento.

— Mas foi para cá que ela veio quando desapareceu? — Os olhos escuros avaliaram Nicole antes de se desviarem. Seus lábios vermelhos se apertaram. — Presumo que você seja a irmã dela.

Nicole não sentiu a menor vontade de confirmar ou negar.

— Quem é você?

— Lisa Whitney. Sou a agente de Claire.

E, dizendo isso, a mulher entrou na casa. Nicole achou que ainda não estava fisicamente recuperada o bastante para enfrentá-la, por isso fechou a porta e acompanhou-a até a sala.

Lisa despiu o casaco feito sob medida, revelando um corpo esguio, roupas de boa qualidade em cores neutras e uma bolsa de grife famosa. A pouca noção que Nicole tinha de moda sofisticada limitava-se a um conjunto de casaquinho e blusa de cashmere, por isso ela não reconheceu a marca dos sapatos, mas podia imaginar que deviam ter custado tanto quanto um bom carro usado. O cabelo curto de Lisa estava muito bem cortado, a maquiagem combinava perfeitamente com seu rosto e os brincos dourados, o colar e o relógio provavelmente eram ouro 18 quilates de verdade. Nicole detestou a mulher à primeira vista.

Lisa colocou o casaco nas costas de uma cadeira e olhou ao redor.

— Ela está mesmo ficando aqui? — O tom da pergunta deixava claro que ficar ali não seria muito melhor do que dormir em um carro.

— Em minha casa, você quer dizer? Sim. Ela está ficando aqui.

— Entendo. E quanto aos exercícios para praticar? Não vejo um piano. Ela está tendo aulas?

— Não que isso seja da sua conta, mas há um piano no porão.

Lisa olhou para ela.

— Tudo o que diz respeito a Claire é da minha conta. Quanto tempo ela vem praticando? Quatro

horas por dia é o ideal. No entanto, três podem bastar, e muito mais do que cinco não ajudam ninguém. — A mulher fez uma pausa, esperando uma resposta.

Nicole não sabia o que dizer. Até a noite anterior ela nem mesmo sabia se Claire chegara a tocar alguma coisa. Nicole disse a si mesma que não devia resposta alguma àquela intrusa.

— Não tenho ideia — disse ela. — Não fico tomando conta de Claire.

— Mas deveria. Ela esta se alimentando bem? Dormindo o bastante?

— Claire tem 28 anos. É capaz de se alimentar e de ir para a cama sozinha. — Céus, não era de estranhar que a irmã fosse totalmente imprestável. Nunca haviam permitido que ela fosse uma pessoa de verdade.

Lisa olhou irritada para Nicole.

— Claire não é como o resto de nós. Ela é uma artista talentosa. Se não tiver alguém que tome conta dela, acabará trabalhando até se esgotar. Claire precisa de descanso. De muito descanso. Os últimos anos têm sido um sofrimento. Parecia uma oportunidade de ouro. E nós aproveitamos. — Ela hesitou antes de prosseguir. — Claire disse que era demais, mas eu sabia que era possível. Agora ela está no topo. E devemos fazer tudo o que pudermos para mantê-la lá.

Nicole não tinha muita certeza de quem era exatamente essa tal de Lisa, mas sabia que não gostava dela.

— Não tem nenhum “nós” nisso.

Lisa ignorou isso e andou até o outro lado da sala.

— Você sabe se ela viu o cronograma que eu mandei? Deve ter chegado hoje.

Nicole pensou no pacote que viera pelo correio e que estava sobre a mesa da cozinha.

— Não, ela não viu.

— Claire pode examiná-lo essa noite. Precisamos começar logo se quisermos confirmar os compromissos para esse outono. Já está tarde, mas ainda há espaço. Há tanta coisa que ela precisa fazer. Aprender as músicas novas, agendar provas de figurino e eventos de publicidade, que são uma parte muito importante do que fazemos. Precisamos organizar as viagens. São apenas trinta concertos em quatro meses, mas ainda assim... É necessário tomar providências.

Trinta concertos em quatro meses? Nicole fez as contas. Era cerca de um concerto a cada quatro ou cinco dias. E se as apresentações não fossem na mesma cidade, isso significava ainda ter que viajar de um lugar para o outro. Acrescente-se a isso as quatro horas de prática que Lisa parecia exigir, junto com as provas de figurino, entrevistas e quem sabe o que mais, e Claire tinha mesmo um dia cheio.

Era assim a vida de Claire? Viagens constantes e prática de piano, possivelmente com a terrível Lisa tomando conta de tudo?

Nicole lembrou-se de Claire lhe dizendo que sua vida era mais difícil do que parecia. Não que Nicole estivesse impressionada, ou se sentisse mal, ou qualquer coisa assim. Ainda era muito mais fácil viver assim do que no mundo real.

Lisa foi até a janela da frente e olhou para fora.

— Ela comentou alguma coisa sobre as gravações?

— Não. — Que gravações?

— Claire foi convidada para participar de vários CDs. Sei que ela vai aceitar os que são destinados à caridade. Sempre faz isso. — Lisa parecia aborrecida com o fato. — Mas alguns dos outros também seriam de grande ajuda.

Gravar CDs além de tudo o mais? Nicole já estava ficando cansada só de ouvir.

Lisa virou-se para ela.

— O trabalho dela não é conhecer as cidades. O trabalho de Claire é praticar, tocar e dar entrevistas. Mas é claro que ela iria preferir fugir. Não sei como deixei as coisas saírem tanto do controle.

Lisa caminhou de volta até a cadeira e pegou o casaco.

— Não vou ficar parada aqui esperando por Claire. Por favor, diga a ela para ligar para o meu celular. E diga também que não deixarei Seattle até que consertemos todo esse desastre.

Nicole não tinha ideia de a que desastre ela se referia, e também não queria saber. Por sorte, Lisa não era mais problema seu. Ela ouviu o som familiar de um carro entrando na garagem.

— Diga você mesma — falou Nicole. — Claire acaba de chegar.

— VOLTEI — FALOU Claire, enquanto entrava pela cozinha. — Desculpe o atraso. Wyatt me convidou para jantar com eles e acabamos indo comer frango. Hoje era o dia da semana em que costumam sair para comer fast-food e foi Amy quem escolheu o lugar. Você já jantou? Foi realmente...

Ela entrou na sala de estar, viu Lisa parada perto de Nicole e, no mesmo instante, desejou não ter comido aquela última coxa de frango.

— Olá, Claire — cumprimentou Lisa, com frieza. — Me diga que você não comeu frango frito.

Lisa sempre tivera a capacidade de fazer com que Claire se sentisse pequena e estúpida. Ela quase se desculpou, mas mordeu a língua antes de fazê-lo. Era uma adulta, e se quisesse comer fast-food, então comeria. Era um direito seu.

— Comi, sim. E estava delicioso.

Lisa cerrou os lábios.

— E quanto à dieta que lhe dei? É balanceada, com uma ênfase especial na soja.

Nicole deixou escapar um som engasgado, então ergueu ambas as mãos, espalmadas.

— Desculpe. Ela simplesmente apareceu. Não sabia o que fazer.

— Está tudo bem — falou Claire. Ela não poderia se esconder de Lisa para sempre. Embora esse fosse um devaneio adorável.

Lisa ignorou a conversa entre as irmãs.

— Não sei nem por onde começar a lhe dizer o quanto estou desapontada com você, Claire. Desaparecer desse jeito, sem aviso. Deixando apenas uma mensagem no celular me avisando que havia partido! E você vem ignorando as minhas ligações. Achou mesmo que isso iria funcionar? Que eu simplesmente desistiria?

Claire endireitou os ombros e ergueu o queixo.

— Tive uma emergência familiar — falou, então rezou para que Nicole não soltasse nenhum

comentário ácido sobre como ela não era exatamente bem-vinda ali.

Mas, por sorte, por uma vez, a irmã ficou em silêncio.

O olhar de Lisa se desviou rapidamente para Nicole e voltou para Claire.

— Parece estar tudo bem por aqui. Presumo que você vá voltar logo para Nova York.

— Não. Não vou.

— E quanto à agenda para o outono? Já será apenas metade das apresentações que deveria fazer. Se não estiver lá, as pessoas vão acabar te esquecendo. Não basta ser brilhante. Você sabe disso. Sabe a facilidade com que pode perder tudo.

Essa era uma frase que Claire vinha ouvindo há anos. Uma vez ela ouvira um professor universitário reclamando da regra de “aparecer ou perecer”. Para Claire era “se apresentar ou perecer”.

— Não posso me comprometer com nada nesse momento — disse ela com firmeza. — Não tenho a menor ideia de quando voltarei a cumprir qualquer tipo de agenda.

Lisa arregalou os olhos.

— Você não está falando sério. Não pode.

Claire teve vontade de perguntar se Lisa se lembrava do que acontecera na última vez em que ela, Claire, subira em um palco. De como tivera um colapso e se humilhara. De como o pânico vencera. Mas estava muito consciente de que Nicole estava ali, ouvindo, e muito envergonhada para contar a verdade à irmã.

— Há pessoas que dependem de você — continuou Lisa. — Você é uma indústria. O sustento dessas pessoas está em risco.

Essa era outra declaração que Claire já ouvira dezenas de vezes. Lisa não conseguia inventar nada novo para dizer?

— Na maior parte, o seu sustento — devolveu Claire. — Se quiser se demitir do cargo de minha agente, não tenho nenhum problema com isso.

Lisa recuou um passo.

— Não. Não é isso o que estou querendo dizer. — Ela pigarreou. — Claire, querida. Eu não sabia que você estava tão aborrecida. É claro que deve passar um tempo com sua família. Eu não deveria pressioná-la.

Era impressionante como Lisa podia assumir tanto o papel do policial bonzinho quanto do malvado, e nunca errava.

Claire odiava isso. Odiava ter que desapontar as pessoas. Odiava não ser capaz de tocar. Mas era nesse ponto em que se encontrava — presa a um talento que não conseguia usar. Estava exausta, e não queria voltar à monotonia que era sua vida. Estava cansada de tomar decisões baseada no que o resto das pessoas queria. E quanto ao que ela mesma queria?

Essa era uma excelente pergunta... Se ao menos ela tivesse uma resposta.

— Não vai adiantar você me pressionar — disse Claire. — Não vou mudar de ideia. Vou ficar aqui até que Nicole esteja melhor. E posso até ficar mais tempo, ainda não sei. Não estou com vontade de assumir nenhum compromisso para o outono ou para qualquer outra época. Não vou permitir que me

pressão. Portanto, o que você precisa fazer é dar o fora daqui!

Lisa ficou encarando Claire por um longo tempo.

— Está certo. Posso ver que você não está pronta para voltar para casa. Tudo bem. Eu esperarei.

Você sabe onde me encontrar.

Claire assentiu, mas não falou. Apenas ficou onde estava até Lisa partir. Então, afundou no sofá e cobriu o rosto com as mãos.

— Impressionante — comentou Nicole. — Você realmente a enfrentou...

— Enfrentei mesmo, não é? — Claire deixou as mãos caírem no colo. — Estou tremendo.

— Isso logo passa. Ela é mesmo sua agente?

— Desde que eu tinha 12 anos.

— A mulher é assustadora.

— Eu que o diga. Mas ela também é a melhor no que faz. Há muitos músicos talentosos por aí que não tiveram a metade das oportunidades que eu tive.

Nicole acomodou-se em uma cadeira em frente ao sofá.

— Ela falou sobre datas de concertos, prática de piano, figurinos, entrevistas para a mídia. Isso faz parte de um dia comum?

Claire recostou-se no sofá e fechou os olhos.

— Com frequência. Não sobra muito tempo livre. Às vezes me sinto como um desses hamsters que ficam presos em uma gaiola, correndo em uma rodinha. Você faz, e faz mais, mas nunca chega em lugar algum e o cenário nunca muda. E posso dizer que hoje é mais fácil. Sei muito sobre música. Quando eu era mais nova, precisei aprender tudo. Aquilo sim era um pesadelo.

Claire fez uma pausa, então se preparou para o ataque de sarcasmo que provavelmente se seguiria. Nicole não era o tipo de mulher de perder a chance de aproveitar uma situação como essa.

Mas a irmã disse apenas:

— Parece uma rotina dura.

Claire abriu os olhos.

— Você está se sentindo bem? Está com febre?

Nicole remexeu o corpo na cadeira.

— Não. Estou bem. É possível que depois de ter conversado com Lisa eu tenha percebido que sua vida talvez não seja exatamente o conto de fadas que eu imaginava. Que deve haver trabalho de verdade envolvido.

— Oh, com certeza. — Claire sentou-se e sorriu. — Isso quer dizer que você está...

— O quê?

— Você sabe. Diga. Se você não estava certa, então você estava...

Nicole sacudiu a cabeça.

— Esqueça. Não vamos por esse caminho. Estou dizendo que eu talvez estivesse mal-informada. Isso é o melhor que você vai conseguir.

— Errada — falou Claire. — A palavra que você está procurando é *errada*.

— Nunca. Então você ficou para jantar com Wyatt?

— Ahã. Nós saímos. Amy é ótima. Eu gosto muito dela.

— E como se sente a respeito de Wyatt?

Claire teve a súbita impressão de estar pisando em terreno minado.

— Ele é um ótimo pai. Paciente e atencioso. Aqueles dois obviamente se adoram.

Nicole examinou a irmã por um longo tempo.

— É verdade. Amy é o mundo de Wyatt.

— Posso ver isso. Ele, ahn, está saindo com alguém?

Nicole se levantou.

— Por que você se importaria com isso?

— Não me importo. Só fiquei curiosa. Ele é mesmo um cara legal e parece que nunca se casaria de novo.

A expressão de Nicole endureceu. A temperatura na sala pareceu cair uns dez graus.

— Não acredito! — gritou ela. — Está se sentindo atraída por ele? De jeito nenhum! Você não vai namorar Wyatt. Pode esquecer isso. Ele é meu amigo. *Meu!* Escutou? Já foi ruim o bastante Jesse ter ido para a cama com Drew. Não vou permitir que vá para a cama com Wyatt! — Com os punhos cerrados, Nicole deu meia-volta e deixou a sala.

## Capítulo Dez

CLAIRE NUNCA estivera em um canteiro de obras antes. Saiu do carro e procurou o trailer que Wyatt descrevera. Ela o descobriu em um dos lados, mas em vez de ir diretamente na direção dele, parou para observar o que estava acontecendo.

A área era enorme e a maior parte das árvores já fora retirada, embora ainda houvesse algumas no que Claire imaginou fosse ser o quintal. Umas poucas casas já estavam com a estrutura montada, enquanto outras eram pouco mais do que estacas cravadas no solo. Máquinas grandes e barulhentas escavavam as fundações e retiravam terra.

Ela nunca pensara em todo o esforço que era necessário para construir uma casa. Ou várias casas. Parecia muito complicado, e quase um milagre. Como alguém conseguia criar uma casa do nada? Como alguém sabia o que fazer primeiro, e depois, e depois, até que tudo estivesse terminado? Quem calculava e planejava aquilo tudo?

Essa era uma pergunta para a qual ela não teria uma resposta se continuasse parada ali, lembrou Claire a si mesma. E caminhou na direção do trailer.

Estava no meio do caminho quando um homem alto e magro, de bigode, a deteve:

— Você é a coisinha mais linda que eu vi esta manhã — falou ele, com um sorriso. — Sou Spike, quem é você?

Spike? Ela nunca conhecera ninguém chamado Spike antes. Claire deu uma olhada nas tatuagens no braço do homem, na camiseta da Universidade de Washington e no grande sorriso que parecia lhe dar as boas-vindas. E gostou da simpatia dele.

— Sou Claire. Estou tomando conta da filha de Wyatt. Ele esqueceu de assinar uma autorização para um passeio de Amy e vim pegar.

Spike examinou-a de cima abaixo.

— Você é uma dessas babás elegantes?

Isso soou muito melhor do que ser uma pianista sem trabalho e vítima de ataques de pânico.

— Mais ou menos.

— É um prazer conhecê-la, Claire.

— O prazer é meu.

— Ainda não a tinha visto por aqui antes.

— Comecei a tomar conta de Amy há pouco tempo. Sou nova em Seattle.

— Precisa de alguém para lhe mostrar a cidade?

Então isso era um flerte? Spike estava flertando com ela? Claire desejou saber mais sobre homens e mulheres e sobre a maneira como interagiam uns com os outros. Não queria dizer a coisa errada, ou se sentir estúpida.

— Tenho um aparelho de GPS — falou ela. — Estou me saindo bem.

Spike deu uma risada.

— Está se saindo melhor do que pensa, querida.

Oh, Deus... Sem ter muita certeza do que deveria responder, Claire sorriu.

— Eu, ahn, preciso pegar a assinatura de Wyatt, e então voltar ao colégio. Foi um prazer conhecê-lo.

— A você também. Podemos tomar um drinque um dia desses.

Claire congelou antes de dar o passo seguinte. Spike estava convidando-a para sair?

Ela virou-se novamente para ele. Seria um convite para um encontro? Um encontro de verdade?

— Seria ótimo — respondeu Claire, e continuou a caminhar na direção do trailer.

Está certo, ela não estava loucamente interessada em Spike. Mas sair com ele ao menos serviria para praticar. Assim, se sairia melhor quando conhecesse alguém de quem gostasse de verdade. Além do mais, ele parecia ser um cara bem legal. Talvez ela o estivesse julgando rápido demais.

Quando se aproximou mais do trailer, a porta se abriu de repente e Wyatt apareceu, olhando irritado para ela.

— Por que estava falando com Spike? — Ele quis saber.

— O quê? Não sei. Estava apenas jogando conversa fora.

— Pareceu mais do que isso.

— Você está certo. Estávamos planejando fugir juntos. Mas teremos que esperar até o final do dia.

Wyatt afastou-se e fez sinal para que Claire entrasse no trailer.

— Você não leva jeito para ser sarcástica.

— Me dê mais um tempo, ficarei melhor.

Ele a encarou, os olhos muito escuros, parecendo capazes de ver o que ia na alma dela.

— Ele a convidou para sair?

Por que Wyatt estava agindo desse jeito?

— Ele mencionou a possibilidade de tomarmos um drinque.

Wyatt fechou a porta. O trailer não era grande e a maior parte do espaço estava ocupada por mesas e arquivos. Projetos haviam sido presos na parede, mostrando diferentes plantas baixas. Ou ao menos era

isso o que Claire imaginava que fossem.

Wyatt estava de pé, próximo o bastante para que ela precisasse levantar a cabeça para encontrar seu olhar. E não parecia satisfeito.

— Você não vai querer sair com Spike — falou ele.

O que era verdade, mas ela odiou que Wyatt lhe dissesse isso.

— Só porque você está dizendo?

— Porque ele saiu da cadeia há apenas dois meses. É um bom operário, mas foi condenado por assalto. Está em condicional, agora.

Claire engoliu em seco. Na cadeia? Encarcerado? Muito bem, então.

— Estou certa de que todo mundo merece uma segunda chance — falou ela, discreta, mas subitamente aliviada por não ter dado seu telefone a Spike. Não que ele tivesse pedido.

— Ele também é casado.

— O quê? Está falando sério? Casado?

Aquilo era tão injusto, pensou Claire, furiosa. Não que estivesse tão interessada em sair com Spike, mas, casado? Desse jeito ela nunca conseguiria ter um relacionamento de verdade com ninguém, nunca faria sexo. Era tão esquisita em tantas áreas de sua vida, pensou Claire, olhando para as próprias mãos. Por que não podia ser normal como as outras pessoas?

— Você parece aborrecida — falou Wyatt. — A esposa dele vai atrapalhar seus planos.

— Não seja maldoso — falou ela, sentindo-se derrotada. — Não estou interessada em Spike, o que você poderia ter imaginado por si só. Não me importo por ele ser casado, é só que...

Aquilo era tão típico da vida dela, pensou Claire, com tristeza. Onde havia errado? Como conseguiria mudar?

— É só que o quê?

Ela deu de ombros.

— Ele estava interessado. Talvez estivesse. E isso é legal.

— Você gosta de ex-presidiários se interessando por você?

— É claro que não. É só que ninguém nunca me chama para sair. Nem mesmo para um drinque. Consegui passar a vida sem que os homens reparassem em mim.

Claire se preparou para a zombaria dele, ou talvez para uma explicação do que estava errado com ela.

Em vez disso, Wyatt cruzou os braços na frente do peito.

— Sim, está bem..

— É verdade. Não tenho encontros. Nunca. Raramente estou em casa. E não viajo junto com a orquestra, por isso não conheço um monte de caras. Além do mais, a maior parte dos caras da orquestra é meio cafajeste, ou gay. Os legais já estão casados. De qualquer modo, quando estou na estrada, vou de apresentação para apresentação, e não tenho tempo de conhecer ninguém, quanto mais começar um relacionamento. A pessoa que mais vejo é Lisa, minha agente, e acredite-me, ela *não* faz o meu tipo.

Wyatt continuou encarando-a, sem dizer nada. Claire suspirou.

— Não estou inventando — falou. — Se consigo conhecer alguém mais ou menos interessante ou normal, ele costuma sentir-se completamente intimidado por mim. Por causa da fama, do dinheiro, do que for, não sei. Mas é terrível. Não que eu não tente, sabe. Quero encontrar um cara legal. Quero me envolver com alguém. — Ela relanceou o olhar para a porta. — Talvez não com Spike.

— Você acha que não?

Claire olhou irritada para ele.

— Você não está me levando a sério, não é?

— Não muito.

— Isso é típico. Você me critica o quanto quer, mas já tentou ver o meu lado da situação? Se importa...

Ela ainda estava falando quando Wyatt deu um passo adiante, emoldurou o rosto dela entre as mãos, inclinou-se e beijou-a.

A sensação dos lábios dele nos seus era tão espantosa que Claire disse:

— O que você está...

— Fique quieta.

Parecia um ótimo conselho.

A boca de Wyatt era firme, mas também surpreendentemente gentil. Quente também, pensou Claire fechando os olhos. Ele manteve o beijo leve, mas não suave. Como se já houvesse dado a ela todo o tempo de que precisava para se acostumar com o que ele estava fazendo.

Wyatt inclinou a cabeça, fazendo com que seus lábios ficassem ainda mais em contato com os dela. E roçou-os, para trás e para a frente, explorando, provocando. O beijo dele parecia estar roubando todo o ar dos pulmões de Claire, e seu cérebro estava confuso.

O calor aumentou entre eles. Calor, desejo e uma vontade enorme de estar o mais perto possível um do outro.

Claire ergueu as mãos, sem saber muito bem o que fazer com elas, e apoiou a ponta dos dedos nos ombros dele. Wyatt desceu as mãos até a cintura dela e puxou-a para junto de si, até que os corpos de ambos estivessem colados.

Era muito melhor do que ela poderia ter imaginado. Wyatt era forte, firme e totalmente másculo. E também tinha um cheiro gostoso. Limpo, masculino, com um toque de ar livre.

Ele tocou o lábio superior dela com a ponta da língua. E mesmo ela foi capaz de reconhecer a exigência naquele toque e abriu os lábios. Wyatt deixou a língua explorar o interior da boca de Claire. Os lugares por onde ela passava latejavam.

A língua dele roçou na dela, o que fez com que todo o corpo de Claire se apertasse mais ao dele. E ela acompanhou-o, carícia por carícia, sentindo-se derreter por dentro e abraçando o pescoço dele para não desabar no chão.

Wyatt abraçou-a com mais força. Os seios dela estavam apertados contra seu peito. Quando ele acariciou suas costas para cima e para baixo, Claire desejou poder sentir aquele toque em sua pele nua.

Eles se beijaram e se beijaram.. Cada célula do corpo dela parecia suspirar. Quando Wyatt

interrompeu o beijo, Claire quase gritou em protesto.

Mas felizmente ele ainda não havia terminado. Wyatt beijou o queixo dela, e depois seu pescoço. Então moveu a boca até a orelha de Claire, e lambeu a pele sensível abaixo do lóbulo. Claire estremeceu e sentiu os seios inchados, assim como aquele lugar entre suas pernas. Ela queria, desejava... E estava preparada para implorar.

Finalmente, Wyatt endireitou o corpo e olhou para ela. Claire viu fogo nos olhos dele. Graças a Deus ela não fora a única a ser afetada.

Claire queria que ele a beijasse novamente. Queria qualquer coisa que ele oferecesse.

— Devemos sair juntos — falou Wyatt.

— Ter um en-encontro? — Ela gaguejou.

Ele assentiu.

Um encontro de verdade? Eles dois? Claire estremeceu por dentro diante da ideia.

— Seria ótimo — disse ela, esperando não estar tão ruborizada quanto se sentia. — Você não está saindo com ninguém, está?

— Não a teria convidado para sair se estivesse. Nem a teria beijado. E só para deixar claro, Nicole e eu nunca saímos juntos.

Claire não perguntara, mas era bom saber.

— Eu gostaria de sair com você — disse ela. Mais do que gostaria. Ainda mais se fosse haver mais beijos.

— Na sexta-feira, à noite? Amy vai passar a noite com uma amiga.

— Parece ótimo.

— Pegarei você às sete, então.

— Estarei pronta.

Uau! Então era assim que as mulheres eram convidadas para sair... Ela deveria fazer isso com mais frequência.

Claire já se preparava para ir embora quando se lembrou da autorização e pegou-a no bolso. Wyatt assinou e ela partiu. Tecnicamente, andou até o carro, mas sentia-se como se estivesse flutuando.

Ia ter um encontro! Com Wyatt! Agora tudo o que precisava fazer era descobrir como contar para Nicole.

— ISSO ESTÁ uma delícia — disse Claire, pegando outro anel de cebola frita. — Nunca provei nada tão bom. Nunca.

Jesse pegou seu hambúrguer.

— Entenda. Nem tudo de melhor acontece em Nova York.

— Nunca achei que acontecesse — disse Claire, olhando ao redor, para o interior muito colorido do Kidd Valley, a lanchonete onde Jesse havia sugerido que se encontrassem. — Vou pedir que mandem para mim em meu próximo concerto. — Ela deu outra mordida na cebola, mastigou e engoliu. — Nunca fiz nenhuma exigência maluca de comidas. Poderia começar com isso.

— Eles não são a comida ideal para entrega. Só são gostosos quando acabam de ser feitos.

— Você está certa. O que é um terrível desapontamento. — Claire lambeu os dedos. — Então, qual é o problema?

— Nenhum. — Jesse não encarou a irmã. — Só queria dizer oi.

Claire achou que devia haver outra razão para o telefonema de Jesse, sugerindo que se encontrassem.

— Está tudo bem com você?

— Acho que sim. Me mantenho ocupada e, ahn, coisas assim. Nicole ainda está furiosa, não é?

— Sou a pessoa errada para você perguntar. Eu e ela não somos exatamente confidentes.

Da perspectiva de Claire, ela e Nicole vinham se evitando desde a briga por causa de Wyatt. O que ia acabar criando um problema e tanto. Claire descobrira alguém com quem queria sair. Ele não era casado, não estava envolvido com mais ninguém, nem era um criminoso em condicional. Portanto Nicole ia ter que superar sua pirraça e aceitar o relacionamento do jeito que era. Ao menos esse era o plano.

— Mas ela está bem — disse Jesse. — Está melhor, não é?

— Está se movimentando melhor. Acho que pretende voltar à confeitaria na próxima semana.

— Mas ainda está furiosa comigo?

Jesse parecia tão infeliz que Claire desejou ter melhores notícias para ela.

— Você foi para a cama com o marido dela. Vai demorar um tempo até que Nicole supere isso. — E o pior é que Nicole os vira juntos. Tivera uma imagem clara da traição. Não devia ter sido fácil.

— Não fui para a cama com ele — disse Jesse, afundando na cadeira. — Não foi o que ela pensa. — Ela ergueu a mão. — Não diga nada. Eu estava sem blusa, portanto devia estar fazendo sexo com ele. Sou má, ele é mau. — Jesse balançou a cabeça.

Claire lutou contra a frustração que sentia. Por que Jesse não conseguia entender que o fato de Nicole ter interrompido e impedido que a situação se concretizasse não tornava certo o que acontecera? A intenção existira. A seminudez também.

— Tenho um namorado — disse Jesse. — Matt. E eu o amo. Jamais o magoaria. Mas então encontrei um anel. Um anel de noivado. Matt quer se casar comigo.

O quê? Um namorado? E ela andando por aí com o marido de Nicole?

— Isso é ótimo, mas se você ama Matt, o que estava fazendo com Drew?

— Não posso explicar isso. Nós sempre conversávamos. Drew me escutava quando Nicole não queria escutar. Eu estava apavorada por causa do anel, porque nunca imaginei que ninguém me amaria assim. Não sabia o que fazer. Drew estava lá e, de repente, ele estava me tocando. Não sei... Talvez eu mereça mesmo tudo isso.

Agora Claire estava confusa.

— Mereça o quê?

— Drew. Talvez eu mereça o que aconteceu.

— Fazer sexo com o marido da sua irmã como punição? — Nicole estava certa, pensou Claire, aborrecida. Jesse não assumia a responsabilidade por nada.

Nicole tinha todo o direito de ficar magoada. Ela criara Jesse, estivera sempre presente na vida da

irmã, a amara, cuidara dela. E em troca, Jesse violara sua confiança em sua própria casa.

— Não foi isso o que eu quis dizer — admitiu Jesse. — É sério, se eu pudesse voltar atrás, àquela noite, teria ido embora. Nunca quis magoar Nicole, nem qualquer outra pessoa.

Jesse parecia tão dolorosamente jovem enquanto falava. E ferida. Claire não se deixou impressionar.

— Onde você está ficando? — perguntou ela, decidida a mudar de assunto em vez de brigar.

— Eu estava hospedada com uma amiga. Agora tenho um lugar para morar perto da universidade. Os aluguéis ficam realmente baratos no verão, quando a maior parte dos estudantes não está.

— Você está trabalhando?

Jesse se mexeu, desconfortável, no assento.

— Ahn, estou fazendo umas coisas na internet. Nada grande. Preciso ganhar a vida, certo? Tenho esse direito.

— Ninguém está dizendo que não tem — falou Claire, sem entender por que Jesse ficara tão irritada.

— O que você estava fazendo antes que tudo acontecesse?

— Estava tendo aulas de administração e negócios em uma faculdade pequena. E trabalhando na confeitaria. Parte dela é minha. Ela não lhe disse isso? A minha parte está depositada em um fundo de investimento até eu completar 25 anos. Quero que ela a compre de mim, mas ela não faria isso. Por que fazer o que eu quero? Nicole é uma megera.

— Talvez se você não tivesse ido para a cama com Drew ela estivesse mais disposta a ouvi-la.

— Oh, claro. Tome o partido dela.

Claire encarou a irmã.

— Você compreende que fez uma coisa incrivelmente errada? Compreende o quanto magoou Nicole?

— E o quanto ela me magoou? — Jesse afastou o prato. — Você também não se importa. Não sou a única culpada aqui. É como na confeitaria. Nicole é a única que sabe fazer as coisas do jeito certo. A única que pode estar no comando. Eu tive algumas ideias para um brownie baseado na receita do bolo de chocolate. Andei fazendo umas tentativas com alguns ingredientes. Nicole não estava muito interessada, mas eu sabia que se descobrisse o jeito certo de fazê-los ela ficaria encantada. Queria fazer alguma coisa sozinha. Alguma coisa especial.

— Você ainda podia estar trabalhando nisso.

Jesse sacudiu a cabeça.

— É preciso dinheiro para comprar os ingredientes.

— Você precisa de dinheiro? Está sem nada?

— Estou bem.

Claire pegou a bolsa.

— Não tenho um talão de cheques. Pago tudo com meus cartões de crédito, mas tenho algum dinheiro. Você quer? Posso conseguir mais, se precisar.

Jesse encarou a irmã por um longo tempo.

— Por que você me daria dinheiro?

— Porque você precisa dele. — E porque Jesse era sua irmã e, apesar de tudo, Claire queria que ela

ficasse bem.

— Há alguma coisa errada com você.

Claire já sabia disso. Só esperara que não fosse visível às outras pessoas.

— Não é essa a questão. Quer o dinheiro, ou não?

— Por enquanto, não. Mas posso mudar de ideia.

— Só me avise.

— Farei isso. — Elas pareciam ter conseguido uma trégua temporária. Jesse pegou novamente seu hambúrguer. — Você está se dando um pouco melhor com Nicole?

— Estava, até eu levantar a possibilidade de sair com Wyatt.

Jesse quase engasgou.

— Como foi?

— Nada bem. Mas não importa. Vou enfrentá-la e sair com quem eu quiser.

Jesse parecia surpresa.

— Boa sorte.

— Não é como se ela e Wyatt estivessem saindo juntos.

— Ahã.

— Ela não o quer, mas também não quer que ninguém mais o queira. Isso não é justo.

— Concordo.

— Portanto, não chega a ser realmente um problema.

— Está tentando convencer a mim ou a você mesma? — perguntou Jesse, estendendo a mão mais uma vez para o hambúrguer.

— A ambas. Como estou me saindo?

— Estou cem por cento com você. Só lamento perder o show.

Claire teve a impressão de que a irmã caçula não estava falando do encontro com Wyatt, mas sim de vê-la contando a Nicole *sobre* o encontro.

— Não sei o que usar — falou ela. — Para sair com Wyatt. Eu não, ahn, não costumo ter muitos encontros.

— Onde vocês vão? Ele lhe disse?

Claire negou com a cabeça.

— Não tenho a menor ideia.

— Provavelmente vão jantar fora. E talvez assistir a um filme. Use alguma coisa bonita, mas não muito sofisticada. Seattle não é Nova York. Talvez uma calça jeans bonita, com uma blusa de seda e um blazer. Deve parecer sexy, mas não vulgar. Interessada, mas não desesperada.

— Como jeans elegantes são diferentes de jeans comuns?

Jesse suspirou.

— Você é um caso perdido.

— Eu sei.

DEPOIS QUE Claire chegou em casa, ainda ficou algum tempo sentada no carro tendo uma boa conversa consigo mesma.

— Sou forte — disse ela ao seu reflexo no espelho retrovisor. — Sou capaz. Sou uma adulta. E sou uma boa pessoa. Gosto de mim. Vou entrar e dizer a Nicole o que está acontecendo. Sou forte e corajosa e não vou me deixar intimidar por ninguém. Principalmente por ela.

Claire respirou fundo e entrou na casa com passo firme. Ela encontrou Nicole parada na cozinha.

— Ótimo — disse Claire, com vigor. — Quero falar com você.

Nicole apenas ergueu as sobrancelhas.

Claire se recusou a se sentir intimidada.

— Veja, eu respeito quem você é e todos os seus relacionamentos. Sei que Wyatt é seu amigo e não estou tentando mudar isso.

— Você não conseguiria.

Claire sentiu um pouco da determinação lhe escapar, mas procurou manter a mente focada.

— Não é isso o que quero dizer. A questão é que você não está interessada em sair com Wyatt e eu estou. Não sei que problema há nisso. Não sei se você acha que não sou boa o bastante para ele ou qualquer coisa assim, mas o fato é que vai ter que superar isso.

— Vocês vão sair juntos — disse Nicole, parecendo cansada.

— Sim, vamos. Ele convidou, e eu aceitei. Você pode brigar, ficar de cara feia, protestar, mas não pode mudar o que vai acontecer. Além disso, seria errado da sua parte sugerir o contrário.

Nicole encarou a irmã.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Várias coisas. Sinto muito pelo que aconteceu com você. Sinto muito por Drew ter ido para a cama com Jesse. Sinto muito por nossa própria irmã ter traído você. Sinto muito por você ficar enfiada na confeitaria, trabalhando, e por achar que foi traída pela vida. Sinto muito por você ter perdido a mamãe. Mas eu também a perdi.

Nicole já ia começar a falar, mas Claire ergueu a mão, detendo-a.

— Não terminei. Isso também aconteceu comigo. E você não pensou nisso sequer uma vez. Simplesmente me culpou e desconsiderou qualquer sentimento que eu pudesse ter. Passei dez anos tentando me reconciliar com você. Mas você ignorou meus telefonemas, minhas cartas, tudo. Ainda assim, quando Jesse ligou, eu larguei tudo para estar aqui com você.

— Pelo que andei ouvindo, não havia muito para largar.

Claire ignorou o que a irmã disse.

— Havia o bastante e esse não é o ponto. Você é minha irmã e eu queria estar aqui para ajudá-la. Não importava o que houvesse na minha agenda. Eu teria aparecido de qualquer jeito, porque você precisava de mim. Porque você é importante para mim.

Claire lutou contra uma súbita onda de emoção.

— Quando nós tínhamos 5 anos, você foi a uma festa de aniversário e eu não pude ir porque precisava praticar. Eu chorei muito, mas minha professora não se importou. Você pegou catapora e

tentaram me manter longe de você porque não queriam que eu também ficasse doente. Mas eu só queria estar perto de você. Naquela noite, me enfiei na sua cama e fiquei doente também. Porque você é minha irmã.

— Você já disse isso — murmurou Nicole.

— E você não parece se lembrar. Então vamos ao ponto. Não irei embora dessa vez. Vamos encontrar um modo de ter um relacionamento e eu não vou embora até que isso aconteça. Ajudaria bastante se você agisse como um ser humano de vez em quando e mostrasse um pouco de gratidão. Você poderia até ser simpática. Mas seja o que for que decida, precisa parar de me encher o saco e aceitar que não foi a única que não conseguiu fazer um monte de escolhas em relação à própria vida.

— É você quem realmente está enchendo meu saco — disse Nicole.

— Pergunte se eu me importo.

As duas ficaram ali paradas, se encarando. Claire não sabia o que pensar, mas tinha certeza de que não recuaria.

— Ótimo — resmungou Nicole, baixando os olhos. — Saia com Wyatt. Não me importo.

— Mesmo?

A irmã assentiu.

— E obrigada por vir. Você não precisava fazer isso.

Claire riu. Sentia-se mais leve e mais feliz.

— Você estaria perdida sem mim.

— Não exagere.

— Ainda tenho marcas da catapora. Você também me deve essa.

Nicole sorriu lentamente.

— Sim... Talvez eu deva mesmo.

## Capítulo Onze

— DUAS DÚZIAS de bagels mistos — pediu o homem de terno, dando uma pausa em sua conversa ao celular pelo tempo o bastante para fazer o pedido, e logo retornando ao que dizia: — Preciso desses números no instante em que entrar pela porta. Números, não desculpas.

Claire pegou os bagels, recebeu o pagamento e entregou o saco com a encomenda ao cliente.

— Número 98! — gritou.

— Dois donuts com cobertura e um café grande com leite extra.

— Está certo.

Ela se moveu com rapidez e eficiência, pegando os donuts e servindo o café. Então recebeu o pagamento, deu o troco e chamou o próximo cliente.

Uma mulher bem-vestida se aproximou do balcão.

— Quero encomendar um bolo — falou ela. — E estou com pressa.

— Sem problemas — disse Claire indo até o outro lado do balcão. Ela pegou o caderno onde anotavam as encomendas e abriu em uma folha vazia. — O que vai querer?

— O bolo Keyes — falou a mulher. — Mas com recheio de creme de ovos, não de chocolate.

Claire sorriu.

— Sinto muito, mas não fazemos mudanças no bolo Keyes. Temos outros bolos de chocolate que podemos adaptar às suas necessidades, no entanto a receita do bolo Keyes é uma tradição que não alteramos.

— Me desculpe, mas sou uma cliente. Seu trabalho é me dar exatamente o que eu quero. Já lhe disse o que quero, agora providencie.

Claire se permitiu um momento para visualizar a cliente hostil coberta de açúcar e sendo atacada por granulados de chocolate voadores, então sorriu novamente.

— Há algumas poucas coisas na vida que não devem ser modificadas. Você não iria querer que a *Mona Lisa* de repente se tornasse uma enfermeira ou que colocassem uma saia de havaiana na Estátua da Liberdade.

— Não acredito que você esteja comparando esse bolo ridículo com qualquer uma dessas coisas.

— Já experimentou o bolo Keyes?

A mulher torceu o nariz.

— É só um bolo.

— Entenderei isso como um não. O bolo é mais do que maravilhoso. Acredite em mim. Minha família passou sessenta anos fazendo esse bolo com a receita certa. Então o que vai preferir? Uma verdadeira lenda, ou um de nossos outros bolos feitos de acordo com suas especificações? Ou você pode encomendar um de cada e fazer um teste de sabor. Seria divertido para os seus convidados.

— Acho que essa é uma possibilidade.

— Seria uma ótima maneira de encerrar a noite.

A mulher hesitou, então encomendou um bolo de chocolate comum, com o recheio de creme de ovos, e o bolo de chocolate Keyes especial. Quando a cliente pagou e foi embora, Phil olhou para Claire.

— Essa mulher já esteve aqui antes. E não é uma cliente fácil. Você lidou muito bem com ela.

— Simples palavras, pensou Claire, mas sentiu uma sensação de orgulho crescer em seu peito.

— Obrigada.

— Não achei que você conseguiria, mas não desistiu. Isso é alguma coisa.

Claire sorriu.

— Você me fez ganhar a semana.

Foi apenas quando se encaminhou para atender o cliente seguinte que ela percebeu que nem sequer pensara em ter um ataque de pânico. Apenas fizera o que precisava ser feito. Era uma sensação deliciosa, que Claire pretendia repetir.

— NÃO SEI... — disse Nicole, recostando-se na cama de Claire. — Vai mesmo usar jeans para um encontro?

Claire não mencionou que havia sido ideia de Jesse.

— Achei que as minhas outras roupas eram sofisticadas demais. Esses jeans são escuros e vou usá-los com botas de salto alto.

— Muito moderno — disse Nicole, ajeitando outro travesseiro atrás de suas costas. — Mas Wyatt sabe que você é uma mulher acostumada a comprar roupas nas lojas mais elegantes de Nova York. Ele vai se vestir com toda elegância e você vai se sentir esquisita de jeans. Que tal aquelas calças brancas, de lã? São muito bonitas.

— Ele já me viu usando-as.

— Com o quê?

— Com um suéter branco. Quer dizer, marfim. Tecnicamente o conjunto é marfim.

Nicole revirou os olhos.

— É claro que sim... Você tem um suéter diferente?

Claire deu uma olhada nas roupas e pegou um que era de um azul suave, com fios finos prateados.

— Nunca usei esse — falou ela, quase que para si mesma —, embora realmente goste dele. Talvez com pérolas.

— Brincos, talvez, mas não um colar de pérolas. Vai envelhecê-la. A cor vai ficar ótima com seu cabelo e com seus olhos.

Claire segurou o suéter diante do corpo e conferiu seu reflexo no espelho. Para dizer a verdade, não viu nenhuma diferença, mas esperava estar errada.

— Está certo, então. Vou usar esse suéter com as calças cor de marfim. Tenho um belo par de sapatos prateados e uma ótima bolsa para combinar.

Nicole torceu o nariz.

— Isso você nem precisa dizer. Todas as suas coisas são maravilhosas. Você deve mesmo gostar de fazer compras.

Claire se perguntou se elas estariam perto de entrar em um território perigoso.

— Não tanto. Lisa separa algumas coisas e eu fico com elas ou não. Na verdade não tenho tempo de ir a lojas.

Claire se preparou para um comentário sarcástico, mas Nicole apenas assentiu.

— Pelo que ela disse, seus dias realmente pareceram cheios. Essa é a sua cor de cabelo verdadeira?

Claire apontou para uma mecha.

— Faço luzes.

— Talvez eu também devesse fazer. Meu cabelo parece tão desbotado e sem graça, comparado com os seus 47 tons.

— São cerca de cinco tons diferentes — admitiu Claire. — E duram muito. E os tons diferentes tornam mais fácil de manter quando o cabelo cresce. As raízes não ficam logo aparentes.

— O que é bom quando você está viajando.

Claire assentiu lentamente, procurando algum sarcasmo no comentário da irmã. Mas não encontrou nenhum.

— É, ajuda.

Nicole se levantou.

— Vou deixar você se vestir. Wyatt logo estará aqui e não quero que o deixe esperando. Diante das circunstâncias ia ser muito estranho para mim ter que manter uma conversa educada e constrangedora com ele.

Mesmo sabendo que talvez estivesse procurando encrenca, Claire disse:

— Obrigada pela ajuda e pelos conselhos.

Nicole deu de ombros.

— Só estou tentando não ser a Rainha das Megeras do Mundo Ocidental.

— Está fazendo um ótimo trabalho.

— Bem... Obrigada.

Quando Nicole saiu do quarto, Nicole ligou seu modelador de cabelos. Não estava querendo fazer nenhum penteado espetacular, apenas encorpar um pouco os fios. Ela os cacheou, aplicou uma maquiagem leve, então se vestiu. Ajeitou um pouco mais os cabelos e deu um gritinho quando olhou para o relógio e percebeu que Wyatt estaria chegando a qualquer instante. Quando abriu a porta do quarto, Nicole estava gritando:

— Desça logo com esse seu traseiro magro. Ele está estacionando o carro e não vou agir como se fosse sua mãe.

— Estou pronta. — Claire gritou de volta, e apressou-se para atender a porta.

— Você não se atrasou — disse Wyatt, à guisa de cumprimento. — Não esperava por isso.

— Oh. Pois é. — As mulheres normalmente se atrasavam para seus encontros? Nicole não lhe dissera nada. — Você, ahn, quer entrar? — Enquanto falava, Claire espiou por sobre o ombro e viu Nicole sacudindo a cabeça e instando-os a sair logo. — Ou poderíamos ir logo. Talvez seja melhor.

— Com certeza.

Claire pegou a bolsa e saiu de casa. Mesmo usando saltos altos, ainda assim Wyatt era bem mais alto do que ela. E era grande. Ele também estava vestido de um jeito diferente do habitual. No lugar do jeans e das camisas lisas que normalmente usava, Wyatt agora vestia calças escuras e uma camisa elegante. E estava bonito. Era adequado dizer isso para um homem?

Eles se aproximaram da caminhonete, Wyatt abriu a porta do lado do passageiro e esperou que ela entrasse. Quando passou por ele, Claire se sobressaltou com a intensa consciência do corpo de Wyatt e sentiu os nervos à flor da pele.

— Você come carne? — perguntou ele. — Não conseguia me lembrar se já a havia visto comendo carne. Não é vegetariana, é?

Claire riu.

— Não. Eu como carne, sim.

— Ótimo. Vamos a um restaurante que serve um bife excelente. O Buchanan's. É um dos meus favoritos. A comida lá é fantástica.

— Parece perfeito.

Eles conversaram sobre Amy e sobre a confeitaria no caminho para o restaurante. Wyatt parou diante do manobrista e lhe entregou as chaves do carro. Então deu a volta e abriu a porta para Claire. Quando entraram no restaurante, ele disse à recepcionista que tinham uma reserva.

Claire gostou de Wyatt ter planejado a noite deles juntos. E também gostou do restaurante. Era tranquilo, todo em madeira e couro. Era íntimo sem ser escuro, e elegante sem ser intimidante.

Eles foram levados a um reservado, em um canto. Depois que estavam acomodados, a recepcionista colocou o cardápio e a lista de vinhos sobre a mesa, e deixou-os.

— Você está bonita — disse Wyatt.

Claire, que estendia a mão para o cardápio, deteve-se.

— Ah, obrigada. — Ela sentiu o calor aquecer seu rosto e ficou grata pela luz suave do ambiente. — Obrigada por me convidar para sair. Está sendo divertido.

— Não quer esperar até o final da noite para decidir isso?

Ela sorriu.

— Não preciso.

Wyatt ergueu uma sobrancelha.

— Está flertando comigo?

— Talvez um pouquinho.

— Ótimo.

O rubor se transformou em ardor.

Wyatt não precisou ler o cardápio. Já estivera no Buchanan's muitas vezes e sabia do que gostava. Mas gostou de observar Claire examinando os pratos. Ela lia o cardápio com muita seriedade, como se sua decisão pudesse ter alguma consequência importante.

Ele ainda não decidira se convidá-la para sair fora uma decisão inteligente ou não. Sentia-se atraído por Claire, ela era solteira e sexy como o diabo. Um encontro fazia todo o sentido.

A não ser pelo fato de Claire ser irmã de Nicole e de não ser o tipo de mulher com quem costumava sair, quanto mais se envolver. Uns poucos minutos na internet haviam lhe oferecido mais informações sobre Claire Keyes do que ele imaginara. Ela era famosa, reverenciada e adorada em todos os continentes que visitara. Os críticos a amavam, os fãs a cultuavam e vários de seus CDs estavam na lista dos mais vendidos. Já ele era apenas um cara que construía casas em Seattle. O que estava errado nessa imagem?

— Gostaria de uma garrafa de vinho? — perguntou Wyatt, recusando-se a se arrepender da noite antes mesmo de ela ter começado.

— Seria ótimo. Você...

Nesse momento, um homem de paletó branco se aproximou da mesa.

— Boa noite. Sou Marcellin, seu *sommelier*. Ouvi quando mencionaram vinhos e me entusiasmei. Posso oferecer alguma ajuda?

O homem tinha um sotaque francês tão perfeito que Wyatt imaginou se não seria falso. Antes que pudesse se decidir se usaria ou não os serviços de Marcellin, Claire começou a falar com ele. Em francês.

Os dois conversaram por alguns minutos, antes de Marcellin pedir licença. Claire virou-se para Wyatt.

— Me desculpe. Acabei me deixando levar.

— Sem problemas. Vocês dois se conhecem?

Ela sorriu.

— Gosto de vinhos. Por isso estava perguntando algumas coisas a ele sobre a carta de vinhos.

— Você fala francês.

Claire arregalou os olhos, como se não houvesse percebido que havia passado a falar outra língua por alguns instantes.

— Ahn... Um pouco.

Para Wyatt parecera mais do que um pouco.

— Costumava ouvir CDs com aulas de línguas estrangeiras nos voos. Ajudava a passar o tempo. Então eu praticava quando estava no país onde falavam a língua que eu havia estudado.

— Então fala outras línguas além de francês.

— Falo italiano, um pouco de alemão... Tentei mandarim, mas não tive um bom ouvido para essa língua. — Ela se ajeitou no assento, como se estivesse se sentindo desconfortável. — Não é nada demais. De qualquer modo, a carta do restaurante é impressionante. Tem excelentes vinhos de Washington. Gosto de experimentar as coisas típicas do lugar em que estou, comida, vinho... Sempre peço uma taça de vinho da região ao serviço de quarto, junto com o jantar.

— Serviço de quarto? Você não sai para jantar e se divertir todas as noites?

— Nem perto disso. Costumo estar exausta depois de uma apresentação. Então volto para o hotel, janto alguma comida leve, tento relaxar um pouco e me enfio na cama. Às vezes preciso ir a algum jantar com um patrocinador. Mas não são tão divertidos quanto parecem. Preciso estar muito atenta, o que também é bastante cansativo.

Ele não sabia nada sobre ela, ou sobre o mundo dela, pensou Wyatt. Alguns poucos artigos lidos na internet e os comentários depreciativos de Nicole não o haviam preparado para Claire. Enquanto ela falava sobre sua vida durante as turnês, ele se deu conta de que havia pedido a uma pianista mundialmente famosa que servisse de babá para sua filha.

— Quem é você? — perguntou Wyatt, sem se dar conta de que falara em voz alta.

— O quê?

— Você não pertence a esse lugar. Ao mundo real.

— Mas gosto do mundo real. O outro não é muito engraçado.

Ele mal conseguia começar a compreender a vida dela. A entender como seria ir de cidade em cidade, fazendo um tipo de concerto a que apenas poucas pessoas tinham poder aquisitivo para comparecer.

— Quero me encaixar, fazer parte. — Ela acrescentou. — Estou tentando ser como todo mundo.

— Não abaixe seu padrão.

— Não ache que sou melhor. Sou apenas diferente. E quero ser menos diferente.

Ela era linda, pensou Wyatt, distraído. Quando ficara tão linda? Amy dizia que ela se parecia com a Barbie. Ele até admitia que Claire tinha mesmo os longos cabelos louros e as mesmas pernas ainda mais longas, mas não havia muito mais nela que lembrasse uma boneca. Claire era uma mulher, e ele gostava disso. Gostava dela. Quando Claire deixara de ser a princesa malvada de gelo?

— Por que você não pede o vinho? — falou Wyatt. — Pode enlouquecer. Então nós dois tentaremos algo novo.

Claire sorriu com um prazer óbvio.

— Tem certeza? Posso ser muito liberal com dinheiro.

— Estou preparado.

Marcellin retornou e ele e Claire tiveram uma longa discussão em francês sobre diferentes vinhos.

Claire folheava a carta e apontava. Finalmente os dois concordaram com uma pequena vinícola local da qual Wyatt nunca ouvira falar. O garçom apareceu e eles pediram o jantar. Quando finalmente ficaram a sós, Claire se inclinou na direção de Wyatt e sorriu.

— Eu já lhe agradei por me convidar para sair?

Havia alguma coisa naquele sorriso... Como um convite, que o fazia querer chegar mais perto e beijá-la. Ele gostara de beijar Claire. E não se importaria de beijá-la muito mais. Mas uma vizinha inoportuna no fundo de sua mente o lembrou que era preciso ter certeza de que ambos estavam jogando pelas mesmas regras.

— Sim, já.

O vinho chegou. Eles seguiram o cerimonial de testar e aprovar. Quando o *sommelier* os deixou, Wyatt perguntou:

— Drew voltou a aparecer?

— Não que eu saiba. Ainda não me decidi se me sinto mal por tê-lo agredido ou não.

— Não se incomode com isso. Ele vai ficar bom. Dor e sofrimento devem ajudar a melhorar seu caráter.

— Ele é seu meio-irmão?

— Um de muitos.

Claire ergueu as sobrancelhas.

— Família grande?

— Uma família em constante mutação, na verdade. Venho de uma longa linhagem de homens que fracassam em seus relacionamentos amorosos. A maior parte dos meus tios não se casou, e os poucos que o fizeram acabaram se divorciando em tempo recorde. Meu pai se casou de novo recentemente. É o seu quinto casamento. Drew é meu meio-irmão de dois ou três casamentos atrás. Não consigo me lembrar de qual.

Claire pareceu espantada.

— E quanto à sua mãe?

— Ela encontrou alguém decente. Eles já estão juntos há uns 25 anos. Mas meu pai é outra história. Não dou mais do que seis meses para esse último casamento. — Wyatt se inclinou na direção de Claire. — O problema com ele é que continua tentando. Meu pai se considera uma coisa que ele não é, um homem capaz de escolher a mulher certa.

— Pode ser que aconteça.

— É pouco provável. Para nós, fracassar nos relacionamentos é uma condição genética. Eu não ia me casar. Achei que seria melhor tentar parar o trem antes do desastre.

— Mas você se casou com Shanna.

— Ela ficou grávida. Não tinha escolha.

Claire inclinou um pouco a cabeça.

— Na verdade, tinha, sim. Você poderia não ter se casado e, ainda assim, fazer parte da vida de Amy.

— Na época, o casamento pareceu ser a coisa certa a fazer.

— Porque você é um homem que faz a coisa certa.

Wyatt não sabia como acontecera, mas a conversa não estava tomando o rumo que ele desejava.

— Não sou o herói aqui.

— Por que não? Foi Shanna quem o abandonou. Ela partiu logo depois que Amy nasceu?

— Uns dois meses depois, quando ficou confirmado que Amy não ouvia. Eu não me importei em ser pai solteiro. Acho que, por causa da história da minha família, de certa forma esperava que ela se fosse.

— O olhar de Wyatt encontrou o de Claire e o prendeu com firmeza. — Você não está entendendo o ponto principal, Claire. Não entro em relacionamentos sérios. Estou feliz por estarmos saindo juntos e aproveitando, mas para mim é só isso. Diversão casual. Sexo seria ótimo, mas não me envolvo. Não quero nada sério.

Wyatt deu de ombros.

— Posso estar falando tudo isso à toa. Não sei se você está interessada. Mas, se estiver, quero deixar bem claro o que estou disposto ou não a fazer.

Os olhos azuis de Claire se arregalaram.

— Você quer fazer sexo comigo? — A voz dela era baixa e ofegante.

— Foi só isso que você entendeu de tudo o que eu disse?

— Não, entendi o resto também. Você está me alertando, para o meu próprio bem. Compreendi perfeitamente. Mas você quer mesmo ir para a cama comigo?

— Por que a surpresa?

Porque ninguém nunca quis antes, pensou Claire, entrelaçando os dedos com força no colo para evitar que batesse palmas de satisfação. Wyatt a desejava. A ela!

Ele era um belo homem, um cara muito bem-apegoado. Com certeza poderia ter qualquer mulher que desejasse, e era ela que ele queria! Será que aquele dia poderia ficar ainda melhor do que isso?

Claire teve vontade de pedir a Wyatt que repetisse novamente o que dissera, talvez acrescentando alguns detalhes. Como, por exemplo, quando ele a achara sexy e se planejava dar logo o próximo passo... Mas se descobriu nervosa e envergonhada, e preferiu escolher um tema de conversa mais seguro.

— Não estou exatamente surpresa. Me conte sobre a perda de audição de Amy. Ela nasceu assim?

— Na teoria, sim. Ela tem uma pequena porcentagem de audição em um dos ouvidos e quase nada no outro. Aparelhos auditivos ajudam, mas não chegam nem perto do ideal. Mesmo com todos os avanços da Medicina.

— Tais como...

— É possível ajustar os aparelhos auditivos digitais para perdas de audição específicas. Para tons mais agudos ou mais graves.

— E quanto a outros tratamentos? Ela poderia receber um implante coclear?

— É possível que sim. — Wyatt deu um gole no vinho. — Nas cirurgias atuais é preciso destruir o ouvido interno para fazer o implante. O que significa que se aparecer uma técnica mais avançada, ela não poderá se beneficiar dela. Há muito debate entre os surdos sobre esses implantes.

Claire não sabia disso.

— E você decidiu não ir por esse caminho? — perguntou ela.

— Por enquanto. Amy não pediu e eu quero esperar por alguma coisa melhor. Quero que ela escute.

— Wyatt deu de ombros. — Essa não é uma opinião muito popular e eu não diria isso na frente de muitas pessoas. Para alguns, ser surdo não é considerado uma deficiência. Simplesmente... é. Como a altura. Mas não concordo. Quero que a minha filha tenha todas as vantagens. E ainda não estou convencido de que o implante possa lhe dar isso.

— Você precisa lidar com tantas coisas...

— Amy precisa lidar com mais ainda.

Wyatt era um bom pai, pensou Claire, feliz. Um bom homem. Não que ela tivesse uma grande gama de referências, mas achava que estivera errada a respeito de Wyatt.

— Spike andou perguntando a seu respeito.

Claire levantou os olhos e encontrou o olhar bem-humorado dele.

— Muito engraçado — falou ela. — Não estou interessada em Spike.

— Mas estava.

Não do modo como ele estava insinuando. Ficara animada porque alguém a convidara para sair.

— Não conheço muitos homens como ele nas minhas viagens.

— Isso não é uma surpresa. Você provavelmente também não conhece muitos homens como eu.

— É verdade, não conheço — falou Claire, lentamente, pensando que era uma pena. Valia a pena conhecer caras como Wyatt.

O JANTAR transcorreu em meio à ótima conversa e muitas risadas. Antes que Claire percebesse, eles já estavam de volta à casa de Nicole, caminhando até a porta da frente.

Claire disse a si mesma para não ficar nervosa. Que o final da noite não seria grande coisa. Está certo, Wyatt provavelmente a beijaria e ela provavelmente gostaria. Um beijo ao final de um encontro era uma tradição ancestral.

Mas ela nunca tivera um encontro de verdade antes. Não um que envolvesse um cara pegando-a onde ela morava e levando-a em casa depois. Saíra com alguns caras em cidades no exterior e os encontrara já no restaurante, ou junto com um grupo. Nada em sua vida era nem de leve tradicional.

Eles chegaram até a varanda da frente. Claire fez o melhor que podia para não parecer tão tensa quanto se sentia. Também se controlou para não pressionar a mão contra o estômago agitado.

— Foi uma noite fantástica — murmurou ela, achando difícil olhar dentro dos olhos escuros de Wyatt. — Obrigada pelo jantar.

— Foi um prazer. — Wyatt levou uma das mãos ao rosto dela e acariciou-a de leve. — Não consigo decifrá-la.

— Isso é uma coisa boa ou ruim?

— Terei que lhe mostrar.

Então ele se inclinou e a beijou.

A boca de Wyatt era firme contra a dela, exigindo com tamanha determinação que a deixou sem

fôlego. Não havia dúvida, indecisão, apenas carne contra carne, uma respiração se fundindo com a outra e o coração de Claire disparado.

Ela apoiou uma das mãos no ombro dele, enquanto Wyatt segurava seu rosto com ambas as mãos. Ele a segurava como se ela fosse muito preciosa, o que fez Claire ter vontade de lhe entregar tudo que ele pedisse.

Wyatt não aprofundou o beijo, provavelmente porque estavam parados na varanda de Nicole, à vista dos vizinhos. Não que ela se importasse, mas ele devia se importar. Então Wyatt afastou-se apenas o bastante para encostar a testa na dela.

— Você vai ser um problemão, não vai? — perguntou ele.

— Na verdade sou uma pessoa muito fácil de lidar.

— Está certo...

Wyatt a beijou novamente, e foi embora. Claire suspirou e entrou quase flutuando em casa.

Nicole estava sentada na sala, assistindo à TV. Quando viu Claire, tirou o som do aparelho.

— Pelo que vejo, não preciso perguntar como foram as coisas — falou ela. — Você teve uma ótima noite.

Claire atravessou a sala e afundou em uma das pontas do sofá grande, modulado.

— Tive mesmo. Ele é maravilhoso. Fomos ao Buchanan's. Você já esteve lá?

— Já, sim. É bem caro. Ele estava tentando impressioná-la.

— É mesmo? — Wyatt queria impressionar a *ela*?

— Por que está surpresa? — perguntou Nicole.

— Simplesmente estou. Você está zangada?

— Não. Uma de nós deve ter uma vida amorosa decente, e com certeza não serei eu. Portanto, vamos lá, detalhes. Quero detalhes.

Claire se enroscou no sofá e puxou uma almofada contra o peito.

— Foi ótimo. Nós conversamos e rimos muito. É fácil estar com ele. — Ela riu. — Wyatt quer fazer sexo comigo.

Nicole recuou.

— Preciso ter uma conversa com aquele homem.

— Por quê? — Era uma ótima notícia.

— Porque é simplesmente deselegante fazer uma declaração dessas. E você é minha irmã.

— Não. Está tudo bem.

— Ahã. Mas tenha cuidado. Wyatt não se envolve em relacionamentos sérios.

— Ele me disse isso.

— Pelo menos ele foi honesto. Como se sente a esse respeito?

Claire considerou a pergunta.

— Gosto de Wyatt. Só espero que ele esteja falando a verdade sobre o sexo.

Nicole riu.

— Ele é homem. Por que mentiria a esse respeito?

Como se Claire soubesse a resposta para essa pergunta.

— Então ele não está apenas sendo educado?

— Em que planeta existem homens educados no que se refere a sexo? É diferente no universo da música?

— Não exatamente. Ou ao menos acho que não. Na verdade não tenho muita experiência com... Você sabe.

Nicole franziu o cenho.

— Não sei, não.

— Ahn, bem, com homens. — Claire segurou a almofada contra o rosto, mas logo a deixou cair. — Nunca fiz isso. Estar com um homem.

Ela sentiu que ruborizava e quis sumir em algum buraco no chão. Mas infelizmente não conseguiria escapar da verdade com tanta facilidade.

A boca de Nicole se abriu e seus olhos se arregalaram.

— Está brincando! Você é virgem?

— Mais ou menos.

— Essa é uma questão para qual a resposta só pode ser sim ou não. Claire, você tem 28 anos.

— Eu sei. Não tive a intenção de que as coisas fossem assim. Apenas aconteceu. Nunca tive muitos encontros e, quando tinha, Lisa estava sempre a postos para se certificar de que as coisas não ficassem muito interessantes — imagine se eu conhecesse um homem qualquer e parasse de tocar piano! Eu era muito ocupada e, por mais que quisesse ter um relacionamento, ficava cada vez mais difícil encontrar espaço na agenda. Então um dia percebi que já passara dos 20 anos e que havia me tornado esquisita.

— Você não é esquisita — disse Nicole. — É... Você é... Sexualmente desafiadora.

— Oh, sim, isso soa melhor.

— Não é uma coisa tão horrível.

— Para mim, é. Me faz sentir como se eu não fosse uma pessoa de verdade. Que sou apenas parte de uma pessoa.

— É impressionante — murmurou Nicole. — Você é tão linda e tão bem-sucedida. Imaginei que tivesse montes de homens atrás de você.

— Bem que eu queria. Mas parece que assusto a todos. Mas não a Wyatt. Por isso, quando ele disse que queria fazer sexo comigo, pensei que talvez finalmente estivesse por acontecer.

Nicole praguejou.

— Ele não sabe, não é?

— Não, e você não vai contar a ele.

— Eu não saberia nem como começar. Uma virgem. Uau!

Claire fez uma careta.

— Pare de dizer isso.

— Está bem. Desculpe, eu só estou...

— Chocada.

— Um pouco, mas não de um jeito ruim. Veja, não falo por experiência própria, mas tenho certeza de que Wyatt é ótimo na cama. Se você não contar, ele não vai saber que precisa ir mais devagar, mas não acho que isso será um problema. Estou certa de que ele é muito atencioso. E dá para perceber que você não tem muita experiência. Céus! Eu quase desejo poder ver a expressão de Wyatt quando ele descobrir a verdade.

Claire não sabia se apreciava a honestidade de Nicole, ou se dava um tapa no braço da irmã.

— Você não está ajudando.

— Mais uma vez, me desculpe. Estou só tentando digerir a informação. Eu achava que você se divertia muito.

— Não esse tipo de diversão.

— Entendo. — Nicole sorriu. — Tem alguma pergunta?

Claire riu.

— Mais de mil.

— Manda ver!

## Capítulo Doze

CLAIRE PAROU o carro em uma vaga no estacionamento da escola de Amy e desligou o motor.

— Tem certeza? — perguntou ela, falando diretamente com a menina.

Amy assentiu e sorriu.

— Quero que você conheça minha professora.

A menina sinalizou mais algumas coisas que Claire não compreendeu completamente, mas entendeu o ponto principal da conversa. Amy a mencionara na escola. Claire esperava que o assunto tivesse sido sobre como ela era divertida, e não alguma coisa mais significativa... Como o fato de ela ser uma concertista de piano.

Claire ainda não sabia como ia lidar com sua “outra” vida. Abandoná-la completamente? Teria alguma outra escolha até que conseguisse controlar seus ataques de pânico? As pessoas pagavam para vê-la tocar, não para assisti-la tendo um colapso. Por mais que a agitação e os gritos pudessem despertar interesse nas primeiras vezes, isso rapidamente se tornaria aborrecido. E nenhuma dessas questões tinha nada a ver com Amy.

— Adoraria conhecer sua professora — disse Claire à menina.

Amy guiou-a pela escola clara e aberta, com largos corredores e claraboias. Cartazes grandes lembravam aos alunos que era necessário usar os aparelhos auditivos na sala de aula. Os cartazes, e os estudantes se comunicando uns com os outros através de sinais, eram as únicas indicações de que aquela escola era diferente de qualquer outra em que Claire já estivera.

Amy levou-a até a secretaria, onde pediu à mulher atrás da mesa para encontrar sua professora.

— Elas têm uma reunião todas as terças-feiras — disse Amy, falando bem devagar. — Mas já deve ter acabado.

Uma reunião? Do tipo com mais de uma pessoa em uma sala?

Claire disse a si mesma para não se preocupar. Amy chamaria a professora, elas seriam apresentadas e tudo estaria terminado em uma questão de segundos. Nada demais... Mas Wyatt não poderia ter pedido a ela que levasse Amy para a escola outro dia, um em que não houvesse reuniões?

Cerca de uma dezena de adultos enchia a sala atrás do balcão principal. Amy acenou e começou a sinalizar à velocidade da luz. A habilidade da menina lembrou a Claire que ela ainda tinha um longo caminho pela frente antes de conseguir chegar perto do básico.

Uma mulher de trinta e poucos anos caminhou na direção delas.

— Olá. — Ela cumprimentou enquanto sinalizava. — Amy, que bom vê-la! Quem trouxe com você, hoje?

— Minha amiga, Claire — disse Amy. — Essa é minha professora, srta. Olive.

Claire sorriu.

— Olá. É um prazer conhecê-la. Estou tomando conta de Amy durante esse período em que estou visitando minha irmã.

— Soube da cirurgia de Nicole — disse a srta. Olive, sinalizando ao mesmo tempo. — Como ela está passando?

— Está melhor — sinalizou Claire, sentindo-se estranha e lenta. Precisaria mesmo se empenhar para melhorar de um modo geral sua habilidade de comunicação com os surdos.

Amy puxou a manga da professora.

— Claire toca piano. Ela tocou para mim. Foi lindo.

A srta. Olive olhou para Claire.

— Isso é ótimo. Muitas pessoas que podem ouvir presumem que os surdos não conseguem apreciar a música, mas isso não é verdade. Muitos... — Ela piscou. — Oh, meu Deus! É você? Não pode ser. Você é Claire Keyes?

Claire reprimiu um gemido e assentiu.

— Tenho dois CDs seus. Amo sua música. Eu a vi na TV. Não posso acreditar. — A srta. Olive se virou para as outras professoras que ainda estavam por ali. — Sarah, você não vai acreditar. Essa é Claire Keyes, a famosa pianista.

As outras mulheres vieram correndo e se apresentaram. E de repente Claire estava respondendo a uma avalanche de perguntas.

— Sim, eu viajo mesmo pelo mundo todo — admitiu. — É muito mais trabalho do que vocês imaginam.

— Mesmo assim — falou uma delas. — Você tem tanta sorte. Realmente tocou com aqueles cantores? Os três tenores?

Claire assentiu.

— Eles são encantadores.

— Não posso acreditar. Uma musicista famosa no mundo todo... está aqui, na nossa escola.

A multidão ao redor de Claire não parava de aumentar. Ela agarrou a mão de Amy para mantê-la por perto. A srta. Olive continuou a sinalizar o que conversavam para que a menina pudesse acompanhar. Ela

parecia fazer isso inconscientemente.

Uma mulher mais velha se aproximou delas.

— Sou a sra. Freeman, a diretora. É um prazer conhecê-la, srta. Keyes.

Claire apertou a mão da diretora.

— O prazer é meu.

A sra. Freeman tocou a cabeça de Amy.

— Ela é uma das nossas alunas preferidas. É tão inteligente e interessada.

Claire sorriu para a filha de Wyatt.

— Amy é mesmo muito especial — falou.

A menina sorriu, feliz.

— Todas já havíamos ouvido falar de você — continuou a sra. Freeman. — Mas não havíamos compreendido quem era exatamente. Seria demais pedir que tocasse para nós?

Demais? Essas não seriam as palavras que Claire teria escolhido. Apavorante era uma escolha melhor.

— Sei que está de férias — continuou a diretora. — Mas é que a maioria de nós jamais terá a oportunidade de ouvi-la tocar ao vivo.

Elas não seriam as únicas, pensou Claire, lutando contra a vontade de fugir. Até que conseguisse controlar seus medos, ninguém iria ouvi-la tocar ao vivo de novo.

— Eu, ahn...

Claire olhou para as professoras que a encaravam. Estavam tão animadas e esperançosas.

— De quan-quantas pessoas estamos falando? — perguntou Claire, com cautela.

— Apenas uns poucos professores e alguns alunos.

Podia lidar com os alunos, pensou Claire. Eram os adultos que a deixavam nervosa.

Queria responder que não. Queria sair em disparada para o carro e nunca mais voltar. Queria não sentir mais medo.

Esse último detalhe era o mais importante. Não sentir medo seria um milagre. Ela sabia que fizera algum progresso... Afinal, já conseguia trabalhar na confeitaria sem ter um ataque de pânico. Também conseguira dirigir um carro. Mas alguma dessas coisas importava se ela não conseguia tocar piano?

— Só algumas pessoas — respondeu Claire, com relutância. — Estou, ahn, descansando, e não quero ter que lidar com uma multidão.

A sra. Freeman bateu palmas de contentamento.

— É claro. Que maravilha! Poderíamos marcar às 14h30 de hoje? Na nossa sala de música. Seremos cerca de trinta pessoas.

Claire assentiu.

— É claro. Estarei aqui.

Ela se agachou e sorriu para Amy.

— Acho que nos veremos mais tarde.

Amy assentiu e então a abraçou. Claire retribuiu o abraço, desconfortável com a combinação de

terror e afeição que sentia.

NICOLE SUBIU as escadas quase se arrastando. Progresso, pensou. Ao menos estava fazendo progresso. Não precisaria voltar a trabalhar pelas próximas duas semanas, mas provavelmente daria uma passada na confeitaria na quinta ou na sexta-feira.

Sentia falta de sua vida. A cirurgia acabara com a dor em seu estômago, mas não resolvera a dor que carregava no coração. Este ainda queimava, como se estivesse em carne viva.

— Não pense nisso — disse a si mesma em voz alta. E pensou em pedir a Claire que parasse para pegar um filme no caminho, para assistirem juntas. Qualquer um que pudesse distraí-la. Porque a alternativa era ficar sentada em casa, sentindo ódio e saudades de Drew e de Jesse, em partes iguais.

Ela ouviu o carro de Claire estacionando na entrada de carros. Segundos depois, a irmã irrompia em casa. Estava pálida e com os olhos arregalados.

— Tenho que tocar — falou Claire, caminhando na direção da escada. — Tenho que tocar. Eu disse que sim. O que eu estava pensando? Não posso fazer isso. É cedo demais. Não vou melhorar. Tenho que encarar isso. Posso trabalhar com vendas, certo? Como na confeitaria. As pessoas ganham bem com isso?

Claire correu até o segundo andar e entrou correndo em seu quarto. Nicole foi atrás dela. Quando finalmente conseguiu chegar no quarto, viu Claire ajoelhada no chão, folheando o que pareciam ser centenas e centenas de partituras. Quem viajava levando partituras?

— Do que está falando? — perguntou ela.

Claire levantou os olhos para a irmã.

— Da escola de Amy. Ela contou à professora que eu sou pianista. E a professora acabou reconhecendo o meu nome. Então a diretora me pediu para tocar para alguns professores. Hoje.

Ela continuou folheando as partituras, examinando cada uma e jogando-a por sobre o ombro. Uma das folhas caiu aos pés de Nicole.

Ela observou o papel, e o que pareciam ser milhares de notas musicais. Como aquilo podia fazer sentido para alguém?

— E qual é o problema? — perguntou Nicole. — Você toca piano o tempo todo.

Claire sentou-se sobre os calcanhares.

— Wyatt não lhe contou?

— Não me contou o quê?

Claire arriou no chão e apoiou a cabeça nas mãos. Odiava ter que confessar a verdade para sua irmã superprática e autoconfiante.

— Venho tendo ataques de pânico quando toco. Comecei com isso alguns anos atrás. Fingi um ataque de pânico para tirar Lisa do meu pé. Mas acabei perdendo o controle e, em vez de eu dominá-los, eles passaram a me dominar.

— Ataques de pânico? Como o que você teve na confeitaria?

Claire assentiu.

— Só que ainda piores. Eu tive um colapso na última vez em que me apresentei. Praticamente tiveram

que me carregar para fora do palco. Foi horrível. — Ela tentou afastar a lembrança.

— Foi por isso que você quis vir para cá?

— O quê? Não. Foi por isso que não tive que cancelar apresentações para vir para cá.

— Está bem. E agora? Você está fazendo terapia ou alguma coisa assim?

— Eu estava fazendo. Sei o que está errado, só que não sei como consertar. — Claire fechou os olhos com força. — A música é o que eu sou. É a minha vida. Venho me sentindo tão vazia sem tocar. Tentei aproveitar o tempo de folga, mas a verdade é que sinto falta de tocar. Na noite passada, em vez de relembrar a noite com Wyatt, me peguei pensando em uma peça de Mozart. Fiquei deitada na cama, tocando-a em minha cabeça.

— Eu jamais faria nada parecido... — resmungou Nicole. — Você quer voltar a tocar?

Claire olhou para a irmã.

— Todos os minutos, todo dia. Mas estou apavorada. Pior, não confio em mim mesma. — Ela levou a mão ao peito. Sentia um aperto ali. E a adrenalina corria acelerada em suas veias. — Não consigo respirar.

Nicole atravessou o quarto e sentou-se na cama.

— É claro que consegue. Respire fundo e se concentre. Para dentro, para fora. Para dentro, para fora. Você consegue respirar.

— Não... — Claire ofegou. — Não parece que estou conseguindo.

— Isso não importa. Você consegue respirar. Está falando, não está ficando azul.

— Está bem. Está bem. Você está certa. Estou bem. — Os olhos de Claire ficaram marejados enquanto ela tentava se convencer. — Mas não me sinto bem. E se eu não conseguir? E se eu não conseguir voltar a tocar?

— Então eu provavelmente lhe darei um emprego na confeitaria. Ouvi dizer que você está incrível com a caixa registradora.

Claire começou a rir, e Nicole acompanhou-a. As duas riram muito, e então Claire começou a chorar.

— Odeio isso — admitiu ela, secando o rosto e desejando que sua fraqueza emocional lhe causasse erupções na pele ou a fizesse vomitar. Qualquer coisa, menos aquela terrível sensação de pânico. — Me sinto tão fraca e tola. Quero ser capaz de fazer o que amo!

— Escute, estamos falando sobre um pequeno punhado de pessoas — falou Nicole. — Professores não têm condições de ir a sinfonias toda semana. Eles não vão saber se você está tocando bem ou não. Só vão ficar entusiasmados por poderem vê-la tocar. Você vai ser a maior estrela que eles já viram até hoje.

Claire secou o rosto mais uma vez.

— Eles têm meus CDs, vão saber se eu fizer alguma besteira.

— Oh, sim. Boa lembrança. Só que você vai estar tocando em um piano de escola. Meu palpite é que eles não vão julgá-la.

— Provavelmente não na minha frente.

— E o que importa o resto? Você acha que as pessoas que pagam para ouvi-la tocar não são críticas?

Claire se encolheu.

— Eu não precisava pensar nisso.

— Você já tocou para alguém depois que chegou aqui?

— Para Amy. Ela ficou parada com as mãos sobre o piano, sentindo as vibrações.

— E você não teve problemas com isso.

Claire revirou os olhos.

— Ela é surda.

— Eu sei. Você não respondeu à minha pergunta.

— Fiquei bem tocando para ela.

— Então coloque Amy parada na posição em que ela ficou antes e toque para ela. Ignore o resto daquelas vacas.

Claire franziu os lábios.

— Na verdade, são mulheres bem gentis.

— Provavelmente, mas para os propósitos dessa conversa, são vacas.

Claire assentiu, tentando ser corajosa. Como sabia que se sentiria dilacerada emocionalmente, ela se ajoelhou e colocou os braços ao redor de Nicole.

— Senti tantas saudades suas — sussurrou Claire, abraçando a irmã com força. — Por favor, não me odeie mais. Não consigo suportar.

Nicole hesitou, mas logo retribuiu o abraço.

— Não odeio você — falou ela, abraçando Claire pela primeira vez em vinte anos. — Não conseguiria.

— Mas você tentou.

— Está certo, tentei. Aliás, me esforcei bastante.

— Precisa parar.

— Farei isso.

Claire endireitou o corpo.

— Promete?

Nicole sorriu.

— Sim, prometo.

CLAIRE TEVE dificuldades para encontrar uma vaga no estacionamento da escola à tarde, o que era estranho. Havia um monte de vagas de manhã. Não tinha ideia do que estava causando o problema, mas finalmente acabou conseguindo uma vaga perto do muro e estacionou.

A sensação de um desastre iminente pairava próxima à sua consciência. Ela podia senti-la, prová-la até, mas se recusava a reconhecê-la. Talvez ficasse completamente fora de si e começasse a espumar pela boca. Talvez desandasse a tocar em uma velocidade assustadora. De qualquer modo, ia tocar piano porque fora para isso que nascera. E porque faria Amy feliz.

Ela pegou as partituras que escolhera e entrou na escola. Depois de encontrar a secretária, sorriu para a recepcionista.

— Olá. Sou Claire Keyes. Poderia me mostrar onde fica a sala de música?

A mulher se levantou.

— Oh, a senhorita está aqui! Estão todos tão empolgados. A diretora me pediu para acompanhá-la ao auditório.

Claire engoliu em seco.

— Me desculpe, mas vou tocar na sala de música.

A moça riu.

— Não vai ser mais lá. Muita gente apareceu e estamos lotados. Vários pais vieram para ouvi-la tocar. A senhorita é muito famosa.

A mulher continuou a falar, mas Claire já não conseguia ouvir as palavras. Ela não conseguia ouvir nada, a não ser o zumbido em seu ouvido.

— Quan... quantas pessoas? — perguntou ela.

— Cerca de quatrocentas.

Santo Deus. A sala começou a girar e ela se sentiu afundar. O zumbido no ouvido ficou pior, assim como a pressão em seu peito. Ia morrer, bem ali na escola de Amy.

— Sei que é mais do que a senhorita estava esperando, mas como dizer não para as pessoas? É uma oportunidade única na vida. Ouvir alguém do seu nível tocar ao vivo.

Se o pânico não cedesse, aquelas pessoas a ouviriam tocar morta.

Aquilo não seria possível. Ela não conseguiria. Não tocaria. Afinal, não devia nada a ninguém. O que aquelas pessoas estavam pensando, que tinham o direito de ouvi-la de graça? Costumava cobrar milhares de dólares em cada...

Claire suspirou. Não tinha nada a ver com dinheiro. Tinha a ver com arrumar desculpas. Aquele era o ponto principal. Ou ela fazia o que prometera, ou fugia.

Claire apertou as partituras contra o peito.

— Você poderia me mostrar, por favor, onde vou tocar.

— Claro. E, a propósito, meu nome é Molly.

— Prazer em conhecê-la, Molly.

Elas caminharam pelo corredor e pararam diante de uma série de portas duplas. Claire pôde ouvir o barulho da multidão lá dentro.

— Preciso ir para a coxia — falou ela. Talvez não ver a multidão ajudasse.

— Sem problema.

Molly levou-a para uma entrada lateral. O espaço podia ser menor do que na maior parte dos lugares em que ela tocava, mas a confusão de cabos e suportes era muito parecida. O contraste entre o que a audiência via e o caos dos bastidores era estranhamente reconfortante.

— Mais alguma coisa? — perguntou Molly.

Claire assentiu.

— Você poderia fazer o favor de ver se as cortinas estão fechadas e pedir para Amy Knight vir se juntar a mim?

— Agora mesmo.

Quando ficou sozinha, Claire exercitou a respiração, como havia aprendido a fazer. Ela se imaginou dentro de uma bolha, segura, e, quando isso não funcionou, tentou imaginar um campo de flores. Depois, andou de um lado para o outro, se alongou, examinou as partituras e deixou-as de lado quando ouviu o som de passos se aproximando.

Amy correu para ela.

— Você está aqui — sinalizou a menina.

— Eu sei. Vou tocar piano para um monte de gente. Você poderia ficar parada perto de mim, como fez da outra vez?

Amy assentiu, e sinalizou.

— Por quê?

— Estou com medo — admitiu Claire. — E ter você por perto diminui meu medo.

— Eu vou proteger você.

Eram palavras simples, mas por estranho que pudesse parecer, Claire acreditou nelas.

— VOCÊ JÁ a ouviu tocar antes? — perguntou Wyatt a Nicole enquanto ambos desciam o corredor da escola de Amy.

— Não, ouvi uns dois CDs que ela gravou, mas foi só. Estranho, não? Ela é minha irmã. Eu não deveria ter ido a pelo menos uma de suas apresentações?

— Você não manteve contato com ela — ponderou Wyatt. — Por que iria?

— Não tente tornar a situação mais elegante através da lógica. Não consigo acreditar que ficamos tanto tempo distantes. — Nicole esperou enquanto Wyatt abria uma das portas do auditório. — Se fosse eu no lugar de Claire, não teria ido a Nova York para tomar conta dela. Teria deixado que ela se virasse sozinha.

Wyatt puxou o cabelo dela de leve.

— Espera que eu julgue você por isso?

— Talvez. Eu estou me julgando. Não fiz nada além de ser cruel com Claire, e ainda assim ela apareceu para me ajudar. Claire deixa que seu coração a guie.

— Eu sei.

Eles entraram no auditório. A professora de Amy, srta. Olive, prometera guardar lugares para os dois e, se não fosse por isso, teria sido impossível encontrarem um assento. Wyatt ouvira dizer que alguns dos pais viriam assistir, mas não esperara ver o lugar lotado.

— Nunca vi esse auditório tão cheio.

As pessoas andavam de um lado para o outro e conversavam animadas. Havia deixado o que estavam fazendo de lado para assistirem a Claire tocar. Wyatt sentiu uma onda de orgulho por ela e pelo talento dela.

— Espero que ela consiga dar conta disso — murmurou Nicole. — Claire estava bem assustada a respeito.

— Ela lhe contou? — perguntou Wyatt. — Sobre... — Ele não queria falar muito, no caso de Claire não ter dito nada à irmã.

— Os ataques de pânico? Ela me contou essa manhã, quando estava enfiada no meio de partituras e prestes a ter um colapso. Nós conversamos e ela pareceu melhorar, mas não sei se vai conseguir. Claire estava realmente preocupada.

— O que ela faz pode não ser fácil.

Nicole sorriu.

— Então agora você gosta dela.

— Ahã.

— Suponho então que o encontro correu bem.

— Claire lhe contou todos os detalhes?

— Alguns. Mas agora posso ouvir tudo da perspectiva de um homem.

— Acho que não.

A professora de Amy acenou para eles.

— Não é incrível? Estou tão empolgada! Imagine só, poder ouvir Claire Keyes ao vivo. Você deve estar tão orgulhosa.

— Estou — murmurou Nicole.

Eles se acomodaram em seus lugares. Pesadas cortinas negras ocultavam o palco.

— Você está orgulhosa — perguntou Wyatt, baixinho. — De Claire?

— Sim. E isso também me surpreende. Parece que parei de sentir ressentimento. Sei que as coisas não chegaram de mão beijada para ela. Claire trabalhou como escrava para chegar aonde está. Só espero que ela esteja bem.

— Ela vai conseguir — falou ele. Claire não tinha escolha. Havia mais de duzentas pessoas ali, cheias de expectativa. Wyatt não achava que ela as frustraria.

— Acredita mesmo nisso?

— Tenho fé. É tudo o que tenho.

— Era mais fácil quando eu não gostava dela — resmungou Nicole. — Agora fico assim, preocupada. Antes, eu teria ficado feliz por saber que ela estava sofrendo.

— Você, sempre olhando para o melhor lado das coisas...

— Psiu. Estou ignorando você e enviando calma e pensamentos positivos para minha irmã.

Alguns minutos depois, a diretora apareceu no palco. Ela segurava um microfone e pediu calma.

— Temos um prazer inesperado esta tarde — falou ela, quando a multidão se acalmou. — Claire Keyes vai tocar para nós.

Todos aplaudiram. A sra. Freeman esperou que o silêncio retornasse e continuou.

— A maioria de vocês já conhece a história de Claire. Com 3 anos de idade, ela caminhou até um piano e começou a tocar. Nunca vira o instrumento antes, nem recebera qualquer informação a respeito. Claire foi realmente uma criança prodígio. Mas, ao contrário de muitos que começam cedo, ela ficou ainda mais talentosa com a idade. Estudou, tocou e viajou pelo mundo inteiro, compartilhando seu dom.

Hoje, Claire vai compartilhar seu talento conosco. Claire Keyes.

— Espero que ela não caia dura — sussurrou Nicole.

Wyatt concordou secretamente.

As cortinas se abriram e mostraram um piano no centro do palco. Nicole cruzou os dedos quando Claire apareceu, segurando a mão de Amy. Elas caminharam até o piano, e Claire se sentou, sem olhar para ninguém, enquanto Amy ficava parada perto do piano, as mãos sobre ele, como se preparada para sentir a música.

Wyatt percebeu a tensão nas costas de Claire. E alguma coisa no ângulo de sua cabeça disse a ele que ela estava tendo problemas para respirar.

Wyatt praguejou silenciosamente, desejando poder fazer alguma coisa, qualquer coisa, para resolver o problema. Mas não havia nada que pudesse fazer. Claire estava por sua própria conta.

Ela posicionou a partitura. Wyatt observou as folhas de papel, os pequenos símbolos negros que significavam tanto para Claire. Como alguém conseguia fazer aquilo? Como era possível que ela...

Claire colocou as mãos sobre as teclas e começou a tocar. A música encheu o auditório, as notas claras e fortes, mais linda do que qualquer coisa que Wyatt já ouvira desde a noite em que a surpreendera praticando. Amy ergueu os olhos e sorriu para eles.

Ela estava conseguindo, pensou ele, com alívio. Claire estava conseguindo.

Wyatt assistiu a tensão ceder ao longo dos quarenta minutos que se seguiram. Claire relaxou, aparentemente se entregando ao momento.

Nicole inclinou-se na direção dele.

— Ela está conseguindo.

— Ela é impressionante.

— Parta o coração dela e eu lhe darei uma surra. Pior do que isso, não serei mais sua amiga.

Wyatt encarou Nicole.

— Está falando sério?

Nicole assentiu.

— Ela é minha irmã.

Ele passou o braço pelos ombros da amiga.

— Fico feliz por você finalmente ter percebido isso.

CLAIRE SAIU para dar uma volta de carro depois de tocar na escola. Ela descobriu, entre as recomendações do GPS, um mercado de produtores chamado Pike Place Market e deixou que a tranquila voz feminina do aparelho a guiasse até um estacionamento próximo. Lá, deixou o carro, desceu a colina, atravessou a rua e seguiu por uma passagem com uma linda vista.

O dia estava ensolarado, mas fresco. O vento inflava o suéter de Claire e soprava seu cabelo ao redor do rosto. Havia multidões espalhadas por todo o lado, embora ela se sentisse totalmente só, da melhor

maneira possível.

Conseguira. Apesar do medo, do coração aos pulos, da garganta seca, ela tocara. E, depois de alguns minutos, a música se tornara tudo.

Estava terrivelmente sem prática. Qualquer um com o mínimo de treino teria se encolhido diante de sua apresentação, mas sua plateia fora gentil e generosa.

Era um começo, disse Claire a si mesma, enquanto olhava para o mar e sentia a vida preenchê-la. Não iria se enganar achando que estava curada, mas estava no caminho certo. No dia seguinte iria praticar por algumas horas. Aquecer. Deixar a música voltar para sua vida.

Ela voltou para o carro e para casa. Quando entrou, animada, querendo agradecer a Nicole por ter ido, ficou surpresa ao encontrar a irmã andando de um lado para o outro da sala, o rosto pálido, a boca cerrada em uma expressão furiosa.

— O que houve? — perguntou Claire. — Você está bem? Alguém está doente?

Nicole olhou com raiva para ela.

— Me diga que você não sabia. Juro por Deus que se descobrir que você sabia eu vou... Sei lá, vou fazer alguma coisa grande e feia.

Claire queria recuar, mas ficou firme.

— Que eu não sabia o quê?

— Sobre Jesse. Ela está vendendo bolos pela internet. Criou um site que parece exatamente com o nosso. O endereço do site também é bem parecido. Mas a diferença é que, em vez de apenas dar informações como nós fazemos, o dela vende bolos.

Claire não conseguia acreditar.

— O bolo de chocolate Keyes? — Não era possível. Jesse não faria isso, faria? Não depois de ter ido para a cama com Drew. Isso era terrível. Aliás, era mais do que terrível.

— Sim — respondeu Nicole. — Não consigo acreditar. Inclusive está vendendo os bolos cinco dólares mais caros do que os nossos. Estou tão furiosa! Só quero colocar minhas mãos nela e esmagá-la como a um inseto.

— Você está mesmo zangada... E com razão, mas podemos resolver isso — disse Claire.

— Não, não podemos. Eu sabia que ela era um desastre ambulante. Não esperava nenhum milagre, mas essa é a última das traições. Não pude fazer nada contra ela por ter ido para a cama com meu marido, mas juro por Deus que essa agora não vai passar em branco.

Claire não gostou nada disso.

— O que você vai fazer?

— Denunciá-la à polícia e mandá-la para a cadeia, onde ela pode apodrecer.

## Capítulo Treze

CLAIRE ESPEROU sentada em um banco antigo, encostado à parede, até Jesse sair. A irmã estava pálida e parecia que estivera chorando. Claire levantou-se, sem saber muito bem o que dizer, ou o que queria que a irmã dissesse. Quando nada lhe ocorreu, ela virou-se e se encaminhou para o carro.

— Sinto muito — falou Jesse, enquanto Claire ligava o carro.

— Essa foi a primeira vez que tirei alguém da cadeia.

— E foi a primeira vez em que fui para a cadeia. Não posso acreditar que ela mandou me prender.

Nunca pensei que Nicole faria isso. Achei que ela me amava.

Jesse começou a chorar.

Claire sentia-se dividida. Apesar de simpatizar com a mágoa de Jesse, nesse caso estava do lado de Nicole. Jesse já passara dos limites vezes demais.

— O que você achou que ela faria? — perguntou Claire.

— Achei que gritaria comigo.

— Você roubou a receita e está vendendo o bolo Keyes pela internet, Jesse. Gritos costumam ser reservados para coisas como chegar tarde em casa.

Jesse virou-se para encará-la, secando as lágrimas.

— E como eu poderia roubar o bolo se também sou uma Keyes? O papai deixou metade da confeitaria para mim. Sendo assim, a receita também não é metade minha?

— Se essa é a melhor desculpa que você tem, então está muito encrencada. Para onde devo levá-la?

— Para casa. — Jesse deu o endereço, e Claire digitou no GPS. — Não tenho nada. E estava fazendo algum dinheiro com os bolos. Qual o problema? Não tinha emprego, depois que Nicole me expulsou.

Claire não podia acreditar.

— Você esperava que Nicole a mantivesse na confeitaria depois do que você fez com Drew? Você

não assume nenhuma responsabilidade, Jesse?

— Tenho que tomar conta de mim mesma. Já lhe disse que nada do que aconteceu é culpa minha. Nicole não me escutaria. Qualquer coisa que eu disser não será o bastante. Serei eternamente punida. Nicole nunca me perdoará.

— Essa é uma decisão dela, mas mesmo se for verdade, não lhe dá o direito de roubar o bolo e vendê-lo daquele jeito.

— Eu não estava roubando — repetiu Jesse, com teimosia. — O que eu deveria fazer? Ela me expulsou da minha casa. Eu não tinha para onde ir. Estou vivendo em um apartamentinho nojento e alugando espaço em um restaurante das três às dez da manhã. Asso os bolos lá e, sim, vendo-os. É um grande negócio. E, de qualquer modo, todos os meus clientes são de fora do estado. Não estou tirando nada da confeitaria.

— E quanto ao que você está tirando de Nicole?

Jesse desviou os olhos para a janela.

— Agora você vai ficar do lado dela. Já entendi.

— Não estou ficando do lado de ninguém. Não há lados. Há apenas nós, três irmãs que parecem não conseguir se entender.

— Você e Nicole estão se entendendo. Isso deve ser o bastante para você.

— Não estou tomando partido — repetiu Claire. Não exatamente.

— Pois parece que está. Mas não me importo. Não preciso de nenhuma de vocês duas.

Claire sentia-se triste e frustrada ao mesmo tempo. Como Jesse podia não ver problema no que fizera? Depois de ter ido para a cama com Drew, aquilo só tornava a situação ainda pior.

— Por que você quer continuar a magoar Nicole? — perguntou Claire. — Achei que se preocupava com ela.

Jesse cruzou os braços na frente do corpo.

— Realmente me preocupo com ela. Mas não tenho outra escolha.

— Essa não é uma boa desculpa.

Jesse virou-se para a irmã.

— Você não sabe nada a meu respeito, não sabe pelo que estou passando. Matt descobriu sobre a história com Drew e também não quer me escutar. Sei que estraguei tudo antes, mas isso é diferente.

Não parecia assim tão diferente, pensou Claire, irritada.

— Sei que você tomou algumas decisões muito erradas e está fazendo o possível para evitar as consequências.

— Fique quieta. Você não sabe de nada. Você tem tudo, e eu não tenho nada. Por isso não tem o direito de voltar para cá e me dizer o que fazer.

Jesse abriu a porta do carro e saiu. Claire desligou o motor e foi atrás dela. Ainda não haviam nem saído do estacionamento da delegacia. Não podiam ao menos se afastar alguns quilômetros antes de fazerem uma cena?

— Jesse, não!

Jesse voltou-se para a irmã.

— Não o quê? Não fique no caminho? Não seja um desastre ambulante? Durante toda minha vida só criei problemas para Nicole. Sou a razão por que ela não pôde fazer tudo o que queria fazer. Por minha causa ela não pôde sair de Seattle, ou ir para a faculdade, ou qualquer coisa assim. Você acha que não sei disso? Acha que isso me deixa feliz?

— Então por que continua magoando Nicole?

— Não faço isso! — gritou Jesse. — Vá embora, Claire. Apenas vá embora! — E ela voltou a caminhar.

— Espere. Vou levá-la para casa.

— Posso pegar um ônibus. Já fiz isso antes.

Jesse apertou o casaco contra o corpo, atravessou a rua e se encaminhou para o ponto de ônibus. Claire voltou para o carro. O que deveria fazer agora? Não tinha nenhuma experiência com situações como essa. Deveria exigir que Jesse entrasse no carro? Mas não podia forçá-la.

Antes que conseguisse decidir o que fazer, um ônibus parou no ponto e Jesse entrou nele. Claire observou o veículo partir, se perguntando como as três haviam chegado àquele ponto, e que esperança tinham de algum dia conseguirem se entender.

— AMY VAI passar a noite de sexta-feira conosco — disse Nicole na manhã seguinte, durante o café da manhã. — Está na época da autoflagelação anual de Wyatt.

— Do que você está falando? — perguntou Claire.

— Todo ano, na data em que Shanna partiu, ele fica totalmente bêbado e lembra a si mesmo por que seus relacionamentos amorosos nunca dão certo. É uma coisa de homens, porque para mim não faz o menor sentido. Por sorte ele não quer que Amy veja nenhuma parte do evento, assim trago ela para cá e, quando Wyatt fica sóbrio, vem pegá-la. Já se tornou uma tradição.

— Parece como a típica noite de diversão das garotas — disse Claire. — Por que ele precisa ficar bêbado para lidar com o passado?

— Não tenho a menor ideia.

Claire ainda não se sentia à vontade para perguntar esse tipo de coisa a Wyatt, embora eles houvessem tido outros encontros depois daquele primeiro, e cada um tivesse sido melhor do que o anterior. Ela se perguntara por que ele não a convidara para sair naquele final de semana, mas acabara de descobrir o motivo. Mas não sabia o quanto Wyatt ainda se importava com Shanna ou por que ele não lhe contara sobre sua noite anual de bebida e solidão.

— Você não acha que ele ainda está apaixonado por ela, acha? — perguntou Claire.

Nicole deu um gole no café.

— Nem pagando. Isso terminou anos atrás. Esse ritual tem mais a ver com o que ele pensa sobre si mesmo. Wyatt jura que vem de uma longa linhagem de homens que fracassam em seus relacionamentos. Baseada no meu breve, porém desastroso, casamento com Drew, estou inclinada a acreditar nele.

Claire não se deu ao trabalho de ponderar que Drew era apenas meio-irmão de Wyatt.

— Vamos ter uma ótima noite com Amy aqui — falou ela. — Que tal um festival de filmes? Podíamos alugar alguns DVDs.

— Boa ideia. Wyatt costuma levar uns dois dias para se recuperar do porre, mas acho que dessa vez irá superar mais rápido. — Nicole riu. — Ele vai querer ver você.

— Talvez — disse Claire, esperando que isso fosse verdade.

Ela estava intrigada com a ideia de Wyatt bêbado. Os homens não costumavam gostar de fazer sexo quando ficavam bêbados? Já vira isso em centenas de filmes. Até ali, apesar de seus encontros terem sido divertidos, o lado físico do relacionamento deles ainda não progredira muito. Os dois ficavam se beijando, e se beijando, mas nada mais. Claire sabia que Wyatt não desconfiava que ela ainda era virgem, por isso não era essa a razão de ele estar se reprimindo. Será que estava apenas sendo cavalheiro?

Se fosse esse o caso, isso não demonstrava que era um cara legal? Seria errado da parte dela tirar vantagem enquanto ele estivesse bêbado?

O telefone tocou e Nicole atendeu. Enquanto a irmã falava, Claire subiu para o seu quarto e pegou sua lista de coisas a fazer na cômoda.

Fazer sexo estava bem ali, perto do topo. Ela queria desesperadamente descobrir como era a sensação de estar com um homem. Wyatt já havia lhe dito sem rodeios que desejava fazer sexo com ela. Portanto ela só estava considerando a possibilidade de manipular as circunstâncias em seu proveito. A quem aquilo poderia causar mal?

POR VOLTA das dez horas daquela noite, tanto Amy quanto Nicole já estavam na cama. Claire passara a tarde tentando encontrar alguma coisa sexy para vestir e seduzir Wyatt. Ela queria estar atraente, mas não óbvia. Também havia a questão de ter que dirigir até a casa dele vestida no que escolhesse, por isso usar apenas lingerie estava fora de questão.

Claire acabou optando por calças jeans justas, sapatos que não precisavam ser amarrados e um suéter curto. Por baixo, usava um conjunto de calcinha e sutiã de seda em um tom de rosa pálido.

Era estranho se vestir para seduzir um homem.. Provavelmente porque nunca fizera isso antes. Será que Wyatt reprovaria suas escolhas? Ela estaria planejando demais todo o processo?

Incapaz de chegar a uma conclusão, Claire deixou o quarto e desceu cuidadosamente as escadas. Ela escreveu um bilhete e deixou-o encostado na cafeteira, o único lugar onde tinha certeza de que Nicole veria pela manhã. O conteúdo do bilhete era vago o bastante para que se Amy o lesse também não descobrisse o que estava acontecendo. Então Claire foi para o carro e dirigiu até a casa de Wyatt.

No caminho, tentou ensaiar o que iria dizer. Nada parecia certo. Com alguma sorte, acabaria não tendo que falar nada.

Claire estacionou na entrada de carros da casa dele e só então percebeu que, apesar de estar se sentindo nervosa, não estava assustada. Sentia um frio no estômago, mas nenhuma sensação de morte iminente. E nada que se assemelhasse a um ataque de pânico.

Tinha que dar certo, ela disse a si mesma enquanto caminhava até a porta da frente e tocava a

campanha. Ao menos ainda havia luzes acesas. Ficara preocupada com a possibilidade de acordá-lo.

Wyatt atendeu prontamente.

— Claire?

— Olá, Wyatt.

Ele franziu o cenho.

— Você está bem?

— Ahã. Pensei que talvez você gostasse de ter companhia. — Ela passou por ele e entrou na casa.

Wyatt fechou a porta e seguiu-a até a sala de estar.

Ali, Claire encontrou as evidências da comemoração solitária dele. Havia metade de uma pizza e uma garrafa de uísque sobre a mesa de centro. O copo, ao lado da garrafa, estava quase vazio.

Ela se virou para ele e sorriu.

— Como você está?

Wyatt apoiou uma das mãos na bancada, como se precisasse de ajuda para se manter equilibrado. Mas, a não ser por isso, não parecia estar bêbado. Nicole exagerara ou ele começara tarde?

— Estou bem — respondeu ele. — Por que você está aqui?

— Já lhe disse. Porque achei que você talvez gostasse de ter companhia.

As pupilas dele estavam levemente dilatadas. Mas a verdade é que ela não sabia muito sobre se embriagar. Raramente bebia e sua maior indulgência era uma eventual taça de vinho.

— Essa noite não é um bom momento para mim — falou Wyatt. — Não estou em minha melhor forma. Talvez fosse melhor você ir embora.

— Você não precisa se preocupar em me entreter — disse Claire. Ao menos não do modo como ele poderia imaginar que ela estivesse esperando.

Claire andou até ele e colocou as mãos em seus ombros. Só então sentiu o cheiro de álcool em seu hálito, mas não achou repulsivo. Ela ergueu a cabeça e o beijou.

Wyatt reagiu no mesmo instante, retribuindo o beijo com uma intensidade que a encantou. Aquilo seria mais fácil do que imaginara. Então, ele se afastou.

— Essa não é uma boa ideia — murmurou Wyatt. — Não esta noite. Não desse jeito.

— Pois para mim parece uma ótima ideia — murmurou ela de volta. — Vamos, Wyatt. Qual o problema?

Ela beijou-o novamente, dessa vez roçando o lábio inferior dele com a língua. Wyatt apoiou ambas as mãos na cintura dela e gemeu. Claire se aproximou mais e sentiu a firmeza do corpo dele e alguma coisa pressionando sua barriga... Alguma coisa que ela esperava desesperadamente que fosse uma ereção.

Wyatt enfiou a língua na boca de Claire e beijou-a com intensidade o bastante para detonar um incêndio em ambos. Ele usou a língua para brincar e provocar, ao mesmo tempo que suas mãos passeavam pelo corpo dela, tocando as costas, os quadris, descendo até o traseiro e apertando.

Claire arqueou o corpo contra o dele, sentindo aquela protuberância pressioná-la ainda mais. Dessa vez, Wyatt se esfregou no corpo dela, deixando-a quase certa de que o que sentia era mesmo uma ereção. Aquilo era bom, certo? E a deixava um passo mais próxima de ser exatamente como todo mundo.

Wyatt a beijava sem parar, como se não conseguisse se faltar. E então, de repente, ele se afastou e puxou o suéter dela por sobre a cabeça. E ficou apenas encarando-a.

— Você é tão, tão linda — murmurou Wyatt. — Ainda mais do que eu havia imaginado.

Wyatt andara pensando nela? Em estar com ela? Seria possível?

Claire estremeceu em antecipação — e talvez por um certo nervosismo. Ele voltou a beijá-la, enquanto levava a mão às costas dela. E em um instante o sutiã de Claire estava solto.

Embora já não se sentisse tão confiante, ela deixou o sutiã cair no chão. Wyatt segurou os seios dela em ambas as mãos e, ainda beijando-a, começou a explorar a pele sensível.

Ele roçou os mamilos com os dedos, acariciou as curvas delicadas. Então interrompeu o beijo e inclinou-se para lambe o mamilo direito.

Foi como se houvesse uma ligação direta entre o seio dela e aquele lugar quente entre suas pernas. Claire sobressaltou-se e logo segurou a cabeça dele para mantê-la onde estava.

— Mais — sussurrou ela.

Wyatt riu e fez a vontade dela. Ele se moveu entre os seios dela, lambendo, sugando, fazendo-a sentir coisas tão incríveis que Claire não tinha certeza se sobreviveria se ele parasse. Mas Wyatt parou. Só que antes que ela pudesse protestar ele se ajoelhou e puxou-a para baixo também.

Os dois estavam sobre o tapete em frente à mesinha, a perna dele entre as delas, beijando-a, sua coxa pressionando o centro de prazer de Claire. Wyatt se apoiou nas mãos e colocou-se sobre ela, mas sem apoiar seu peso. Ambos estavam sendo arrastados. Ao menos era nisso que Claire tentava acreditar.

Ela estava fazendo o melhor que podia para se entregar à experiência. Aquilo era tudo o que queria, ou ao menos era isso o que dizia a si mesma. Mas a verdade era que esperara mais do que o chão da sala de estar. Não se sentia exatamente confortável, mas sim exposta, como se a qualquer momento alguém pudesse entrar e surpreendê-los. Além disso, agora que Wyatt parara de beijar seus seios, Claire sentia-se capaz de pensar novamente e isso não poderia ser bom.

Sem saber muito bem como explicar que não estava confortável sem revelar a verdade, ela acabou não dizendo nada. Quando Wyatt abriu o jeans dela e puxou, Claire não colocou empecilhos. Em algum momento ela já perdera os sapatos, o que também não a incomodou. Então ele se inclinou sobre seu corpo e voltou a capturar um mamilo com a boca. Ao mesmo tempo, deslizou os dedos por entre as pernas dela e começou a explorar a região sensível.

Apesar de estar gostando do que Wyatt estava fazendo, Claire achava que tudo estava indo rápido demais. As sensações eram prazerosas, mas ela não estava conseguindo se perder nelas. Seu cérebro estúpido continuava fazendo perguntas. Realmente queria fazer aquilo naquele momento? Ali? Com ele bêbado? Os dois mal se conheciam e...

Wyatt roçou os dedos em um ponto entre as coxas dela. A sensação foi tão intensa que Claire teve certeza de que se estivesse de pé teria caído. Ela não conseguia pensar em mais nada.

Era como se Wyatt tivesse encontrado um botão de prazer e o houvesse ligado.

Ele tocou aquele ponto novamente e Claire gemeu. Na terceira vez, ela desejou saber o que deveria prometer para que ele nunca mais parasse.

Claire sussurrou o nome dele, fechou os olhos e se sentiu afundar no chão. Era perfeito o modo como Wyatt roçava, acariciava, excitava.

Primeiro provocando, chegando mais perto, então se afastando.

Uma simples carícia primeiro, depois mais fundo, mais rápido, além e além. Os músculos de Claire ficaram tensos e ela empurrou o corpo querendo alguma coisa... Qualquer coisa. Queria desesperadamente descobrir aonde aquilo tudo a levaria.

Sua respiração se acelerou. Claire abriu as pernas, oferecendo-se a ele. Mais próximo, ela pensou, pressionando, o corpo tenso esperando que...

Wyatt parou. Ele realmente parou! Claire abriu os olhos, achando que alguma coisa terrível havia acontecido e o distraía. Talvez a casa estivesse pegando fogo ou alguma coisa semelhante.

Wyatt lhe deu um beijo rápido.

— Você consegue chegar ao clímax comigo dentro de você?

— Eu, ahn, não sei. — Claire não tinha muita certeza se sabia do que ele estava falando. Quando Wyatt começou a se despir, ela entendeu a ideia principal.

Oh, não. Aquilo não estava certo. Ainda não se sentia pronta e provavelmente teria sido melhor se houvesse contado a verdade a ele. Mas, como, exatamente?

Nos poucos segundos que levou para considerar suas opções, Wyatt ficou nu. Claire teve uma rápida visão de músculos firmes e ombros largos, mas logo ele estava ajoelhado entre as pernas dela.

— Wyatt? Precisamos conversar.

Ele murmurou alguma coisa e se acomodou sobre ela. Realmente sobre ela. E, ao que parecia, com todo seu peso. Claire não conseguia respirar. Por sorte ele parou de se mover. Depois de um instante ela percebeu que ele parara de fazer qualquer coisa.

— Wyatt? — Ela sacudiu o ombro dele, que não se moveu. — Wyatt?

Ele rolou de cima dela e deitou de costas, com os olhos fechados e a respiração profunda.

— Wyatt?

Nada, a não ser um ronco baixo.

O olhar de Claire se desviou do rosto dele, desceu pelo corpo incrível até sua ereção. Ou o que restara dela. Claire observou aquela parte de Wyatt ficar cada vez menor, ilustrando perfeitamente como ela se sentia por dentro.

Ele apagara no meio do “quase sexo”. Simples assim. Claire tentou se convencer de que isso acontecera porque ele estava bêbado, mas e se não fosse isso? E se o problema fosse ela? Será que era tão pouco excitante que ele realmente preferira dormir do que fazer amor com ela?

Mais deprimida do que jamais se sentira, Claire recolheu suas roupas e vestiu-as. Ao mesmo tempo que queria ir embora para casa e sofrer sozinha, estava preocupada em deixá-lo sozinho. E se Wyatt precisasse de atendimento médico?

Confiante de que a noite não poderia ficar pior, ela jogou um cobertor sobre ele e se enroscou no sofá, imaginando o que tinha de errado. Por que tinha que ser tão esquisita? E iria mesmo morrer sendo a virgem mais velha na história do universo que não era freira? Se fosse esse o caso, seria uma sorte.

## Capítulo Catorze

CLAIRE ACORDOU na manhã seguinte e se descobriu completamente vestida em uma cama desconhecida. Por um instante ela se perguntou se havia sido abduzida por alienígenas, mas logo se lembrou da sequência de acontecimentos humilhantes da noite anterior. Abdução soava muito melhor do que a perspectiva de encarar Wyatt. Claire torcia para que ele estivesse bêbado o bastante para não se lembrar de nada. É claro que o fato de ela estar no que imaginava ser o quarto de hóspedes da casa dele significava que Wyatt acordara e se descobrira nu no chão da sala de estar, enquanto ela dormia enrodilhada no sofá. Claire teve a sensação de que ele iria fazer algumas perguntas.

Ela foi até o banheiro anexo e encontrou uma escova nova e uma pasta de dentes no armário sobre a pia. Depois de lavar o rosto e escovar os dentes, Claire se deixou guiar pelo aroma do café até a cozinha, onde Wyatt, usando apenas uma calça jeans, estava de pé, apoiado na bancada.

Eles se encararam sem que nenhum dos dois dissesse nada. Claire não sabia se devia se desculpar ou não.

— Não foi imaginação minha. Você está aqui — falou ele por fim. — Estava me perguntando se não havia imaginado.

— Eu estava aqui.

— Quer me contar o porquê?

Claire não sabia o que Wyatt estava pensando e não o conhecia o bastante para saber se estava zangado. Ela cogitou inventar algum motivo, mas por que não dizer a verdade?

— Nicole me contou sobre sua noite de bebida e autorrecriação. E eu vim até aqui para tirar vantagem disso.

— Para me fazer sentir ainda pior a meu respeito?

— Não, para seduzi-lo.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Você acha que precisa esperar até que eu esteja bêbado para me levar para a cama?

Claire baixou os olhos para os pés. Hummm... Ao que parecia, já estava na hora de visitar a pedicure.

— Não é isso. Eu só achei que isso poderia ajudar.

— E por que seria preciso alguma ajuda?

— Você disse em nosso primeiro encontro que queria ir para a cama comigo, mas depois não tomou mais nenhuma iniciativa a esse respeito. Achei que talvez houvesse mudado de ideia.

— Então você decidiu dar as cartas, por assim dizer.

— Acho que sim. — Ela ergueu os olhos e encontrou os dele. — Você está zangado?

— Porque você veio aqui e tentou me seduzir? Não.

Claire deixou o ar escapar dos pulmões com força. Aquilo já era alguma coisa.

— E para sua informação, eu estava lhe dando um tempo — falou Wyatt. — Eu sabia que havia muitas coisas acontecendo na sua vida, com Nicole, Jesse e tudo o mais. Não queria pressioná-la. Estava esperando que você desse um sinal de que já estava pronta. — Ele ergueu um dos cantos dos lábios em um meio-sorriso. — E quando você dá um sinal, é um sinal e tanto, não?

Ele estivera esperando por ela? Não era típico da vida dela? Não só não percebera o que estava acontecendo, como não tinha a menor ideia de como dar um sinal de qualquer tipo.

— Oh — sussurrou ela. — Está certo. Obrigada por me contar isso.

— De nada. — Wyatt caminhou na direção dela. — Eu me lembro de alguns beijos bem quentes e de um sutiã cor-de-rosa, mas não lembro de termos passado das preliminares.

Claire se sentiu enrubescer.

— Nós... Bem... Chegamos a um impasse.

— Uísque demais realmente destrói um bom momento.

— É o que parece.

Ele tocou o rosto dela com os dedos.

— Quer me dar outra chance?

Claire sentiu um aperto no coração.

— Sim. Quando?

— Agora.

Agora? De manhã? As pessoas faziam esse tipo de coisa?

As perguntas se acumulavam na mente dela, mas então Wyatt a beijou e Claire de repente já não se importava mais com a hora do dia.

Ele tinha gosto de menta e café e a beijava lenta e profundamente, como se estivesse pensando em fazer isso há semanas. Wyatt movia a boca contra a dela, explorando, provocando, fazendo com que ela ficasse tensa contra o corpo dele.

Claire nunca fora uma pessoa muito matinal, o que poderia se dever tanto a uma condição biológica quanto ao fato de ela ficar acordada até tarde toda noite, desde que tinha 6 anos. Mas apesar de ainda ser relativamente cedo, o corpo dela acendeu com muita facilidade. Claire relembrou a sensação das mãos

dele sobre sua pele, naquele lugar específico em que ele a tocara na noite anterior — até aquele imenso contratempo deixá-lo fora de combate —, e desejou sentir tudo aquilo de novo.

Mas primeiro havia o beijo, ela pensou, sonhadora, enquanto Wyatt a puxava para si com delicadeza e beijava seu queixo. Ele deixou a boca e a língua descerem pela linha do maxilar até um ponto sensível bem atrás da orelha dela. E parou ali, mordiscando a pele, fazendo-a ofegar, e descendo mais uma vez, agora para o pescoço.

Claire sentiu o corpo todo arrepiar. Seus seios ficaram cheios e pesados. Ela ergueu as mãos para os ombros dele, tanto para sentir a força dos músculos quanto para se apoiar, porque beijos e mordidas delicadas desciam cada vez mais e já encontravam o decote do suéter dela.

Wyatt ergueu a bainha do suéter e despiu-a. Então, examinou o sutiã cor-de-rosa que Claire usava por baixo.

— Disso — murmurou ele — eu me lembro.

Ele passou ambos os braços por trás dela e puxou-a ainda mais para perto. Claire se deixou levar sem oferecer qualquer resistência, pois desejava sentir o corpo dele colado ao seu.

A pele de Wyatt era quente, seus músculos, firmes. E enquanto acariciava as costas dela, ele voltou a beijá-la na boca.

Claire entreabriu os lábios e sentiu a língua dele invadi-la. Wyatt explorou, língua contra língua, o movimento erótico fazendo o calor explodir dentro dela. Uma das mãos dele deslizou mais para baixo e se encaixou no traseiro dela. Claire arqueou o corpo contra o dele e sentiu a rigidez que a fez se lembrar no mesmo instante dele completamente nu. O calor aumentou.

Em um instante o sutiã estava solto. Wyatt jogou-o para o lado e voltou a abraçá-la com força, os seios dela colados ao peito dele.

Claire se aproximou ainda mais. Queria que ele a tocasse naquele ponto sensível e lambesse seus mamilos do jeito que fizera antes. Queria sentir as mesmas sensações quentes e intensas dominarem seu corpo. Queria derreter.

Quando Wyatt se afastou um pouco, ela quase gritou. Ele não ia parar *de novo*, ia?

Mas em vez de apagar novamente, Wyatt pegou a mão dela e guiou-a para a escada. No patamar do segundo andar, ele parou e beijou-a mais uma vez. Então, levou as mãos à frente do corpo dela e segurou seus seios. Usando o polegar e a ponta dos dedos, Wyatt brincou com os mamilos até ela voltar a ofegar. Ele voltou novamente a atenção para a boca de Claire, beijando-a profundamente, puxando-a junto com ele pelo corredor até chegar no quarto dele.

Quando estavam ao lado da cama, Wyatt abriu o botão da calça dela e despiu-a do jeans e da calcinha.

Claire estava animada e nervosa ao mesmo tempo. Ela queria que ele continuasse a tocá-la, porque isso tornava tudo mais fácil. A cama era uma boa ideia, pensou. Melhor do que o chão.

Wyatt a deitou sobre a cama e se ajoelhou sobre ela.

— Você é tão linda — murmurou ele, inclinando-se mais para a frente e tomando o mamilo direito de Claire na boca.

Ela teve vontade de agradecer o elogio, mas o que ele estava fazendo lhe dava uma sensação tão boa que Claire não conseguiu falar. O modo como ele sugava e lambia, fazendo com que pontadas de desejo descessem pela barriga até o meio de suas pernas. Claire esticou o corpo, inquieta, querendo mais do que ele fizera antes. Queria sentir aquele toque mágico de Wyatt.

Mas ele parecia não ter pressa de seguir adiante. Sua boca se moveu para o outro seio, que ele voltou a lambar e morder até Claire sentir que mal conseguia respirar. Era tudo tão gostoso. Ela disse a si mesma para ser paciente, mas a verdade era que queria *mais*.

Quando Wyatt passou a beijá-la ao longo da barriga, Claire ficou confusa. E quando ele se ajoelhou entre suas coxas e abriu delicadamente suas pernas, ela teve a vaga ideia do que ele ia fazer. Mas não sabia como se sentia a respeito. Quando por fim ele encostou a boca aberta, em um beijo sensual, naquele seu ponto mais sensível e erótico, Claire teve certeza de que morreria ali, naquele instante, e que valeria a pena.

Seus nervos pareceram gritar de prazer e depois se estilhaçar em mil pedaços. Seu corpo parecia em brasa, queimando até a sola dos pés. Ela já lera muitos livros com cenas de sexo, vira alguns filmes eróticos, trocara confidências mentirosas com umas poucas “semiamigas”, mas nem em seus sonhos mais loucos chegara a imaginar uma sensação como aquela.

Wyatt explorou o corpo dela cada vez mais intimamente, fazendo-a ofegar quando roçou naquele lugar único, especial. Ele brincou, provocou, afastou, voltou, como se estivesse preocupado em descobrir o que ela gostava... Ou, ao que lhe parecia, em descobrir os 15 modos mais fáceis de enlouquecê-la. Então Wyatt se esticou na cama e usou a língua como uma flecha, cheio de determinação.

Aquilo era melhor do que qualquer coisa que ela já imaginara, pensou Claire, deixando-se perder nas sensações que a dominavam. Melhor e completamente fora do seu controle. Ela não podia evitar reagir, não que quisesse, assim como não conseguia controlar os ofegos e suspiros que deixava escapar.

Claire se agarrou aos lençóis. Seu corpo tenso pressionava em direção a um objetivo ainda desconhecido. Ela queria implorar para que ele não parasse. Queria gritar. Queria... Alguma coisa.

Wyatt não parava de tocá-la. Os músculos reagiam a cada toque da língua dele. Claire arqueava o corpo, a respiração acelerada, perdida na sensação de...

Alguma coisa mudara. A pressão no interior do seu corpo pareceu aumentar, como se ela estivesse indo ao encontro do inevitável. E essa pressão cresceu, invadiu-a por completo, fazendo com que ela gritasse algo, e se estirasse toda. Sua respiração saía em arquejos. Claire estremeceu, pressionou mais o corpo e...

Houve um momento de vazio, quase como se ela estivesse em queda livre. Então seu corpo voltou a estremecer com a mais quente, deliciosa e líquida das sensações que ela experimentara na vida. Era puro prazer, atravessando-a, engolfando-a, preenchendo-a até ela ter vontade de gritar novamente. E mais, e mais, até que aos poucos Claire sentiu que ia se acalmando, voltando. Aquilo era a perfeição. Era melhor do que chocolate. Melhor do que música.

Ela voltou à Terra alguns minutos depois e abriu os olhos. Wyatt a encarava, sorrindo.

— O que foi? — perguntou Claire, sentindo-se subitamente embaraçada. Fizera alguma coisa errada?

— Você é incrível.

Bem.. Aquilo parecia bom.

— Humm.. Por quê?

— Você é muito, muito receptiva. Eu consegui saber exatamente do que você estava gostando. Não precisei ficar imaginando. Obrigada por isso. Não há nada pior do que trabalhar em silêncio.

Claire não tinha ideia do que ele estava falando.

— Realmente gostei.

— Que bom. Eu também. — Wyatt se colocou novamente de joelhos sobre a cama. — tocar você desse jeito, ouvi-la, tudo isso me deixou louco. Estava com medo de não conseguir me controlar. — Ele abaixou mais o corpo, pressionando-se contra ela. — Isso ainda é uma possibilidade.

Controlar o quê? Ela odiava ser tão estúpida.

Claire sentiu que ele pressionava cada vez mais o corpo rígido contra o dela, do mesmo jeito que fizera na noite anterior. Só que agora a perspectiva não parecia assustá-la de jeito algum. Ela o queria dentro dela, mostrando-lhe tudo o que houvesse para mostrar.

Arriscando, Claire colocou as mãos sobre os ombros dele e sorriu.

— Faça o que for preciso para que você se sinta bem.

Esse não era um convite que o ajudaria a manter o controle, pensou Wyatt, tentando se distrair enquanto ainda conseguia. Ele não costumava ter nenhum problema em se conter pelo tempo que fosse preciso, mas a sensação de ter dado tanto prazer a Claire mexera com ele.

Era aquela maldita química, disse Wyatt a si mesmo. Ele já não conseguia pensar direito quando ela estava vestida. Agora, então, que a via nua e podia tocar todo seu corpo, estava perdido.

Wyatt seguiu adiante lentamente, dando tempo a Claire para se ajustar ao seu corpo. Ela estava úmida, inchada e ainda trêmula com o último orgasmo. Isso era tudo o que ele podia fazer para não chegar ao clímax naquele mesmo instante, pois estava determinado a recompensá-la por seu desempenho lamentável na noite anterior. Além do mais, queria que aquilo durasse.

Ele se afastou um pouco, então voltou a preenchê-la, esperando que Claire se movesse contra ele. Quando ela não fez isso, Wyatt baixou os olhos para encará-la, tentando descobrir o que havia de errado.

Os olhos dela estavam fechados.

— Claire? Você está bem?

Ela abriu os olhos.

— Ótima.

— Alguma preferência?

Claire sacudiu a cabeça e sorriu para ele.

Alguma coisa estava errada. Wyatt podia sentir isso, mas não conseguia descobrir o que era. Ele sabia que ela chegara ao orgasmo antes. Sentira isso, ouvira e vira. O corpo de Claire ficou quente, ruborizado, e ela estremeceu em seus braços.

Wyatt voltou a arremeter e ela envolveu-o com os braços.

— Isso — sussurrou Claire. — Quero isso.

Era o encorajamento que ele estava esperando. Wyatt preencheu-a mais e mais, indo cada vez mais rápido, ainda abraçando-a, esperando sentir o corpo dela tenso ao redor do dele, esperando ouvi-la gritar de alívio. Não foi bem isso o que aconteceu, o que o preocupou, mas antes que ele pudesse parar, a pressão dentro de seu corpo tornou-se insuportável e Wyatt arremeteu uma última vez.

Alguns instantes depois, ele deitou-se de costas e Claire se enroscou no corpo dele. Wyatt brincou com um cacho de cabelo enquanto ela apoiava uma das mãos em seu peito.

— Isso foi incrível — falou Claire, feliz. — Perfeito. Obrigada.

— De nada.

Apesar de ter apreciado o elogio, alguma coisa o incomodava. E ele não conseguia atinar o que era.

Seria possível que Claire não fosse assim tão experiente?

A julgar pela fama e pelo estilo de vida dela, ele presumiria que ela já tivera amantes ao redor de todo o mundo. Mas talvez Claire estivesse ocupada demais para isso. Ou alguma coisa semelhante. Com certeza não deveriam ter faltado oportunidades, porque ela era sexy como o diabo. Mas como descobrir?

— Eu queria que fosse bom para você — Wyatt começou a dizer, sem ter muita certeza de como continuar.

Claire riu.

— Bom não chega nem perto de descrever o que foi. Acredite em mim. Nunca senti nada parecido na vida.

No momento em que as palavras saíram, ela ficou tensa. Wyatt também não estava se sentindo exatamente relaxado.

Ele queria acreditar que Claire quisera dizer que nunca chegara ao clímax antes, mas como isso era possível? Com certeza ela não tivera dificuldade para chegar lá. Mulheres que tinham problemas com isso normalmente mencionavam o assunto antes. Se Claire fora honesta o bastante para vir até a casa dele para seduzi-lo, ela também se sentiria à vontade para lhe dizer que o caminho até o êxtase poderia ser difícil. Mas Claire não dissera nada. Por quê?

Ela se sentou, com um sorriso aflito no rosto.

— Não foi isso o que eu quis dizer exatamente.

Wyatt olhou para ela.

— O que você quis dizer?

— Que eu, ahn, bem... — Claire engoliu em seco. — Não tenho muita experiência com sexo.

Ele sentiu um frio no estômago.

— De quanta experiência você está falando?

Ela puxou o lençol para se cobrir.

— Eu era virgem.

Claire continuou a falar, mas Wyatt já não ouvia nada, a não ser um rugido nos ouvidos. Uma virgem? Uma virgem?

Sem pensar no que fazia, ele saiu rapidamente da cama e vestiu o jeans. Isso não estava acontecendo. Não podia. Uma virgem? Claire tinha 28 anos.

— Como?

Ela suspirou.

— Como isso aconteceu? Como é possível? Simplesmente é. Não conheço muitos homens e não tinha a menor vontade de me relacionar com alguém que só se interessasse por quantidade. Há uma dezena de razões e elas realmente não têm importância. — Claire ergueu os olhos para ele. Os olhos dela estavam muito escuros, com uma expressão confusa. — Você está zangado?

Wyatt não queria magoá-la. Na teoria, ele deveria estar excitado com o fato, de um jeito primitivo e másculo. Afinal, era o único parceiro sexual que ela jamais tivera. Mas, na verdade, o que mais queria naquele momento era sair disparado em direção à liberdade.

— Você está zangado — falou Claire.

— Não. Apenas confuso. Por que eu?

Ela deu de ombros.

— Gosto do modo como você beija.

Simples assim? Uma virgem?

Wyatt viu a boca de Claire começar a tremer e imaginou que as lágrimas não deviam estar muito distantes.

— Claire. — Ele se sentou na cama. — Está tudo bem. De verdade. Você me pegou de surpresa, eu jamais teria imaginado.

Ela se animou um pouco.

— Mesmo?

Wyatt assentiu.

— Se eu tivesse sabido, teria ido mais devagar. — A verdade era que ele não teria ido de jeito nenhum, mas Claire não precisava saber disso.

— Não precisava fazer isso. Eu gostei de tudo. Principalmente de... Você sabe.

O orgasmo dela. Fora mesmo o primeiro? E será que ele queria mesmo saber?

Wyatt não tinha ideia do que estava pensando, mas sabia que precisava acertar as coisas entre eles. Ele se inclinou na direção dela e tocou seu rosto.

— Você está bem?

Claire assentiu e Wyatt beijou-a. Ela beijou-o de volta. O desejo voltou a arder no corpo dele, mas Wyatt procurou ignorar. Não iria por esse caminho novamente. Não até que tudo estivesse bem acertado.

Claire beijou-o mais uma vez e saiu da cama.

— É melhor eu ir para casa. Nicole está lá com Amy e você provavelmente quer sua filha de volta.

— Ela se vestiu rapidamente e sorriu para Wyatt. — Se você estiver bem, eu também estarei.

— Estou bem.

— Ótimo. — Claire ficou na ponta dos pés e deu mais um beijo nele. — Obrigada. Por tudo.

— Às ordens — respondeu ele antes que pudesse se controlar.

Depois que ela foi embora, ele andou pela casa, praguejando em voz alta e se perguntando em que momento a coisa toda saíra dos trilhos. Se Claire era virgem, não tinha como entender o que ele queria

dizer sobre não se envolver. Ela podia até dizer que entendia e acreditar no que dizia, mas a verdade era que ele fora seu primeiro amante. Isso não tinha importância?

Outro pensamento o fez parar de repente. Bem ali, de pé na sala, Wyatt percebeu que Claire não devia estar fazendo nenhum tipo de controle de natalidade. E ele não usara preservativo.

O desastre em potencial era tamanho que Wyatt teve vontade de socar a parede. Mas se conteve quando se deu conta de que ossos quebrados não ajudariam ninguém. Um problema de cada vez.

Havia pouca chance, quase nenhuma, de Claire estar grávida. Era melhor que ele se concentrasse em como seria a relação entre eles a partir de agora. Isso sem contar a possibilidade de Nicole arrancar sua pele quando descobrisse que ele levava a irmã virgem dela para cama.

CLAIRE PRATICAMENTE flutuava pela casa. Estava dolorida, exausta e mais feliz do que já se sentira em anos. É claro que estar com Wyatt fora espetacular. Ela duvidava que alguém pudesse se comparar a ele.

Claire também ficara impressionada com o modo como Wyatt lidara com a notícia de sua virgindade. Ele não parecera ficar aborrecido de forma alguma.

Ela estacionou na parte de trás da casa de Nicole e entrou na cozinha. Amy não estava lá, mas Nicole estava sentada diante da mesa.

Claire riu e já se preparava para contar à irmã o que acontecera, quando Nicole levantou a cabeça. Ela parecia lívida de fúria.

— Como você pôde? — falou Nicole.

Claire ficou estupefata. Elas haviam conversado sobre Wyatt. Por que Nicole iria...

— Como você pôde agir pelas minhas costas e tirar Jesse da cadeia? Eu queria que ela ficasse lá. Queria que, pela primeira vez na vida, Jesse sofresse as consequências por seus atos. Jamais a perdoarei por isso. Jamais!

## Capítulo Quinze

— VOCÊ NÃO pode ficar sem falar comigo para sempre — disse Claire, na manhã seguinte, durante o café da manhã. Ela estava falando o que esperava ser verdade, mas não tinha nenhuma certeza disso. Na verdade parecia bastante possível que a irmã guardasse rancor por muito tempo.

Nicole levantou os olhos da xícara e ergueu as sobrancelhas.

— Me observe, então.

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu.

Nicole voltou sua atenção para o jornal que estava sobre a mesa e não respondeu.

— Oh, quanta maturidade! — provocou Claire. — Sei que você está aborrecida por eu ter tirado Jesse da cadeia. Concordo que agi errado, mas não posso acreditar que você simplesmente a deixaria lá!

Nicole levantou-se e começou a sair da cozinha. Claire foi atrás dela.

— Isso é loucura. Somos todas uma família.

Nicole virou-se com raiva para ela.

— Não somos uma família. Não se eu levar em conta qualquer definição que me importe. Temos o mesmo sangue, nada mais. Você vem vivendo sua vida ao redor do mundo, vivendo em sua bolha de ser alguém especial. Você não sabe nada sobre mim ou sobre minha vida. E, falando disso, vou retornar para essa vida hoje mesmo. Vou para a confeitaria, vou tocar meu negócio. Meu. Não seu. Você não é mais bem-vinda aqui. Nem na confeitaria, nem nesta casa. Se está com vontade de permanecer em Seattle, há vários bons hotéis na cidade. Ou você pode ficar com Jesse, já que vocês duas estão tão próximas.

Claire não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Depois de tudo por que passamos, você vai agir assim?

Nicole a ignorou e subiu a escada.

Claire não sabia o que fazer. Era cedo demais para Nicole retornar ao trabalho. Mas como iria detê-

la? A irmã queria provar seu ponto de vista e Claire já sabia muito bem o quanto Nicole podia ser teimosa.

— Isso vai ser um desastre — murmurou ela para si mesma.

— Ao menos deixe que eu a leve de carro até lá — falou Claire, quinze minutos depois, seguindo Nicole até a garagem, atrás da casa.

— Não.

— Você não deveria fazer isso. Ainda está se recuperando.

Nicole ignorou-a e digitou o código que abria a porta da garagem. Ela entrou na pequena caminhonete e ligou o motor.

— Você é a pessoa mais teimosa e irritante que eu conheço — gritou Claire, encaminhando-se para seu próprio carro. Muito bem, se Nicole iria se comportar como uma completa idiota, Claire não iria detê-la, mas ficaria por perto para se certificar que nada de mal acontecesse.

Nicole saiu da garagem para a rua e Claire seguiu-a por todo o caminho até a confeitaria. E ficou aliviada quando chegaram.

Uma crise fora evitada, mas quem poderia saber quantas espreitavam no futuro?

Nicole estacionou e ignorou Claire, que parou o carro em uma vaga ao lado. Elas entraram pelos fundos da confeitaria, com Claire colada aos calcanhares de Nicole, o que lhe permitiu ver perfeitamente quando os funcionários se apressaram para abraçar Nicole.

— Há quanto tempo — disse Maggie. — Senti sua falta. Não tem problema você já estar por aqui? Vai pegar leve, certo?

— Você parece ótima — falou Sid. — Estou feliz por estar de volta. Este lugar não é o mesmo sem você.

Phil deu um grande abraço em Nicole e se afastou para examiná-la, preocupado.

— Eu exagerei? Machuquei você?

Nicole riu para todos.

— Estou adorando tudo isso. Senti saudades de vocês, pessoal. Foi terrível ficar presa em casa. Achei que ia enlouquecer.

Claire sentiu que era ela quem enlouqueceria, o que era mais fácil de lidar do que com a mágoa que sentia no coração. Fora para lá para ajudar a tomar conta de Nicole. Isso não contava? Sua companhia era tão desinteressante que não fora capaz de distrair Nicole das saudades da conversa brilhante sobre bolinhos e bagels?

Nicole e os funcionários continuaram conversando por mais alguns minutos, enquanto Claire ficava parada, ainda do lado de fora, olhando para um lugar ao qual não pertencia.

Nicole relanceou o olhar para ela.

— Você já pode ir agora.

Alguma coisa ferveu no peito de Claire. Uma sensação de raiva ardente que a fez desejar ser teimosa e difícil.

— Não concordo — falou ela com calma. — Vamos resolver isso de uma vez por todas.

Nicole revirou os olhos.

— Como quiser. Podemos conversar no meu escritório.

— Podemos conversar aqui mesmo.

Os funcionários da confeitaria dispersaram.

— Seu objetivo é me humilhar? — perguntou Nicole. — Porque se for, você está fazendo um excelente trabalho.

— Você sabe exatamente qual é o meu objetivo, por mais que tente sabotá-lo. Quero que sejamos irmãs novamente.

Nicole estreitou os olhos.

— Irmãs não traem umas às outras.

— Traem, sim. Irmãs fazem tudo o que qualquer pessoa faz. É da natureza das relações íntimas.

— Você é uma especialista agora?

— Mais do que era antes. Você está furiosa porque paguei a fiança de Jesse sem consultá-la antes.

Muito bem. Mas você também não me consultou sobre colocá-la na cadeia, antes disso.

— Não era problema seu.

— Ela é minha irmã.

— Ela me roubou.

— Você ainda a está punindo por causa do que aconteceu com Drew. Como não pode fazer nada a respeito, está procurando uma maneira de dar o troco.

— E por que não? — devolveu Nicole. — Eu deveria ficar feliz com o que os dois fizeram? Deveria me encher de orgulho? Ela arruinou tudo!

Claire entendeu. Finalmente entendeu o que estava acontecendo com Nicole.

— Você é a vítima — falou ela lentamente, compreendendo os detalhes enquanto falava. — Não posso acreditar. Você, que é tão durona por fora, por dentro está culpando todo mundo pelo que deu errado. É verdade que deixaram tudo nas suas costas por aqui, mas você fez um ótimo trabalho. Tomou conta de tudo. Mas isso não é o bastante. Não sei se você simplesmente não consegue aceitar sua parte, ou se não está tendo apoio o bastante, ou o quê mais.

— Pare com isso! — gritou Nicole. — Não ouse achar que pode entrar em minha mente. Não preciso de nenhuma psicologia amadora de uma pobre princesinha que não tem ideia de como funciona o mundo real.

— Pelo menos eu estou tentando melhorar as coisas. Não fico andando por aí, culpando todo mundo.

— Não, você fica se escondendo por aí, fugindo de sua agente porque não quer encará-la como uma adulta.

Tiro certo, e doloroso, pensou Claire, mas recusou-se a ceder.

— Eu fugi mesmo — admitiu —, mas também a encarei. E fico o tempo todo tentando me aproximar de você, que só quer se livrar de mim. De quem é o problema, então? Quer culpar a mim por isso? Ou talvez a Drew. Acho que grande parte disso tudo deve ser culpa dele, porque sua não pode ser, não é?

Nicole encarou a irmã por um longo tempo, e deu as costas.

— Não preciso disso. Não preciso de você. Saia. Apenas vá embora. Não quero vê-la novamente.

Ela começou a andar e já ia passando por Claire quando a irmã agarrou seu braço. Claire não estava disposta a deixar que Nicole simplesmente encerrasse a conversa assim.

— Não tão rápido.

Nicole tentou soltar o braço, mas Claire não a soltou. Ambas estavam indo na direção de um grande recipiente, cheio de massa de pão. Tarde demais, Claire viu uma poça do que lhe pareceu ser óleo no chão de cimento.

Elas pisaram no óleo ao mesmo tempo e ambas escorregaram. Claire soltou a irmã, mas era tarde demais. As duas foram direto no chão.

O traseiro de Claire bateu no cimento primeiro. A força do impacto fez seus dentes doerem. Ela ficou sentada por um segundo antes de se ajoelhar e tentar se levantar.

Assim que conseguiu e se virou, viu Nicole estendida ao seu lado. Com os olhos fechados, imóvel.

NICOLE SE recusava a abrir os olhos. Não queria saber onde estava, apesar de ser quase impossível ignorar os médicos que mexiam nela. Palavras como *transporte* e *hospital* a fizeram se encolher.

Ainda com relutância, ela finalmente abriu os olhos e viu dois homens inclinados sobre seu corpo.

— Você está de volta — disse um deles. — Sabe onde está?

Ela bem que gostaria de não saber.

— No chão da minha confeitaria. Sei o dia da semana e também quem é o presidente do país, se precisarem dessas informações.

— Então não bateu com a cabeça.

— Ao menos não de propósito.

Mas havia dois pontos do corpo em que sentia uma dor terrível. Na incisão da operação e no joelho.

— Ela passou por uma cirurgia há poucas semanas — alertou Claire, de algum lugar fora do alcance da visão de Nicole. — Por sinal, Nicole não deveria estar aqui. Foi tudo culpa minha.

Havia lágrimas e angústia na voz dela.

— Estávamos discutindo. Ela tentou se afastar e eu não deixei. Então ela escorregou no óleo.

— Acalme-se — falou um dos médicos. — Sua irmã ficará bem. A incisão não abriu, pelo menos não externamente. No hospital irão checar qualquer possível dano interno. O joelho dela está bem machucado, mas não é nada fatal.

O médico voltou a olhar para Nicole.

— Pronta para dar um passeio?

— Na verdade, não.

— Estava perguntando apenas por educação.

Nicole foi colocada em uma maca e o movimento fez com que a dor se espalhasse por sua perna. Foi forte o bastante para deixá-la sem ar. Uma agulha foi espetada em seu braço. Ela se sentia como se houvesse sido atropelada.

Quando já a levavam para a ambulância, Claire correu e pegou sua mão.

Pela primeira Claire parecia tão abatida quanto Nicole se sentia. Ela estava chorando de um jeito nada elegante. Seus olhos estavam vermelhos e a boca, inchada.

— Me desculpe — dizia Claire sem parar. — Me desculpe. Não queria que nada de mal lhe acontecesse. Só odeio quando você fica com raiva de mim. Eu amo você. Somos irmãs. Não quero que você morra.

Era tudo um pouco dramático, mas também gentil de uma maneira meio exagerada. Nicole não conseguia se lembrar da última vez em que alguém a mimara daquele jeito. Não, isso não era verdade. Ela podia, sim. Fora quando voltara do hospital e Claire estava esperando para tomar conta dela. Claire, que se deixava guiar pelo coração e não pela cabeça. Claire, que naquele momento segurava sua mão como se nunca mais fosse largar.

— Não vou morrer — falou Nicole. — E não a odeio. Mas às vezes você realmente me deixa furiosa.

— Eu sei. Você também não é uma pessoa muito fácil.

— Não ser fácil é uma das minhas melhores qualidades.

Ela foi colocada na ambulância e Claire acenou em despedida.

— Vou de carro atrás da ambulância. Estarei com você, não importa o que aconteça.

Essas palavras deveriam ter feito Nicole querer correr como louca, mas estranhamente não foi o que aconteceu. Essas palavras, na verdade, a fizeram sentir-se satisfeita por dentro. O que a levou a imaginar o que aqueles médicos haviam injetado.

WYATT PASSOU OS braços ao redor dos ombros de Claire.

— Nicole vai ficar bem.

— Você continua dizendo isso — disse Claire, fungando. — Sem ofensas, mas quero ouvir notícias de um profissional pago para isso. Só então acreditarei.

— Ela está acordada e falando. — Wyatt estava preocupado com Nicole, também, mas Claire parecia estar prestes a perder o controle.

— E se ela estiver com uma hemorragia interna?

— E se não estiver?

Claire se apoiou nele.

— Muito bem, use sua lógica quando estou em uma posição enfraquecida. Isso não é justo.

Ela se sentia bem nos braços dele. Sob outras circunstâncias, Wyatt teria pensado a respeito e talvez a tivesse levado novamente para a cama. Mas aquelas não eram outras circunstâncias e eles precisavam primeiro conversar sobre o que acontecera.

— Não consigo acreditar que vão ter que operar o joelho de Nicole e que ela vai precisar de outro período de convalescença — falou Claire, com o rosto junto à camisa dele. — É tão injusto. Deveria ter sido eu.

— Vocês duas caíram. Mas foi ela que arrebentou o joelho. Foi um acidente.

— Eu sei. Só queria que... — ela suspirou — ... que não estivéssemos brigando.

Wyatt realmente queria dar apoio a Claire. Era isso o que um cara decente faria. Dar apoio durante

uma crise. Ele não estaria pensando em suas próprias questões e querendo falar sobre elas.

Mesmo assim, se pegou dizendo:

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu.

Claire levantou os olhos cheios de preocupação para ele.

— Do que está falando?

— De nós. De termos ficado juntos.

— Oh. Estou bem em relação a isso.

Maldição, como ela podia falar com tanta calma!

— Mas eu não estou. Você deveria ter me dito que era virgem.

Claire sorriu.

— Oh, Wyatt, não se preocupe. Foi ótimo. Eu fiquei com vergonha de lhe contar. Provavelmente deveria ter mencionado o assunto, mas não mencionei, e no final tudo deu certo. Você foi muito gentil. — Ela cerrou as sobrancelhas. — É a isso que você está se referindo, ou a mais alguma coisa? Está dizendo que não teria feito amor comigo se houvesse sabido?

Os dois estavam sozinhos na sala de espera, mas a privacidade não tornava a conversa mais fácil.

— Eu não sei.

Claire se afastou.

— Então eu tomei a decisão certa.

— Tirando o meu direito de escolha?

— Não sei se devo rir ou se devo jogar uma cadeira em cima de você — falou ela. — Está dizendo que eu violei seus direitos ou alguma coisa assim?

Era por isso que homens e mulheres nunca deveriam ter conversas sobre relações amorosas, pensou Wyatt, carrancudo.

— Existem consequências que deveriam ter sido antecipadas.

Os olhos dela cintilaram de aborrecimento.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Pois é exatamente a isso que me refiro. Você não tem experiência.

— Você não estava reclamando antes.

Agora ele estava ficando irritado:

— Não estou falando sobre o seu desempenho — grunhiu Wyatt. — Estou falando de controle de natalidade. Você não está precavida de qualquer forma, está?

Ele esperou ver uma expressão chocada e arrependida tomar conta do rosto dela. Em vez disso, os olhos de Claire se arregalaram e ela sorriu como se ele houvesse acabado de lhe contar a solução para o aquecimento global.

— Eu posso estar grávida? — sussurrou ela. — Podemos ter um bebê? Não havia pensado a respeito. É mesmo possível? Não acho que teria tanta sorte assim.

Wyatt não conseguia acreditar. Ela estava *feliz* diante da perspectiva?

Claire se atirou nos braços dele, rindo.

— Oh, Wyatt, não seria demais? Um bebê. Sempre quis ter filhos. Poderia mesmo acontecer na minha primeira vez? É, acho que poderia... Uau!

Wyatt a agarrou pelos braços e afastou-a.

— Qual é o seu problema? — quis saber. — Isso não é uma boa notícia.

O sorriso dela se apagou.

— Por que não?

Como diabos ele deveria responder a uma pergunta dessas?

— É um bebê — falou Claire. — Seria um milagre. É lógico que seria preciso organizar toda uma logística, mas conseguiríamos dar um jeito. Isso é sensacional!

Wyatt estava mais do que furioso. Ela não deveria ficar preocupada e assustada?

— Você não está entendendo. Não é uma boa notícia.

— Para mim, é. Acho que as chances de eu estar grávida dependem do momento em que estou no meu ciclo. — Claire bateu palmas. — Mas mesmo assim, um bebê. Seria muito legal. Que consequência maravilhosa!

— Não para mim — retrucou ele. — Não estou interessado em ter mais filhos. Não entro em relacionamentos sérios, lembra-se? Se acha que vai me prender na mesma armadilha com que Shanna me prendeu, prepare-se para um grande desapontamento.

Toda a alegria desapareceu do rosto dela.

— É isso o que pensa de mim? — perguntou Claire. — Não sou como ela.

— Não a conheço bem o bastante para fazer qualquer julgamento.

— Não estou interessada em prender você ou qualquer outro homem. Me sairei muito bem como mãe solteira.

— O que você sabe sobre criar um filho?

— Tanto quanto você sabia quando Amy nasceu. Vou aprender.

Ela era tão rebelde, pensou Wyatt, lutando para controlar a frustração. Será que não entendia o que aquilo poderia significar?

— Mesmo com sua agenda de viagens?

— Contratarei uma babá.

Típico, pensou ele com desgosto.

— Não vou pagar por isso.

— Ninguém está lhe pedindo isso. — Ela relanceou o olhar para ele. — Sinto muito se isso o aborrece, Wyatt, mas me recuso a também ficar aborrecida. Sempre quis ter filhos. Talvez essa não fosse a maneira que eu teria escolhido, mas ainda assim é um milagre para mim. Prometo que o que quer que aconteça você não será incomodado, afinal essa é a verdadeira questão aqui, certo? Se eu precisar de ajuda, contratarei alguém. E não pedirei seu dinheiro. Sou mais do que capaz de pagar por qualquer coisa que eu queira.

— Até parece... — resmungou ele.

Claire inclinou um pouco a cabeça.

— Você realmente não está entendendo. Para você sou apenas uma mulher que toca piano, não é? Isso pode surpreendê-lo, mas na verdade sou muito boa no que faço. Entre apresentações em concertos e vendas de CDs, no ano passado eu ganhei cerca de dois milhões de dólares. Foi um bom ano, mas não o meu melhor. Dinheiro não é problema para mim. Sinto muito por você estar aborrecido com a possibilidade de eu estar grávida, mas me recuso a me sentir da mesma forma.

E com isso ela deu as costas e se afastou.

Wyatt ficou parado sozinho na sala de espera, se perguntando se teria alguma maneira de estragar mais as coisas do que já estragara. Se havia uma maneira errada de fazer as coisas, e uma maneira desastrosa, ele sem dúvida escolhera a última.

Não deveria ter atacado Claire daquela maneira. Quais as chances de ela realmente estar grávida? Ele fora um imbecil de primeira linha e sabia disso. Reagira daquela maneira por causa do que acontecera com Shanna. Mas Claire não tinha nada a ver com a ex-esposa dele.

E ela era rica, pensou ele, não muito feliz com a notícia. Considerava-se um cara confiante, que não se preocupava em impressionar as mulheres. Está certo, tinha um negócio bem-sucedido e dinheiro não era problema para ele, mas Claire realmente fizera dois milhões de dólares no último ano?

— COMO VOCÊ está se sentindo? — perguntou Claire.

Nicole conseguiu dar um sorriso.

— Já estive melhor. Mas estou feliz por ter sido atendida por um cirurgião-ortopedista e não pelo outro que me operou da outra vez, pois ele acabaria achando que eu estava fazendo isso porque estava apaixonada por ele.

Claire chegou o corpo mais para a frente da cadeira que colocara ao lado da cama da irmã, no quarto do hospital.

— Isso seria assim tão ruim? Um médico. Nossos pais ficariam orgulhosos.

Nicole começou a rir, mas logo pressionou a mão contra o abdômen.

— Não. Não faça graça. Dói.

Claire não queria ouvir isso.

— Você tem certeza de que está bem? Nada se abriu quando você caiu?

Nicole sorriu.

— Essa imagem me deixa tão feliz... Nada se abriu. Estou dolorida porque a pele que ainda estava em recuperação foi estirada. Houve uma pequena infiltração, mas nada sério.

— Queria que tivesse sido eu.

O sorriso de Nicole ficou mais largo.

— Eu também.

As duas se encararam.

— Sinto muito — disse Claire.

— Não se desculpe. Ambas estávamos brigando. Nós duas reagimos. Eu não deveria ter gritado com você por causa de Jesse. Você estava certa. Ela também é sua irmã. Eu deveria ter ao menos mencionado

que a colocaria na cadeia antes de fazer isso. Mesmo assim, estou furiosa com ela.

— Sei que você está, e tem razão. Você estava certa a respeito das consequências. Não pensei nisso naquele momento. Quando Jesse me ligou, eu simplesmente reagi.

— Não sei se eu teria agido de outra forma.

Claire esperava que fosse verdade. Ela não queria que ainda estivessem brigadas quando a irmã saísse da sala de cirurgia.

— Provavelmente é bom que você esteja por perto com tudo o que está acontecendo com Jesse — admitiu Nicole. — Alguém precisa ser a voz da razão.

— Estou longe disso — falou Claire —, mas quero ajudar. — Ela apertou com mais força a mão da irmã. — Sinto muito se disse que você era uma vítima. Não é. Você fez tanta coisa sozinha, sem ninguém para ajudá-la. Respeito muito você por isso.

Nicole piscou várias vezes.

— Eu não tinha intenção de me fazer de vítima. É só que nos últimos tempos sempre parece haver alguma surpresa me esperando na próxima esquina. E elas raramente são boas.

Isso fez Claire pensar em outras surpresas.

— O que foi? — perguntou Nicole. — Você está pensando em alguma coisa. Posso ver isso.

Claire não sabia se aquela era a hora certa.

— Não é nada.

— Estou tentando não pensar muito na minha cirurgia iminente. Por favor, conte-me.

— Está bem. — Claire suspirou. — Acabo de ter uma briga com Wyatt. Na outra noite, quando saí, estava com ele.

— Foi o que imaginei.

— Ele não ficou muito feliz com a história da virgindade.

— Você contou a ele antes ou depois?

— Depois.

Nicole se encolheu.

— Ele ficou furioso?

— Um pouco. Não sei qual o grande problema, mas a verdade é que Wyatt estava a ponto de ter um acesso de raiva.

Nicole riu.

— Nunca vi Wyatt tendo um acesso de raiva. Deve ter sido engraçado.

— Imagino que sim. Na hora em que contei, ele até recebeu bem a notícia. Mas desde então parece que pensou bastante a respeito. — Ela fez uma pausa, lembrando o que Wyatt dissera, a possibilidade que ela nem chegara a considerar. De que ela estivesse grávida. — Não usamos nenhum método contraceptivo. Agora ele está preocupado com a possibilidade de um bebê.

Nicole abriu a boca, espantada.

— Oh, uau! Ele não usou preservativo? Está falando sério? Vou precisar ter uma conversa com Wyatt quando eu sair daqui. Já é ruim o bastante ele ir para a cama com minha irmã, mas não usar nenhuma

proteção? Isso é totalmente inaceitável!

Nicole estava sendo protetora. Quem teria pensado? Claire sorriu.

— Para mim, um bebê seria uma boa coisa.

— Tem certeza?

— Sim, mas Wyatt não tem. Ele estava bem zangado. Começou a falar sobre como não ia assumir nenhuma responsabilidade e que não se deixaria prender em um casamento. — Claire ainda sentia a mágoa quando pensava a respeito. Como se ela algum dia fosse fazer uma coisa assim.

— Os homens entram em pânico com esse tipo de coisa. Ainda mais um que já passou por maus bocados antes.

— Talvez. Não sei. A questão é que realmente fiquei animada com a possibilidade de estar grávida. Sempre quis ter filhos. Nós discutimos sobre como seria. E foi uma confusão.

— Sinto muito se ele foi um idiota.

— Eu também.

Nicole apertou a mão da irmã.

— Você quer mesmo ficar grávida?

Claire sorriu.

— Sim. Seria um milagre.

— Então torço para que aconteça para você. Ei! Eu seria tia!

Outro vínculo, pensou Claire. Outro laço. Ela queria que sua vida estivesse interligada com aqueles a quem amava.

— Se eu estiver grávida, vou ter que trabalhar mais a minha saúde emocional. Quero ser uma boa mãe.

— Não há nada de errado com sua saúde emocional.

— Você disse que eu era imprestável. — Claire lembrou-a. — Não estou jogando isso na sua cara. É que não sei mesmo como viver no mundo real.

— É verdade, você não sabe mesmo. Mas veio para cá de qualquer modo. Você dirigiu pela rodovia para vir cuidar de mim. Aprendeu a cozinhar e a usar a máquina de lavar roupa. É ótima na confeitaria e tomando conta de Amy. E fez isso sem nenhuma ajuda, em questão de semanas. Claire, acho que você é a pessoa mais forte emocionalmente que eu já conheci.

Claire não sabia o que dizer. Seu peito estava apertado, mas daquela vez a sensação não tinha nada a ver com pânico e tudo a ver com o afeto que a inundava.

Nicole continuou.

— Agora mesmo, você está aqui tomando conta de mim. Ninguém toma conta de mim.

— Sou tão fantástica que deveria ser canonizada — brincou Claire, dando uma risada que estava bem próxima de um soluço. — Quero tomar conta de você.

— Eu sei. Você é uma boa pessoa. Uma grande irmã e... — Nicole deu de ombros. — Muito bem. Lá vai. Prepare-se. Eu amo você.

— Amo você também — falou Claire, aproximando-se mais para que pudessem se abraçar. — Mal

consigo acreditar que você finalmente disse isso.

— Nem eu.

## Capítulo Dezesseis

— EU PREFIRO esse padrão de cerâmica — disse Alice Grinwell com firmeza. — Com a ardósia.

Wyatt contou até dez. Aquela era a terceira casa que a sra. Grinwell o contratava para construir em dez anos. Ela também o recomendara a mais de uma dezena de clientes abastados. Mas infelizmente a mulher era uma dessas pessoas que têm mais dinheiro do que bom-senso. Na cabeça dela, o trabalho de sua vida era construir e decorar lindas casas. E o marido financiava suas atividades.

O que complicava o que poderia ser um trabalho de sonhos era o fato de que ela mudava de ideia o tempo todo. Cada casa que construía levava o dobro do tempo necessário, e custava três vezes mais do que deveria. Não que a sra. Grinwell se importasse.

— Quero que fique parecido com isso aqui — disse ela, apontando para uma foto em uma revista que mostrava a lareira feita sob medida para uma casa em Bellingham.

Wyatt tinha que admitir que era um belo trabalho, mas os operários dele que trabalhavam com revestimento haviam desistido do serviço, dizendo que não sabiam como conseguir aquela mesma aparência. O que significava que ele, Wyatt, teria que contratar a pessoa que fizera a lareira da foto e pagar a essa pessoa para ir até Seattle e trabalhar na casa da sra. Grinwell.

A questão não era o custo — a cliente cobriria. O problema era o tempo, o esforço e o fato de ele ainda estar furioso consigo mesmo pelo modo como lidara com as coisas com Claire. Também estava furioso com ela por não reconhecer o desastre que seria se estivesse grávida.

— Eu vou dar um jeito para que fique assim — disse Wyatt à cliente, com firmeza. — Não sei o quanto isso vai atrasar as coisas, mas lhe darei notícias assim que consiga resolver os detalhes.

A sra. Grinwell sorriu.

— É sempre um prazer trabalhar com o senhor. Muito obrigada, sr. Knight.

— Obrigada à senhora.

Eles conversaram sobre alguns outros detalhes e a cliente partiu. Enquanto a mulher caminhava na direção do Mercedes que dirigia, Wyatt a observava, imaginando o que ela pensaria se ele lhe perguntasse como era ser rica.

A sra. Grinwell provavelmente não saberia como responder a essa pergunta, e, na verdade, Wyatt não estava muito certo se realmente se importava. Ele tinha seu próprio negócio, e estava confortável. Conseguia sustentar a si mesmo e à filha e ainda garantia emprego a cerca de 25 homens. Fazia a sua parte.

Ao contrário de Claire, não havia acrescentado dois milhões de dólares à sua conta bancária no último ano,

Wyatt disse a si mesmo que o dinheiro dela era o último dos problemas. Mas a verdade era que a questão ainda o incomodava e ele não conseguia entender por quê. Sempre se considerara um homem confortável na própria pele. Respeitava as mulheres. O sucesso de outras pessoas não alterava o modo como ele se via. Então, qual era o problema?

Era porque eles haviam saído juntos? Ele supunha que deveria ganhar mais do que as mulheres com quem saía? Era assim tão retrógrado emocionalmente? Ou o problema era mais sutil? Entrar em contato com seu inconsciente não era um dos melhores talentos dele.

— Dane-se — resmungou Wyatt, e voltou-se para as plantas da casa e para as fotos da revista que haviam sido responsáveis pelo inferno do seu dia. Ele descobriria a resposta para tantas perguntas mais tarde. Ou nunca. Não era provável que Claire estivesse grávida. E assim que soubessem disso com certeza ele poderia deixar a questão de lado. E seguir em frente. Encontrar alguém mas fácil de lidar. Ou talvez apenas desistir das mulheres por um tempo.

CLAIRE ABRIU a porta dos fundos enquanto Nicole manobrava as muletas com cuidado.

— Não acredito que vou ter que me recuperar de outra cirurgia — grunhiu Nicole, enquanto abria caminho até o sofá e se deixava afundar nele. — Estava me restabelecendo tão bem da primeira e agora, olhe para mim.

Claire fez o melhor que pôde para não se encolher de culpa. As duas haviam brigado e ambas haviam caído. Fora pura falta de sorte que fosse Nicole quem se machucasse. Ainda assim, ela se sentia péssima por saber que a irmã iria sentir mais dor do que já sentira por causa da cirurgia anterior.

Nicole ergueu os olhos e torceu o nariz.

— Não ouse se desculpar de novo.

— Não farei isso.

— Se tentar fazer, eu vou gritar. E meu grito é um som estridente e terrível, você não vai gostar de ouvir.

Isso fez Claire sorrir.

— Não me desculparei por mais nada, nunca mais.

— Não vamos ser tão radicais, também. — Nicole suspirou. — Que bagunça. Será que a minha vida conseguiria ficar pior do que isso?

— Essa é a pergunta errada — disse-lhe Claire. — Não provoque o destino. No entanto, no seu lugar, eu não jogaria na loteria... Não me parece um bom momento.

— Eu sei. — Devagar e com cuidado, Nicole ergueu a perna enfaixada e apoiou-a na mesa de centro. — Outra cicatriz.

— Mas essa vai parecer consequência de algum machucado que você fez enquanto praticava esportes ou coisa semelhante. Vai ficar charmosa. Homens adoram mulheres com cicatrizes.

Nicole balançou a cabeça.

— Chega de homens no que me diz respeito. Já cansei dessa brincadeira.

Claire esperava que a irmã não estivesse falando sério, que ainda estivesse apenas balançada demais com o que acontecera com Drew. Nicole merecia ser valorizada por um grande homem. Na verdade, todas elas mereciam isso.

— Quer ajuda para subir a escada? — perguntou Claire.

— Quero me recuperar aqui mesmo. Ao menos a vista será diferente. Além disso, não acho que conseguiria subir a escada.

— Eu poderia ajudar — disse Claire, tentando não deixar transparecer sua insegurança. Uma súbita imagem das duas desabando no chão se formou em sua cabeça.

— Não. — Nicole olhou para Claire. — Sinto muito por você estar presa aqui.

Claire sentou-se na cadeira diante do sofá.

— Não estou presa, e fico feliz em ajudar. Antes de mais nada, foi para isso que vim para cá.

— Em algum momento você terá que retornar à sua vida de agendas rigidamente planejadas.

— Talvez. — Provavelmente. — Mas não essa semana. *É você quem está presa aqui comigo.*

— Eu estaria perdida sem você — falou Nicole, e fungou. — Droga. Não vou chorar. Já tivemos nosso momento sentimental e tocante no hospital.

Claire sorriu.

— Podemos ter mais de um.

— Não, porque não quero chorar novamente.

— Eu consigo aguentar. Você está dizendo que não consegue? — Claire se lembrou de que Nicole era incapaz de resistir a um desafio. E ela duvidava que a irmã houvesse mudado.

— Você está me provocando.

— Ahã.

Nicole cerrou os dentes.

— Posso aguentar muito melhor do que você. Vamos lá, então. Estou realmente feliz por você estar aqui. Ninguém nunca tomou conta de mim.

— Sempre estarei aqui quando você precisar de mim.

Os olhos de Nicole ficaram marejados. Ela afastou as lágrimas.

— Droga, Claire.

Claire sorriu, sentindo-se um tanto presunçosa.

— Está tudo bem. Posso lidar com seu descontrole emocional.

Nicole olhou irritada para ela.

— Eu devia jogar alguma coisa em cima de você.

— Mas não vai jogar. O que posso fazer para ajudá-la?

Nicole fungou, secou os olhos e pigarreou.

— Pizza e analgésicos. Nessa ordem.

— Devemos discutir sobre cogumelos na pizza agora ou mais tarde?

Nicole riu.

— Vamos discutir agora.

WYATT FECHOU a máquina de waffles e acertou o tempo de funcionamento. Enquanto Amy servia seu próprio suco, ele pegou a calda e colocou em um prato as salsichas vegetais que ela gostava tanto de comer no café da manhã.

Ele já tentara explicar a ela que a maioria dos seres humanos gostava da salsicha de verdade, e não daquela imitação vegetariana com queijo tofu temperado, mas Amy podia ser teimosa quando queria. Wyatt sabia que ela herdara essa característica dele, por isso era difícil ficar muito aborrecido a respeito.

— Estou empolgada com o meu teste de soletrar — sinalizou Amy, quando o pai olhou para ela. — Sei todas as palavras.

— Você treinou bastante. E na noite passada conseguiu acertar todas.

A menina assentiu várias vezes, fazendo o rabo de cavalo balançar com o movimento. Naquela manhã ela escolhera um suéter azul para usar com jeans preto e botas. Amy estava crescendo tão rápido... Era só uma questão de tempo até que ela estivesse revirando os olhos para ele e bufando o tempo todo. Mas, por enquanto, ainda era apenas a sua garotinha.

O timer da máquina de waffles soou. Wyatt abriu a tampa e usou um garfo para retirar um waffle perfeitamente cozido. Depois de colocá-lo no prato, perto da salsicha vegetal, ele passou tudo para ela, que já estava sentada na mesa do café.

— Obrigada, papai — sinalizou a menina.

— De nada. — Ele sinalizou de volta.

Amy deu uma mordida e mastigou. Depois de engolir, disse:

— Quero fazer um implante coclear.

Wyatt encarou a filha.

— O quê? — E logo balançou a cabeça. — Eu entendi as palavras. — Um implante coclear...

Ele sabia apenas o que a maior parte dos pais de crianças surdas sabia a respeito da cirurgia. Que não era um substituto para a audição, mas que costumava ter muito sucesso no que se propunha. Também que era uma técnica que estava sempre mudando e que, uma vez feita, não podia ser desfeita.

Ele e Amy só haviam conversado poucas vezes a respeito, a maior parte delas porque alguma amiga da escola fizera a cirurgia. Wyatt já explicara à filha por que achava que era melhor esperarem até que ela estivesse mais velha. Talvez até lá houvesse mais avanços na cirurgia.

— Por que agora? — perguntou ele.

— Quero ouvir a linda música de Claire — falou a menina, e passou a sinalizar, o que era mais rápido para ela. — Não me incomodava de não ouvir antes porque não havia nada que eu quisesse tanto assim escutar. Mas agora quero ouvi-la tocar.

Claire provocara aquilo? Ele havia conversado com ela sobre a cirurgia e explicado por que não era uma boa ideia e ainda assim ela falara com Amy?

— Papai, você está zangado? — perguntou a menina.

Ele estava mais do que zangado, mas não com a filha.

— Estou surpreso. — Ele sinalizou. — Havíamos conversado sobre você esperar. Acho que deveríamos esperar.

— É a minha audição. — Amy sinalizou de volta. — A decisão deveria ser minha.

Aquele não parecia com o jeito de Amy falar, portanto ou ela ouvira aquilo de alguma das amigas, ou de Claire.

— Você tem 8 anos. Não é você quem decide sobre a cirurgia.

— Você não entende, papai. Não pode entender.

Opa. Agora ela estava se voltando contra ele?

Wyatt teve vontade de dizer à filha que ele era o adulto e que poderia tomar a decisão que achasse melhor. Mas de que adiantaria? Se Amy estava determinada a fazer o implante, fosse por que razão fosse, eles teriam que lidar com isso. Mas brigar não iria adiantar.

Ele repetiu o mantra “Eu sou o pai”, que sempre o lembrava de que deveria manter suas emoções sob controle, e disse:

— Amy, agora você precisa acabar seu café da manhã e ir para a escola. E eu preciso pensar a respeito disso tudo. Vamos conversar mais tarde.

Ela olhou para ele de cara feia, mas depois assentiu lentamente.

Não era uma grande vitória, mas servia. Então ele teve vontade de socar a parede, o que não era exatamente uma atitude madura.

Wyatt deixou a filha na escola e ligou para o escritório dizendo que se atrasaria. Levou menos de vinte minutos para chegar na casa de Nicole e, durante todo o percurso, permitiu que sua raiva crescesse, até que estava quase explodindo quando saiu do carro.

Wyatt foi até a porta da frente e tocou a campainha. Claire atendeu.

— Precisamos conversar — falou ele, passando por ela e entrando na casa. — Agora.

— Sim, claro que não é cedo demais — disse Claire. — Obrigada por perguntar. E como está você?

Ele reconheceu que estava sendo invasivo, mas não se importou.

— Ir para a cama comigo não lhe dá o direito de confundir a cabeça da minha filha. Também não lhe dá permissão para se intrometer nas nossas vidas. Está claro?

— Muito claro, mas não tenho a menor ideia do que você está falando. E já que estamos falando do assunto, você me *pediu* para tomar conta da sua filha, o que estou fazendo como um favor. Acredito que isso significa que você me permitiu sim acesso à vida dela, se não à sua. E agora pode me esclarecer

qual é o seu problema?

Ela parecia tão inocente, pensou Wyatt, odiando estar agudamente consciente do fato de ela estar usando apenas os pijamas de dormir, obviamente sem sutiã. Parecia que certas partes de sua psique não se preocupavam com outra coisa que não vê-la nua.

— Amy quer fazer um implante coclear porque quer ouvir a sua música. Ela nunca quis isso antes. É muito doentio usar uma criança para fazer com que você se sinta melhor.

Claire sentiu a terra se abrir sob seus pés e se perguntou se estava acontecendo um terremoto.

Mas ao que parecia, não, já que Wyatt não parecia assustado. Ao contrário, ele estava bastante confortável pensando o pior dela.

— Duvido que você vá acreditar em mim — falou Claire, determinada a não se zangar —, mas jamais conversei com Amy sobre implantes cocleares. Ela nunca mencionou a possibilidade de fazer um, e eu, com certeza, também não. Não sabia muito a respeito até a conversa que tivemos em nosso encontro. O que você decidir fazer ou não em relação à saúde da sua filha é problema seu. Para mim não é importante que Amy ouça a minha música da maneira convencional.

Ela apoiou as mãos nos quadris e ergueu o queixo.

— O que não estou conseguindo entender é por que tenho que ser a vilã dessa história. Não sou Shanna, nem me identifico com qualquer visão deformada de mulher, como você parece ver o gênero. Sou apenas alguém que gosta de você e de sua filha. Venho tomando conta dela e gosto de verdade de Amy. E não vou deixar que você transforme isso em uma coisa feia, porque não é. Amy é uma garota incrível.

Wyatt ia começar a falar quando Claire ergueu a mão, detendo-o.

— Ainda não terminei com você. Admito que não lhe contei que era virgem. Presumindo que o corpo é meu, não estou bem certa se lhe devia essa informação. Mas pelo bem do seu estado de nervos, vamos assumir que eu deveria, sim. Já me desculpei por isso. E para sua informação, foi você quem começou com essa história de “quero fazer sexo com você”. Apenas aceitei sua oferta. Portanto, é melhor você parar de ficar tão irritado comigo, porque a pessoa com quem deveria estar furioso era com você mesmo. Amy está crescendo e você está começando a perceber que não vai poder controlar tudo da vida dela. Grande coisa! É parte de ser pai. Só que você não quer aceitar isso, quer culpar alguém. A mim, por sinal. Assim como me culpa por não ter assumido toda a responsabilidade em relação ao controle de natalidade quando fomos para a cama.

Claire se adiantou e enfiou o dedo no peito dele.

— Pare de colocar a culpa em mim. Aceite sua parcela de responsabilidade e pare de pensar o pior a meu respeito. Sou uma boa pessoa, droga, e você sabe disso! Só o que fiz foi ser gentil com sua filha, e você também sabe disso. Agora saia daqui.

Por um instante, Claire pensou que Wyatt não ia se mexer. Ela esperou pela explosão de raiva que se seguiria, mas Wyatt apenas resmungou alguma coisa baixinho e saiu da casa.

Claire acompanhou-o com o olhar até que a porta batesse. Então afundou em uma cadeirinha no hall de entrada. Sentia-se como se houvesse tido um embate com um vampiro e ele houvesse acabado de sugar toda sua energia vital.

Seu coração batia em uma velocidade que deveria tê-la feito se preocupar com um ataque de pânico, mas ela não se preocupou. Se conseguira lidar com Wyatt, conseguiria lidar com um ataque de pânico idiota qualquer. Já estava cansada de sentir medo e de ser julgada com base em meias-verdades e invenções. Ia se defender. Assim que tivesse força.

Nicole veio andando pesadamente da cozinha.

— Impressionante — falou ela. — Você realmente se impôs.

— Ele me irritou.

— Percebi. E ele também. Os homens podem ser uns idiotas. Odeio colocar Wyatt nessa categoria, mas acho que não tenho opção. Você está bem?

Claire respirou fundo e se levantou.

— Estou ótima. Wyatt não vai me abater. Sou mais forte do que ele pensa.

— É o que parece. Você parece estar praticamente no auge do seu potencial. Logo estará vivendo em um plano mais elevado.

Claire fez uma careta.

— Mal posso esperar.

EM VEZ de ir para o trabalho e descontar em pessoas que não haviam feito nada de errado, Wyatt foi para casa se acalmar.

Ficou parado no seu escritório, se perguntando o que havia de errado com ele. Sempre fora o cara que pensava antes de agir. Tinha uma regra de nunca dizer nada tolo o bastante que exigisse desculpas. Costumava manter as coisas simples em sua vida, e se esforçava para ser sincero em seus relacionamentos. No que dizia respeito às mulheres, nenhuma chegara muito perto, nenhuma se aproximara de sua filha... Ou dele.

Com exceção de Claire.

Ela o fazia reagir de maneiras que ele não imaginava que poderia. Claire o deixava louco sem nem mesmo tentar, o que o fazia pensar que não queria estar por perto quando ela decidisse levá-lo ao limite de propósito.

Wyatt foi até o armário na parede oposta, abriu-o e examinou as bebidas que guardava ali. Então se lembrou de que mal passava das nove horas da manhã. Um pouco cedo para começar a beber, mesmo em um dia ruim.

Ele bateu a porta com força e foi até a escrivaninha. Em vez de se sentar, baixou os olhos para a superfície, como se as respostas estivessem ali. O problema era que ele nem sequer sabia qual era a pergunta.

Achara mesmo que fora Claire quem colocara a ideia do implante coclear na cabeça de Amy? Ela estava certa ao dizer que não se importava como Amy ouvia sua música. A criança já adorava ouvi-la tocar. Claire tinha seus defeitos, mas ser absurdamente egocêntrica não estava entre eles. Ele confiara nela para tomar conta de Amy, mas não confiava que fosse uma pessoa decente?

Estava furioso com Claire desde que haviam feito sexo. Desde que descobrira que ela era virgem. O

que provocara isso?

Wyatt avaliou uma dezena de razões. Que não dizer a verdade era o mesmo que mentir, que ele não queria a responsabilidade, que aquilo tudo era muito estranho. Mas sabia que estava se enganando. A verdadeira razão era que Claire era imprevisível. Fora assim desde o primeiro instante em que a vira, e nada mudara.

Ele não gostava nada de imprevisibilidade, ainda mais em mulheres. Se não soubesse o que estava acontecendo, não poderia manter o controle.

Era essa a verdadeira questão? Estar no controle?

A pergunta o deixou desconfortável, o que provavelmente queria dizer que ele estava perto da verdade.

O passado de Wyatt tinha muito a ver com sua necessidade de estar no controle. Ele não podia se permitir se envolver emocionalmente e cometer o mesmo erro que cometera com Shanna. Nenhum homem em sua família jamais tivera um relacionamento bem-sucedido. Por que com ele seria diferente?

Mas nada disso era culpa de Claire. E ele parecia não conseguir parar de fazer besteira no que se referia a ela. Teria que fazer alguma coisa para consertar essa situação.

## Capítulo Dezessete

QUANDO AMY entrou correndo na casa naquela tarde, Claire sabia que havia uma boa chance de Wyatt não estar muito atrás. E apesar de estar aborrecida com ele, ainda havia uma parte dela que desejava vê-lo. O que era uma completa estupidez. Verdadeiro, mas estúpido.

Amy abraçou-a e sinalizou:

— Como foi o seu dia?

— Bom. E como foi na escola?

— Tirei A no meu teste de soletrar.

— Uau! Viva você!

Amy saiu em disparada para a sala de estar, para cumprimentar Nicole. Wyatt entrou na cozinha.

Ele era alto, grande e bonito o bastante para deixá-la sem ar. Tudo parte da atração dele, lembrou a si mesma. Claire não sabia muito sobre ter um tipo de homem, mas imaginava que Wyatt fosse o seu.

Ela se apoiou na bancada, determinada a deixar que ele falasse primeiro.

— Tem um minuto? — perguntou ele.

Queria mesmo ter outra conversa com ele?, perguntou-se Claire. As duas últimas haviam sido terríveis, mas ainda assim ela se pegou concordando.

Eles desceram a escada até o estúdio. Claire sentou-se no banco em frente ao piano, enquanto Wyatt acomodava-se em um dos bancos que estavam em um canto.

Ela esperou.

— É possível que eu tenha sido um canalha — começou a dizer.

Apesar de ainda esta magoada e aborrecida, e talvez por causa da poderosa atração que sentia por ele, Claire sorriu.

— Quando vai ter certeza?

— Logo.

— Me avise, então.

Wyatt encarou-a.

— Você não se parece com ninguém que eu já tenha conhecido. Gosto que as mulheres com quem me relaciono sejam fáceis de compreender. E você não é.

Claire não tinha certeza do que aquilo significava naquele contexto, mas sabia que se descobrisse não ficaria muito feliz.

— Você me tira do sério — continuou ele. — Diabos, não sei como resolver isso! Gosto das coisas previsíveis e você não é nada previsível.

Segurança, ela pensou. Wyatt queria relacionamentos seguros e inexpressivos. Isso significava que ele tinha algum interesse nela? Com certeza Wyatt vinha despendendo bastante energia em ficar furioso com ela.

— Eu jamais me colocaria entre você e Amy — falou Claire.

— Eu sei. Me desculpe. Você estava certa no que disse antes. Não quero perder o controle. Não quero que ela cresça e vá cuidar da própria vida, e sei que é isso o que vai acontecer.

Claire não conseguia compreender exatamente a dor que ele sentia, afinal não tinha filhos seus. Mas imaginava que não deveria ser muito agradável.

— Amy ama você — falou ela, erguendo-se e indo até ele. — Você é tudo para ela.

— Por enquanto. Em poucos anos, algum garoto vai aparecer e tentar roubar o coração dela.

— Isso não vai mudar o quanto ela o ama.

— Talvez não. — Wyatt olhou bem dentro dos olhos de Claire. — Não quero que você se aproxime. Essa é uma das regras. Tentei deixar isso claro, mas depois que ficamos juntos percebi que você não joga de acordo com regra alguma.

Ele estava querendo dizer que ela era inocente demais para ter regras ou que não se importava com elas? Claire não estava bem certa e... Ela franziu o cenho.

— Espere um minuto. Não sou eu que decido se me aproximo ou não. É você que controla isso.

— Eu sei.

Havia alguma coisa diferente no modo como ele disse essas duas palavras. Um tom sombrio e sexy que a deixou arrepiada, com o sangue correndo quente nas veias.

— Estou me aproximando de você. — Claire não estava fazendo uma pergunta. Pela primeira vez na vida, sentia-se sexualmente poderosa.

— Mais do que você imagina.

A eletricidade parecia estalar entre eles.

Claire não tinha ideia do que fazer. Correr para os braços dele e arriscar tudo? Ou correr na direção oposta?

Wyatt deu um sorrisinho torto.

— Não se preocupe, Claire. Isso não precisa significar nada.

Mas, para ela, significava. Então o chão rangeu sobre a cabeça deles e Claire se lembrou de que os

dois não estavam sozinhos, e podiam ser interrompidos a qualquer momento.

— É melhor passarmos para um assunto mais seguro — falou ela.

— E quanto a esse piano? Era nele que você praticava quando era pequena?

— Até eu ir embora. — Claire abriu a tampa do instrumento e passou os dedos de leve pelas teclas.

— Ele ficou tanto tempo sem uso que é difícil mantê-lo afinado. As cordas teimam em querer voltar à antiga posição. Mas vamos conseguir.

— É difícil fazer magia com um instrumento que não está afinado.

Claire endireitou o corpo, surpresa.

— Não faço magia.

— E como chamaria o que faz?

— Não sei. As coisas costumavam ser tão claras para mim. Minha vida já chegava definida para mim, uma temporada de concertos de cada vez. Estava sempre ocupada. Ensaando, viajando, gravando. Agora não estou fazendo nada.

— O que é melhor?

— Nenhum dos dois — falou ela sem pensar, e então percebeu que não era verdade. — Sinto falta de tocar.

Wyatt pareceu se contorcer no assento.

— O que foi? — perguntou ela.

— Reação automática tipicamente masculina. Ver um problema e consertá-lo. Tenho vontade de dizer “então toque”, mas sei que não é assim tão fácil para você.

— Os ataques de pânico — murmurou ela. — Não tive mais nenhum, desde aquela primeira manhã em que trabalhei na confeitaria. Cheguei bem perto quando toquei na escola de Amy. Sei que estou melhor, ao menos na minha vida cotidiana, mas será que conseguiria me apresentar novamente? Não sei.

— Você precisa conseguir, Claire. Nasceu para fazer isso. É a sua paixão.

Talvez, mas ela não se incomodaria de ter outras paixões. Um homem, uma criança, uma família.

— Sinto saudades de tocar, mas dessa vez quero mais para minha vida.

— Então faça acontecer. Não é você a responsável por sua vida?

— De acordo com minha agente, não.

— Então arranje uma nova agente.

Fácil assim, ela pensou, sabendo que se fosse com Wyatt, provavelmente era isso o que ele faria.

— Estou com Lisa desde que tinha 12 anos. Isso é mais do que a metade da minha vida.

— É negócio — falou Wyatt. — Você precisou fugir para conseguir ajudar Nicole. Abriu mão de toda sua autoridade. Quer continuar com isso?

A reação mais fácil era se zangar com ele, mas Wyatt só estava falando a verdade. Ela deixara Lisa dominar sua vida porque era mais fácil do que fazer as coisas ela mesma.

— Nunca lutei pelo que queria — falou Claire, lentamente. — Não sei lhe dizer por quê. Talvez por medo ou inércia. — Ela deu uma risada amarga. — Sempre tive orgulho de não ser uma prima-dona. Nunca fiz exigências. Nunca quis comidas ou flores especiais em meu camarim. Mas deixei Lisa tomar as

decisões mais importantes, as que se referiam ao meu tempo e ao meu talento. Tenho 28 anos. Não deveria ser um pouco mais madura? — Claire suspirou. — Seja cuidadoso com sua resposta. Estou me sentindo vulnerável.

— Você é madura. Tem sido preguiçosa até agora. Só isso. Decida fazer as coisas de um modo diferente.

Se fosse só isso, ela pensou.

— Você faz parecer tão fácil.

— E por que precisa ser difícil? Apenas decida e siga em frente. Ou volte a viver como antes.

— Não. Não farei isso.

— Então já é meio caminho andado.

Ela sorriu.

— Você está se saindo muito sensível e compreensivo. Provavelmente não quer que essa notícia se espalhe.

— De forma alguma.

— Então já tenho alguma coisa contra você.

— Gosta de ter o poder, não é? — A voz dele era provocante.

— E quem não gosta. Poder é uma coisa boa.

— Nas mãos certas — falou Wyatt.

Claire teve a impressão de que eles haviam mudado de assunto novamente, mas não estava certa. Ela sabia que aquela eletricidade estava de volta e estava usando cada milímetro de seu autocontrole para não se levantar e correr para os braços dele.

Queria sentir o abraço de Wyatt, sua boca sobre a dela. Queria que ele a beijasse como se não pudesse mais parar.

Antes que se levantasse e tornasse a fantasia realidade, Claire ouviu passos na escada. Amy entrou no estúdio em um rompante e foi até o piano.

— Toque para mim, por favor — falou ela.

Claire riu e puxou-a para cima do banco.

— Como poderia recusar? Você é minha plateia favorita.

Wyatt observou a filha se acomodar ao lado de Claire e fechar os olhos, enquanto apoiava a mão no piano.

Será que ela ouvia alguma coisa, ou apenas sentia a música?

O belo som encheu o estúdio, vibrando através dele. Como Claire conseguia criar uma coisa daquelas apenas com seus dedos e sua memória? Por que fora escolhida para ter esse dom? Que combinação de genes, de DNA, a escolhera? Ou fora Deus?

Isso tinha alguma importância? Ela simplesmente era como era. Talentosa, exuberante, irresistível. Perigosa. Wyatt sabia muito bem que não devia se envolver, mas percebia que cada vez afundava mais e mais. Não seria melhor cair fora enquanto ainda era relativamente fácil?

Em vez de tentar responder a pergunta, Wyatt voltou sua atenção para Amy. Sua linda filha. Apesar de

lhe doer sequer pensar em qualquer parte do corpo dela sendo destruída, ele sabia que não podia negar a Amy o que ela pedira. Precisavam chegar a um acordo para que o transplante fosse feito em apenas um ouvido, deixando o outro apto a usufruir de tecnologias futuras. Nesse momento, ela queria ouvir Claire tocar piano. Com o tempo iria querer ouvir mais do mundo. A risada de um amigo. A voz de um homem. O choro de um bebê.

Aquele não era o momento nem a técnica que ele teria escolhido, mas não podia dizer que Amy estava errada por querer. Assim como a música de Claire, a filha dele também era um milagre.

— VOCÊ ESTÁ inquieta — disse Nicole, depois do jantar. — Eu vou querer saber o que há de errado?

— Preciso tocar — falou Claire. Ela vinha sentindo uma necessidade cada vez maior desde sua conversa com Wyatt.

Não, não era verdade. Ela já vinha sentindo essa necessidade há um bom tempo, mas só admitira para si mesma depois de conversar com Wyatt.

Nicole pareceu confusa.

— Achei que estava tocando. Você deixou a porta do estúdio aberta e eu a ouvi.

— Quero dizer, em público. Preciso tocar para outras pessoas. — Ela ergueu uma das mãos. — Isso não tem nada a ver com o meu ego. Não preciso de uma plateia para me sentir especial.

— Eu não ia dizer nada.

— Você estava se torcendo por dentro. Sua expressão parecia retorcida.

— Nem quero saber o que é isso direito — resmungou Nicole. — E, por sinal, também sou sensível. Você precisa tocar em público para descobrir se conseguiu superar aquela história do pânico. Se não tiver superado, vai estar ferrada de vez. — Ela fez uma pausa. — Não quis dizer isso do jeito ruim.

— É claro que não. — Claire suspirou. — Mas você está certa. Preciso resolver essa história idiota do pânico. Portanto preciso tocar para estranhos. Para muitos estranhos.

— Qual é o plano? Você poderia tocar em uma esquina. Com certeza ganharia algum dinheiro extra em gorjetas.

Claire ignorou a irmã.

— Estava pensando em um bar. É discreto, anônimo. Você conhece algum pelas redondezas que tenha pianos, ou que gostasse de ter alguém fazendo uma pequena apresentação, ou alguma coisa assim?

Nicole pegou uma das muletas e apontou-a para Claire.

— Você não vai tocar em um bar.

— Por que não?

— Não faz o seu tipo.

— Não estou procurando uma segunda carreira. Quero apenas testar uma apresentação em público. Portanto você vai me ajudar a encontrar um bom lugar ou terei que fazer isso sozinha.

Nicole abaixou a muleta.

— Muito bem — resmungou ela. — Vou lhe dar uns dois nomes. Você vai sozinha?

— Ficarei bem. Vou pedir uma taça de vinho branco, que deixarei sobre o piano, e tocarei. O que de

pior pode acontecer?

— Nem quero imaginar. Quando você vai?

— Esta noite. Agora mesmo.

NICOLE ESPEROU até ouvir o carro de Claire saindo da entrada da garagem e pegou o telefone.

— Temos um sério problema — falou ela, quando Wyatt atendeu. — Você não vai acreditar no que Claire vai fazer esta noite.

Nicole contou a ele, e interrompeu a sequência de palavras que Wyatt deixava escapar, dizendo:

— Sei exatamente o que quer dizer. Traga Amy para cá. Ela pode passar a noite aqui. Então vá até lá ver o que vai acontecer com Claire. Não seja óbvio. Fique parado no fundo, apenas para se certificar de que ela vai ficar bem. Tenho certeza de que ficará...

— Ela chegou a lhe contar sobre Spike? — perguntou ele, interrompendo a amiga.

— Que Spike?

— Um cara lá do canteiro de obras. Ex-presidiário, ainda na condicional, cheio de tatuagens, casado. Ele a convidou para sair e ela quase aceitou.

A vaga sensação de desconforto de Nicole se transformou em uma enorme preocupação.

— Corra.

— Estarei lá em um instante.

A TABERNA Greenway era mais bem iluminada do que ela imaginara, relativamente limpa e estava bem cheia. Claire foi até o bar, acomodou-se em um banco vazio e esperou que o barman a atendesse.

Ela não tinha a menor ideia se aquele era um lugar típico para se tocar como pretendia ou não. Havia umas duas mesas de bilhar, várias televisões mostrando um jogo de beisebol, com o som muito baixo, e música saindo dos alto-falantes no teto. Um piano solitário, coberto, descansava em um canto do salão.

A multidão parecia dividida igualmente entre casais e grupos de homens. Não havia muitas mulheres sozinhas. Na verdade, ela viu apenas uma mesa só de mulheres perto de uma das colunas.

— Em que posso servi-la? — perguntou o barman.

— Uma taça de... — Claire hesitou. Tinha a sensação de que aquele lugar não era do tipo que vendia vinho branco. — Ahn, uma cerveja. Se tiver em caneca está ótimo.

O homem assentiu e se afastou. Claire não tinha ideia de onde ouvira falar de cerveja em caneca, mas, como fora a coisa certa a dizer, ficava grata.

Um dos homens que estavam próximos sorriu para ela, que esperava pela cerveja. Claire acenou brevemente com a cabeça, pois não queria começar nenhuma conversa. Estava ali para sofrer, nada além disso.

Quando o barman voltou com a cerveja, disse.

— Três dólares.

Ela lhe entregou uma nota de cinco.

— Você se importaria se eu tocasse piano?

O homem hesitou.

— Você é boa?

Isso a fez sorrir.

— Tive algumas aulas.

— Certo. Mas se as pessoas reclamarem, vai ter que parar.

Claire estava menos preocupada com a opinião das pessoas do que com a possibilidade de ter um ataque de pânico. Sentia-se forte há algumas semanas, mas não se testara desde a apresentação na escola de Amy. E embora houvesse conseguido chegar até o fim naquela ocasião, fora por pura força de vontade.

Ela acenou para que o barman ficasse com o troco, pegou a caneca e se encaminhou para o piano. Quando passava por uma mesa, um homem agarrou sua mão.

— Quer se juntar a mim, doçura?

— Não, obrigada — falou Claire, sem olhar para ele.

Ela retirou a cobertura do instrumento e ficou encarando o tampo negro. Havia um descanso para copos em uma das pontas e um pote para gorjetas na outra.

Claire sentou-se no banco e sentiu um aperto no peito. Dessa vez, não havia Amy para distraí-la ou salvá-la. Teria que salvar a si mesma.

Sua respiração tornou-se mais rasa. Ela se esforçou para respirar mais devagar e profundamente, mas ainda sentia como se o ar não estivesse enchendo seus pulmões. Não conseguia respirar, não conseguia...

— Pare — falou Claire em voz alta, sem se importar se alguém estava ouvindo. — Pare com isso!

Ela estava bem. Conseguia respirar e não ia morrer, por mais que parecesse o contrário. O único modo de superar aquilo era tocar e tocar, até que tocar se tornasse fácil novamente.

Ignorando o aperto no peito e a sensação de pânico, Claire pousou as mãos nas teclas e perdeu-se no som.

Rachmaninoff, pensou, com um suspiro de alívio. Um de seus favoritos. Sempre a acalmava. O modo como a música...

— Ei, dona. Pare com isso. Ninguém quer ouvir essa coisa.

Claire abriu os olhos e olhou ao redor, descobrindo que várias pessoas a encaravam. Epa. Aquele não era o tipo de público para Rachmaninoff.

— Desculpem — disse ela, com um sorriso. — E que tal isso?

Ela passou a tocar “Uptown Girl”, de Billy Joel, e, quando terminou, emendou com “Accidentally in Love”, uma canção pela qual se apaixonara desde que a ouvira no segundo filme de *Shrek*.

Claire seguiu tocando músicas de Norah Jones, depois canções de trilhas sonoras, e então passou a atender pedidos.

Ela não tinha ideia de quanto tempo se passara. Quando sentiu o corpo começar a tremer de exaustão, soube que era hora de parar. Mas antes que pudesse terminar a música que estava tocando, um rapaz subiu no tablado e colocou um dólar no pote vazio.

— Você tem algum talento, sabia? — falou ele.

Claire começou a rir.

— Obrigada.

Depois que terminou a última canção, ela pegou a caneca de cerveja agora quente, o dólar que ganhara e se levantou. Várias pessoas aplaudiram, algumas gritaram para que ela continuasse a tocar. Claire negou com a cabeça. Estava cansada, mas da melhor maneira possível. Um cansaço fruto do seu trabalho.

Ainda levaria algum tempo para que se curasse completamente, pensou. Talvez voltar à terapia por algumas semanas fosse uma boa ideia. Mas sentia que dobrara uma esquina. A cura começara. Ainda sentia algum receio, mas esse já não a imobilizava mais.

Claire caminhou na direção do bar para pedir outra bebida. No caminho, um homem segurou seu pulso.

— Quer se juntar a mim?

Ela estava prestes a recusar quando sentiu cada célula de seu corpo entrar em alerta. Quando baixou os olhos, viu Wyatt.

— O que está fazendo aqui?

— Assistindo ao seu show.

Por algum motivo ela duvidou disso.

— E antes do show?

— Estava esperando para ver se você iria precisar de algum apoio moral.

Um modo gentil de dizer que achara que ela talvez precisasse ser resgatada.

Claire sorriu.

— A coisa realmente podia ter ficado feia. Obrigada por vir.

Wyatt se levantou, ainda segurando o pulso dela.

— Você os conquistou no momento em que se sentou.

Ela olhou ao redor do bar cheio.

— Quase.

— Como se sentiu tendo todos em seu poder?

Claire se lembrou do fluxo da música atravessando seu corpo, do quanto cada nota era certa.

— Bem. — Ela admitiu.

Wyatt olhou bem dentro dos olhos dela.

— Amy vai passar a noite com Nicole. Quer passar lá em casa para tomar um drinque?

Ele a estava convidando para muito mais do que um drinque. Claire se sentiu levemente tensa diante da perspectiva de Wyatt voltar a tocá-la. A beijá-la e abraçá-la. Ela queria sentir novamente aquelas sensações incríveis. Queria senti-lo dentro do seu corpo, ligado a ela.

— Eu gostaria, sim.

Ele tirou a caneca da mão dela e colocou-a sobre a mesa.

— Então, vamos.

ENQUANTO ENTRAVAM na casa dele, Claire tentou imaginar como dizer a Wyatt que não estava interessada

em beber nada, ou em ter uma conversa educada. O que realmente queria era que ele rasgasse suas roupas e fizesse o que quisesse. Queria ser possuída da melhor maneira possível.

Como esse tipo de conversa não estava descrito em nenhum dos manuais que ela já lera, Claire se preparou para ter uma noite longa e frustrante até que eles chegassem à parte boa.

Mas em vez de se dirigir à cozinha ou à sala de estar, Wyatt pegou a mão dela e levou-a para o andar de cima. Quando chegaram ao quarto dele, Wyatt virou-se para ela e começou a beijá-la.

Claire pensou em provocá-lo dizendo que realmente estava com sede, mas para quê? Não havia outro lugar onde quisesse estar que não nos braços dele. E, de preferência, nua.

Wyatt passou a língua pelo lábio inferior de Claire e ela abriu a boca para recebê-lo. Enquanto aprofundava o beijo, Wyatt puxou a blusa dela para fora do jeans e começou a desabotoá-la. Ao mesmo tempo, Claire estendeu os braços para ele, o que fez com que se esbarrassem, em vez de se despirem. Quando ela acertou-o com o cotovelo, recuou.

— Isso é perigoso — disse Claire.

Wyatt riu.

— Você é letal. Vou lhe dizer o que vou fazer. Vou ganhar de você.

— O quê?

Em vez de responder, ele desabotoou a própria camisa e despiu-a.

— Você está perdendo — provocou Wyatt.

Claire deu um gritinho.

— Estou usando mais roupas do que você!

— Sempre com uma desculpa.

Ela arrancou a blusa por sobre a cabeça, enquanto chutava as sandálias para o lado. Então abriu o sutiã e despiu o jeans e a calcinha, juntos. Quando endireitou o corpo, deu de cara com Wyatt ainda vestido.

— Ei!

O sorriso dele deu lugar a uma expressão faminta.

— Maldição, você é linda.

Wyatt agarrou-a e puxou-a contra si. Claire se deixou levar com prazer, louca para sentir as mãos dele sobre seu corpo. Ela queria tudo, o toque, os carinhos e aquela intensidade com que ele a levava ao paraíso para depois trazê-la de volta.

Os dois caíram juntos na cama. Wyatt rolou, deitando-a de costas e debruçando-se sobre ela; então, abaixou a cabeça e beijou-a. Enquanto suas línguas se tocavam e se provocavam, ele correu os dedos pela barriga dela, e mais embaixo. Claire abriu as pernas de bom grado.

Os dedos continuaram a descer por entre as pernas dela e logo encontraram aquele ponto sensível e especial. Wyatt acariciou-o de leve, fazendo Claire se contorcer querendo mais. Mais forte, ela pensou. Mais rápido.

Claire logo descobriu que Wyatt tinha seus próprios planos. Em vez de ouvir seus pedidos mentais, ele continuou a beijá-la. Então desceu mais o corpo e capturou os mamilos de Claire com a boca, o que

ela achou bom demais. Claire teve que admitir que a combinação dele sugando seus seios enquanto a tocava entre as coxas era incrível.

Ondas de desejo se espalharam por todo seu corpo. Um calor intenso a dominava e sua respiração estava acelerada. Claire reconheceu a tensão crescendo cada vez mais, os músculos pulsando, e afundou na cama para aproveitar o que sabia que estava prestes a chegar.

Mas então Wyatt parou.

Ela abriu os olhos e o fitou.

Ele tocou o nariz dela de leve e disse:

— Quero tentar uma coisa.

— Outra mulher? Acho que não quero participar de uma relação a três.

Wyatt riu.

— Não há a menor possibilidade de eu querer compartilhá-la. Quero ver se você consegue chegar ao êxtase comigo dentro de você.

Como ela só experimentara um único encontro sexual de verdade na vida, estava mais do que disposta a brincar.

— Diga-me o que fazer.

— Relaxe e deixe que eu tome conta de tudo.

Uma excelente qualidade em um homem, pensou Claire, enquanto Wyatt se levantava e despiu o resto das próprias roupas. Mas antes de voltar para a cama, ele abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou um preservativo.

O coração de Claire ficou apertado. Proteção. Era o que qualquer pessoa sensata usaria, dadas as circunstâncias. Mas isso a lembrou da última vez, quando ele não usara nada, e do fato de que havia uma pequena, mínima chance de ela estar grávida.

Claire afastou o pensamento da cabeça. Aquela não era a hora para lidar com isso, disse a si mesma, enquanto Wyatt se ajoelhava entre suas pernas. Ele se apoiou nos braços e deslizou lentamente para dentro do corpo dela.

Foi mais confortável dessa vez, pensou Claire, abrindo-se mais para ele. Wyatt a preencheu completamente, o que era muito, muito íntimo.

Mas em vez de se afastar e arremeter novamente, ele se ajeitou e, ainda dentro dela, enfiou a mão entre seus corpos e começou a tocá-la.

Os dedos dele encontraram novamente o ponto sensível e o acariciaram. Ele roçou e pressionou aquele ponto em um ritmo constante que rapidamente deixou a respiração dela acelerada de novo. Claire tensionou os músculos, e Wyatt gemeu.

— Você consegue sentir isso?

— Oh, sim..

Incrível. Ela gostou de saber que ele conseguia experimentar o que o corpo dela estava sentindo. Mas então a tensão aumentou e ficou difícil pensar em qualquer coisa que não o quanto era delicioso o que estava sentindo.

Wyatt a tocava com tamanha segurança que Claire se permitiu relaxar. Ela fechou os olhos e se entregou ao momento. Era diferente, ele tocando-a enquanto estava dentro dela. Claire se sentia mais plena, mais sensível. Ela pressionou suavemente o corpo contra o dele e moveu os quadris, envolvendo-o. Wyatt gemeu de novo, mas ela ignorou o som.

Ele não parava de tocá-la, roçando, acariciando, fazendo o corpo dela se abrir cada vez mais, fazendo-a estremecer. Os músculos internos de Claire estavam cada vez mais tensos. Ela se apertou mais contra ele e não conseguiu controlar a necessidade de mover com mais rapidez o corpo contra o dele.

Os quadris de Claire insistiam em um movimento instintivo. Wyatt retribuiu retirando-se um pouco de dentro dela e voltando a arremeter. Mais forte, pensou Claire, desesperada. Ela estava chegando cada vez mais perto. Então abriu mais as pernas, pois queria senti-lo colado ao seu corpo. Ela jogava a cabeça de um lado para o outro, quando subitamente prendeu a respiração. Era como se tudo dentro dela houvesse parado por um instante.

No minuto seguinte, Claire se viu arrebatada para o clímax. Wyatt continuou a tocá-la, enquanto arremetia, carregando-a junto com ele em uma onda de desejo que ela não conseguia controlar. Claire gemeu de alívio, sussurrando o nome dele, seus músculos se contraindo mais e mais.

Ela percebeu que ele já não a tocava mais com os dedos. Wyatt agora estava ajoelhado, concentrado em entrar e sair do corpo dela com força e determinação. Claire não sabia o que esperar... Mas o que mais a impressionou foi como a cada arremetida seu orgasmo aumentava de intensidade e ia mais além. E ela foi de um clímax ao outro, trêmula, acompanhando o ritmo dos quadris dele e certa de que ele iria matá-la. Mas que maneira fantástica de morrer...

Ainda estava perdida em mais um orgasmo quando Wyatt estremeceu e ficou muito quieto. Então ele desabou ao lado dela, puxando-a para junto de si. Eles ficaram deitados ali, em uma confusão de braços e pernas, a respiração acelerada, agarrados como se jamais fossem se separar.

O SOL começou a nascer antes das seis da manhã. Claire sabia disso porque a essa hora já estava na cozinha, com Wyatt, fazendo café. Ela usava uma das camisas lisas, macias e aconchegantes dele, e nada mais. Sentia-se sexy, ousada e mais satisfeita do que jamais se sentira na vida.

Estava apoiada contra a bancada, e Wyatt, depois de ligar a máquina de café, puxou-a pela cintura e a abraçou.

— Você é sempre linda — murmurou ele, beijando-a. — E mais ainda de manhã cedo.

— Obrigada — falou ela, sabendo que não era verdade. Com certeza, não. Mas se ele achava que era, então não iria reclamar.

Wyatt deslizou a mão por baixo da camisa que Claire usava e tocou um seio. Ela sentiu um arrepio de antecipação. Mas em vez de continuar explorando seu corpo, ele soltou-a e ajeitou o cabelo dela atrás das orelhas.

— Você vai ter que tomar cuidado quando voltar a Nova York — disse Wyatt.

— Voltar?

— Você não vai voltar? Em algum momento?

Claire ainda não havia pensado a respeito.

— Imagino que sim. Meu apartamento está lá. E minha carreira. — Sua vida também estivera, até pouco tempo. Agora já não tinha tanta certeza.

— Você precisa aprender como se proteger. Vai ter outros namorados e, quando o homem com quem estiver descobrir sobre o seu sucesso financeiro, você corre o risco de ele querer tirar vantagem. Precisa ser cuidadosa.

Claire não sabia o que dizer. Havia tantas suposições naquele pequeno discurso que não sabia por onde começar.

— Não sei se terei outros namorados — falou ela, achando mais fácil começar por aí.

— Que homem resistiria a você? — perguntou Wyatt.

Boa resposta, mas ainda assim..

— E por que eu escolheria alguém desse jeito?

— Alguns homens são bons em esconder que são uns canalhas.

— Você nunca quis o meu dinheiro.

— Concordo. Mas não estou falando de mim, estou falando do próximo cara.

Próximo cara? Por que eles não iam mais sair juntos?

Wyatt deu um sorrisinho de lado.

— Eu sou o cara que você conheceu nas férias. Moro em Seattle, tenho uma filha. Você mora em Nova York e viaja pelo mundo.

E o que isso queria dizer? Que eles não tinham nada em comum? Que jamais daria certo? Claire sentiu uma dor aguda no peito que não tinha nada a ver com estar assustada ou preocupada com um ataque de pânico.

— Quero o melhor para você — falou Wyatt. — Não quero que se magoe, ou que se arrependa.

Tarde demais, pensou Claire, enquanto a verdade explodia em seu peito. Já estava em um mundo de dor. Wyatt fora sincero com ela desde o início, e agora estava tentando fazer a coisa certa e tomar conta dela. Não ocorreu a ele que ela queria mais. Queria alguém que se importasse tanto com ela que insistisse para que ficasse, por mais difícil que fosse organizar a logística disso. Alguém que a amasse... Do jeito que ela o amava.

## Capítulo Dezoito

NICOLE FEZ O melhor que podia para não passar a manhã de mau humor, mas era difícil. Estava cansada de ficar presa em casa, cansada de ficar para trás. Na noite anterior, Claire fora vencer seus medos para que pudesse retornar à sua vida animada em Nova York. A irmã também tivera uma fabulosa noite de sexo com Wyatt. Não que Nicole se importasse especificamente por Claire ir para a cama com Wyatt. A questão era que ela mesma estava quase divorciada, sem a menor vontade de confiar em qualquer homem tão cedo... Portanto jamais faria sexo novamente. Não fazia o tipo de simplesmente levar um homem para a cama... E eles também não estavam fazendo fila, implorando para isso. Tudo o que tinha para mostrar de sua vida nos últimos três meses era um marido infiel, um roubo, a traição da irmã caçula e duas cicatrizes feias.

Nicole se deixou cair no sofá e tentou se convencer de que as coisas não estavam assim tão ruins. Ela e Claire haviam se reconciliado.

— Agora que gosto dela, sei que logo vai voltar para Nova York — resmungou Nicole, sentindo o humor piorar no mesmo instante. — Então voltarei a ficar só.

Ela detestava se sentir assim e estava disposta até a assistir à programação matinal da TV para tentar melhorar seu humor. Mas antes que pudesse ligar o aparelho, ouviu alguém batendo na porta.

Nicole se levantou do sofá com a ajuda das muletas e caminhou até a porta. Quando abriu, esperando ver o carteiro ou alguma encomenda deixada no chão, deparou com Jesse parada na varanda.

A primeira coisa que Nicole sentiu foi alívio, seguido por uma onda de puro amor. Não via Jesse há semanas e, apesar de tudo o que acontecera entre elas, estava preocupada. O que só demonstrava que Claire não era a única naquela casa flertando com a loucura.

Nicole teve o cuidado de não deixar transparecer nenhuma emoção quando disse:

— O que você está fazendo aqui?

— Soube da cirurgia. — Jesse parecia agitada, desconfortável, ainda parada na varanda. — Queria saber como você estava passando.

A onda inicial de afeto rapidamente passou. Todas as traições de Jesse voltaram à cabeça de Nicole, e ela teve vontade de atacar a irmã. Não se importou por Jesse estar parecendo cansada e um pouco triste. Queria vingança.

Mas também queria conversar com Jesse. Droga!

— Estou bem — respondeu Nicole, por fim. — Me curando.

— Posso entrar?

Em vez de dizer qualquer coisa, Nicole afastou-se para o lado. Ela entrou na casa atrás da irmã. Uma parte sua queria que as coisas voltassem ao que era antes, mas outra parte sabia que algumas feridas levavam mais do que algumas semanas para serem curadas.

Nicole afundou no sofá, e Jesse permaneceu de pé. Ela olhou ao redor.

— Esse lugar não mudou nada.

Nicole deu de ombros. Não queria falar sobre decoração.

— Achei que talvez pudéssemos conversar — murmurou Jesse.

— Sobre?

Jesse respirou fundo e levantou a cabeça.

— Me desculpe — disse ela em um rompante. — Estou realmente arrependida e você não está facilitando as coisas.

Nicole reprimiu a fagulha de esperança que cintilou dentro dela.

— Não cabe a mim tornar as coisas mais fáceis.

Jesse revirou os olhos.

— Quando você vai parar de aproveitar cada oportunidade para me dar uma estúpida lição de moral?

— Quando você parar de precisar delas. Vamos, Jesse, convença-me. — Não precisaria de muita coisa para isso, mas Nicole jamais admitiria.

— Me desculpe por tê-la magoado. Sinto muito por você ter ficado zangada.

A esperança morreu e a raiva renasceu das cinzas.

— Que tal “Sinto muito por ter roubado você”? Ou isso seria aceitar responsabilidade demais?

— Aquela é uma receita de família. Por mais que você não goste, ainda sou parte desta família. Metade da confeitaria é minha. Por isso, tinha o direito de usar a receita.

Nicole não admitiria isso.

— A receita pertence ao negócio. Em vez de conversar comigo ou tentar chegar a algum acordo justo, ou só mesmo perguntar, você pegou o que queria e criou um site na internet quase igual ao da confeitaria.

— E quando eu deveria ter conversado com você? Você me expulsou de casa.

Se Nicole estivesse se sentindo um pouco mais recuperada da operação, teria se levantado para encarar a irmã sem as muletas, mas não havia a menor possibilidade de seu joelho sustentá-la.

— Você está certa. Eu não estava falando com você. Mas por quê? Oh, sim, lembrei. Você foi para a cama com meu marido. Na minha própria casa. Oh, espere. Ele gostou da receita? Também estávamos

compartilhando Drew?

O rosto de Jesse ficou muito vermelho e ela abaixou a cabeça.

— Não foi isso o que aconteceu.

— É claro que foi! E, pior, eu menti por você. Quando Matt ligou, não contei a ele por que você havia saído de casa. Mas saiba de uma coisa: se ele voltar a ligar, não mentirei mais.

Jesse começou a chorar.

— Eu mereço mesmo. Agora sei disso.

Merecia o quê? Castigo? Drew? Nicole sentiu a raiva se esvaír e a exaustão tomar conta.

Sem querer, ela se lembrou de uma coisa que ainda não se permitira lembrar. Lembrou-se de quando subira as escadas, tarde naquela noite. Nem sequer percebera que a porta de Jesse estava encostada até que ouviu um barulho estranho. Então atravessou o corredor e abriu a porta.

Eles estavam na cama de Jesse. Ambos a encararam, com os olhos arregalados. Tudo em relação àquele instante estava gravado no cérebro de Nicole. O modo como Drew estava por cima de Jesse, a mão dele em seus seios. A sensação aguda e intensa de dor e traição que sentira. Aquelas deveriam ser as duas pessoas que mais a amavam no mundo. Errara ao confiar em ambos.

— Nunca quis magoá-la — disse Jesse, secando as lágrimas.

— É mesmo? Bem, então isso deixa tudo certo.

— Odeio quando age assim — disse Jesse. — Com tanta frieza.

— Você ainda está arrependida por ter sido pega, mas não pelo que fez. E é isso que acaba comigo, Jesse. Não Drew, mas você. Eu criei você. Estive com você em todos os dias da sua vida. Me sacrifiquei por você, que não é nem um pouco grata por isso. Você só queria saber o que mais eu poderia fazer. Nunca se importou com nada disso.

— Eu me importava! — gritou Jesse. — Me importava muito e teria sido grata, mas pelo quê? Por minha mãe ter ido embora porque era mais divertido ficar com Claire? Eu deveria ser grata por meu pai não se importar comigo? Ou por tudo o que você fez? Posso lhe dar uma lista de tudo o que fez. Sabe por quê? Porque a cada maldito dia você fazia questão de lembrar tudo de que vinha abrindo mão por minha causa. Tudo que tinha que fazer. Sua vida era uma porcaria por minha causa. Eu entendi isso! — gritou ela. — Eu arruinei sua vida, certo!

Nicole não sabia o que dizer. Jesse tinha que estar brincando.

— Você torceu tudo, viu tudo do seu jeito.

— E com quem pensa que aprendi? — berrou Jesse. — Quer saber? Estou feliz por ter ido para a cama com Drew. Feliz. Se ele não fosse um canalha fraco e nojentão, faria novamente. Mas Drew não vale a pena o esforço. Eu deveria ter imaginado, afinal ele se casou com você. E, agora, nem ele você tem mais. — Os olhos de Jesse se encheram de lágrimas. — Vou odiá-la para sempre.

A raiva de Nicole voltou, ardente e cintilante como o sol.

— Saia — falou ela. — Vá embora da minha casa.

— Com prazer.

Jesse saiu pisando firme. A porta da frente bateu e só restou o silêncio.

CLAIRE CHEGOU em casa e encontrou Nicole enfurecida.

— Jesse esteve aqui — anunciou. — Nossa conversa não correu nada bem.

— O que aconteceu?

Nicole contou os detalhes à irmã, e completou:

— Não ouse ficar do lado dela.

— Não vou fazer isso. Sei o quanto as coisas têm sido difíceis para você. — Para ambas, mas Claire sabia muito bem que não devia dizer isso. Era fácil para ela ser racional e ver os dois lados da história, mas para Nicole isso era mais difícil. E, apesar de gostar de Jesse, tinha que concordar que a irmã caçula fizera mais de uma besteira, e das grandes, nas últimas semanas.

— É uma droga que ainda seja cedo demais para ficar bêbada.

— Você está tomando remédios para dor.

— Passaria sem eles se pudesse tomar uma vodca-tônica. Se ao menos já fossem umas quatro da tarde, ou até três. Que horas são?

— Mais ou menos nove e meia da manhã.

Nicole gemeu.

— Ainda vou precisar esperar horas. — Ela andou pesadamente até o sofá e se deixou afundar nele.

— Estou feliz por você estar aqui.

Claire se acomodou diante da irmã.

— Eu também. O que quer que aconteça, quero que fiquemos unidas. Poderíamos ter feito isso antes.

Nicole fez uma careta.

Claire sorriu.

— O que está se segurando para não dizer?

— Queria voltar ao meu velho “você me deixou”, mas não farei isso. Você só tinha 6 anos. Ninguém lhe deu opção. E senti demais sua falta.

— Também senti a sua. Nunca havíamos nos afastado. Parecia que alguém havia amputado um dos meus braços. Me sentia tão solitária. E isso nunca passou.

— Eu também, embora estivesse ocupada. Jesse nasceu alguns meses depois de eles levarem você embora. Ela mudou tudo.

Para Nicole, pensou Claire. Não para ela. Soubera do nascimento da irmã mais nova pela avó e vira algumas fotos.

— Eu queria telefonar mais — admitiu Claire. — Só que naquela época não tínhamos dinheiro para isso. Tenho certeza de que era mesmo caro, e ainda havia as diferenças de fuso horário. — Mais tarde, quando fora capaz de tomar sozinha a decisão de telefonar, Nicole já não queria falar com ela.

A irmã suspirou.

— Está certo, eu estava muito zangada com você e fui inflexível.

Uau! Um pedido de desculpas da parte de Nicole?

— Acredito que a palavra que você está procurando para se definir melhor é “megera”.

— Talvez.

— Não há talvez, meu bem. Você foi a rainha das megeras.

— Aceitarei fazer parte da corte real, mas não aceitarei ser a atual rainha.

— Está bom para mim.

As duas sorriram uma para a outra. Claire arriscou a paz do momento perguntando:

— O que vai fazer a respeito de Jesse?

— Não tenho a menor ideia. Quero que ela seja diferente, e isso não vai acontecer. Quero que ela aceite a responsabilidade que tem sobre as coisas. Outra chance para que eu me desaponte. Quero que ela cresça, o que faz três a zero contra mim. — Nicole puxou uma almofada do sofá e a abraçou. — Não sei o que fazer quanto às denúncias que fiz. Um lado meu diz para retirar as acusações. Ela é da família e blá-blá- blá. Outra parte quer que Jesse entenda que tem que haver consequências para o que ela fez. O que você pensa a respeito?

— Não sei — admitiu Claire. — Concordo com você. Ela é da família, mas fez uma besteira e tanto. Não sou a pessoa certa para perguntar.

— Você está tão certa quanto eu, o que é parte do problema. Estou em uma situação delicada — admitiu Nicole. — Sou tanto mãe quanto irmã dela. Nunca sei que papel assumir, ou o que devo fazer. Não posso deixar de pensar que devo ter errado feio em algum lugar para que ela tenha feito o que fez.

— Não — disse Claire. — Não é sua culpa. Nicole, você é apenas seis anos mais velha do que ela. É irmã de Jesse, não mãe dela. Fez o melhor que podia.

— Acho que não foi bom o bastante. Essa é a minha culpa secreta. Quer dividir a sua?

Claire hesitou. Os olhos de Nicole se arregalaram.

— Você tem mesmo uma?

— Talvez. Estou apaixonada por Wyatt.

Nicole pareceu espantada.

— O sexo é assim tão bom?

Isso fez Claire rir.

— Não tem a ver com sexo.

— Sempre tem a ver com sexo. Principalmente para você. Wyatt foi seu primeiro amante. Faz sentido que você sinta alguma coisa por ele. Tem certeza de que é amor?

— Já não tenho mais certeza de nada. Só sei que nunca senti isso antes. Sei que quero passar cada minuto com ele, e não apenas quando ele estiver de bom humor. Quero saber tudo sobre ele, fazer planos para o futuro. Quero estar tão misturada com ele a ponto de nenhum de nós dois saber onde começamos individualmente e onde terminamos como casal. — Claire fez uma pausa. — Isso faz de mim uma chata?

— Não, a menos que você comece a pintar o que disse na parede da garagem dele. Uau! Você está mesmo apaixonada por Wyatt. Ele sabe?

— Não. Eu mesma só descobri essa manhã, quando ele estava conversando comigo sobre outros homens em minha vida.

— Que outros homens?

— Os que supostamente virão depois dele. Wyatt disse que ele é só meu caso de verão, ou alguma

coisa assim. E que não temos nada em comum.

— Wyatt sempre resiste a se envolver.

Não eram as palavras que Claire queria ouvir, mas as que precisava aceitar.

— Você me disse isso, e Wyatt também. Ele não entra em relacionamentos sérios. Está convencido de que não leva jeito para eles. O que ele diz? Que vem de uma longa linhagem de homens que escolhem as mulheres erradas?

— Alguma coisa assim — admitiu Nicole. — Mas isso é apenas o que ele diz. Não necessariamente no que acredita.

— Você é amiga dele — disse Claire. — O que você acha?

Nicole hesitou por um instante.

— Wyatt está tão acostumado a se esconder que não tem ideia do que quer de verdade.

— A resposta politicamente correta. É gentil de sua parte tentar fazer com que eu me sinta melhor.

— Wyatt pode mudar. As pessoas mudam.

Mudavam mesmo, mas não faziam isso com tanta frequência.

— Você acredita mesmo, do fundo do seu coração, que Wyatt pode se apaixonar por mim?

— Sim — respondeu Nicole, com firmeza.

Claire não acreditou nela nem por um segundo, mas o fato de a irmã ser tão solidária já era o bastante. Ao menos por enquanto.

— A SRTA. Olive disse que o orientador vai conversar com o papai e comigo — falou Amy, tão empolgada que era difícil entender o que dizia. — Vou precisar... — Ela parou para soletrar com os dedos na velocidade da luz.

— Mais devagar, por favor — sinalizou Claire. — Você vai precisar do quê?

— T-e-r-a-p-i-a.

— Oh, como Nicole está fazendo para a perna, só que para você será para o seu ouvido e seu cérebro.

— Ahã. — Amy sorriu. — O papai disse que vamos fazer no meu ouvido ruim. É um acor... acor alguma coisa.

— Um acordo.

Ela voltou a assentir.

— Depois do orientador, vamos ter uma consulta com o médico.

Amy desceu do carro e correu para entrar casa de Nicole, onde esperaria até que Wyatt viesse pegá-la.

Ela foi até o sofá para cumprimentar Nicole, e então sinalizou contando de sua cirurgia iminente.

— Você está feliz em fazer em apenas um ouvido? — perguntou Nicole. — Em um e não nos dois?

— Ahã. Preciso esperar até que apareçam jeitos melhores de eu ouvir com o outro ouvido. Mas vou conseguir ouvir bem com um implante só.

Amy explicava tudo com uma combinação de sinais e voz.

— Você é muito madura — disse-lhe Claire.

Amy sorriu envaidecida.

— Vá até a cozinha — falou Nicole. — Lá tem uma surpresa para você.

A menina correu para lá. Quando ela saiu, Nicole disse:

— Concordo com você. Ela é muito equilibrada. Eu não seria, na idade dela.

— Nem eu.

Nicole revirou os olhos.

— Oh, por favor. De nós duas, você sem dúvida é quem ganharia o título de criança madura. Vivia praticamente por sua própria conta enquanto estudava e viajava pelo mundo.

— Mas não teria conseguido lidar com o que ela está lidando. Amy tem vontade própria. Eu teria ouvido os adultos ao meu redor e feito o que eles me diziam.

— Se ao menos isso ainda fosse verdade... — disse Nicole, fungando.

Claire riu.

Amy voltou correndo para a sala.

— Você fez biscoitos! Posso pegar um?

— É claro — respondeu Claire. — É minha primeira tentativa de fazer doces. Seja gentil.

— Devem estar gostosos — falou Nicole. — A confeitaria está no seu sangue.

— Espero que sim.

— Desde que não use muito sal...

Claire relembrou o infeliz incidente no primeiro dia em que fora à confeitaria.

— Não vamos mencionar isso.

— Não?

— Não.

Claire levou Amy para a cozinha e lhe serviu dois biscoitos e um copo de leite. Então se sentou na frente dela e ouviu os detalhes do seu dia.

Enquanto a menina falava, sinalizava e ria, Claire percebeu uma coisa. Não amava apenas Wyatt. Amava a filha dele também. Deixar os dois para trás, isso para não mencionar Nicole e até mesmo Jesse, não ia apenas doer. Ia partir seu coração.

CLAIRE SE mexia, impaciente, pulando num pé e no outro, contando silenciosamente. Ela usara três testes de gravidez diferentes, ao mesmo tempo, e os alinhara sobre uma toalha de papel, em cima da bancada do banheiro. Agora vinha a parte difícil, esperar.

Os bastonetes a princípio não disseram nada, mas então um a um foram mudando e dando a ela a mesma mensagem. Claire deu um grito e correu para o quarto de Nicole.

A irmã ainda estava na cama. Mal passavam das seis horas da manhã, por isso não era surpresa que Nicole ainda estivesse dormindo. Mas Claire não se importou. E só uma deferência muito especial ao joelho ainda em recuperação da irmã a impediu de pular no colchão. Mas ela deu um grito.

— Levante! Levante! Você precisa estar acordada para que eu possa lhe contar!

Claire puxou as cortinas para o lado e abriu as persianas. A luz do sol invadiu o quarto.

Nicole sentou-se na cama, piscando.

— Qual é o seu problema? É cedo ainda. — Ela relanceou os olhos para o relógio. — Santo Deus, vou ter que matá-la.

Claire não se importava. Ela girava pelo quarto, impulsionada pela alegria que sentia. Com certeza não conseguiria conter tanta felicidade borbulhando em seu peito.

— Estou grávida! — anunciou ela. — Fiz xixi em três bastonetes diferentes, de três testes diferentes, e estou grávida. Vou ter um bebê. Isso não é incrível?

Nicole estava boquiaberta.

— Desde quando?

— De agora de manhã. Ah! Sim, imagino que tecnicamente desde a primeira noite que Wyatt e eu... Você sabe. Estou tão feliz. Sempre quis ter filhos. Nunca pensei que conseguiria engravidar com tanta facilidade. Pensei que precisaria me esforçar mais. Isso vai mudar tudo. Vou ser mãe, e começar uma família. — Ela parou de girar e ficou firme até o quarto também parar de rodar.

Nicole riu.

— É uma pena que ninguém possa engarrafar essa energia.

— Eu sei. Você vai ser tia. Espero que seja uma menina. Tem algum problema eu querer isso? Mas um menino também seria ótimo... Na verdade, quero um menino.

— Sei que não bebeu, mas você está totalmente fora de si.

— Estou feliz! Sempre quis filhos, mas isso parecia impossível, já que nunca fui muito normal. — Claire riu. — Deveria ter ficado grávida anos atrás.

— É o que parece.

Claire sentou na beira da cama e sorriu.

— Você está preocupada. Posso ver em seus olhos.

— Só a respeito de Wyatt.

O homem provavelmente não ficaria tão feliz com a notícia, pensou Claire, feliz demais para deixar que qualquer coisa estragasse seu humor.

— Ele vai estar por perto, ou não. De qualquer modo, vou dar conta.

— Bom para você — falou Nicole. — Wyatt pode nos surpreender, mas se não o fizer, quebro as rótulas dele. Por acaso sei que pode ser bem doloroso.

Claire se inclinou para a frente e abraçou a irmã.

— Amo você.

— Também amo você. Mesmo estando um pouco amarga.

Claire se afastou.

— Por quê?

— Porque sempre quis uma família, também. Não me entenda errado. Fico feliz por Drew e eu nunca termos tido filhos. Mas seria bom ter um bebê.

Ela parecia melancólica.

— Então fique grávida — disse Claire. — É fácil.

Nicole riu.

— Foi o que ouvi dizer. Agradeço o conselho, mas acho que vou esperar um pouco. As coisas andam um pouco complicadas nesse momento. Mas estou feliz por você.

— Eu também! — suspirou Claire. — E também estou apavorada, de um jeito bom. Estou ansiosa e feliz.

— O que vai fazer a respeito da sua carreira?

— Não sei. — Pensar que Wyatt talvez não ficasse feliz não afetara seu humor, mas uma saudade pungente de tocar piano pareceu ofuscar um pouco o brilho da felicidade que sentia.

— Sinto muita saudade — admitiu Claire. — Cada vez mais. Será que consigo fazer as duas coisas?

— Por que não? Você não é rica? Não pode contratar ajuda, se precisar?

— Claro.

— Querida, então devo lhe dizer, vá em frente!

Claire riu novamente.

— É o que farei.

## Capítulo Dezenove

CLAIRE TELEFONOU antes para se certificar de que Wyatt estava mesmo no escritório, então foi rapidamente para lá, antes que ele saísse para algum canteiro de obras. Ela passou os trinta minutos que levou para dirigir até lá alternando entre a mais absoluta felicidade e uma preocupação terrível com o que ele iria dizer.

Em um mundo perfeito, Wyatt ficaria tão empolgado com o bebê quanto ela. No entanto, Claire não apostava suas fichas nisso. Achava que o melhor que podia esperar era por neutralidade.

Ela entrou no prédio e foi diretamente para a sala dele. Wyatt desligava o telefone quando ela entrou. Ele sorriu e se levantou para recebê-la.

— Um prazer inesperado — falou Wyatt, puxando-a mais para perto e beijando-a. — Do melhor tipo.

A boca dele era quente, e provocou um arrepio de antecipação que correu por todo o corpo dela. O sangue pareceu correr mais rápido em suas veias e uma onda de desejo imediato fez com que Claire tivesse vontade de se atirar em cima dele.

Mas ela afastou-se, rindo.

— Como você consegue isso? Me acender com apenas um beijo?

— Sou talentoso.

Ele era mais do que isso. Era tudo o que ela sempre quisera. Forte, mas ainda assim gentil. Cuidadoso, determinado, teimoso até. Havia tantas coisas em Wyatt que ela amava... Incluindo o modo como *ele* amava a própria filha. Será que iria querer dar ao filho deles a mesma quantidade de afeto?

Wyatt apoiou a mão na cintura dela e beijou-a novamente.

— Se você veio até aqui para termos um momento rápido e ardente em cima da minha escrivaninha, posso lhe dizer que estou aberto à possibilidade. Apenas para realizar todas as suas fantasias.

Claire tocou o rosto dele.

— Você é tão generoso.

— Eu sei.

— Apesar de apreciar sua oferta, passei por aqui para lhe dar boas notícias.

Wyatt ficou rígido.

— Está certo.

— O que foi?

— Notícias que são boas para você podem não ser boas para mim. Você está indo embora?

Ela não esperava que ele dissesse isso.

— Indo para Nova York?

— É o que vai acabar fazendo. Seu trabalho está lá. Você não pode desistir do piano para sempre.

Um anseio profundo a dominou. Dessa vez Claire ficou menos surpresa, pois parecia acontecer com frequência cada vez maior. A necessidade de criar, de se fundir com a música. De deixar que a música a preenchesse e se derramasse dela.

— Não estou indo embora — respondeu. Não ainda, sussurrou uma vozinha em sua mente. Ela ignorou-a e olhou para Wyatt. — Estou grávida.

Em um primeiro instante ele pareceu congelar completamente, mas logo se moveu, afastando-se dela.

— Tem certeza?

As palavras dele soaram frias e distantes. Claire disfarçou um estremecimento.

— Sim. Toda a certeza.

Ele assentiu com a cabeça uma vez, então praguejou. A pouca esperança que ela mal se permitira admitir se esvaiu no mesmo instante.

— Wyatt — falou Claire. — Isso não precisa ser uma coisa ruim.

A expressão dele agora era de raiva. Ela percebeu que Wyatt se esforçava para manter o controle.

— Para mim, é. Nunca quis fazer parte disso. Não de um bebê. Não posso acreditar que isso aconteceu novamente.

Claire sabia que o “isso” era a sensação de ter sido pego em uma armadilha. De ser forçado a entrar em um relacionamento, em um casamento, de assumir uma responsabilidade que não desejava.

Ele a encarou, furioso.

— Sei que você não fez isso de propósito, mas é essa a sensação que tenho.

— Isso não é justo, e você sabe disso.

— Você está certa. Só que eu sei que vai esperar que eu me case com você e depois vai acabar voltando para sua vida sofisticada e me deixando com outra criança para criar.

Mesmo não tendo sido um choque, as palavras dele a magoaram.

— Não estou preparando uma armadilha para você — falou Claire, desejando que Wyatt estivesse ao menos um pouco feliz, se não por si mesmo, então por ela.

— É o que você diz.

Ele não acreditava nela?

— Se é isso o que você pensa, então não me conhece mesmo.

— Conheço o bastante. Sei que você está acostumada a ter o que quer.

O quê?

— Desde quando?

— Quando não teve?

Não era uma pergunta justa. Claire pensou em todas as coisas em sua vida que não quisera que acontecessem. Mas ele não estava com humor para escutar.

— Eu pensei...

— Que eu ficaria feliz? — perguntou Wyatt, interrompendo-a. — Por quê? Eu deveria ter usado preservativo. Não deveria ter presumido que você usava alguma coisa. Não que eu estivesse pensando naquele dia... Escute, está tudo bem. Vamos dar um jeito. De algum modo.

Ele parecia tão resignado quanto zangado. Estava sendo magnânimo o bastante para não culpá-la totalmente, mas ainda esperava que ela aprontasse com ele.

Isso doía, pensou Claire, com tristeza. Doía não tê-lo participando de sua alegria. Eles haviam feito um bebê. Isso não importava nada para ele? Havia criado uma vida. Deviam estar celebrando. Mas Wyatt não via as coisas desse modo, e ela não conseguia ver de outro.

— Você não precisa fazer parte disso — falou ela, tentando evitar que a voz tremesse. — Achei que poderia querer ser um pai para o nosso filho, mas se não quer, está tudo bem. Posso ser mãe solteira.

Ele não pareceu estar muito convencido.

— Quer dizer que vai contratar pessoas. Não foi isso o que disse que iria fazer? Contratar uma babá?

Claire sabia que havia uma possibilidade de Wyatt não ficar animado com a ideia. Mais do que uma possibilidade, aliás. Mas ela nunca pensara que ele poderia ser propositalmente cruel. Claire endireitou os ombros e ergueu o queixo.

— Posso perceber que essa não é uma boa hora para discutirmos qualquer coisa — falou ela, determinada a manter a voz calma. Não queria que ele percebesse que a magoara profundamente. — Vamos conversar em outro momento. Para seu governo, não quero nada de você. E também não espero que acredite nisso. Sinto muito se não está feliz, mas eu jamais poderia lamentar a existência desse bebê.

Claire se virou e deixou a sala sem dizer mais nada. Ela precisou correr até o carro antes de começar a chorar.

CLAIRE DEU uma mordida em um anel de cebola frito do Kidd Valley e esperou que o sabor delicioso melhorasse seu humor.

— Você quer conversar sobre o que está acontecendo de errado, ou quer apenas comer e ficar de cara feia? — perguntou Jesse do outro lado da mesa.

Claire sorriu.

— Não estou de cara feia. Não de verdade, pelo menos... — Ela suspirou. — Estou grávida.

Jesse deixou o hambúrguer que comia cair no prato.

— Você está o quê? Tem certeza?

— Estou triplamente certa.

— Quem é o cara? Algum músico de Nova York? Um maestro casado?

— É você quem parece preferir homens casados — falou Claire.

Jesse deu uma mordida no hambúrguer.

— Certo — resmungou ela. — É isso o que todos vocês pensam.

Claire esperou até a irmã engolir o sanduíche e disse:

— É Wyatt.

Os olhos de Jesse se arregalaram.

— Está falando sério? Você foi para a cama com Wyatt? Nicole sabe?

— Sim para ambas as perguntas. Ela sabe sobre ele e sabe sobre o bebê. Ela não é o problema. Ele, sim.

Claire fez um breve resumo de sua última conversa com Wyatt.

— Wyatt está tão distante e frio. Quase preferia que ele estivesse zangado, porque então eu saberia que está sentindo alguma coisa. Wyatt pensa que estou lhe preparando uma armadilha, e não estou. Estou tão feliz por causa do bebê... Mas ele não parece ver as coisas desse jeito.

Jesse baixou novamente o hambúrguer e limpou as mãos.

— Nicole não está furiosa? Ela não se importou por você ter ido para a cama com Wyatt? Não consigo acreditar.

Claire também não conseguia.

— Isso é tudo o que você tem a dizer a respeito?

— O quê? Não. Quero dizer, sim, é chato esse negócio com Wyatt.

— Isso é o que eu chamo de falar muito pouco e tarde demais — resmungou Claire, experimentando um pouco do aborrecimento que Nicole sentia em relação à irmã caçula.

— Ei, tenho meus próprios problemas.

— Talvez você os tenha porque só pensa em si mesma.

Jesse se afastou.

— Não preciso disso vindo de você.

— De uma opinião sobre seu comportamento? Posso ver por que você não quer ouvi-la.

— Escute, não fique toda irritadinha comigo só porque sua vida está uma bagunça, está bem?

— É isso o que você pensa? Eu não poderia ter uma percepção coerente? Você está errada a esse respeito. Sei exatamente o que está acontecendo com você. O problema é que você está indo pelo caminho mais fácil. Me pergunto se sempre foi assim. Jesse, você está ficando velha demais para essa brincadeira. Está na hora de ter responsabilidade. Faça a coisa certa.

Claire achou que Jesse poderia ficar zangada e ir embora, mas, em vez disso, permaneceu sentada.

— Eu tentei — lamentou-se Jesse. — Pedi desculpas a Nicole, mas ela ainda está furiosa comigo. Nicole não escutou. E se eu não tiver feito isso? E se nada aconteceu?

Claire reprimiu um suspiro.

— Você foi para a cama com Drew?

— Sim.

— Nua?

— Eu estava de calcinha.

Por quanto tempo? E se não houvesse acontecido mesmo uma relação sexual? Mas eles haviam chegado bem perto. O que era o bastante.

— Ele estava tocando o seu seio.

Jesse jogou o hambúrguer na bandeja.

— Certo, isso eu já sei. Sou a grande vilã, então?

Mesmo agora, Jesse não estava levando aquilo a sério, pensou Claire, aborrecida.

— Sabe de uma coisa? — falou Claire, zangada. — Foi você quem aprontou feio. Nicole tem todo o direito de ficar furiosa pelo tempo que quiser. Só porque você se desculpou não significa que a mágoa dela tenha passado. Você precisa continuar se mostrando arrependida até que ela entenda que é sério. Nesse momento Nicole pensa que você está apenas dizendo o que ela quer ouvir, e eu tendo a concordar com ela.

— Parece que você já tomou o partido dela. É igualzinha a ela, sabe? Gêmeas idiotas.

Claire sabia que o comentário de Jesse sobre sua semelhança com Nicole não fora um elogio, mas para ela fora.

— Quero ser como Nicole.

— Já passou da metade do caminho.

— Ela é inteligente, capaz, amorosa e bem-sucedida.

— Mandona, irritante, uma verdadeira chata.

— Você sente saudades dela.

Jesse assentiu lentamente.

— Sei do que está falando, Claire, mas não é desse jeito com Nicole. Quando ela fica zangada, não supera nunca.

— Você está errada. Comigo ela superou.

— Não sou você.

— Você não está tentando. Essa é a diferença.

Jesse saiu do banco e pegou a bolsa.

— Não preciso ouvir esse monte de bobagens. Nem dela e nem de você. Está zangada comigo por uma coisa que não aconteceu, Claire. Vá para o inferno!

E ela foi embora.

Aquele era o dia de as irmãs Keyes saírem correndo dos lugares.

WYATT BATEU uma vez na porta e entrou na casa de Nicole.

— Sou eu — falou ele, e encontrou-a sentada no sofá, com o pé em cima da mesa de centro.

— Como está se sentindo? — perguntou Wyatt.

— Pronta para ter uma conversa séria com você.

Os olhos dela cintilavam de irritação e de alguma outra coisa que ele não conseguiu identificar. Wyatt

não precisou perguntar se ela sabia da gravidez. Era óbvio que sim. Nicole provavelmente sabia como ele reagira. Mesmo se Claire não houvesse lhe contado, Nicole o conhecia bem o bastante para imaginar sua reação.

— O que você espera que eu diga? — perguntou Wyatt, sentindo a raiva borbulhar dentro dele. Parecera meio anestesiado antes, mas agora estava sentindo tudo com muita intensidade. — Isso não deveria ter acontecido.

— Você está certo. Não deveria mesmo. Mas aconteceu. E de quem é a culpa? Que diabos você estava pensando, Wyatt? Foi para a cama com minha irmã e não usou preservativo? Quem faz uma coisa dessas?

Ele não tinha uma resposta para isso. Fora a noite, ou a manhã, e o momento. Se deixara levar por uma onda de paixão como nunca sentira antes. Mas jamais confessaria isso a Nicole.

— Achei que ela estava cuidando disso.

— Ela era virgem e quem supostamente deveria cuidar do controle de natalidade era você. Que direito tem de correr esse tipo de risco?

— Normalmente eu não faço isso.

— Então foi apenas sorte de Claire? Tudo isso é culpa sua, e agora está choramingando para assumir a responsabilidade.

— Não estou choramingando.

— Pois é isso o que está me parecendo. E, pior, está punindo Claire. Você estava lá, garotão. Quis brincar com fogo, agora assuma a responsabilidade por suas ações.

Ei! Nicole deveria ser amiga *dele*.

— Está tomando o partido dela?

— Com certeza. Você não poderia estar mais errado. Droga, Wyatt, esperava muito mais de você. Agora saia daqui.

Ele a encarou, perplexo.

— Você não pode estar falando sério.

— Mais sério do que imagina.

Wyatt deixou a casa e ficou parado perto do carro. O que estava acontecendo? O mundo estava de cabeça para baixo...

Ele olhou furioso para a casa. Se Nicole queria que ele fosse embora, então iria. Não precisava dela, nem de Claire, nem de nenhuma delas.

CLAIRE CHEGOU em casa e encontrou Nicole esperando-a com uma variedade de sabores de sorvetes.

— Em outras circunstâncias, nós duas ficaríamos bêbadas tomando margaritas — falou Nicole. — Mas no seu presente estado, essa provavelmente não é uma boa ideia. Vamos ter que nos contentar com sorvete.

A simpatia na voz da irmã fez Claire deduzir que Nicole soubera de sua conversa com Wyatt.

— Como você descobriu?

— O canalha veio até aqui procurando um ombro para chorar. E eu disse a ele que o ombro estava reservado para você e o chutei para fora. — Nicole abriu os braços.

Claire foi até a irmã e se permitiu ser abraçada. Nicole a apertava com força, como se jamais fosse soltá-la.

— Vou encontrar alguém para dar uma boa surra nele — falou Nicole.

Claire lutou contra as lágrimas.

— Eu o amo demais para querer vê-lo machucado. A surra seria muito forte?

— O bastante. Por isso não vou lhe contar quando acontecer. Mas vou encontrar alguém.

Claire endireitou o corpo.

— Obrigada.

Nicole deu de ombros.

— O que mais eu poderia fazer? E por mais que não seja de grande ajuda, sinto muito por Wyatt estar levando tão mal essa situação.

— Mas você não está surpresa?

— Não. Tenho que admitir que a família dele não é das mais funcionais, mas Wyatt costumava ser um cara legal. Mesmo assim, ele acredita que não pode dar certo em um relacionamento estável. E a gravidez de Shanna e seu subsequente desaparecimento ajudaram bastante a sedimentar essa ideia na cabeça dele. Então você apareceu.

— A concertista de piano virgem.

Nicole sorriu.

— Alguma coisa assim. Wyatt não sabia como lidar com você. E ainda não sabe. É mais fácil para ele ficar zangado.

Claire tentou entender, mas não conseguiu.

— Ele não se importa com o bebê...

— Você passou uma grande parte da sua vida ansiando por uma família, Claire. Esse bebê lhe dá isso e muito mais. Wyatt é pai solteiro há oito anos. Os sonhos dele são diferentes. Mas ele vai se recuperar do choque.

— Para quê? Para aceitar a responsabilidade de má vontade? Não quero isso.

— O que você quer?

Ser arrebatada, pensou Claire, com tristeza. Ela queria que Wyatt percebesse que estava loucamente apaixonado por ela, que não podia viver sem ela e que queria muito o bebê. Queria tudo o que ele a acusara de querer... Amor e casamento. Mas a diferença entre ela e Shanna era que ela não queria tê-lo apenas porque não havia outra opção. E se tivesse sorte o bastante para que Wyatt também a quisesse, jamais partiria.

— Quero um final feliz.

— Às vezes temos que fazer nosso próprio final feliz — falou Nicole. — Começando com sorvete. De que sabor você quer?

A campainha da porta soou. Todo o corpo de Claire estremeceu com a esperança de que fosse Wyatt.

Talvez uma viga de uma das obras dele houvesse caído em sua cabeça e o machucado o tivesse feito ver a razão. Se ao menos fosse isso...

— Pode deixar que eu atendo — falou ela, saindo da cozinha e indo até a sala.

Mas não foi Wyatt que Claire encontrou do outro lado da porta, e sim Lisa, sua agente.

Apesar de estar bem-arrumada como sempre, ela parecia cansada. E velha.

— Claire — falou Lisa, com um sorriso hesitante. — Tinha a esperança de encontrá-la em casa.

Podemos conversar?

Duas semanas antes, Claire teria dito a ela que não. Que não tinham nada a dizer uma à outra. Agora, não estava tão certa. A onda de anseio dominou-a mais uma vez, a necessidade de tocar, de se apresentar. E, junto com isso, uma determinação de fazer as coisas de um modo diferente, de não ser mais a patroa assustada e obediente que fora antes. Claire sabia que já não era mais a mesma mulher de quando chegara em Seattle. Mas quem ela era agora?

— Está certo. Podemos conversar.

Lisa seguiu-a para dentro da casa e fechou a porta.

— Você está parecendo bem.

— Me sinto bem.

— Você está... — Lisa cerrou os lábios com força. — Deixe pra lá.

— Se estou praticando? — perguntou Claire, e deu uma risada. — Sim. Eu toquei um pouco, mas não organizei horários para isso. Também não estou tendo aulas.

Claire percebeu que também sentia falta disso. Dos momentos regulares com sua música, quando eram apenas ela, o professor e a perfeição que ela podia criar.

— Agora você deve estar querendo gritar comigo — falou Claire, já preparada para ouvir a agente e para lidar com ela de igual para igual, e não como uma subordinada.

Lisa apenas assentiu lentamente.

— Não achei que estivesse tocando muito mesmo. Você está de férias. — Ela engoliu em seco. — São apenas férias? Você vai voltar? Antes que responda, preciso lhe dizer uma coisa.

Claire esperou, tentando não se sentir nervosa. Era uma adulta, lembrou a si mesma. E era como adulta que precisava agir.

— Eu estava errada — disse Lisa, apertando a bolsa em frente ao corpo. — Você era tão jovem quando começamos a trabalhar juntas... Eu a tratei como uma criança porque era isso mesmo que você era. Mas você cresceu e eu não percebi, porque era mais fácil para mim tomar todas as decisões. Você tentava me dizer que não estava feliz e eu não escutava. Mas nunca quis que se sentisse infeliz, ou como uma prisioneira. Me desculpe.

Claire considerou as palavras de Lisa.

— Você estava fazendo o que achava que era o certo para conseguir meu melhor desempenho. E isso é o mais importante.

— Só porque você é tão talentosa. Claire, ninguém faz o que você faz. E eu me preocupava que você não conseguisse ver isso. Tinha medo de que você não respeitasse seu talento.

— O talento é meu, para respeitar ou não.

— Eu sei. Entendo isso agora. Mas odeio pensar em você desperdiçando-o, não tocando.

— Não ganhando dinheiro.

— Isso também. Você é minha única cliente, Claire. Se não for mais trabalhar, tenho o direito de saber. Esse também é o meu meio de vida.

Aí estava uma coisa que Claire nunca considerara.

Ela se encaminhou para o sofá. Nicole não estava à vista, provavelmente estava ouvindo tudo escondida na cozinha com um pote de sorvete na mão. Esse show ao vivo devia ser mais interessante do que qualquer coisa que ela vira ultimamente na TV, pensou Claire, tentando encontrar algum humor na situação. Ficar aborrecida não ajudaria ninguém. O melhor era permanecer calma e racional.

— Eu também fui responsável pelo que não correu bem — falou Claire, olhando para Lisa. — Deveria ter sido mais clara sobre o quanto estava infeliz. Em vez disso, usei os ataques de pânico para conseguir o que queria. No fim, os ataques começaram a me controlar. Queria ser tratada como adulta, mas não agi como uma. Era como uma criança fingindo estar com dor de estômago para não ir fazer prova no colégio. Isso foi errado da minha parte.

Uau.. Admitir um erro não era algo que gostasse de fazer, mas precisava ser feito.

— Eu não deveria ter simplesmente sumido e a deixado em suspenso — continuou Claire. — Isso não foi justo para nenhuma de nós duas. Me desculpe.

— Eu também peço desculpas — disse Lisa. — Por tudo.

Elas ficaram se encarando por alguns segundos e então desviaram os olhos. Nunca haviam tido o tipo de relacionamento que incluía abraços, e Claire não sabia bem como agir.

— Você sabe o que pretende fazer?

Claire percebeu que vinha evitando encarar a verdade por um longo tempo.

— Vou voltar para Nova York e retomar a minha música.

Lisa se recostou no sofá.

— Graças a Deus.

Claire sorriu.

— Não fique muito animada. Muitas coisas vão mudar.

— Como você quiser. É sério, você está no comando.

— Acho improvável — comentou Claire, pois sabia muito bem que Lisa era boa em seu trabalho, mas também era muito teimosa. — Vamos ter que arrumar um jeito de chegar a um acordo. Não quero ficar correndo o mundo todo por semanas de uma vez só. — Ela também acabaria sendo obrigada a evitar viagens aéreas. A gravidez não permitiria. Embora ela não soubesse quando começaria aquela restrição.

— Você pode organizar sua própria agenda. E há também o trabalho em estúdio.

Claire assentiu.

— Vou querer passar bastante tempo em Seattle. Provavelmente comprarei uma casa aqui.

— Você pode tocar aqui, ou em São Francisco, Los Angeles. Até mesmo Phoenix. Também no Japão, mas apenas quando quiser ir para o estrangeiro. — Lisa se inclinou na direção de Claire. — Podemos

fazer isso funcionar, Claire. Quero que sejamos parceiras.

Elas nunca seriam amigas íntimas, mas Claire também gostaria que se tornassem parceiras.

— Tenho muito respeito por você — disse Claire. — A mudança não vai ser fácil para nenhuma de nós. Temos vários padrões a serem rompidos.

— Eu posso mudar.

Claire sabia que também podia. Já estava mudando.

## Capítulo Vinte

DEPOIS QUE Lisa partiu, Nicole saiu da cozinha.

— Você vai embora. — Não era uma pergunta.

Claire não sabia o que dizer.

— Sinto muito — começou a falar.

Nicole sacudiu a cabeça e estendeu um pote de sorvete para a irmã.

— Não se desculpe. Você precisa ir. Precisa voltar ao lugar de onde pertence.

— Não concordo com isso, mas é lá que preciso encarar meus demônios.

— Você tem mãos mutantes — implicou Nicole. — Com certeza vai derrotar esses demônios. Mas só porque está partindo não quer dizer que precisa ficar longe.

— Eu sei. — Claire lutou contra as lágrimas. — Estava falando sério. Quero ter uma casa aqui. Você vai acabar enjoando de mim.

— Talvez, mas posso aguentar isso. — Nicole lhe estendeu uma colher. — Como é a sensação de estar no comando, com Lisa?

— Não sei. Assustadora, mas de uma boa maneira. Levei apenas 28 anos para descobrir como ser adulta.

Elas passaram para o sofá e mergulharam no sorvete. Claire se perguntou como era possível estar, ao mesmo tempo, animada e triste em relação ao seu futuro. Sentia necessidade de começar a praticar piano imediatamente, de saber que música iria tocar. Também estava empolgada com o bebê. Mas havia a dor de ir embora de Seattle e deixar as irmãs. Isso sem mencionar Wyatt e Amy. Falando das irmãs...

Ela lambeu a colher de sorvete.

— Você precisa perdoar Jesse. Não nesse momento, mas logo. Ela é da família.

Nicole pegou mais uma colherada do sorvete de cereja.

— Eu já mencionei que ela e Wyatt passaram um breve, mas extremamente ardente, fim de semana juntos? Amy estava em um acampamento. Os dois foram para uma pousada nas ilhas San Juan. Ouvi dizer que o lugar quase pegou fogo.

O sorvete formou um nó no estômago de Claire, o que era uma sensação pior do que a vontade de vomitar. A pele dela ficou realmente quente, enquanto uma sensação de fúria e de ter sido traída se espalhava por seu corpo. Queria gritar. Queria arrancar os cabelos de Jesse.

— Quando? — perguntou Claire, sentindo a garganta tão apertada que chegava a doer.

Nicole pegou outra colherada do sorvete.

— Peguei você.

Claire piscou, confusa.

— O quê?

Nicole olhou para a irmã.

— Isso não aconteceu. Eu apenas queria que você experimentasse um décimo do que eu senti ao encontrar Jesse, a pessoa que eu mais amava e em quem mais confiava no mundo, na cama com meu marido. E então lhe pergunto se ainda acha que devo perdoá-la.

O alívio tomou conta de Claire. Ela avaliou a possibilidade de ficar furiosa com Nicole, mas entendera o ponto de vista da irmã.

— Me desculpe — falou Claire. — Não vou mais mencionar que você deve perdoar Jesse. Deve lidar com isso do seu próprio jeito.

— Obrigada. — Nicole suspirou. — Mas você está certa. Não posso ficar zangada com ela para sempre. Isso vai acabar machucando mais a mim do que a ela. Mas ficarei satisfeita de ficar bem furiosa com Jesse por mais algumas semanas.

— O golpe continua doendo — disse Claire, sabendo que a mágoa da irmã não era apenas por causa de Drew. O fato de Jesse ter roubado a receita de família tornara as coisas ainda piores.

— Quero distância dos homens — falou Nicole. — Provavelmente para sempre. Não me importa quem é o cara ou o quanto ele me atrai, não vou ceder.

— Nunca diga nunca.

— Pois espere para ver.

Claire sorriu.

— Farei isso, porque vai ser muito divertido dizer “eu te disse” para você.

Elas comeram um pouco mais de sorvete e Nicole disse:

— Sinto muito sobre Wyatt. Lamento que ele esteja sendo tão idiota.

— Obrigada. — Claire não sabia muito bem o que pensar de tudo o que acontecera. — Queria que as coisas tivessem sido diferentes. Queria que ele conseguisse retribuir meu amor. — Ela conseguiu dizer aquelas palavras sem que sua voz embargasse. Era uma melhora, pensou. Mas ainda havia um longo caminho a percorrer.

— O amor é uma porcaria — declarou Nicole.

— Não. Mas nem sempre é fácil. Não me arrependo de amar Wyatt e Amy. E tento me convencer de

que o buraco no peito eventualmente vai fechar. Sou uma pessoa melhor por ter conhecido e amado Wyatt.

— Você está sendo realmente madura. E isso é um pouco irritante.

Claire sorriu.

— Obrigada. Amadureci muito nos últimos dois meses.

— Fez um bom serviço. Não é mais a princesa fria e imprestável.

— Nunca fui.

Nicole riu.

— Veja só! Você está se defendendo e tudo o mais. É uma pessoa normal, com defeitos e qualidades.

— E com um bebê — falou Claire, sabendo que aquele era o maior presente de todos.

CLAIRE ESPEROU até estar certa de que Amy estaria na cama antes de sair para ir até a casa de Wyatt. Ela estacionou na entrada de carros, caminhou até a porta dupla e bateu. Estava com as chaves do carro no bolso e um envelope tamanho ofício nas mãos. Negócios inacabados, pensou com tristeza. Era uma pena que não houvesse documentos que pudessem consertar seu coração partido.

Ele abriu a porta.

— Claire.

Ela ficou olhando para ele, tentando memorizar cada detalhe do seu rosto. A cor profunda dos olhos, o formato da boca. O bebê deles teria as feições do pai? As pessoas olhariam para a criança e saberiam que Wyatt era o pai apenas pelo jeito de ele ou ela sorrir?

— Não vou demorar — disse ela. — Não liguei antes porque fiquei com medo de você não querer me ver.

— Não estou me escondendo de você. — Ele recuou para deixá-la entrar.

— Mas também não estava exatamente tentando me achar.

Wyatt levou-a para a sala de estar. Nenhum dos dois sentou.

— Está aqui para terminar o que Nicole começou? — perguntou ele, soando mais curioso do que aborrecido.

Claire bendisse a lembrança da irmã defendendo-a.

— Não. Estou aqui para lhe dar isso. — Ela entregou o envelope a ele. — Pedi que meu advogado preparasse os documentos. São bastante objetivos, mas sugiro que você peça para o seu próprio advogado dar uma olhada neles. A ideia básica é que depois que assiná-los você não terá mais qualquer responsabilidade legal ou financeira pelo bebê. Nunca lhe pedirei nada. Não que eu tivesse a intenção de fazê-lo, mas isso deve garantir sua tranquilidade. Vai ser como se nunca houvesse acontecido.

Wyatt deixou o envelope em cima da mesa de centro. Era isso o que ele queria? Que aquilo nunca tivesse acontecido?

— Escute — ele começou a falar sem ter muita certeza do que queria dizer. — Sei que você não é a Shanna, mas isso é muito para se lidar.

— Você não terá que lidar com nada. Esse é o ponto.

— É isso o que você quer?

Claire cruzou os braços diante do peito.

— O que importa?

— Porque estamos ambos envolvidos. Porque quero saber aonde você acha que isso vai levar.

O que ela esperava dele...? Casamento? Wyatt hesitou diante da ideia. Deveria estar fugindo só de pensar nisso. Mas talvez não fosse tão horrível. Claire não era a mulher que ele pensara. Ela se preocupava com as pessoas. E Amy era louca por ela.

— Eu quero tudo — respondeu Claire. — Quero a fantasia do final feliz. Quero que você me ame com cada célula do seu corpo. Quero que sejamos uma família. Você, eu, o bebê, outros filhos. Quero o “para sempre”.

Wyatt engoliu em seco e tentou não sentir as paredes se fechando ao seu redor.

— Amo você — falou ela, olhando bem dentro dos olhos dele. — Amo tudo em você. Mesmo quando é um completo idiota. Mas você não me ama, já deixou isso bem claro. E eu não me contentaria com menos. Por isso estou indo embora. De qualquer modo, já está na hora de voltar para Nova York.

A mente dele estava vazia. Não havia sequer um pensamento. E de repente todos os pensamentos pareceram atingi-lo ao mesmo tempo, tornando impossível que ele se concentrasse em apenas um.

Ela o amava? Sério? E dissera isso assim, desse jeito? E estava indo embora?

— Você não pode — falou Wyatt, por fim, sem saber muito bem se estava dizendo que ela não podia ir, ou que não podia amá-lo.

— Vou manter contato com Amy — disse Claire, como se ele não houvesse dito nada. — Espero que você não veja problemas nisso. Ela é maravilhosa e não há razão alguma para que nós duas não possamos nos relacionar. — Ela fez uma pausa e engoliu em seco. — Espero que você encontre o que quer que esteja procurando. Espero...

Claire mordeu o lábio inferior, endireitou os ombros e ergueu o queixo.

— Adeus, Wyatt.

Então ela se foi. Disse que o amava e partiu assim mesmo. Todas elas partiam, ele estava acostumado com isso. Mas essa era a primeira vez que ficava triste por isso.

— VOCÊ PRECISA prometer — sinalizou Amy.

— Eu prometo — respondeu Claire, e abraçou a menina. — Voltarei para sua cirurgia.

— Quero ouvir sua música.

— Você irá ouvir. — Claire levantou-se e abraçou Nicole. — Tem certeza de que vai ficar bem sozinha? Estou preocupada com você.

— Estou bem — disse Nicole. — Estou praticamente batendo recordes de velocidade com as minhas muletas. Vou voltar para o trabalho, onde posso aterrorizar meus funcionários. Vai ser divertido. Mal vou perceber que você foi embora.

Mas havia lágrimas nos olhos de Nicole enquanto ela falava. Provavelmente como as lágrimas que Claire sentia queimar nos próprios olhos.

— Detesto isso — resmungou ela.

— É a coisa certa a fazer. Só não fique longe por muito tempo.

— Não ficarei. Amo você.

— Amo mais você.

— Duvido.

— Não discuta. — Nicole fungou. — Sou dois minutos mais velha.

Claire assentiu e abraçou Amy novamente.

— Amo você.

A menina começou a chorar, e sinalizou que amava Claire.

— Isso é uma loucura — murmurou Claire, endireitando o corpo. — Vamos todas ficar com o rosto inchado. Temos que parar com isso.

— Você precisa ir agora. Ligue-me quando chegar lá.

— Vão ser quatro horas da manhã.

— Não me importo. Ligue-me.

— Eu ligarei.

Claire entrou no carro alugado e ligou o motor. Ainda lutando contra as lágrimas, ela dirigiu pela rodovia e pegou o caminho do aeroporto. Ia pegar o último voo da noite para Nova York. De volta para casa, pensou. Mas, se estava deixando o coração em Seattle, como qualquer outro lugar poderia ser seu lar?

WYATT ABAIXOU a garrafa vazia de cerveja.

— Não sei o que fazer.

— Não me pergunte — falou Drew do outro lado da mesa do bar. — Não entendo porcaria nenhuma de mulher. Perdi Nicole.

— O que foi sua maldita culpa.

— E isso não é culpa sua?

Wyatt não gostou do fato de que o que o meio-irmão dizia realmente fizesse sentido. Era culpa dele que Claire tivesse pedido para que ele desistisse de seus direitos parentais. Por que ela iria achar que ele se importaria com o bebê? Afinal, não fizera nada além de acusá-la de tentar prendê-lo e de reclamar do desastre que era aquela gravidez.

— Eu precisava de mais tempo — resmungou ele.

— Para fazer o quê? — perguntou Drew. — Nada vai mudar.

*Ele* podia mudar. Nunca pensara em ter outro filho. Já tinha Amy e ela era tudo para ele. Que criança poderia ser mais?

Isso era a cabeça dele falando, Wyatt lembrou a si mesmo. Mas no coração ele sabia que poderia amar outro filho. Talvez até mais. Mas nunca se permitira pensar nisso porque não acreditava que poderia funcionar. Os relacionamentos dele com mulheres sempre haviam sido um desastre. Era sua herança genética falando mais alto.

Wyatt olhou para Drew.

— Como você conseguiu que alguém como Nicole se apaixonasse por você?

— Não tenho a menor ideia.

— E por que a traiu?

Drew deu de ombros.

— Jesse estava sempre ali, toda empinada, com aquelas roupinhas curtas.

— Não acredito nisso.

Drew deu outro longo gole na cerveja.

— Eu não consegui ser o que Nic queria eu fosse. Era um desapontamento para ela. Nicole nunca disse nada, mas eu sabia. Não pude suportar isso.

— Então resolveu desapontá-la ainda mais.

— Não sei. Estou apenas lhe contando o que estava pensando quando tentei agarrar Jesse.

Wyatt queria desprezar as palavras de Drew, mas sabia do que o irmão estava falando. Ele vira o mesmo desapontamento nos olhos de Claire quando rejeitara o bebê.

— Ela me disse que posso encarar como se isso nunca houvesse acontecido — disse Wyatt.

— O bebê? Então isso é bom.

— Não posso ficar longe do meu filho.

— Então você tem um problema.

Pior, ele não tinha certeza se podia ficar longe de Claire.

— Quase posso me ver com ela — murmurou.

Drew fez sinal para o garçom pedindo outra bebida.

— Um pedido de casamento fará o coração dela bater mais rápido.

— Você sabe o que quero dizer. Nunca fui capaz de me ver com ninguém. — Ele terminou a cerveja.

— Quem penso que estou enganando? Não vai acontecer.

— Isso é bobagem e você sabe disso — disse-lhe Drew. — É uma desculpa para não tentar. Ninguém nessa família jamais foi capaz de manter um emprego por mais de um ano. Você tem o seu próprio negócio. Está criando uma filha incrível. Realmente acredita que não pode ter um casamento decente?

Wyatt quase caiu da cadeira.

— Você está sendo ponderado novamente?

— Sim, mas não conte a ninguém. Isso não acontece com frequência. Veja, Wyatt, você me deu apoio quando mais ninguém deu. Me deu um emprego e não me matou quando eu traí Nicole. Não tenho o que você tem. E a perdi. Sei disso. Mas você ainda tem uma chance. Não seja idiota.

— São palavras para serem levadas em consideração — murmurou Wyatt. Então se levantou. — Vou dar um telefonema.

Ele saiu na noite fria e pegou o telefone celular.

— Sou eu — disse, quando Nicole atendeu. — Preciso falar com Claire. E não me diga que não posso. Isso não é problema seu.

— Concordo, mas ainda assim você não pode falar com ela. Claire não está aqui. Ela partiu há cerca

de duas horas.

Wyatt ficou imóvel.

— Para onde?

— Nova York.

Ele não podia acreditar.

— Ela foi embora sem se despedir?

— Você deixou muito claro que não queria ter nada a ver com ela. Claire acreditou em você. O fato de ela ter partido não deveria surpreendê-lo, Wyatt. Era o que você queria.

## Capítulo Vinte e Um

CLAIRE DEIXOU o estúdio onde estivera praticando pouco depois da uma da tarde. Estava um perfeito dia de início de verão, ensolarado, mas não tão quente. Ela considerou a ideia de pegar um táxi, mas decidiu que uma caminhada faria bem tanto a ela quanto ao bebê.

Estava em Nova York há duas semanas e ficara surpresa com a facilidade com que retomara sua antiga rotina. Praticava todas as manhãs, tinha aulas duas vezes por semana e ainda havia as reuniões com Lisa. As duas estavam organizando juntas a turnê de outono e decidindo de que CDs ela iria querer participar. Os dois para caridade, é claro, mas havia outros artistas que tinham ideias interessantes que Claire queria explorar.

Ela tivera a primeira consulta com o médico na semana anterior, e ele dissera que a saúde dela estava perfeita. Claire estava comendo bem e dormindo maravilhosamente. A vida estava boa... Ou deveria estar. Apesar de não ter tido nenhum ataque de pânico ou qualquer sinal de um, apesar de Lisa estar agindo como se fossem parceiras e realmente a estivesse escutando, apesar de ter tudo que sempre disse que queria, ela se sentia... Errada.

Era como se nada entrasse completamente em foco. Não importava a rapidez com que virasse a cabeça, ou procurasse com os olhos, parecia estar sempre deixando de ver alguma coisa.

A música era maravilhosa. Claire amava a música. Pedira a Lisa para encontrar algum lugar onde ela pudesse tocar durante o verão, para que pudesse se certificar de que realmente vencera seus demônios. Haveria um concerto de caridade em menos de uma semana, e isso a estava deixando empolgada. Mas ainda não era o bastante.

Ela deu uma parada no jornaleiro.

— Olá, Billy.

O senhor levantou os olhos para ela.

— Hoje não chegou para mim, Claire. Mas dei um telefonema e consegui um para você. — Ele entregou um endereço a ela. — O Ike está guardando um exemplar para você.

— Você é o máximo.

— Eu sei. — Ele riu. — É por isso que vocês, mulheres, vivem ao meu redor.

Ela caminhou rapidamente por três quarteirões até o outro jornaleiro que Billy sugerira. Depois de se apresentar a Ike, Claire pegou o exemplar do *Seattle Times* que ele lhe entregou e pagou cinco dólares.

— Fique com o troco.

— Oh, claro, agora sei por que Billy gosta tanto de você.

Claire riu.

— Está dizendo que não é por causa do meu sorriso deslumbrante?

— Tenho certeza de que o sorriso ajuda. Tenha um bom dia.

— Você também.

Claire encontrou uma cafeteria, pediu um café descafeinado com leite e se acomodou em um canto com o jornal.

Sabia que era uma tolice. Mas sentia-se compelida a descobrir o que estava acontecendo em Seattle. Como sempre, leu umas poucas matérias e se concentrou nos classificados, checando as casas à venda.

— Estou apenas devaneando — lembrou a si mesma. Mas se *fosse* mesmo comprar uma casa em Seattle, teria que ser relativamente perto de Nicole, sem, contudo, invadir a privacidade da irmã. Queria uma varanda grande, talvez com vista. Muitas árvores e um porão. E um quintal para as crianças.

Claire suspirou quando percebeu que estava descrevendo a casa de Wyatt. A casa que não conseguia esquecer. A casa do homem que ela ainda amava.

Será que ele já seguira com sua vida adiante? Será que pensava nela de vez em quando? Ela o assombraria como ele a assombrava? Amy ainda pensaria nela? Sentia falta da menina quase tanto quanto sentia falta de Wyatt.

Tudo estava diferente agora, ela lembrou a si mesma. Poucos meses antes, estava praticamente agorafóbica, se escondendo no apartamento, com medo de tudo. E estava sozinha. Agora, tinha sua vida de volta e muitas pessoas que amava. Também tinha um bebê. Tivera sorte, fora abençoada... Então por que isso não era o bastante? Porque queria o único homem que não poderia ter? E como se “desapaixonar” por ele?

— Estou interrompendo?

Claire levantou os olhos e viu Lisa parada perto da mesa.

— De jeito nenhum. O que está fazendo aqui?

— Essa é a minha vizinhança. Moro aqui perto.

Ela apontou para um prédio alto. Claire sabia que a agente havia se mudado uns dois anos antes, mas como não se encontravam socialmente, nunca visitara o apartamento. Era sempre Lisa quem ia à casa dela.

— Você parece bem adaptada — falou Lisa, antes de dar um gole no café.

— Estou feliz de estar de volta. — Mais ou menos. — Senti falta de tocar.

— Como está o treino?

— Bem. Estou trabalhando nas peças que irei tocar no concerto de caridade. Não é nada novo, por isso estou mais refrescando a minha memória do que qualquer outra coisa.

Claire imaginou se a agente sentia a leve sensação de constrangimento entre elas. Apesar de se conhecerem há anos, tudo estava diferente agora. Com o passar do tempo, as duas teriam que construir um novo relacionamento.

Lisa relanceou os olhos para o jornal.

— Ainda sente saudades de Seattle?

— Mais do que imaginei que sentiria. — Claire tocou a seção de classificados. — Estava falando sério. Quero mesmo comprar uma casa lá.

— Achei muito bonito o que vi da cidade. E as casas lá devem ser mais baratas do que aqui. Você manteria seu apartamento para seu uso ou o alugaria? Acho que poderia vendê-lo, mas ainda continuará vindo a Nova York.

Claire só percebeu como estivera tensa quando começou a relaxar. Apesar das conversas que haviam tido e da promessa de Lisa de tratá-la como parceira, ainda esperara que a agente protestasse.

— Não quero vender o apartamento, nem alugá-lo.

— Você tem condições financeiras de mantê-lo para quando estiver na cidade. — Lisa apoiou o café na mesa. — Pode ser um choque, mas fico feliz por você estar mudando. Tive muito tempo para pensar depois da minha primeira visita a Seattle. Não sabia se você iria voltar ou não. Como é minha única cliente, entrei em pânico. O que seria de mim? Como sobreviveria?

Claire sentiu uma onda de culpa. Nunca tivera a intenção de deixar Lisa em suspenso.

— Analisei longamente a minha vida. — Lisa sorriu. — Tenho 56 anos. Nunca me casei. Não tenho nem mesmo plantas em casa. Minha vida tem sido os meus clientes. Você pelos últimos 16 anos, mas outros antes. Trabalhei muito, conheci o mundo. Muitos invejariam a minha vida. Ela realmente rende uma excelente conversa em coquetéis, mas estou pronta para mudar.

— Você está se demitindo? — perguntou Claire, sem saber muito bem como se sentia a esse respeito.

— Não vai se ver livre de mim tão facilmente. Mas vou tirar algum tempo para mim. Umás férias, ou duas. Ou cinco. De acordo com meu contador, não preciso me preocupar com dinheiro, mesmo comprando como eu compro. Não estou nem perto de me aposentar, mas quero diminuir o ritmo. — Ela tocou a mão de Claire. — Você partiu para se encontrar, e conseguiu. Agora é minha vez.

Claire gostou do que ouviu. Sempre tivera um certo medo de Lisa e, pela primeira vez, finalmente a via como uma pessoa de verdade.

— Quer jantar comigo essa noite?

A agente sorriu.

— Quero. Podemos celebrar as mudanças por que ansiamos.

WYATT ABRIU a porta da frente e viu Nicole parada na varanda, apoiada nas muletas.

Ele não vira a amiga durante toda a semana e sentira falta dela.

— Diga-me que você não dirigiu até aqui.

— Não pergunte, que eu não contarei. Funciona para os militares.

— Nicole. Você ainda está se recuperando da cirurgia.

— Você percebeu que foi no meu joelho esquerdo? Eu uso a perna direita para dirigir. — Ela suspirou. — Não faço isso com frequência, está certo? Só queria ver você.

— Pensei que me odiava. — Nicole fora bem clara sobre o que pensara sobre ele na última vez em que haviam conversado. E na vez anterior também.

— Achei você um idiota. Há uma diferença. Isso não significa que não podemos ser amigos.

Ele se afastou para deixá-la entrar. Quando Nicole passou, Wyatt disse:

— Senti saudades de você.

Ela parou e virou-se para ele. Wyatt passou os braços ao redor da amiga e puxou-a mais para perto.

Era bom abraçá-la. Era familiar. Mas não mexia nem um pouco com ele. O que era péssimo. Teria sido muito mais fácil lidar com Nicole do que com Claire.

— Também senti saudades de você — resmungou ela. — Todo mundo está me abandonando. Já percebeu que é um padrão? Primeiro Drew...

— Você o colocou para fora de casa.

— Depois Jesse.

— Você a colocou para fora de casa também. Está certa. É um padrão.

— Cale a boca. Não coloquei Claire para fora, nem você.

— Se tivesse podido me chutar para fora, você teria feito.

— Talvez. — Ela admitiu, então foi até o sofá e se jogou nele. — Voltei para o trabalho e talvez não esteja levando as coisas tão bem quanto deveria. Dói.

— Posso fazer alguma coisa por você?

Nicole levantou os olhos para ele.

— E quanto a Claire?

— Ela voltará se você pedir — disse Wyatt.

— Não foi isso o que quis dizer, e você sabe disso.

Ele sabia.

— Ela me deixou documentos dizendo que não preciso ter nada a ver com o bebê, se for isso o que eu quiser. Basta assinar meu nome e será como se nunca houvesse acontecido.

Nicole ergueu a perna até conseguir apoiar o tornozelo na mesa de centro.

— Ela me disse. Deixei que pensasse que isso solucionaria o problema.

— E não solucionará.

Nicole revirou os olhos.

— Você é a pessoa mais responsável que eu conheço. Não deixaria um filho seu desaparecer de sua vida. Não conseguiria suportar.

Ele vinha evitando encarar essa realidade, mas Nicole estava certa. Mesmo se não fosse louco por Claire, jamais abandonaria o filho. Não brigaria pela custódia na justiça, mas insistiria para que

organizassem alguma rotina.

— Não sei o que fazer — admitiu Wyatt. — Nunca tive a intenção de que isso acontecesse.

— Presumo que esteja se referindo a mais do que engravidá-la.

— Isso não é o bastante?

— Se estivéssemos falando apenas das logísticas para compartilhar a criação de um filho, você já teria feito algum planejamento para isso.

Primeiro Drew, agora Nicole. Será que todos o conheciam melhor do que ele mesmo?

— Sinto falta dela. — Ele admitiu. — Sinto falta de vê-la, de conversar com ela. Comprei dois CDs de Claire para ouvir sua música, mas não é o bastante.

Wyatt se inclinou para a frente, apoiou os braços nas coxas e baixou os olhos para o tapete.

— Claire me assombra. Não consigo fechar meus olhos sem vê-la. Escuto sua voz em cada momento de silêncio. Às vezes acho que deveria ir atrás dela, simplesmente pegar um avião, voar para Nova York e arrastá-la de volta para cá.

— Isso deixaria a mensagem bem clara. O que o detém?

— Muitas coisas. Minha história com as mulheres. — Wyatt lembrou o que Drew lhe dissera, que ele já rompera a tendência da família à má sorte em várias outras áreas de sua vida. Então por que não nessa também? — Será que eu consigo fazer com que seja diferente com Claire?

— Você sabe que consegue — disse Nicole. — Além disso, Claire não tem muita experiência. Por isso não vai ser tão exigente quanto algumas outras mulheres seriam.

Apesar do buraco que sentia no peito, Wyatt sorriu.

— Céus, obrigado...

— Vivo para ajudar. O que mais?

A próxima questão era difícil de admitir. Ele respirou fundo.

— Você sabe quem ela é? Claire é famosa e rica. Eu sou um empreiteiro. Ganho bem. Tenho um negócio bem-sucedido, mas o que posso oferecer a Claire que ela mesma não possa comprar?

Nicole deu um tapa no braço dele. Não chegou nem perto de doer, mas ela nunca batera nele antes.

— O que foi? — perguntou Wyatt.

— Isso não tem nada a ver com coisas materiais, seu idiota. Nunca tem a ver com coisas materiais. Por que os homens não entendem isso? Coisas materiais costumam ser o que aceitamos quando não conseguimos o que realmente queremos.

— O que vocês realmente querem?

Ele percebeu que Nicole nem precisou pensar na resposta. As mulheres nasciam sabendo esse tipo de coisa, ou descobriam conforme ficavam mais velhas?

— Queremos ser importantes — falou ela. — Queremos ser a parte mais importante do mundo de vocês. Queremos saber que estariam perdidos sem nós, que sofreriam quando partíssemos e contariam as horas até que voltássemos. Daríamos a eternidade a vocês, homens, se conseguissem ao menos nos convencer disso.

Era muita coisa, pensou Wyatt. Mais do que um simples “eu te amo”. Tinha a ver com se entregar, se

abrir à possibilidade de dar tudo à mulher e ainda assim correr o risco de vê-la partir. Isso o apavorava até a alma.

— É tarde demais? — perguntou ele, sem querer ouvir a resposta, mas sabendo que era preciso.

Nicole suspirou.

— Eu deveria lhe dizer que sim, porque você lidou com tudo isso da pior maneira. Mas Claire o ama e eu a amo, portanto lhe direi a verdade. Não, não é tarde demais. Você ainda pode conquistá-la. Mas não espere que eu lhe diga como. Já lhe facilitei muito as coisas.

Amy entrou correndo na sala. A menina viu Nicole e deu um gritinho de alegria.

— Você está aqui! — Elas se abraçaram, então Amy subiu no colo do pai e o abraçou também. — Olá, papai — ela sinalizou.

Havia tanta afeição e confiança nos olhos dela. Wyatt podia pegá-la e jogá-la para o ar que ela apenas ria. Nunca ocorreria a Amy a possibilidade de o pai deixá-la cair ou machucá-la de qualquer forma. Porque ele nunca fizera isso, e nunca faria. Daria sua vida por ela milhares de vezes. Amy era seu mundo.

O que era exatamente o que Claire queria. Ser o mundo dele. Ser tudo para ele. A mulher de seus sonhos.

E ela era isso e muito mais. O problema seria convencê-la disso.

CLAIRE AJUSTOU os fones de ouvido que usava antes de cada apresentação. Ela fazia o máximo para se perder na música, se perder nos sons e nas nuances da peça que ouvia. Ao seu redor, ajudantes de palco falavam em walkie-talkies se certificando de que a iluminação estava perfeita, que no palco não havia nada além do piano, que as cortinas estavam prontas para serem abertas. Alguém gritou que faltavam apenas três minutos. Ela ouviu isso e se desligou do resto.

Mas percebia a presença das outras pessoas. Lisa se movimentava pelos bastidores, pronta para tirar os fones de ouvido de sua cabeça na hora certa e tentando não parecer nervosa. Apesar de a apresentação ser para caridade, era um grande desafio para ambas. Seria a primeira vez que Claire tocaria em público desde que perdera totalmente o controle no início da primavera e tivera que ser ajudada a sair do palco.

Claire abriu os olhos. De onde estava, podia ver o piano. Ela se imaginou ali, com a multidão além.

Algumas pessoas tinham vindo para apoiar a causa. Outras estavam ali porque tinham ouvido falar do que acontecera antes e queriam saber se aconteceria de novo. Mas a maior parte da plateia fora até ali para ouvi-la tocar. Queriam apreciar o talento que fluía de suas mãos incomuns.

Claire baixou os olhos para os dedos e sorriu, sabendo que não mudaria nada em si mesma, mesmo se pudesse. Sabia exatamente o que precisava ser.

— Você está bem? — perguntou Lisa. — Eu devo ficar calada?

Claire tirou os fones de ouvido e os entregou à agente.

— Estou bem. Nervosa, mas de um jeito bom. É expectativa, não medo.

O que era quase verdade. O medo estava ali, próximo à consciência, mas Claire o ignorou. Ela conhecia a música. Era fácil. Afinal, sobrevivera ao enorme fluxo de clientes da manhã na confeitaria

Keyes. Aquilo sim fora difícil.

Ela ouviu o apresentador começar a falar e tocou o braço de Lisa.

— Obrigada por não desistir de mim.

— E como eu poderia?

A vida era muito irônica. Ela e a agente finalmente haviam se tornado amigas, exatamente quando passariam a trabalhar menos juntas.

Claire esperou até que a cortina começasse a se erguer, então passou pela lateral do palco e foi até o centro. Ela parou em frente ao piano e encarou a multidão.

Havia mais pessoas do que imaginara... Um mar de rostos à espera. Os aplausos a inundaram.

Claire respirou fundo uma vez, depois outra. Estava nervosa, mas de um modo que a ajudaria a dar o seu melhor. Não havia terror, ou aperto de medo no peito. Apenas uma sensação de prazer, de orgulho, a preenchia.

Ela estava prestes a se virar para sentar quando viu alguém acenando. Ao fitar a multidão atentamente, reconheceu Amy. À esquerda da menina estava Wyatt. Seus olhos se encontraram e ele sorriu para ela.

Claire sentiu o coração falhar uma batida. Sua respiração se alterou e todo o corpo tremeu. Wyatt. Ali?

Estava alto e lindo em um smoking preto, parecendo tão elegante quanto o resto da plateia. Como se pertencesse àquela cidade, e não à sua cidade natal, Seattle.

O que ele estava fazendo ali? Viera para ouvi-la tocar? Por que não telefonara?

Ela teve vontade de sair correndo pelo meio da plateia e se jogar nos braços de Wyatt. Queria que ele a arrebatasse e nunca mais a deixasse partir. Queria saber por que ele fora assistir à sua apresentação.

Então Claire se lembrou das outras quatrocentas pessoas ou mais que haviam pago para ouvi-la tocar. Ela saudou a plateia, encaminhou-se para o piano e sentou-se.

A sala de concertos ficou em silêncio. Claire podia sentir a expectativa pairando no ar. Ela colocou as mãos sobre as teclas e começou a tocar.

A música era familiar, uma velha amiga que a presenteava com uma perfeita combinação de notas. O fluxo e refluxo da peça musical encheu seu corpo e transbordou, transportando-a a outro plano, onde só o que existia era uma beleza impressionante em forma de som.

Claire se esqueceu da multidão e do nervosismo. Ela se reencontrou naquele lugar. Era como sempre fora.

Não, era diferente, ela pensou em um cantinho de sua mente. Era melhor. Mais conectado. Era como se ao tocar por amor, ao se abrir para as possibilidades, para a dor e para a esperança, houvesse se fundido ao universo.

Claire estava consciente da presença de Wyatt, de sua observação atenta. Mas isso a fazia se sentir apoiada, lhe dava energia e foco. Ela movimentava o corpo enquanto tocava, se permitindo dar tudo. E quando tocou a última nota, estava drenada de toda a energia, como nunca estivera antes.

Houve silêncio no final, como houvera no início, mas era um silêncio diferente. Claire levantou os

olhos e viu o encantamento no rosto dos que estavam na plateia. Era como se houvesse conseguido emocionar até o espectador mais versado em música. E então, em um movimento único, a audiência ficou de pé e aplaudiu. As pessoas gritavam o nome dela. Alguns chegaram a secar algumas lágrimas.

Claire se levantou, as pernas exaustas, trêmulas, mal conseguindo sustentá-la de pé. Sentia-se plena de alegria e orgulho. Ela sorriu e se curvou, agradecendo.

E assim que se levantou, seu olhar encontrou o de Wyatt e ela reconheceu alguma coisa na expressão dele. Desejo. Talvez até mesmo esperança. Nesse momento, Claire se permitiu acreditar que tudo era possível.

— OH, MEU Deus! — gritou Lisa quando as cortinas se fecharam pela quarta e última vez. — Foi impressionante! Nunca ouvi você tocar assim. As pessoas vão comentar essa apresentação por semanas. Seja o que for que tenha feito em Seattle, funcionou.

Claire sorriu.

— Parece que eu precisava mesmo de umas férias.

— É mais do que isso. Você mudou como artista. Está mais... — A agente franziu o cenho. — Ia dizer madura, mas não é a palavra certa. Parece ter descoberto alguma coisa dentro de si que não aparecia antes. Você se fundiu com a música.

— Obrigada.

Lisa suspirou.

— Ah, aí vem eles. Seu público, que a adora. Farei o melhor possível para manter os mais afoitos afastados.

Claire virou-se para cumprimentar as pessoas que tinham acesso direto aos bastidores. Ela se lembrava de nomes o bastante para causar uma boa impressão, e gostou de ouvir todas as palavras gentis. Mas sua atenção estava em outro lugar, imaginando quando veria Wyatt e Amy.

— Instigante. Nunca ouvi essa peça ser tão bem tocada.

— A melhor que já ouvi.

— Fascinante.

— Extraordinário.

Claire agradeceu a todos, sabendo que não podia assumir todo o crédito pelo que acontecera. Havia uma parte dela que finalmente se liberara, mas isso não fora um ato consciente de sua parte. Ela suspeitava que tinha muito a ver com o fato de ter encarado seus medos e amadurecido, mas não se achava capaz de explicar isso para ninguém. A não ser, talvez, para sua família.

Em um determinado momento, Claire viu Lisa falando com Wyatt e apontando para a coxia. Como aquele era o caminho para seu camarim, ela relaxou, afinal iria para lá assim que conseguisse escapar.

Trinta minutos depois, Claire foi para o camarim. Ela abriu a porta com o coração aos pulos, sentindo um frio de antecipação no estômago.

Amy se adiantou.

— Senti saudades. — Ela sinalizou e se atirou nos braços de Claire, que segurou a menina e abraçou-

a com força.

— Também senti saudades suas — sinalizou Claire. Mas só tinha olhos para Wyatt.

Ele ficou parado perto da cômoda, lindo e sedutor em seu smoking. Ela sentira tanta falta de Wyatt que chegava a doer, e vê-lo ali, agora, fez com que todo esse sofrimento voltasse à superfície. Claire queria ir até ele, mas sabia que precisava esperar até descobrir por que Wyatt estava ali. Podia ter sido apenas para devolver assinados os documentos que ela deixara com ele.

Houve uma batida na porta e Lisa enfiou a cabeça por uma fresta.

— Prometi a Amy que a levaria para um *tour* ao fosso da orquestra — disse a agente, e estendeu a mão para a menina. — Vamos levar uns vinte minutos.

— Obrigado — disse Wyatt.

Amy sorriu para Claire e saiu.

Quando a porta foi fechada, Claire disse:

— Lisa não chega a ter exatamente jeito com crianças, mas deve ser capaz de fazer um *tour*.

— Amy está falando em aprender a tocar bateria depois que fizer o implante — falou Wyatt.

— Tecnicamente, em uma orquestra, isso seria percussão.

— Amy está pensando mais em uma banda de rock.

— Então ela será uma baterista.

Wyatt enfiou as mãos nos bolsos da frente do paletó.

— Você foi incrível.

— Obrigada.

— Já a ouvira tocar antes, no estúdio da casa de Nicole e na escola de Amy. Mas hoje foi diferente.

— Eu tinha o acompanhamento de uma orquestra.

— Não foi só por causa disso. Havia algo diferente.

O coração dela batia tão rápido que seu peito chegava a doer. Claire queria acreditar que as coisas iam dar certo, mas de repente já não tinha mais tanta certeza. Wyatt não a encarava. Isso não podia ser bom.

— Isso é quem você é — falou ele. — Sabia que era uma pianista famosa, mas não sabia exatamente o que isso significava.

Claire teve vontade de desabar no chão. O que quer que Wyatt *houvesse* ido dizer, ele mudara de ideia. Alguma coisa naquela noite o assustara.

Ela teve vontade de gritar em protesto. Eles ainda podiam fazer com que desse certo. Mas essa decisão não era só dela. Precisava ser dele também. E se Wyatt não conseguia lidar com quem ela era e com o que fazia, era melhor saber logo.

Esse era um ótimo argumento intelectual, mas seu coração continuava gritando em protesto.

— Eu ia lhe pedir que voltasse para Seattle — falou ele, finalmente olhando para ela. — Que se mudasse para lá. Ia tentar convencê-la de que pertence à cidade. Lá, junto com suas irmãs, comigo e com Amy.

Ia? Ia? E agora?

— Ia lhe dizer que fui um completo imbecil em relação ao bebê, em relação a nós. Minha única desculpa é que você me apavora, Claire. Me faz sentir coisas. Não consigo jogar segundo as minhas regras quando diz respeito a você, porque não me importo com elas. Você é exatamente a pessoa por quem esperei toda a minha vida.

Ele tirou as mãos dos bolsos e foi até ela.

— Ia lhe dizer que a amo. Nunca disse isso antes, não romanticamente. Não amei Shanna. Talvez tenha sido por isso que ela partiu. Achava que jamais me apaixonaria. Então você apareceu. Você é tão linda... Mas também é generosa. É inteligente, engraçada e ama minha filha. Você disse até que me ama.

Claire sentia as lágrimas queimando em seus olhos. Aquilo era tudo o que queria ouvir, e ainda assim sabia que as coisas não iam acabar bem.

— Não posso lhe pedir para desistir disso. — Ele continuou. — Não percebi antes, mas não posso pedir que se mude para Seattle.

Claire queria dizer a ele que era claro que poderia. Havia voos para Nova York o tempo todo. Ela poderia viver em qualquer lugar. Mas talvez Wyatt estivesse procurando uma desculpa. E por mais que doesse, precisava deixar que ele recuasse, se era isso o que queria fazer.

— Você vai ter um bebê — falou Wyatt. — Nós vamos ter um bebê. Não vou me afastar de nosso filho, nem de você. Então vamos ter que arrumar um jeito. Não posso deixar meu negócio agora, mas terminarei meus projetos pendentes e então Amy e eu nos juntaremos a você, aqui. Posso conseguir um emprego, ou começar um novo negócio. Ou abrir uma filial do meu negócio. O que for. O principal, Claire, é que não vou pedir que desista de nada por mim. Amo você. Quero ficar com você. Quero que seja feliz, por isso, se precisa estar em Nova York, eu e Amy nos mudaremos.

Wyatt fez uma pausa e deu mais um passo na direção dela.

— Se você nos quiser. Quero dizer, se me quiser. Sei que você ama minha filha.

As lágrimas escorriam dos olhos de Claire. Ela estava feliz demais para falar, respirar ou fazer qualquer outra coisa que não encará-lo.

Wyatt deu de ombros.

— Sei o que você está pensando. Vou ter que trabalhar duro para ganhar sua confiança. Farei isso. Sinto muito sobre o que eu falei sobre o bebê. Sei que você não estava tentando me prender. Não esperava me apaixonar por você e, quando isso aconteceu, eu... — Ele desviou os olhos, mas logo voltou a fitá-la. — Está certo, fiquei com medo. Admito isso. Nunca deixei que ninguém fosse tão importante para mim como você é. Estava procurando razões para afastá-la de mim. Quero nosso bebê. Quero você. Quero que sejamos uma família. Amo você, Claire. Se puder me perdoar pelo que lhe fiz passar, espero que se case comigo. Se quiser se casar. Se não quiser, podemos viver juntos. Faremos o que você quiser.

Claire secou as lágrimas e surpreendeu a ambos ao começar a rir. E correu para ele.

Wyatt abriu os braços e ela se atirou neles. Os dois se abraçaram.

Ele era forte, quente e, oh, tão familiar. Tudo nele parecia certo.

Claire ergueu o rosto e sorriu para Wyatt.

— Amo você.

— Amo você ainda mais.

Ela riu novamente.

— Vamos discutir sobre isso para sempre, mas primeiro tenho que lhe dizer que não quero morar em Nova York. Wyatt, posso muito bem trabalhar em Seattle. Quero voltar para lá. Quero ficar perto de Nicole, de Jesse, da confeitaria e da sua família. Até mesmo de Drew, de quem não tenho muita certeza se gosto nesse momento. Agradeço a sua oferta de coração, mas amo Seattle.

— Tem certeza?

— Tanto quanto tenho certeza de que amo você.

Wyatt tocou o rosto dela e a beijou.

— Eu fui um imbecil completo.

— Eu perdoo você.

— Não precisa. Pode me torturar por um tempo. Eu mereço.

— Você me ama? — perguntou ela.

— Mais do que qualquer coisa. Você é tudo o que eu sempre quis. Não acredito na sorte que tive de encontrá-la.

— Boa resposta — sussurrou Claire. — Considere seus dias de tortura terminados.

— Isso quer dizer que vai se casar comigo?

Ela assentiu.

— Acredita em mim quando digo que estou feliz com o bebê?

Ele parecia tão preocupado e ansioso. Claire viu a preocupação em seus olhos. Preocupação, amor e esperança.

— Sim — falou ela.

— Eu meio que estou esperando por um menino — admitiu ele.

— É claro que está.

Claire sorriu e ele a puxou mais para perto.

— Amo você — disse Wyatt. — Vamos encontrar Amy e lhe contar as novidades. Ela sempre quis ter uma madrasta e um irmão, ou irmã. Você vai subir muitos pontos no conceito dela.

— Fico feliz. Depois disso agendaremos um voo de volta para Seattle — disse Claire, enquanto eles saíam do camarim. — Estou pronta para ir para casa.

Mallery, Susan

M22g

Um gosto de vida [recurso eletrônico] / Susan Mallery; tradução de Ana Rodrigues. — Rio de Janeiro: HR, 2012.

(As irmãs Keyes; 1)

Tradução de: Sweet talk

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Continua com: Um gosto de amor

ISBN 978-85-398-0463-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

12-4436

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:  
SWEET TALK  
Copyright © 1989 by Susan Mallery

Copyright da tradução © 2011 by EDITORA HR LTDA

Editoração eletrônica da versão digital: FA Digital

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela  
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.  
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0463-4

# Sumário

[Capa](#)  
[Rosto](#)  
[Dedicatória](#)  
[Abertura](#)  
[Capítulo Um](#)  
[Capítulo Dois](#)  
[Capítulo Três](#)  
[Capítulo Quatro](#)  
[Capítulo Cinco](#)  
[Capítulo Seis](#)  
[Capítulo Sete](#)  
[Capítulo Oito](#)  
[Capítulo Nove](#)  
[Capítulo Dez](#)  
[Capítulo Onze](#)  
[Capítulo Doze](#)  
[Capítulo Treze](#)  
[Capítulo Catorze](#)  
[Capítulo Quinze](#)  
[Capítulo Dezesseis](#)  
[Capítulo Dezesete](#)  
[Capítulo Dezoito](#)  
[Capítulo Dezenove](#)  
[Capítulo Vinte](#)  
[Capítulo Vinte e Um](#)  
[Créditos](#)